



CASEI COM UM ÍNCUBO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



CASEI COM UM ÍNCUBO

REGINE ABEL

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Title Page](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Contents](#)
5. [Casei Com Um Íncubo](#)
6. [Dedicatória](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Capítulo 11](#)
18. [Capítulo 12](#)
19. [Capítulo 13](#)
20. [Capítulo 14](#)
21. [Capítulo 15](#)
22. [Capítulo 16](#)
23. [Capítulo 17](#)
24. [Epílogo](#)
25. [Kronos](#)
26. [Kronos](#)
27. [Faernych](#)
28. [Nundar](#)
29. [Nevianaar](#)
30. [Kronos & Malaya](#)
31. [Outros livros de Regine Abel](#)
32. [Sobre o Autor](#)

Casei Com Um Íncubo

Agência Prime

Regine Abel

CAPA
Regine Abel

ILUSTRAÇÕES
Invidious
Niklas Cloister
Pleko
Vvevelur

Direitos Autorais © 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução ou distribuição não autorizada deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal e punível por lei. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida eletronicamente ou impressa sem permissão por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas.

Todo o conteúdo deste livro, a capa do livro e as ilustrações nele contidas foram criadas exclusivamente por um ser humano, sem qualquer assistência de inteligência artificial generativa.

A autora proíbe expressamente qualquer entidade de usar esta publicação ou as ilustrações aqui contidas para fins de treinamento de tecnologias de inteligência artificial (IA) para gerar texto ou imagens, incluindo, sem limitação, tecnologias que sejam capazes de gerar obras no mesmo estilo ou gênero desta publicação. A autora reserva todos os direitos de licenciar o uso deste trabalho para treinamento generativo de IA e desenvolvimento de modelos de linguagem de aprendizado de máquina.

Este livro usa linguagem madura e conteúdo sexual explícito. Não se destina a menores de 18 anos.

Este livro é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

Contents

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Epílogo

Outros livros de Regine Abel
Sobre o Autor

Uma combinação infernal...

Quando a repórter investigativa Malaya Velasco acidentalmente descobre a corrupção de um dos mais altos juízes do sistema de justiça Obosiano, ela é incriminada e condenada à prisão perpétua no mortal planeta-prisão Molvi. Em seu desespero, ela implora à Agência Prime um casamento arranjado com um dos Diretores da prisão. Seu par? Um Senhor do Inferno Obosiano pecaminosamente bonito, com uma língua afiada, piercings intrigantes e olhos azuis gelados, frios o suficiente para congelar o inferno.

Depois de recentemente recuperar a liberdade da escravidão, a última coisa que Kronos precisa é de mais drama extraterrestre, muito menos de uma suposta alma gêmea humana - que por acaso é nada menos que uma criminosa! Mas a justiça deve ser feita, e uma alma tão pura e hipnotizante como a de Malaya deve ser protegida, custe o que custar para si mesmo.

Com seu inimigo sempre dois passos à frente, tanto a vida de sua companheira quanto o futuro de sua Casa estão em jogo. Será Kronos o protetor que Malaya tanto precisa enquanto ela prova sua inocência, ou ambos estão fadados ao fracasso?

♥

Dedicatória

Para aqueles que lutam pela justiça, que falam por aqueles que não têm voz e que lutam pelos fracos e desamparados.

Não fique ansioso para condenar um estranho apenas com base em boatos ou palavras duras de outra pessoa. Julgue-os pelas suas ações verificáveis, em vez de se deixar usar como uma ferramenta para concretizar a agenda de outra pessoa.

O mal se esconde em muitos lugares. Um rosto justo pode esconder a alma mais sombria...

Capítulo 1

Malaya

Parada no tribunal Obosiano, diante do juiz mais cruel do universo, eu ouvi com raiva fervente a minha sentença. Empoleirado no seu assento alto, alguns metros à minha frente, o juiz Wuras sorriu com malícia indisfarçável enquanto pronunciava as palavras da minha condenação.

— Malaya Velasco, você foi considerada culpada de assassinato em primeiro grau contra Roman Pavel. Por este crime, pela sua contínua recusa em admitir a sua culpa e pela sua óbvia falta de remorso, você está condenada a uma pena de prisão perpétua a ser cumprida em Molvi, sem possibilidade de liberdade condicional. Que sua punição seja um exemplo para qualquer outro que demonstre um desrespeito tão flagrante pela vida como você. Que os deuses tenham misericórdia de você, pois você não encontrará ninguém aqui. Você tem alguma última palavra, Condenada?

Eu levantei o queixo desafiadoramente, me recusando a deixar aquele verme ver o quão devastada eu estava. É verdade que eu sabia meu destino antes mesmo do julgamento começar – se é que aquela farsa poderia ser chamada assim. Ainda me arrasou ouvir o veredicto que equivalia a uma sentença de morte. Na verdade, a morte seria mais gentil do que o que me esperava em Molvi.

— Tudo o que tenho a dizer é que você pode ter vencido esta batalha, mas não venceu a guerra. Sua corrupção terminará mais cedo ou mais tarde. E o mundo o conhecerá pelo que você realmente é — eu sibilei.

— Silêncio! — O juiz Wuras gritou, se levantando.

Ele se inclinou sobre o púlpito, suas garras cravadas na superfície de madeira e suas asas largas se abrindo atrás dele. Sob a luz ofuscante acima, seus quatro chifres negros brilhavam com um brilho quase mítico, assim como seus olhos brancos prateados. A esclera negra fazia com que as íris se destacassem ainda mais, como sempre acontecia com esta espécie. Se não fosse pela cor cinza-acinzentada de sua pele, suas bochechas sem dúvida estariam vermelhas de raiva.

— Você tem sorte de já ter recebido uma sentença de prisão

perpétua e da pena de morte não ser uma opção. Mas, para uma criminosa como você e uma mentirosa impenitente, a morte a encontrará em breve, assim que você se misturar com aqueles de sua laia em Molvi. Guardas, levem esse verme embora — Wuras disse.

Eu não precisei olhar por cima do ombro para saber que o meu advogado Torgal abanava a cabeça, desanimado. Alienar aquele que tinha minha vida em suas mãos não era exatamente considerado inteligente. Mas eu não tinha mais nada a perder e queria que ele soubesse que eu não iria cair silenciosamente. Mesmo que eu não conseguisse sair viva desta situação, eu esperava que as outras vítimas fizessem escândalos semelhantes suficientes para levantar a suspeita dos guardas e do pessoal do tribunal.

Dois desses guardas caminharam até mim. Um prendeu o gancho da coleira na argola dos meus punhos e me puxou para segui-lo. Com os tornozelos também acorrentados, eu não conseguiria andar com passadas largas. Mas todos os Obosianos eram naturalmente bastante altos, e ele não parecia se importar muito com o fato de eu literalmente ter que andar rapidamente atrás dele em passos de bebê para acompanhá-lo. O segundo guarda me seguiu, como se eu pudesse fazer alguma coisa contra eles.

Claro, eu tive aulas de autodefesa como a maioria das mulheres. Mas com 1,55m e setenta e cinco quilos, eu parecia magrela ao lado daqueles Obosianos. Eles mediam facilmente pelo menos 2 metros e cento e dez quilos de puro músculo. Ainda mais se você contar o peso de suas enormes asas de couro e o igualmente imponente conjunto duplo de chifres. Em circunstâncias diferentes, eu provavelmente os teria achado atraentes. Afinal, eles pareciam um cruzamento entre um demônio e elfos Drow, com sua pele cinza-carvão, orelhas pontudas e cabelos muito claros com tons que variavam do branco neve ao cinza prateado. E só em ocasiões muito raras eu vi algum deles com cabelo preto de verdade.

Mas uma coisa que todos tinham em comum era a obsessão dura e inflexível em obedecer a lei. Pena que o filho da puta no topo fosse o único Obosiano corrupto conhecido que existia.

Torgal me seguiu imediatamente, apressando-se para caminhar ao meu lado. Ele era a única pessoa autorizada a passar pelo local seguro até as celas. Eu dei a ele um olhar de lado, a culpa instantaneamente tomando conta de mim. Ele não merecia que eu tornasse as coisas mais desafiadoras do que já eram. Os Temern lutaram com unhas e dentes por mim. Sua espécie semelhante a um pássaro possuía habilidades empáticas que lhe permitiram reconhecer imediatamente minha inocência. Infelizmente, embora os juízes e as autoridades locais muitas vezes tenham em conta a sua avaliação, a sua palavra não pode ser usada como prova de ausência de culpa. Afinal, você não

poderia provar que eles não foram subornados para dizer exatamente isso.

Com cinquenta e poucos anos, Torgal serviu como consultor jurídico neste tribunal durante os últimos vinte anos. O setor Odium lidava com muitos dos crimes mais graves de todos os gêneros. Como adorava um grande desafio, e especialmente defender as vítimas, ele enfrentou muitas probabilidades quase impossíveis e venceu. Ele era minha única esperança e continuava sendo a única pessoa que poderia me ajudar a sair dessa confusão antes que fosse tarde demais.

Para minha surpresa, nós passamos pelas intermináveis fileiras de celas onde eu estava anteriormente detida enquanto aguardava minha audiência. Os outros prisioneiros gritaram insultos aos guardas enquanto me lançavam provocações e vaias. Alguns deles tentaram chamar Torgal para assumir os seus casos. Por mais que eu odiasse ser uma das únicas mulheres neste bloco de celas, por todo o assédio a que me submetia, eu fiquei ainda mais preocupada com o local para onde eles estavam me levando agora. Definitivamente havia segurança nos números. Eu preferia ser exposta aos constantes comentários sinistros dos outros presos do que ficar isolada em algum lugar sem testemunhas do que poderia estar acontecendo comigo. Não havia dúvida em minha mente de que Wuras desejava que eu fosse permanentemente silenciada o mais rápido possível.

Nós atravessamos outro bloco de celas antes de pegar um elevador seguro para descer até um andar ainda mais baixo. Assim que as portas do elevador se abriram, meu coração caiu. Eu fui enviada para o confinamento solitário. Eu abri a boca para expressar a minha indignação, mas um olhar severo de Torgal me silenciou. Por que diabos ele iria me querer tão isolada? Este era o cenário perfeito para um assassinato.

No entanto, eu confiava implicitamente no Temern e, portanto, me forcei a seguir o seu exemplo. No meio do longo corredor, mal iluminado pelas luzes embutidas no teto, o guarda à minha frente parou ao lado de uma das inúmeras portas reforçadas sem janelas que se alinhavam em ambos os lados do amplo corredor. Ele colocou a mão na fechadura biométrica e falou seu nome. A porta destrancou imediatamente, abrindo-se com aquele zumbido quase inaudível. Puxando mais uma vez a corrente, ele me levou para dentro do minúsculo quarto.

Eu reprimi o pânico tentando tomar conta de mim. Quatro grossas paredes de pedra cercavam o espaço retangular, que não podia ter mais de três metros de largura e cinco metros de comprimento. Uma superfície estreita e plana com uma almofada fina servia de cama. Francamente, uma maca oferecia mais espaço do que isso. Um banheiro no canto oposto com pia completava a mobília. Apesar da

pequena grade fora do alcance no teto, proporcionando ventilação, eu já conseguia me imaginar sufocando no quarto. Pior ainda, não parecia haver interruptores para a única pedra de luz embutida na parede. Os guardas provavelmente controlavam totalmente as luzes. Quando eles decidissem que era hora de dormir, você não teria como argumentar.

Enquanto Torgal permanecia quieto dentro da sala, logo ao lado da entrada, o guarda desenganchou a corrente que me prendia e depois me libertou das algemas.

— Sente-se — ele ordenou, apontando para a piada que seria minha cama.

Eu obedeci e ele caminhou em direção à porta, com a atenção voltada para Torgal, enquanto o segundo guarda vigiava.

— Você tem vinte minutos — o guarda disse ao meu advogado antes de sair da sala e fechar a porta atrás de si.

Um silêncio ensurdecedor seguiu o som da porta sendo trancada.

— Confinamento solitário? — eu disse incrédula para Torgal.

Ele se aproximou e se sentou em um ângulo ao pé da cama para que suas asas verde-escuras – da mesma cor das penas que cobriam seu corpo – pudessem ficar penduradas confortavelmente atrás dele.

— Wuras não quer correr o risco de você repetir para outras pessoas o que disse no tribunal. Não foi sensato provocá-lo ainda mais — Torgal disse em um tom levemente repreensivo — Mas na verdade, isso funciona a seu favor.

— A meu favor? — eu perguntei, perplexa.

— Em público, teria sido mais complicado discutirmos livremente — ele explicou — Mas este também é o lugar mais seguro para você. Acidentes acontecem nas células acima. Algumas espécies possuem habilidades de longo alcance que nem sempre são facilmente restringidas, ou das quais os guardas podem nem estar cientes. Quando o fazem, o estrago está feito. O confinamento solitário tem uma camada extra de segurança, câmeras e registros rigorosos de todas as pessoas que entram e saem da cela. Se algo infeliz acontecesse com você, não haveria como eles encobrirem isso. Você estará segura aqui.

— Ok, tudo bem — eu concedi — Mas como vamos me tirar daqui? Kayog concordou em me ajudar?

Meu coração afundou quando Torgal desviou os olhos castanho-claros e esfregou nervosamente a lateral do bico.

— É complicado. Linsea, sua esposa, está negociando ferozmente com o Gabinete de Assuntos Intergalácticos da OPU para obter permissão para intervir — ele disse em tom de desculpas.

— Por que ela precisa de permissão? O que eles têm a ver com a agência de acasalamento de Kayog? Ele salvou Rihanna. Por que ele

não pode me salvar? — eu perguntei, me sentindo confusa e indignada.

— Kayog está vinculado à OPU de várias maneiras — Torgal explicou — Eles tinham interesse em conversar com os Yurus para estabelecer um relacionamento pacífico com os outros habitantes de seu mundo natal. O casamento de seu líder com Rihanna permitiu que a OPU fornecesse aos Yurus algumas das ferramentas de que precisavam para atingir esse objetivo.

— Então me case com alguma outra espécie primitiva que tenha algo que a OPU cobiça! — eu disse em um tom que deixava óbvio que isso deveria ser evidente.

Torgal soltou um suspiro — Infelizmente, não é assim que funciona.

— Este juiz é corrupto! Você sabe! Ele me prendeu porque eu cheguei muito perto de expor todos os negócios obscuros e encarceramentos injustos em que ele esteve envolvido — eu exclamei, repetindo em vão o que ele já sabia.

— Você não precisa me convencer, Malaya. Eu senti sua honestidade desde o início. Infelizmente, você não tem mais nenhuma prova ou evidência contra ele. Quando se trata de legalidade, os Obosianos são intocáveis. Toda a sua sociedade é construída sobre a obsessão em seguir as regras e a lei. Mesmo sabendo que você está falando a verdade, provar que o Juiz Wuras é corrupto é uma tarefa quase impossível.

— É exatamente por isso que ele precisa ser exposto! Com base na minha pesquisa, os Obosianos têm poucos criminosos — eu admiti — No entanto, os poucos que encontrei têm tentáculos que se espalham por toda parte. Certamente a OPU quer acabar com isso?

Torgal assentiu — Eles querem. O problema é que Wuras é extremamente poderoso. Ele não gostou do fato de Kayog ter tirado Rihanna daquela situação. Logo depois disso, ele endureceu as leis para que não possamos mais usar a mesma brecha. Você *terá* que ir para Molvi.

Suas palavras e a tristeza em seu rosto me esmagaram. Esta era uma sentença de morte. Eu duvidava que duraria uma semana.

— Mas não se desespere ainda, Malaya — Torgal acrescentou rapidamente quando duas batidas fortes soaram na porta, nos informando que nosso tempo já havia acabado — Nós continuamos lutando por você. Prometo que conversaremos novamente antes da sua transferência.

A abertura da porta pôs fim à nossa conversa. Os olhos azuis gelados do guarda me causaram um arrepio na espinha enquanto ele olhava severamente para meu advogado. Torgal me deu uma palmadinha no ombro em um gesto de encorajamento e depois,

levantando-se sobre as suas patas de pássaro, ele saiu da sala, com a sua longa e fofa cauda branca se arrastando atrás dele. O guarda não me olhou, contente em sair e fechar a porta atrás dele, me selando no que parecia ser uma tumba.

Nos cinco dias seguintes, meu pânico e paranoia aumentaram constantemente, pois não recebi nenhuma palavra do Temern. A única maneira de controlar o tempo era através das refeições e com as luzes apagando à noite e acendendo pela manhã. Os guardas nunca falaram comigo, exceto uma vez, no primeiro dia, para me dizer que eu seria transferida em uma semana. Isso seria em mais dois dias.

Eu tinha começado a me reconciliar com o fato de que não conseguiria sair dessa quando uma batida forte na minha porta quase me fez pular no teto. Era muito cedo para a próxima refeição. Certamente eles não haviam adiantado minha transferência? Eu corri para me sentar na cama, como era esperado sempre que o guarda entrava na minha cela.

Com o coração batendo forte, eu vi a luz vermelha da fechadura ficar azul, então a porta se abriu. Um som abafado me escapou ao ver Kayog e a mulher deslumbrante ao seu lado, que eu reconheci como sua esposa, Linsea Voln. Ela era uma embaixadora de alto escalão da OPU. Com suas penas brancas imaculadas e as poucas manchas escuras no peito, ela compartilhava a mesma paleta de cores de uma coruja da neve. Mas para mim, ela parecia um anjo que desceu do alto. A OPU não a enviava para lugar nenhum, a menos que fosse necessário tratar de assuntos sérios.

Kayog, com suas asas marrons, penas douradas adornando seu peito e a ponta de sua longa e fofa cauda branca, também era meu cavaleiro de armadura brilhante. Juntos, eles formavam um casal marcante.

— Você tem visitas — disse o guarda em seu habitual tom cortante. Para ele, eu era apenas mais uma criminosa, e ele fez questão de que eu soubesse o que ele sentia por pessoas como eu.

Com infinita ternura, Kayog fez um gesto para que sua esposa entrasse primeiro. Ele a seguiu e acenou para o guarda para que ele soubesse que seus serviços não eram mais necessários. Para minha surpresa, o segundo guarda que nos acompanhou no primeiro dia entrou com dois bancos que colocou em frente à minha cama. Kayog agradeceu e mais uma vez gesticulou para que Linsea se sentasse antes que ele se acomodasse no outro banquinho ao lado dela. Segundos depois, os guardas fecharam a porta atrás deles, a luz da fechadura voltando a ficar vermelha.

— Oh meu Deus! — eu exclamei, minha voz trêmula de emoção — Eu poderia abraçar vocês dois agora. Achei que vocês tivessem se esquecido de mim.

Isso não foi nem um exagero. A solidão não funcionava bem para mim. Embora eu não me descrevesse como uma extrovertida radical, definitivamente eu não me qualificava como introvertida. Eu precisava ver pessoas, conversar e interagir com outras pessoas. Os últimos cinco dias com nada além de quatro paredes cinzentas e meus pensamentos perturbados para me fazer companhia quase me deixaram louca.

— Não, minha querida. Não nos esquecemos de você — Linsea disse com uma voz calorosa, enquanto retirava uma pequena esfera de uma bolsa pendurada no cinto discreto em volta de sua cintura.

Os Temerns não usavam roupas, suas penas e caudas escondiam todas as suas partes impertinentes. Ocasionalmente, eles usavam acessórios como braçadeiras, cintos ou bolsas. Embora os guardas Obosianos sem dúvida os tivessem revistado minuciosamente primeiro, eu fiquei surpresa por eles terem permitido que ela trouxesse este dispositivo. Ele pairou um metro sobre nossas cabeças e um feixe de luz em forma de cone nos cercou, indicando a área incluída no cone do silêncio.

— Um scrambler? — eu perguntei, atordoada.

— Para ter certeza de que ninguém está escutando — Linsea disse, seu rosto gentil endurecendo levemente — Você criou um inimigo poderoso que está muito descontente em nos ver envolvidos.

— Mas vocês estão se envolvendo — eu repeti, a esperança em minha voz chegava até aos meus ouvidos — Sua presença aqui significa boas notícias, certo? Vocês encontraram uma solução alternativa?

Meu peito se contraiu quando Linsea hesitou antes de responder.

— Não exatamente. Como Torgal lhe informou, não há como evitar que você vá para Molvi. Nossa única esperança é emparelhá-la com alguém daquele planeta.

Eu recuei enquanto olhava para ela e depois para Kayog com horror — Emparelhar com um prisioneiro?! Como diabos isso vai me ajudar?

— Não um prisioneiro — Kayog corrigiu em um tom gentil, quase paternal — O objetivo é combiná-la com um Obosiano ou um dos funcionários de Molvi. Mas idealmente, seria com um Obosiano.

— Você está falando sério? — eu perguntei, estupefata — Nenhum Obosiano jamais me aceitará. Eles estão todos andando por aí com um enorme pau hipócrita enfiado na bunda. Eles não se importam que eu possa ser inocente. Se o Juiz Wuras disse que eu sou culpada, é isso. Eles não podem cometer erros ou ser corruptos, mesmo que o crime tenha sido cometido bem debaixo do seu nariz por um deles.

— Os Obosianos podem de fato ser hipócritas em sua crença de que um deles não poderia infringir a lei — Linsea disse em um tom

apaziguador — Para ser justa, isto é necessário na maior parte. No entanto, como seu cônjuge, você viveria em segurança com ele na sua fortaleza, em vez de em um dos seus playgrounds. Você não vai querer ficar presa lá embaixo.

— Foda-se os Obosianos — eu disse teimosamente — Me dê um funcionário.

— Um Obosiano seria mais sábio — Kayog rebateu — Eles têm muito mais poder. Se você estiver emparelhada com um funcionário – a maioria dos quais apenas realiza tarefas de reparo, reabastece suprimentos e se livra daqueles que não sobreviveram em seus respectivos setores – você ficará bastante limitada no que pode fazer para provar sua inocência. Provavelmente, você permanecerá presa lá pelo resto da vida.

— Enquanto que um Obosiano é completamente o oposto — Linsea acrescentou — Com um Senhor do Inferno, ele escolhe onde você cumprirá sua pena, que obviamente será ao seu lado em sua fortaleza. Como sua companheira, você terá a habilidade de se misturar com outras pessoas.

— E viajar para fora do planeta? — eu perguntei, forçando minha esperança.

Linsea bufou e me lançou um olhar de ‘não seja boba’.

— Obviamente não. Mas você estará segura. Você pode até convencê-lo a cobrar favores para permitir que você visite outros setores e fale com os prisioneiros — ela disse — A OPU está determinada a ver Wuras cair. Mas precisamos de provas irrefutáveis dos seus erros. Todas as suas provas foram destruídas, por isso precisamos de novas provas. Bem no coração de Molvi, você estará na posição ideal para descobrir toda a sujeira sobre ele.

Eu me mexi na cama, mordendo o lábio inferior enquanto refletia sobre as palavras deles. Por mais que a ideia de me casar com um Obosiano não me agradasse – sem mencionar o fato de que não conseguia imaginar nenhum deles concordando com isso –, eu também reconhecia a validade de seus argumentos. Eu não queria apenas estar segura, eu queria derrubar Wuras e recuperar minha liberdade. Para conseguir isso, eu precisaria de alguém em posição de poder capaz de me dar acesso aos meus antigos contatos e, melhor ainda, aos outros presos, injustamente encarcerados por aquele merda.

— Ok. Eu entendo o seu ponto. Isso significa que você já tem alguém em mente? — eu perguntei.

Linsea se virou para olhar para o marido. Ele balançou sua cabeça.

— Eu falei com alguns candidatos em potencial para avaliar sua disposição em considerar uma parceria tão incomum — Kayog disse cuidadosamente — Eu não encontrei sua alma gêmea, embora esteja tendo um palpite. Minha presença aqui foi apenas para avaliar sua

personalidade e ter uma noção melhor de quem poderia formar um par de sucesso com você.

Eu acenei com a mão em desdém — Ele não precisa ser uma alma gêmea. Depois de seis meses, podemos simplesmente nos divorciar e eu estarei livre.

Meu coração afundou quando os dois balançaram a cabeça simultaneamente.

— Você foi condenada à prisão perpétua — Linsea me lembrou em um tom gentil, porém firme — A única coisa que pode anular sua sentença e devolver sua liberdade é a queda de Wuras.

— Isso também significa que é fundamental que você encontre uma maneira de agradar a quem quer que esteja com você — advertiu Kayog.

— O que isso significa? — eu perguntei, meu estômago dando um nó com uma suspeita desagradável.

— Isso significa que seu cônjuge é o único que pode rescindir sua união após o julgamento de seis meses, se estiver descontente com você — Kayog explicou — Se isso acontecer, você será enviada para um dos setores prisionais abaixo para cumprir o restante da pena. Portanto, minha prioridade é encontrar sua alma gêmea. Mas, se isso não acontecer, eu quero alguém com quem você possa ter uma boa vida a longo prazo.

Eu olhei para ele em estado de choque — Você acha que eu vou falhar em meus esforços para encontrar provas — eu sussurrei, desanimada.

Mais uma vez, o Temern balançou a cabeça — Nós achamos que derrubar Wuras será difícil e levará muito tempo. Provavelmente, levará mais do que esses seis meses. Por esse motivo, eu prefiro que você passe esse tempo com alguém que te faça feliz e que não se divorcie de você assim que o período de experiência terminar.

— Nós só precisamos que você continue a ter fé — Linsea acrescentou em um tom tranquilizador — Nós estamos lutando por você. No dia da sua transferência, prometemos que você conhecerá o companheiro escolhido.

Capítulo 2

Kronos

Eu olhei sinistramente para o ônibus de transporte que se aproximava da minha pista de pouso. O que, em nome de Tharmok, um embaixador da Organização dos Planetas Unidos poderia querer comigo? Certamente não se tratava ainda daquela bagunça monumental em Shimli? Essa parte vergonhosa do meu passado só merecia ser esquecida. Eu, um Obosiano da casta Guerreira, filho primogênito da nobre Casa Aramon, capturado como escravo por um miserável Nazhral. Se não fosse pela maneira traiçoeira com que drogaram minha bebida durante uma recepção oficial fora do planeta, Saydi e seus capangas nunca teriam me dominado. Eu poderia reduzi-los todos a cinzas simplesmente levantando minha mão.

Poderia Saydi ser a razão de sua presença?

Como era devido, eu exigi que ela cumprisse a pena no meu playground. A estúpida mulher tinha pensado em tentar impor sua lei aos presos. Ela descobriu da maneira mais difícil o verdadeiro significado da sobrevivência do mais apto. Tanto os homens quanto as mulheres no quadrante que eu coloquei para ela fizeram de tudo para fazer dela um exemplo. Descobrir os experimentos horríveis que ela realizou em jovens Edocits – uma espécie semelhante à dríades – para criar uma droga nova e altamente viciante com a qual ela pretendia inundar o mercado não a tornou querida pelos outros.

Apesar de todos os seus defeitos, até mesmo os mais cruéis dos meus prisioneiros – todos presos no Quadrante Quatro – não tinham qualquer amor por aqueles que prejudicavam os jovens. Como meu povo se alimentava de emoções, eu me empanturrei mais de uma vez com a dor e o terror de Saydi nos dias seguintes à sua chegada, quando os prisioneiros a colocaram em seu lugar. Assim como acontece com a maioria dos meus novos brinquedos, eu rapidamente perdi o interesse e não prestei atenção ao tipo de tratamento que ela continuava a receber. A última vez que eu voei sobre seu quadrante, ela parecia bastante quebrada, sua antiga beleza desfigurada por muitas cicatrizes desagradáveis.

Se eles estiverem aqui para resgatar Saydi, eu irei atender ao pedido

deles?

Por lei, ninguém poderia remover um prisioneiro de Molvi, a menos que esse preso tivesse morrido, cumprido a pena ou recebido perdão – o que nunca acontecia. A única outra opção seria se um Juiz Supremo concedesse uma decisão de extradição temporária para efeitos de uma investigação ou audiência fora do planeta. E mesmo assim, o Diretor do seu Setor precisaria consentir.

Eu poderia recusar e permitir apenas que ela testemunhasse remotamente.

Embora eu não me considerasse particularmente cruel, a ideia de conceder a Saydi qualquer tipo de indulto e conforto durante uma viagem fora do planeta para testemunhar em outro caso me irritou. Ela merecia uma dor constante e interminável, como ela havia infligido àqueles jovens Edocits durante anos.

Mas eu esperaria para ver que argumentos o Embaixador apresentaria antes de emitir um julgamento.

Assim que o ônibus espacial completou seu pouso, eu me aproximei lentamente enquanto a rampa baixava e as portas se abriam. Para minha surpresa, não foi apenas a Embaixadora Linsea Voln quem desembarcou, mas também o seu marido Kayog. O que, em nome de Tharmok, o casamenteiro estava fazendo aqui?

Minha coluna enrijeceu e eu estreitei os olhos para ele com suspeita enquanto eles diminuía a distância.

— Se você está aqui para me pedir para libertar um prisioneiro por causa de um de seus pares, a resposta é não — eu disse preventivamente em um tom imperativo — Quem quer que você queira formar par com um dos meus prisioneiros terá que vir e se assentar em Molvi com seu par.

— Esse é exatamente o objetivo! — O Mestre Voln disse com entusiasmo, me surpreendendo — E olá, Senhor Aramon. Como você aparentemente adivinhou, meu nome é Kayog Voln, embora eu preferisse que você simplesmente me chamasse de Kayog. E esta é minha adorável esposa, Linsea Voln, que pelo que sei você já conheceu.

Eu franzi o rosto pela maneira não tão sutil com que ele apontou minha grosseria ao não cumprimentá-los adequadamente quando chegaram, antes de iniciar minha diatribe.

— Sim, de fato — eu disse a contragosto — Bem-vindos a Molvi, Linsea, Kayog — eu disse, acenando para cada um deles, antes de olhar para Kayog — Você pode me chamar de Kronos.

— Excelente! — Kayog disse com o mesmo entusiasmo que me irritou instantaneamente – o que só pareceu diverti-lo.

Seu comportamento gritava que eles tinham algo a dizer que me desagradaria muito, mas ele se sentia confiante de que conseguiria o

que queria.

— Temos muito o que discutir — Kayog disse, me lançando um olhar penetrante — Assuntos sérios.

Mais uma vez, eu fiquei irritado por não ter conseguido me mostrar hospitaleiro diante dessa sugestão ainda menos sutil de que deveria convidá-los para entrar e proporcionar-lhes alguns confortos básicos.

— Então vamos para o meu escritório. Por aqui — eu disse em um tom mal-humorado.

Eu não estava tentando ser rude, mas também não tive muito tempo para recebê-los. Além disso, eu realmente não me importava com o que os trouxe aqui. Eu gostava de ficar sozinho e cuidar dos meus próprios assuntos. Questões estrangeiras tinham pouca importância para mim.

Enquanto eu os conduzia ao meu escritório, eles observaram meu domínio com olhares apreciativos. Sem dúvida, percebendo – ou notando através de suas habilidades empáticas – que eu não aceitaria conversa fiada, eles me pouparam da habitual lisonja educada que alguém faz em circunstâncias semelhantes. Eu abri a porta, entrando primeiro no meu escritório e depois acenando para eles entrarem. Por uma fração de segundo, eu considerei puxar algumas cadeiras na frente da minha mesa, mas pensei melhor. Apesar do meu aborrecimento, eu já havia sido rude o suficiente por um dia. Eles não mereciam que eu fosse um anfitrião tão indelicado. Mas as lembranças do meu tempo como escravo - por mais breve que tenha sido - sempre traziam à tona o meu lado mais desagradável.

— Sentem-se — eu disse em um tom um pouco menos mal-humorado enquanto gesticulava para o confortável conjunto de sofás na área de estar ao lado da porta do pátio para um dos muitos terraços do meu domínio.

— Obrigada — Linsea disse com um sorriso agradecido que aumentou ainda mais minha crescente culpa.

Ela foi extremamente gentil e atenciosa comigo e com os outros prisioneiros depois que os Executores nos libertaram do cativeiro.

Eles se acomodaram no grande sofá em frente à cadeira para onde eu me dirigia. Eu não pude reprimir um sorriso divertido diante de suas expressões satisfeitas ao encontrarem o apoio para as costas em uma altura conveniente o suficiente para acomodar seus lindos conjuntos de asas emplumadas. Obviamente, a mobília Obosiana procurava acomodar as nossas próprias asas de couro.

— Vocês desejam bebidas ou outros refrescos? — eu perguntei, finalmente lembrando dos meus bons modos.

O alívio me inundou quando eles balançaram a cabeça simultaneamente.

— Obrigado, mas isso não será necessário — Kayog respondeu — Não pretendemos abusar muito do seu tempo.

Pela sutil centelha de diversão em seus olhos, suas habilidades empáticas sem dúvida traíram meus pensamentos pouco caridosos.

Eu grunhi em resposta e me acomodei na cadeira de frente para eles.

— Então, que assunto importante precisamos discutir? — eu perguntei, indo direto ao assunto.

— Estamos aqui com a missão de impedir grandes atividades criminosas e proteger inocentes que foram gravemente injustiçados — Linsea disse.

Eu me animei ao ouvir essas palavras — Você tem minha atenção.

Linsea sorriu. Quando se tratava de fazer cumprir a lei, nós, Obosianos, podíamos ser divertidamente previsíveis. No entanto, a rapidez com que o sorriso dela desapareceu colocou todos os meus sentidos em alerta máximo.

— O que estamos prestes a compartilhar com você será chocante. Por favor, ouça com a mente aberta — Linsea disse com cuidado, suas palavras me deixando ainda mais desconfiado — Um membro muito importante da sua sociedade, o juiz Wuras, tornou-se corrupto e precisa ser detido.

Eu pulei de pé, meu *lumiak* surgindo das pontas dos dedos, as gavinhas elétricas rastejando em minhas mãos enquanto eu olhava para o casal com raiva indignada por tal calúnia.

— Você se atreve? — eu exclamei.

— Paz, Kronos — Kayog disse com uma voz suave, a palma da mão levantada em um gesto apaziguador.

— Você pode ver almas. Você vê algum engano nas nossas? — Linsea perguntou em um tom semelhante.

Assim como o marido, ela permaneceu sentada, com os corpos relaxados, sem ameaças e sem medo. Eu mudei minha visão. As luzes brilhantes de suas almas brilhavam... e puras.

— Por favor, sente-se — Linsea disse com uma voz suave, apontando para minha cadeira.

Com os dentes cerrados, eu retraí meu *lumiak* e relutantemente retomei meu lugar — Deve haver algum engano. Wuras é o juiz Obosiano de mais alto escalão e mais poderoso de nossos tempos — eu argumentei.

— Ele é — Linsea concordou — Mas, como você provavelmente sabe, o grande poder tende a corromper aqueles que o exercem.

— Mesmo que isso fosse verdade — não que eu acredite — por que trazer isso para mim? — eu exigi.

Linsea moveu suas asas brancas imaculadas e colocou as mãos nas coxas com movimentos graciosos.

— Uma repórter o estava investigando — ela disse, escolhendo as palavras com cuidado — Ela reuniu evidências irrefutáveis contra ele e marcou uma reunião com os Executores para entregar o que encontrou a eles. Naquele mesmo dia, a força policial Obosiana a prendeu convenientemente por homicídio.

— A pessoa com a suposta prova é uma criminosa?! — eu exclamei, me perguntando como eles poderiam ser tão ingênuos.

— Não — Linsea disse com força — Wuras armou para ela para silenciá-la. Como comprovado pela sua reação agora há pouco, quem acreditaria em um assassino condenado em vez de em um juiz altamente respeitado? Ela é inocente.

Mais uma vez, eu olhei para suas almas. Qualquer que fosse a verdade sobre o assunto, eles acreditavam genuinamente no que estavam me dizendo. Mas isso não poderia ser real.

— Nós temos três Temerns trabalhando no tribunal Obosiano e defendendo casos perante ele. Nos últimos anos, ele condenou pelo menos oito pessoas de cuja inocência estamos cem por cento convencidos. Wuras não se importou. De acordo com a avaliação empática que fizeram do juiz, essas pessoas foram condenadas antes mesmo do julgamento começar. Eu sei que isso é difícil para você aceitar ou considerar como algo possível, mas nós estamos sendo honestos.

— Eu sei — eu disse em um tom desanimado antes de me recostar no assento, minhas engrenagens girando — Posso ver que vocês acreditam em tudo que estão dizendo. No entanto, Wuras é Obosiano. Eu não preciso lhes dizer que meu povo defende a lei ao extremo. Isso define não apenas a nossa sociedade, mas quem nós somos como indivíduos. Eu não posso aceitar o que vocês estão dizendo como algo factual, não importa o quanto vocês acreditem que seja.

— Os guardas e os funcionários do tribunal o temem e desprezam — Linsea acrescentou em um tom apaixonado, inclinando-se para a frente em um esforço inconsciente para me convencer — Ele tem algo sobre eles ou os está chantageando.

— Você está dizendo que os guardas também são corruptos? — eu perguntei, revirando os olhos e deixando claro que eles haviam perdido a credibilidade que tinham comigo.

Ela balançou a cabeça, não se incomodando com a minha reação — Não. A grande maioria deles não é. Mas suspeitamos que Wuras tenha feito ameaças de incriminar a eles ou a seus entes queridos se algum deles ousasse expô-lo. Se isso acontecesse, ambos sabemos em quem todos acreditariam.

Eu odiava isso, tudo isso. Eu cerrei os dentes por alguns segundos enquanto refletia sobre suas palavras.

— Mesmo supondo que essa sua história fantástica seja verdade,

por que trazer isso para mim? O que você espera que eu faça sobre isso? — eu perguntei.

— Como você adivinhou com precisão com base na minha presença, estamos aqui para parear Malaya — Kayog disse — Nós queremos um par que permita que ela prossiga com sua investigação e prenda Wuras. Pelo menos uma de suas vítimas é na verdade sua prisioneira e está presa em seu Setor.

Eu apertei os lábios e balancei a cabeça lentamente — Embora eu não consiga ver como isso ajudará na investigação dela, e embora normalmente não realizemos casamentos para os presos, eu posso providenciar isso, se isso ajudá-lo.

Apesar da rigidez do bico, Kayog me deu um sorriso zombeteiro em resposta às minhas palavras.

— Não pretendemos combiná-la com um prisioneiro, Senhor Kronos — Kayog disse — Queremos combiná-la com você.

Eu me endireitei abruptamente na cadeira, mal me impedindo de pular ao ouvir uma sugestão tão ultrajante.

— Comigo? Você perdeu a cabeça? Por que, em nome de Tharmok, eu me casaria com uma assassina?!

— Ela é inocente — Linsea interrompeu.

— Ela foi condenada — eu disse em um tom que não admitia discussões — Portanto, por lei, ela é uma criminosa. Vocês podem ser sinceros em sua crença de que Wuras é corrupto, mas eu precisarei de muito mais do que sua crença para ser influenciado.

— Nós viemos até você primeiro porque Malaya é sua alma gêmea — Kayog disse de maneira factual.

— O QUÊ?! Você realmente é louco.

Kayog zombou — Não quero me gabar, mas tenho certeza que você já ouviu falar da minha reputação quando se trata de formar casais. Eu nunca estive errado e desta vez também não. Dadas as circunstâncias, eu não poderia ter esperado uma bênção maior do que vocês dois serem um par perfeito.

Enquanto eu olhava para ele, chocado demais para falar, ele colocou um pequeno disco na mesa baixa entre nós e ativou o projetor holográfico. A imagem 3D de uma mulher apareceu, girando lentamente sobre si mesma.

— Uma humana?! — eu exclamei, me perguntando que outras revelações surpreendentes ele ainda pretendia fazer.

Os humanos eram fracos, temperamentais, indisciplinados e com uma propensão perturbadoramente elevada para cometer crimes de todo tipo. Para piorar a situação, eles nem conseguiam voar.

— Me desculpe. Eu não posso me casar com uma assassina — eu disse, me recostando na cadeira, pronto para que toda aquela farsa terminasse.

— Pela bilionésima vez, ela não é uma assassina — Kayog disse, com uma mistura de raiva e frustração em sua voz — Claramente, se ela fosse, ela não poderia ser sua alma gêmea.

Se esta foi sua tentativa de elogiar indiretamente o fato de que alguém tão rigoroso em defender a lei não poderia se apaixonar por alguém capaz de infringi-la, isso falhou miseravelmente em me comover. Quando eu não respondi – não vendo sentido em repetir os argumentos que já havia apresentado – o Temern perdeu o que ainda possuía de paciência. Isso me surpreendeu, considerando que eu estava bem ciente de sua reputação de casamenteiro infalível, mas também de seu temperamento doce e amável, se não paternal.

— Certo. Se você não puder se preocupar em salvar a vida de sua alma gêmea ou ajudar a corrigir os terríveis erros cometidos contra inocentes, outro mostrará mais coragem — Kayog disse em um tom gelado que fez até mesmo sua companheira enrijecer.

— Como é? — eu disse, com uma voz igualmente fria.

— Você pode ficar bem em deixar uma inocente ser jogada com os criminosos mais cruéis da galáxia, mas nós não vamos deixar Malaya morrer. Felizmente, o Senhor Amreth irá aceitá-la — Kayog disse em um tom desdenhoso.

Isso me atingiu como uma pedra no peito — Amreth?! Amreth consentiu com essa união?

— Nós entramos em contato com ele e com alguns outros que sabíamos que poderiam ser potencialmente mais... flexíveis antes de nos encontrarmos com Malaya — Linsea disse, tentando permanecer diplomática — Nós queríamos ter certeza de que poderíamos oferecer a ela algumas opções. Mas assim que a conhecemos, meu marido teve o pressentimento de que ela era sua. Então, naturalmente, procuramos você primeiro depois dessa discussão.

— Mas já que você não pode ser incomodado... — Kayog acrescentou.

— Não me teste, Temern — eu rosnei.

— Eu não estou te testando, Obosiano — Kayog respondeu em um tom igualmente severo — Não temos tempo para você resolver seus conflitos internos. Em dois dias, Malaya será enviada ao playground de Dakon. Você sabe perfeitamente que ela não sobreviverá lá por uma semana. Então, se você não quiser, eu vou salvá-la.

Eu estremei ao ouvir qual setor eles pretendiam que ela cumprisse sua pena. De todos os Senhores do Inferno – como os humanos nos rotularam – Dakon era o mais inflexível... embora alguns diriam o mais cruel. Ao contrário de todos os outros Diretores, ele não dividia seu Setor em Quadrantes. Ele não precisava. Ele só aceitava os piores canalhas da galáxia. A expectativa de vida de seus prisioneiros raramente ultrapassava alguns dias ou algumas semanas. Somente os

mais cruéis conseguiam estabelecer uma fortaleza, que defendiam ferozmente.

Eu dei outra olhada no holograma da mulher. Pelos padrões humanos, ela era atraente. Isso poderia salvar a vida dela naquela fossa. Mas considerando como ela seria usada, uma morte rápida provavelmente seria preferível. E se ela realmente fosse inocente, permitir que ela fosse enviada seria um crime ainda maior do que aquele pelo qual ela foi condenada.

Eu olhei sinistramente para o Temern, mal reprimindo a vontade de rosnar com raiva para ele — Qual é o sentido de entregá-la a Amreth se eles não são almas gêmeas? — eu desafiei — Achei que você só fizesse combinações perfeitas.

— Até agora, eu fiz. Mas se quebrar minha sequência perfeita é o preço para salvar esta doce mulher, então eu pagarei com prazer — Kayog disse, erguendo o bico desafiadoramente — Malaya e Amreth podem não ser almas gêmeas, mas suas personalidades são bem alinhadas e compatíveis. Eles terão uma vida bastante feliz juntos. Comparado com os outros, ele é a melhor alternativa.

— Que Tharmok leve você e suas ameaças — eu resmunguei.

— Estas não são ameaças, Senhor Kronos — Linsea disse com uma voz gentil enquanto pegava a mão coberta de penas do marido e a apertava suavemente — Esta é a nossa única outra opção para salvar Malaya.

Incapaz de continuar olhando para eles, eu me levantei e caminhei até as altas portas de vidro que davam para o terraço privado do meu escritório. Eu não precisei examinar a alma deles novamente para reconhecer a sinceridade do seu esforço. A indignação decepcionada que Kayog sentiu por mim doeu. Eu não conseguia ler mentes, mas sabia visceralmente que ele tinha começado a pensar que Malaya merecia alguém melhor do que eu, presumindo que ela realmente fosse minha alma gêmea.

Mas uma assassina?

Eu encontrei Wuras em algumas ocasiões durante reuniões oficiais. Os nobres Obosianos adoravam comparecer para impressionar uns aos outros com sua riqueza, status e piercings. Eu distraidamente brinquei com um dos anéis que adornavam a borda externa da minha orelha direita pontuda. Um raro anel de algarium que me foi dado por interceptar um grupo de presidiários que tentavam escapar da prisão onde eu estava realizando meu treinamento de Diretor em Grubrya. Cada um dos meus piercings atestava os padrões morais e as minhas conquistas na defesa da paz, na aplicação das leis e na proteção dos inocentes.

E se essa humana é tão inocente quanto eles acreditam...

— Ajudaria se eu lhe dissesse que todas as uniões da Agência

Prime vêm com um período experimental de seis meses — Linsea disse com uma voz suave.

Eu olhei para ela por cima do ombro — Seis meses?

Ela assentiu, um brilho de esperança se formando em seus olhos — Seis meses durante os quais você veria por si mesmo que ela é realmente inocente e sua alma gêmea.

— Mas seis meses durante os quais você deve assumir um compromisso honesto para tentar fazer o relacionamento funcionar — Kayog advertiu.

— Hmm... E se essa união não funcionar para mim até o final desses seis meses? — eu desafiei.

— Então você se divorciará dela e estará livre para retomar sua vida como achar melhor — Kayog respondeu.

— E quanto a ela? — eu perguntei.

— Nós vamos tentar encontrar outra pessoa para ela — Kayog disse com naturalidade.

— E se você falhar? — eu insisti.

— Então ela não terá escolha a não ser cumprir o resto da pena no playground de Dakon — Linsea respondeu no lugar do marido — Mas diga-me, Senhor Kronos, o que são seis meses se isso pode ajudar a provar se o mais alto juiz do seu tribunal é corrupto ou não? Prendê-lo – ou, alternativamente, provar sua inocência – não seria o maior ato de justiça que você poderia realizar em nome de seu povo?

Eu franzi o rosto como se tivesse mordido algo nojento — Certo. Ela tem seis meses para provar que você está certo. Mas que os deuses a protejam se ela se provar falsa.

— Ela não vai — Kayog disse com uma confiança triunfante.

— Veremos — eu respondi.

Capítulo 3

Malaya

Eu nunca fui do tipo que chora. Na verdade, eu tinha muito orgulho da minha força de caráter diante das adversidades. Mas quando Torgal veio me dar a notícia de Kayog confirmando uma combinação com um Senhor do Inferno, eu chorei de alívio. Ele chegou menos de uma hora antes das luzes se apagarem, na véspera da minha transferência. O estresse dos últimos dias sem dúvida tirou algumas décadas da minha vida.

Mas eu ainda não estava fora de perigo. De acordo com a mensagem que Torgal me transmitiu, o meu futuro marido estava bastante relutante. Grande choque. Francamente, eu não conseguia imaginar que tipo de argumentos Kayog e Linsea tiveram que usar com o Senhor Kronos para influenciá-lo a meu favor. Ainda assim, o aviso do Temern não caiu em ouvidos surdos. Eu teria que ser extremamente gentil para cair nas boas graças de meu marido.

Eu imediatamente me repreendi por meu gemido interior instintivo com esse pensamento. Minha língua pode ser minha pior inimiga. Submissa e ingênua não pertenciam ao meu vocabulário. Como repórter investigativa, eu tendia a falar o que pensava, tinha respostas rápidas e não tolerava tolos. Considerando o quão presunçosos e hipócritas aqueles Obosianos geralmente eram, seria necessário toda a minha força de vontade para não fazê-lo querer me estrangular nos primeiros dias.

Assim como Kronos, eu lutei com a ideia de que ele poderia ser minha alma gêmea. É verdade, com base no seu retrato holográfico, que Torgal me mostrou, que o Obosiano estava longe de ser desagradável aos olhos. No mínimo, isso deveria fazer com que o cumprimento dos meus deveres conjugais não fosse uma tarefa tão horrível. Na verdade, eu realmente não me importava se não éramos realmente o par perfeito. Tudo o que importava é que eu viveria. Se algo de bom saísse da nossa união, ótimo. E se não, contanto que eu pregasse a bunda criminosa de Wuras na parede, tudo isso teria valido a pena.

O guarda gritando ordens para um dos presos barulhentos me tirou

dos meus pensamentos. Eu olhei ao redor da cabine, onde mais de cem prisioneiros e eu estávamos algemados e amarrados aos nossos assentos de passageiros. Desde que nossa jornada para Molvi começou, eu fiz de tudo para evitar contato visual ou chamar atenção para mim. Os condenados, homens e mulheres, me aterrorizavam pra caralho. Embora eu soubesse que não deveria julgar um livro pela capa, eu não tinha dúvidas de que todos esses caras haviam cometido qualquer crime pelo qual foram condenados. Eu reconheci alguns rostos pela extensa cobertura do julgamento ou da caçada galáctica que eventualmente levou à sua prisão.

Enquanto nossa nave se preparava para pousar em Molvi, todos os meus medos ressurgiram com força total. E se Wuras tivesse de alguma forma conseguido subornar ou intimidar um dos guardas que me levava para o planeta prisão e eu de alguma forma me ‘perdesse’ no processo administrativo? E se um ‘acidente’ infeliz acontecesse comigo enquanto eu descia uma escada? E se...?

O destravamento de nossas tiras - que também serviam como cintos de segurança - forçou minha mente a se afastar da paranoia que ameaçava tomar conta de mim. Seguindo as instruções do guarda, meu grupo - a metade esquerda da cabine de passageiros - permaneceu sentado enquanto os internos do lado direito se levantavam e saíam de maneira disciplinada. As gavinhas elétricas girando em torno das mãos do guarda, sem dúvida, desempenharam um papel não negligenciável em seu bom comportamento. Um único zap delas superava até o taser mais poderoso. Corria o boato de que eles poderiam literalmente te transformar em cinzas com seu poder.

Havia uma razão pela qual os Obosianos eram os guardiões mais temidos da galáxia. Com sua capacidade de ver e sentir as almas próximas, até mesmo o escudo furtivo de mais alta tecnologia não o salvaria da detecção. A velocidade de voo dos Guerreiros Obosianos maduros quebrava todos os recordes possíveis, e seu toque elétrico era forte o suficiente para alimentar os núcleos elétricos que forneciam energia aos vários Quadrantes de seus Setores.

Ninguém escapava de Molvi.

Quando chegou a nossa vez, eu mantive a cabeça baixa e segui em silêncio. Nós descemos a rampa do ônibus espacial até uma plataforma cinza escura. Grandes pontos circulares marcavam a posição onde precisávamos ficar. Todos escolhemos um lugar, alinhados em dez fileiras de dez, que formavam um quadrado perfeito. A ordem do guarda para permanecermos imóveis e não nos desviarmos da nossa posição - especialmente aqueles que estavam nas bordas - assumiu um significado mais sombrio quando a plataforma começou a se mover. A maldita coisa servia como um elevador gigante, nos baixando até o nível de triagem, uns bons cinquenta metros abaixo.

Naturalmente, por sorte, eu estava na primeira fila. Um único empurrão de um dos psicopatas atrás de mim me faria cair para a morte. Por outro lado, alguns guardas Obosianos podiam ser vistos voando pelo amplo espaço, embora eu não soubesse quanto esforço eles fariam para pegar um de nós caso caíssemos.

Felizmente, todos se comportaram e nossa plataforma pousou com um estrondo no andar inferior. Ao nosso redor, pelo menos uma dúzia de outras plataformas semelhantes mantinham seus cem presos, cada plataforma separada em todos os lados por um caminho de cinco metros de largura. Sua cor branca imaculada contrastava fortemente com nossas plataformas.

Uma enorme tela à frente indicava o nome dos presos do Setor aos quais foram atribuídos. Assim que o nome do seu Setor aparecia, uma voz feminina suave também o chamava através do sistema de comunicação. O colar de choque das pessoas designadas para lá vibrava – felizmente, não de uma forma dolorosa... a princípio. Essas pessoas seguiriam então as setas que aparecem no caminho, indicando onde deveriam se apresentar para processamento. O não cumprimento dentro de segundos após a primeira vibração do colar mudaria a vibração para uma dor cada vez maior até que o preso começasse a seguir o caminho.

Meu coração disparou quando o terceiro Setor exibido na tela era o de Dakon. Eu prendi a respiração, temendo que meu colar vibrasse. Eu quase chorei de alívio quando isso não aconteceu. Os famosos assassinos em série, traficantes de drogas e traficantes de carne que se deslocaram para aquele Setor confirmaram meu maior medo. Eu teria sido destruída lá.

Depois de mais dois Setores serem chamados, e um terço das pessoas já terem sido processadas, o Setor Aramon foi finalmente chamado. Eu quase gritei de alegria quando minha coleira vibrou como mais uma confirmação. Eu segui as luzes azuis no chão até uma das cinco salas, onde mais guardas realizavam a triagem final. Cada Setor sendo dividido em quatro Quadrantes, eles nos dividiam de acordo com a gravidade de nossos crimes. Para minha consternação, eu fui enviada com o grupo do Quadrante Quatro – os criminosos mais cruéis.

Minha paranoia voltou como um tsunami enquanto as pessoas do meu grupo que faziam fila à minha frente tatuavam o número de presidiário na testa. Visualmente – pelo menos aos meus olhos humanos – o número não aparecia. Mas na tela gigante dos monitores de vigilância, um número enorme começando com as letras SA – de Setor Aramon – seguido por uma série de números era claramente visível.

Lágrimas de raiva arderam em meus olhos com a ideia de ser

marcada como um maldito animal por um crime que eu não cometi. Eu não me importava que fosse invisível a olho nu.

Quando cheguei à mesa, uma luz azul examinou meu rosto e exibiu meu arquivo no monitor do guarda. Ele olhou para a tela por um tempo antes de olhar para mim, seu olhar avaliativo. Eu tentei não entrar em pânico quando seus olhos ficaram levemente fora de foco. Suas írises azuis-claras e geladas brilhavam um pouco contra a esclera cinza-escura, me deixando ainda mais nervosa. Ele estava olhando para minha alma.

O que quer que ele tenha visto pareceu confundi-lo. Ele olhou para meu arquivo novamente e depois para mim, antes de se levantar do banquinho em que estava sentado. Eu dei um passo involuntário para trás, intimidada por sua altura e massa impressionantes. O olhar severo que ele me deu me deixou imóvel. Ele gritou uma única palavra. Eu não sabia dizer se era um nome, uma ordem ou uma palavra Obosiana estranha para mim. Mas, segundos depois, outro enorme guarda Obosiano apareceu e fez um gesto de ‘venha aqui’.

Eu hesitei, olhando por cima do ombro e depois de volta para ele, antes de apontar para mim mesma para ter certeza de que ele estava gesticulando para mim. O guarda que me examinou fez um som irritado que me fez virar a cabeça em sua direção, o pânico pronto para se instalar novamente. Ele acenou com a mão de forma exasperada, indicando que eu deveria ir embora. Eu não o deixei fazer isso duas vezes, muito aliviada por não ter sido marcada.

Foda-se minha vida... eu nunca estive tão perdida. Mas por que aqueles idiotas não podiam simplesmente usar suas malditas palavras e dar instruções claras?

O segundo guarda, que gesticulou para que eu fosse, olhou para mim como se eu estivesse deliberadamente sendo difícil. Eu precisei de toda a minha força de vontade para não dizer a ele para abrir a maldita boca da próxima vez, em vez de presumir que eu podia ler mentes. Mas eu sabiamente guardei meus pensamentos para mim mesma.

Para minha surpresa, embora tenhamos seguido para o hangar onde todos os outros presos estavam sendo carregados em grandes ônibus de passageiros claramente identificados com seus respectivos Setores, nós seguimos por um caminho diferente. O guarda – que na verdade era o piloto – me levou até um luxuoso ônibus pessoal no canto esquerdo do hangar.

Quando ele abaixou a rampa para me permitir entrar, pela primeira vez nas três semanas desde a minha prisão e o início de todo esse pesadelo, eu finalmente tive a sensação de que tudo ficaria bem. Eu consegui.

Mas quando eu me acomodei no banco do passageiro de couro

macio e permaneci imóvel enquanto o guarda prendia meu cinto de segurança, meus pensamentos mudaram para o fato de que algemas ainda circulavam meus pulsos e tornozelos, uma coleira de choque abraçava meu pescoço e um uniforme de prisioneira largo e camuflado ‘adornava’ meu corpo. Mesmo se eu tivesse tentado, certamente não poderia ter escolhido uma roupa pior a caminho do meu casamento.

Era ainda mais deprimente porque, crescendo na Terra, eu sempre me imaginei tendo uma cerimônia de conto de fadas, vestida com um moderno vestido baro’t saya feito do melhor tecido piña. Ele teria as mangas borboletas exageradas, típicas da minha herança filipina, com bordados intrincados.

De modo geral, eu nunca fui muito fã de tradições. Mas aquele vestido era um sonho de infância. Feito a partir da tecelagem das fibras das folhas do abacaxi, o tecido de piña era leve e arejado, perfeito para o nosso clima tropical. Considerando o quão quente Molvi ficava durante o dia, ele também teria sido ideal aqui.

Mas não... eu estava me exibindo com a roupa menos sexy que alguém poderia ter inventado.

Concluída a tarefa, o guarda se sentou na cadeira do piloto e decolou. A maneira suave e silenciosa com que nossa nave cortava o ar demonstrava ainda mais luxo. Não se parecia em nada com as pequenas naves em que eu costumava viajar durante uma missão de investigação. Isso me deu esperança de que, apesar da aparente relutância do meu futuro marido, ele ainda escolheria que eu viajasse com conforto.

Meu olhar vagou pela paisagem deslumbrante de Molvi.

À primeira vista, você pensaria que voltamos à era pré-histórica. Árvores insanamente gigantescas cobriam o chão por quilômetros e quilômetros. A folhagem era tão espessa, algumas folhas tão largas que não dava para ter o menor vislumbre do tipo de vida que corria abaixo. Me ocorreu então que os tons azul-esverdeado e azul-escuro das folhas combinavam com o padrão da minha roupa camuflada de prisioneira.

A maioria das espécies dava aos seus prisioneiros roupas de cores vivas que os tornavam fáceis de detectar onde quer que fossem, especialmente se estivessem tentando escapar. Mas a maioria das espécies não tinha a capacidade de ver e sentir as almas próximas. Os Obosianos detectariam sua presença mesmo que os prisioneiros se escondessem atrás de um muro. Isso só poderia significar que esses uniformes eram destinados a proteger os prisioneiros de quaisquer horrores que se escondessem na floresta que os rodeava. Um arrepio percorreu meu corpo ao pensar que eu deveria estar indo para lá.

À distância, uma clareira ocasional podia ser avistada. Estávamos longe demais para que eu pudesse ver exatamente o que estava

acontecendo ali, mas algumas possuíam edifícios visíveis, que eu presumi serem os abrigos dos prisioneiros.

Margeando essas florestas e clareiras, cadeias de montanhas extremamente longas e grandes extensões de água dividiam o território. Segundo rumores, os Obosianos criaram artificialmente essas montanhas para delinear seus respectivos setores. Embora parecesse quase impossível, a nitidez de suas arestas, a maneira abrupta como se erguiam do solo, sem a inclinação lenta e ascendente de uma paisagem natural, davam credibilidade a esses rumores. Nenhuma vida prosperava nas pedras cinzentas escuras daquelas montanhas semelhantes a penhascos. No cume, eu avistava ocasionalmente uma enorme fortaleza, que constituía a residência de um dos Senhores do Inferno.

E logo, um desses castelos inexpugnáveis se tornaria meu novo lar.

A nave iniciando sua descida chamou minha atenção. Eu olhei para frente pela janela. A mansão que se erguia diante de nós me deixou sem fôlego. Terraços de vários níveis se projetavam da montanha perto do cume. Toda a habitação parecia ter sido esculpida diretamente na pedra ao longo de três andares. Apesar das pedras escuras, o prédio estava inclinado de forma que a luz solar inundasse todos os cômodos através das altas janelas do chão ao teto durante quase todo o dia.

Daqui de cima, eu contei pelo menos dois grandes jardins internos, uma cachoeira alta que desembocava em uma enorme piscina, pelo menos vinte quartos, um enorme cais de pouso e o que presumi ser um hangar de naves. O penhasco abrupto abaixo da fortaleza terminava em um grande rio serpenteando ao longo da cordilheira. Eu não duvidei nem por um minuto que criaturas desagradáveis viviam em suas profundezas, acrescentando uma camada extra de segurança contra qualquer prisioneiro que pudesse ter atravessado a floresta e chegado à costa em frente à casa.

Meu estômago agitou quando as três silhuetas perto do patamar ficaram maiores. Outro ônibus já estava estacionado lá. Meu pulso acelerou enquanto eu olhava para o imponente Obosiano ao lado de Kayog e uma mulher humana. O Temern media pelo menos 1,87, mas parecia minúsculo perto de Kronos. O corpo grande e musculoso do Obosiano sem dúvida reforçava essa ilusão – especialmente porque Kayog estava incrivelmente em forma, embora muito mais esguio.

Meus olhos permaneceram colados no rosto de Kronos enquanto o guarda realizava uma aterrissagem excepcionalmente suave. Eu odiava não poder ler seus pensamentos. Aquele homem levou a cara de pôquer a um nível totalmente novo.

Cara de pôquer com uma forte dose de mal humor.

O guarda tirou meu cinto de segurança e me ajudou a levantar, me

forçando a desviar o olhar do meu futuro marido. Minha autoconsciência voltou com força total enquanto eu caminhava para a saída. A rampa terminou de descer com um leve gemido e as portas se abriram diante de mim. Eu engoli em seco, vergonha e humilhação queimando minhas bochechas enquanto o som metálico das correntes prendendo meus tornozelos marcava cada um dos meus passos na rampa.

O guarda me parou no final da rampa e lançou um olhar curioso para Kronos, que lhe deu um único aceno de cabeça. Aparentemente, essa foi a deixa dele para me livrar daquelas malditas algemas. Isso foi um grande alívio.

Os olhos azuis gelados de Kronos pareceram ficar ainda mais frios enquanto ele nos observava. Ele me lançou um olhar crítico, sem dúvida comparando minha aparência na vida real com o holograma que ele tinha visto. Pelos padrões humanos, eu me qualificava como uma mulher bastante atraente. Mas como eu me classificava aos olhos de um Obosiano? Mas, novamente, minha roupa nada sexy não ajudou a embelezar minha figura.

Meu olhar se voltou nervosamente para Kayog. Ele olhou para mim com seu calor habitual. Eu lhe dei um sorriso duro antes de olhar para Kronos. Se eu pudesse ler mentes, apostaria todas as minhas posses que ele estava se perguntando por que diabos ele concordou com isso. Eu queria dizer olá ou qualquer coisa para quebrar o silêncio desconfortável, mas eu não podia falar até receber permissão.

Assim que terminou, o guarda simplesmente se virou e voltou para dentro da nave. Para minha consternação, ele não decolou e apenas ficou nos observando pelo para-brisa.

— Minha querida Malaya, aqui está você finalmente! — Kayog exclamou em um tom caloroso e entusiasmado, assim que as portas do ônibus foram fechadas.

Ele gesticulou para que eu me aproximasse. Eu obedeci, aliviada por ter conseguido andar em linha reta, apesar de meus joelhos tremerem e do pânico crescente de que o piloto ainda não iria embora.

— Espero que você tenha feito uma viagem segura — Kayog continuou, aparentemente alheio ao comportamento gélido de Kronos.

— A viagem para Molvi transcorreu sem problemas. Mas a do espaçoporto até aqui foi extremamente confortável e a vista era de tirar o fôlego — eu acrescentei, lançando um sorriso grato para Kronos como agradecimento por aquele ônibus sofisticado.

Ele não respondeu ou reagiu de outra forma, contente em me encarar com aqueles olhos azuis gelados, ainda mais intimidantes pela esclera negra que os cercava.

— Fico feliz em ouvir isso — Kayog disse, ainda ignorando o comportamento um tanto rude de Kronos — Malaya, por favor,

conheça a Sacerdotisa Isobel Biondi, que oficializará seu casamento hoje.

Ele acenou para a mulher humana e esbelta ao lado dele. Ela parecia ter entre cinquenta e sessenta e poucos anos. Com base em minha pesquisa, ela viajou pela galáxia, acompanhando Kayog em muitos de seus casamentos arranjados para presidi-los. A simpatia em seus olhos - para não dizer pena - me atingiu com força. Sim, no lugar dela, eu também sentiria pena da noiva se casar com um cara que claramente não queria nada com ela.

Como diabos Kayog conseguiu que Kronos dissesse sim, se ele estava tão infeliz com isso?

Eu dei a ela um sorriso duro, e então me virei para Kronos quando Kayog gesticulou para ele.

— E este é Kronos Aramon, seu noivo. Kronos, conheça Malaya Velasco, sua noiva.

— Olá, Kronos — eu disse, aliviada porque minha voz não tremeu tanto quanto eu tremia por dentro — É uma honra conhecê-lo.

Eu quase estendi a mão para ele apertar, mas felizmente não o fiz. A julgar pela lentidão que ele me deu, pontuada por um único grunhido em reconhecimento às minhas palavras, ele sem dúvida teria deixado minha mão pendurada.

A raiva queimou dentro de mim.

Ok, tudo bem, o povo dele era super arrogante quando se tratava de lei e ordem. Mas eu não torci o braço dele para se casar comigo. Kayog tinha candidatos alternativos dispostos a me salvar. Por que ele concordou se era apenas para ele ficar ali com a porra de um tronco de árvore enfiado na bunda e olhar para mim com sua expressão de mais santo que eu? Minha língua queimou com o desejo de açoitá-lo. Para a sorte dele, eu era o azarão nessa bagunça, ou ele descobriria o quão cruel eu também poderia ser... verbalmente.

Kayog deve ter cometido um erro. Não tem como aquele idiota e eu sermos almas gêmeas.

Ainda fingindo estar alheio ao óbvio mal-estar entre nós, Kayog se virou para pegar uma caixa grande e ornamentada em um pequeno carrinho flutuante atrás dele. A grande envergadura de suas asas, mesmo dobradas, o mantinha escondido da vista.

— Minha querida Linsea lhe manda lembranças, assim como este pequeno presente de casamento — Kayog disse, me mostrando a caixa chique — Dadas as circunstâncias, ela imaginou que você gostaria de algo um pouco mais adequado para usar na cerimônia.

Meu queixo caiu e meus olhos quase saltaram das órbitas enquanto eu olhava para a caixa e depois para Kayog. Que incrivelmente atencioso! Eu provavelmente teria abraçado e beijado seu adorável rosto de pássaro se Kronos não tivesse estragado a surpresa com um

escárnio incrédulo.

— Para quê? — Kronos resmungou, sua voz cheia de indignação.

Kayog lançou-lhe um olhar severo — Certamente, você não vai querer que sua noiva vista um uniforme de presidiária em seu casamento?

Kronos encolheu os ombros, um ar de puro aborrecimento tomando conta de suas feições — De que isso importa? Esta é apenas uma formalidade de cinco minutos para tornar o acordo vinculativo. Não há necessidade de vestidos ou qualquer outra bobagem.

Dizer que eu me senti arrasada seria um grande eufemismo. É claro que isso não tinha significado para ele ou para sua cultura. Ele também não tinha nenhum motivo específico para querer me agradar, fazendo de tudo para me acomodar. E a sua avaliação da cerimônia em si não poderia ser mais precisa. Os casamentos da Agência Prime deram a ‘apressado’ um significado totalmente novo. Nós terminaríamos em menos de cinco minutos. Então, por que perder vinte minutos se vestindo para isso?

Porque este deveria ser o dia mais feliz e memorável da minha vida.

— Está tudo bem — eu disse com um sorriso rígido — Ele tem razão. Embora eu esteja profundamente comovida com o gesto, um vestido não é importante nessas circunstâncias. Não me importo de me casar assim.

Para minha surpresa, Kronos deu um passo ameaçador em minha direção. Ele me olhou, com dentes – e presas – à mostra, seus olhos azuis gelados brilhando. Assustada, eu dei um passo para trás e pressionei a palma da mão no peito.

— Você está aqui há menos de cinco minutos e já mente? — ele sibilou.

Eu me irritei com isso. Soltando minha mão pressionando meu peito, eu cerrei ambas as mãos ao lado do corpo para controlar a raiva que voltava dentro de mim com força total.

— Não é mentira. Isso se chama ser diplomática e atenciosa — eu retruquei — Você deixou bem claro que minha presença aqui o incomoda. Eu estou tentando diminuir o fardo que estou impondo a você e apoiei seu argumento para que você não seja o vilão nesta situação.

Ele avançou mais um passo, ficando na minha cara. Desta vez, eu mantive minha posição e levantei meu queixo desafiadoramente.

— Você presume que eu me importo se as pessoas me consideram o ‘vilão’ ou que não consigo lidar com contradições — ele respondeu, com a voz igualmente severa.

— Não estou presumindo nada. Estou apenas tentando ser gentil — eu disse, me recusando a ser intimidada.

— Eu não preciso que você seja gentil. Preciso que você seja

honestas. Você pode ser honesta, pequena humana? — Kronos perguntou em um tom condescendente.

— Meu nome é Malaya — eu disse em um tom entrecortado.

O canto de seus lábios carnudos se curvou levemente com a sombra de um sorriso.

— Bem, então, pequena *Malaya*, você pode ser honesta?

Apesar da minha vontade ardente de mandá-lo se foder, eu respirei fundo para manter a calma. Afinal, o ônibus ainda estava aqui, e eu não tinha nenhuma intenção de me sentar nele uma segunda vez, sendo confortável ou não.

— Nenhuma mulher quer se casar vestida como uma criminosa, especialmente quando ela é inocente e foi incriminada — eu disse com voz controlada — Kayog não precisa me dizer que você está relutante em me ter como esposa. A frieza das suas ‘boas-vindas’ deixou os seus sentimentos bastante claros. Mas se você me quer ou não, isso não muda o fato de que casar com você é minha única chance de sobreviver a essa confusão e, com sorte, conseguir justiça. Então, se isso significa que tenho que me esforçar para tornar minha presença tolerável para você, eu farei isso. E isso inclui deixar de lado meu sonho de infância de me casar com o vestido tradicional do meu povo.

Ele estudou minhas feições por alguns segundos, seu sorriso retornando, desta vez um pouco mais pronunciado.

— Bem, isso não foi tão difícil, foi? — ele perguntou com uma voz provocadora.

Algo estalou dentro de mim ao ouvir a provocação na forma como ele pronunciou aquelas palavras. Em vez de dar um soco na garganta dele como eu queria fazer, eu joguei toda a cautela ao vento e apenas lhe dei a porra da honestidade que ele queria.

— Na verdade, sim, foi — eu rosnei, lágrimas de raiva picando meus olhos — Foi extremamente difícil e muito humilhante. Eu posso não ser uma santa, mas não sou uma maldita criminosa. No entanto, aqui estou eu, tendo que escolher entre ser massacrada por criminosos reais dentro do Setor de Dakon ou me casar com um homem que claramente não sente nada além de desprezo por mim. E eu não tenho escolha a não ser aceitar o abuso com a porra de um sorriso se quiser viver. Tudo isto porque um juiz corrupto Obosiano tem o poder de prosseguir a sua vida de crime com toda a impunidade. Essa é uma resposta honesta o suficiente para você?

Kronos recuou e olhou para mim com uma expressão atordoada durante toda a minha diatribe. Quando eu finalmente calei a boca, eu estremeci e baixei os olhos, me repreendendo por deixar minhas emoções tomarem conta de mim. As últimas semanas foram um inferno, suas terríveis boas-vindas e atitude foram simplesmente a gota d’água.

E agora minha boca estúpida vai me colocar de volta naquele ônibus chique com uma passagem só de ida para o verdadeiro Inferno.

Eu olhei cautelosamente para Kronos, que se elevava sobre mim por uma boa cabeça e meia. Ele parecia estar estudando meu rosto, mas seu olhar estava levemente fora de foco, sugerindo que ele estava olhando para minha alma com uma expressão preocupada. Ele lançou um olhar de lado para Kayog, como se tivesse acabado de receber uma notícia traumática. O Temern ergueu o queixo com uma expressão presunçosa, o que fez com que Kronos parecesse ter acabado de morder algo nojento.

Ele estudou meu rosto novamente, desta vez como se estivesse me vendo pela primeira vez, deixando-me completamente perplexa. Justo quando eu pensei que ele iria falar, ele olhou por cima do meu ombro para o guarda que pilotava a nave. Meu coração deu um salto quando ele assentiu bruscamente. Ele estava dizendo para ele vir me buscar?

Em vez disso, a nave decolou com um zumbido suave. Eu joguei a cabeça por cima do ombro para ter uma confirmação visual e poderia ter chorado de alívio quando o vi voando rapidamente para longe. Embora os nervos ainda doessem em meu estômago, sua partida tirou um fardo pesado de meus ombros.

Eu me virei e vi Kronos tirando a caixa ornamentada das mãos de Kayog.

— Por aqui, então — Kronos disse em um tom mal-humorado, gesticulando com a cabeça para que eu o seguisse.

Eu fiquei boquiaberta com o recuo dele antes de lançar um olhar confuso para Kayog. Ele estava olhando para mim com seus olhos prateados cheios de algo semelhante a orgulho e aprovação paterna. Ele bateu palmas em um aplauso silencioso e apontou a cabeça para Kronos para me dizer para seguir em frente.

Isso me tirou do meu torpor e eu me apressei atrás de Kronos. Ele já estava descendo a ladeira do terraço da pista de pouso até uma varanda enorme e baixa que ocupava quase metade da mansão. Eu queria deleitar meus olhos com o layout deslumbrante claramente dividido em seções distintas de entretenimento, mas haveria tempo para isso mais tarde. Ele se dirigiu para um dos imponentes conjuntos de portas de vidro entre as janelas refletivas do chão ao teto que revestiam toda a fachada.

As portas se abriram quando ele se aproximou. Kronos diminuiu um pouco a velocidade para me dar uma chance de alcançá-lo. O interior da mansão me deixou sem fôlego. Apesar da paleta de cores monocromática – composta por branco sujo, bege claro e cinza escuro – a decoração era tudo menos chata. Por alguma razão, eu esperava que linhas duras e ângulos agudos em todos os lugares combinassem com a personalidade rígida e inflexível de Kronos. Em vez disso, belos

padrões orgânicos esculpidos diretamente na pedra conferiam à casa uma atmosfera calorosa e convidativa. Cada peça de mobiliário tinha bordas arredondadas e curvas suaves. A iluminação inteligente iluminava os elementos mais claros da casa, dando-lhes um brilho sonhador.

Nós passamos por uma área de estar absurdamente enorme à nossa direita, que dava para o terraço de onde havíamos acabado de chegar. Em vez de seguir pelo grande corredor, no outro extremo do qual parecia haver um dos dois jardins internos que eu avistei durante meu voo até aqui, Kronos seguiu em direção a outra escultura em espiral esculpida na pedra cinza-clara da parede.

Para minha surpresa, ele acenou com a mão diante de uma pedra luminosa incrustada no padrão. Eu fiquei boquiaberta de admiração quando a escultura pareceu se transformar em algum tipo de líquido espesso, desfazendo rapidamente seu padrão para abrir caminho para a sala de higiene mais adiante.

— Uau! — eu sussurrei para mim mesma.

Esse lugar era lindo pra caralho! Com vontade própria, meus pés me carregaram para dentro da sala enquanto eu olhava boquiaberta para sua beleza elegante, porém discreta. A pia ficava no centro de um amplo balcão feito com um motivo semelhante em espiral. Ela ocupava um terço da parede direita da entrada, com um espelho que se estendia até o teto de quatro metros de altura. Para minha surpresa, não era apenas um vaso sanitário, mas uma sala de higiene completa com o maior chuveiro que eu já vi. Duas dúzias de chuveiros massageadores discretos alinhavam-se em três lados do chuveiro. Mas, novamente, isso fazia sentido para ajudar a lavar as costas e a longa envergadura dos Obosianos. Isso também explicava por que o assento do vaso sanitário ficava a uma distância notável da parede para fornecer espaço para as asas atrás dele.

O som de Kronos colocando suavemente a caixa no balcão chamou minha atenção. Ele estava me observando com indisfarçável curiosidade, desprovido da frieza e do desdém anteriores.

Algo mudou depois que eu perdi a cabeça. Com base nos aplausos silenciosos de Kayog e na súbita mudança de atitude de Kronos, eu fiz a coisa certa. Como diabos ficar com raiva era a solução?

Ele olhou para minha alma.

Foi esse o motivo? Olhar para minha alma revelou algo que o acalmou? Isso o convenceu de que eu estava dizendo a verdade? Eu não tinha ideia de como o poder deles funcionava. Os Obosianos mantinham isso em segredo por razões compreensíveis. A única coisa que eles tornaram público foi que podiam ver e sentir qualquer alma dentro de um determinado alcance, independentemente de serem furtivos ou usarem outros métodos de camuflagem.

O que quer que tenha causado essa mudança de atitude, eu acolhi com satisfação.

— Você pode se trocar aqui — Kronos disse com uma voz suave e educada — Há toalhas, sabonete e qualquer outro item de higiene que você possa precisar aqui — ele acrescentou, apontando para uma porta de armário alta e padrão na parede oposta à pia — Eu vou esperar por você lá fora. Basta acenar com as costas da mão na frente desta luz para trancar a porta e acenar com a palma da mão na frente dela para destrancar e abrir. A porta só pode ser trancada e destrancada por dentro — ele acrescentou, com o brilho zombeteiro retornando aos seus olhos.

Desta vez, porém, não me doeu como nas vezes anteriores.

— Obrigada. Eu realmente aprecio isso — eu disse, sinceramente.

Ele olhou para mim com aquela estranha intensidade dele. Mais uma vez, seus olhos ficaram fora de foco. Foi sutil, mas o suficiente para eu saber que ele estava olhando para minha aura novamente. Para minha surpresa, ele me deu um meio sorriso quando voltou a se concentrar em mim. Com um leve aceno de cabeça, ele saiu da sala.

Por instinto, eu me aproximei da porta para trancá-la, mas decidi não fazê-lo. Era bobo, mas trancá-la parecia um insulto, como se eu não confiasse nele para respeitar minha privacidade. Apesar do nosso começo difícil, eu acreditava que um bom homem se escondia atrás daquele exterior frio e severo. Mesmo que eu não pudesse ver isso agora, Kayog acreditava que éramos almas gêmeas. Ele nunca esteve errado. Considerando que ele não me desapontou até agora, eu continuaria a depositar minha fé nele.

Não querendo testar a paciência de Kronos por mais tempo do que o necessário, eu abri rapidamente a caixa, ornamentada com padrões dourados em relevo. Me sentindo como uma criança em seu aniversário, eu tirei freneticamente o papel de seda branco de dentro. Eu congelei, meu queixo caiu ao ver o vestido baro't saya mais requintado. Alcançando dentro da caixa com as mãos trêmulas, eu peguei o baro't, que era a parte de cima do vestido. Era definitivamente uma versão moderna da roupa. Uma linda renda floral foi bordada no tecido de piña mais luxuoso que eu já toquei. Ele formava um bustiê bastante sexy que não cobria meu piercing do umbigo. A mesma dentela florida adornava as bordas dos enormes ombros em forma de borboleta do meu baro't.

Eu coloquei reverentemente a parte de cima no balcão antes de pegar a saya – a saia. De comprimento total com as mesmas rendas em pontos estratégicos, a saia tinha uma fenda insana até o meio da coxa. Ele era escandalosamente sexy e eu não poderia amar mais. Eu rapidamente tirei meu traje folgado de prisioneira camuflado e coloquei o vestido deslumbrante. Ele encaixou tão perfeitamente que

você pensaria que foi feito sob medida para mim.

A frente da saia tinha um pequeno formato de V. A maneira como o baro't e a saya ficaram em meu corpo me convenceu de que Linsea sabia sobre meu piercing no umbigo. Por esse motivo, e como Kronos possuía alguns próprios, ela sem dúvida escolheu uma roupa que chamaria a atenção dele para uma das coisas que tínhamos em comum. Verdade seja dita, eu adorava exibir aquele piercing, o que não fazia muito no meu ramo de trabalho.

Olhando de volta para dentro da caixa, eu peguei o elegante par de sapatos de salto alto. Do mesmo branco imaculado do vestido, eles também ostentavam alguns bordados florais. Assim como o vestido, eles eram do meu tamanho exato. Por último, mas não menos importante, uma única presilha com pérolas dispostas como flores estava sobre uma almofada no fundo da caixa, com um par de brincos de pérola. Eu rapidamente os coloquei e arrumei meu cabelo. Dando um passo para trás para admirar o resultado final no espelho, eu poderia ter chorado de felicidade.

Eu estava deslumbrante.

Um pouco de maquiagem – delineador e batom – teria tornado esta imagem perfeita. Mas considerando que eu evitei por pouco me casar com um saco de batatas camuflado, eu não reclamaria. Meu coração se encheu de amor e gratidão por Kayog e Linsea. Era bobagem ficar tão emocionada por estar bonita para o que quer que fosse esse casamento. Mas eu não pude evitar.

Eu fechei a caixa e dobrei cuidadosamente o traje de prisioneira para deixar o quarto tão arrumado quanto quando o encontrei. Respirando fundo, eu acenei com a palma da mão na frente da luz e a porta se abriu. Kronos estava levemente à esquerda, de costas para mim. Ele se virou ao ouvir o som da porta se abrindo. Ele congelou no momento em que colocou os olhos em mim.

Suas íris azul-gelo pareciam se expandir, preenchendo ainda mais o mar escuro de sua esclera enquanto seu olhar vagava por mim. Quando ele parou no meu umbigo exposto e no piercing pendurado que o adornava, o rosto de Kronos assumiu uma expressão lasciva que me atingiu como uma pedra. A forma como a ponta de sua língua cinza-escura apareceu para lambe seu lábio superior – como se ele estivesse imaginando que era meu umbigo que estava lambendo – ressoou diretamente entre minhas coxas. Uma reação tão poderosa que me deixou cambaleando.

Pela primeira vez, eu dei uma boa olhada em Kronos. Eu estava tão focada em não irritá-lo que não tive tempo para avaliar o homem com quem teria que me deitar pelos próximos seis meses. Ele era muito alto - pelo menos 2 metros, talvez mais, o que eu adorei. Seu rosto era bastante atraente, com maçãs do rosto salientes, nariz nobre e lábios

carnudos que imploravam para serem beijados e devorados. Ele usava uma espécie de peitoral feito da mais estranha mistura de couro preto e escamas, habilmente costurado com fios prateados e preso ao corpo por fechos magnéticos nas laterais. Calças pretas elegantes combinando abraçavam suas coxas musculosas e botas pretas brilhantes completavam o traje. O tamanho dos bíceps em seus braços nus sugeria quão bem definidos seus peitorais e abdominais provavelmente seriam.

A julgar pelo número de piercings em suas sobrancelhas e orelhas pontudas de elfo, não pude deixar de me perguntar quantos mais ele possuía. Aparentemente, o mesmo pensamento estava passando por sua cabeça.

— Essa roupa é realmente melhor — Kronos disse finalmente, sua voz profunda e agradavelmente rouca – outro fato que eu estava cansada demais para notar antes — Venha.

Sem outra palavra, ele girou nos calcanhares e saiu.

Melhor?! É isso? Nossa, está com medo de gastar todos os seus elogios?

Eu imediatamente me repreendi por minha reação boba. Aquele vestido me fez sentir linda, e a parte necessitada de mim queria que isso fosse reconhecido. Do jeito que ele olhou para mim quando eu saí, eu esperava que ele se emocionasse com o quão gostosa eu estava ou o arrancasse de mim para fazer o que quisesse... o que teria sido bastante estranho.

Ainda assim, sua fachada fria e distante caiu, me concedendo um vislumbre de um lado quente e sujo do meu futuro marido que eu nunca seria capaz de apagar da minha mente. Enquanto eu o seguia para fora de casa, hipnotizada pelo balanço suave de sua longa cauda, eu não sabia dizer se isso me assustava ou me excitava.

Capítulo 4

Kronos

Conduzindo Malaya de volta ao terraço, eu ainda não conseguia acreditar que tinha concordado em casar com uma criminosa condenada. E ainda assim, sua alma estava limpa... mais que limpa. Na verdade, eu raramente tinha contemplado uma alma com metade da beleza dela. Ela brilhava com a força de mil sóis, seu brilho era hipnotizante... fascinante.

Seu discurso anterior também não continha engano. Quer fosse culpada ou não, Malaya acreditava genuinamente na sua inocência e na corrupção do juiz Wuras.

Isso era um problema.

Se provadas verdadeiras, as acusações da Malaya causariam o maior escândalo que abalaria o meu povo por gerações. As consequências políticas e sociais disto seriam monumentais. Eu não queria ter que lidar com essa bagunça. Mas eu não poderia ignorar isso ou fechar os olhos sem trair tudo o que defendia e em que acreditava. Pior, isso me tornaria um covarde.

Eu lancei um olhar de lado para a humana. Ela constituía meu problema mais imediato para resolver. Os deuses sabiam que eu não tinha pressa em me casar. No entanto, se ela realmente fosse minha alma gêmea, como afirmava o Temern, então eu não poderia deixá-la escapar por entre meus dedos.

Malaya não poderia ser mais diferente de tudo que imaginei quando Kayog a mencionou pela primeira vez para mim. Ela era menor e parecia mais frágil do que eu esperava, mas também muito mais bonita. Aquela roupa de prisioneira escondia as lindas curvas de seu corpo, e principalmente aquele piercing de dar água na boca em seu umbigo. Eu não deveria me concentrar em características tão superficiais, mas não pude evitar. Quando ela saiu da sala de higiene, a onda de luxúria que surgiu em mim me deixou cambaleando. Quase parecia com como nossos jovens entravam em seu primeiro cio. Eu mal podia esperar para descobrir se ela tinha outros piercings em outro lugar.

Suas emoções também provaram ser um banquete ao qual eu

pretendia me entregar descaradamente. Sua raiva tinha um gosto bom. Mas a felicidade dela tinha um sabor divino. Qual seria o sabor do prazer dela? Dito isso, eu fiquei perturbado com o quão obscura e nojenta sua dor e humilhação haviam sido. Eu me alimentava regularmente da dor e do desespero dos prisioneiros, o que sempre constituía uma refeição agradável e satisfatória. Por que sua angústia era tão desagradável?

Mas tais reflexões teriam que esperar até mais tarde. Kayog e a Sacerdotisa Biondi desceram da pista de pouso para o terraço principal de entretenimento. Eu mal me abstive de revirar os olhos ao vê-los parados à beira da piscina. Com as lindas plantas e a vista deslumbrante da paisagem de Molvi como pano de fundo, este era um cenário respeitável para a realização de um casamento.

Eu fiquei perplexo por eles chegarem a tal extremo para fazer com que isso parecesse uma união tradicional entre duas pessoas apaixonadas. Eu tinha ouvido falar de inúmeros lugares incomuns em que Kayog realizou casamentos acelerados semelhantes. Uma parte de mim suspeitava que ele estava fazendo isso por Malaya. Por alguma razão, todo esse negócio parecia ser importante para ela. As emoções que irradiavam dele sempre que a olhava ou interagia com ela tinham um toque fortemente paternal e protetor. Outra parte de mim acreditava que ele estava jogando um jogo para me envergonhar ou me acalmar.

Embora eu não fosse um empata no sentido tradicional como sua espécie era, eu ainda conseguia sentir as emoções de outras pessoas – ou melhor, saboreá-las, se assim o desejasse. Como ele havia adivinhado corretamente, no momento em que Malaya chegou, eu examinei cuidadosamente sua alma e experimentei suas emoções em resposta às minhas boas-vindas intencionalmente nada amigáveis para testar sua verdadeira natureza.

Cada uma de suas respostas destruiu meus preconceitos sobre quem e como ela seria. Para minha surpresa – e para minha alegria – ela estava se revelando bastante atraente, tanto por dentro quanto por fora. Para ser sincero, eu também me senti aliviado quando disse a Zolran que ele poderia ir embora. Por mais frio e inflexível que muitas vezes eu parecesse, eu não teria tido nenhum prazer em mandá-la de volta para a triagem para ser recolhida pelos guardas de Dakon. Mas eu não teria me casado com uma criminosa se ela tivesse falhado no teste.

— Malaya, minha querida, você está de tirar o fôlego! — Kayog exclamou com aquele orgulho e carinho paternal que ele projetava sempre que se dirigia à minha futura companheira.

Isso me deixou perplexo. Pelo que eu sabia, ele só a conheceu uma ou duas vezes antes, quando toda essa provação começou. O que

poderia ter criado um vínculo tão forte? Não havia nada de impróprio entre eles. De qualquer forma, um único encontro com Kayog e Linsea foi suficiente para que até a pessoa mais lenta percebesse que aqueles dois estavam perdidamente apaixonados um pelo outro. Mas minha curiosidade agora foi despertada. Eu teria que descobrir como ela ganhou tanta devoção dele.

— Você é muito gentil — Malaya disse, seu lindo rosto brilhando com uma gratidão sincera enquanto ela sorria para o Temern — Eu nunca poderei agradecer a você e a Linsea o suficiente por um presente tão atencioso e maravilhoso.

Incapaz de resistir, eu absorvi um pouco da energia emocional que ela emitia. Tharmok me leve! Tinha um sabor doce e picante, com uma pitada de calor. Foi preciso toda a minha força de vontade para não começar a me empanturrar dela. Eu quase projetei meu *bakaan*, a aura que todo Obosiano possuía e que afetava fisiologicamente as pessoas, desde apenas fazê-las se sentirem apaziguadas e relaxadas, até deixá-las loucas de luxúria.

O sorriso conhecedor que o miserável Temern lançou em minha direção me trouxe de volta ao momento presente. Quaisquer dúvidas que eu ainda pudesse ter sobre o fato de parte disto ter sido orquestrado para me forçar a ver o apelo da Malaya desapareceram completamente.

— Se vocês dois estiverem prontos para prosseguir, por favor, aproximem-se — disse a sacerdotisa. Nós obedecemos, parando a um metro dela — Ótimo! Agora, por favor, fiquem lado a lado e segurem a mão um do outro.

Mais uma vez, nós fizemos o que foi solicitado. A mão de Malaya parecia minúscula na minha, despertando instantaneamente meus instintos protetores. O calor e a suavidade de sua pele me deixaram ansioso para acariciar as costas de sua mão, o que obviamente eu não fiz.

— Nós começaremos com o Véu e o Cordão — Isobel disse, acenando discretamente para Kayog.

Eu fiz uma careta, confuso sobre o que isso significava. Mas o suspiro de Malaya chamou minha atenção. O ar de descrença e admiração em seu rosto só aumentou minha confusão. Eu segui seu olhar e percebi que Kayog tinha outra caixa escondida pela envergadura de suas asas. Ele recuperou um tecido branco dele. A respiração de Malaya engatou quando ele o desdobrou ao se aproximar de nós. Outra onda poderosa de alegria e gratidão irradiou dela, fazendo-me sentir tonto com sua potência.

Como a Sacerdotisa disse, tratava-se de um véu muito longo, transparente com bordados florais nas bordas. Como eu me lembrei que as noivas em casamentos humanos muitas vezes usavam véu, não

pensei muito nisso quando Kayog começou a prendê-lo no cabelo dela, além de achar estranho que não o tivessem incluído na caixa antes de ela ir se trocar. Pelo que eu sabia, a noiva caminhava pelo corredor com o rosto já coberto por ele.

No entanto, Kayog não apenas não cobriu o rosto com ele, apenas o cabelo, mas também colocou a outra metade do véu sobre meus ombros, mantendo-o no lugar por um fecho magnético em meu peitoral. Qualquer que fosse a expressão que meu rosto exibisse, ela pareceu diverti-lo quando ele envolveu o bico com a mão direita, em um gesto típico dos pássaros para expressar vergonha ou reprimir o riso.

No caso dele, era definitivamente uma risada.

— O véu é o símbolo da pureza do amor que só pode ser encontrado entre um casal — disse a Sacerdotisa Biondi com voz solene, chamando a nossa atenção — Ele simboliza o escudo que protegerá sua união de forças externas negativas e o abrigo sob o qual vocês poderão encontrar conforto, força e consolo em momentos de necessidade.

Enquanto ela falava, Kayog foi buscar um segundo item da caixa. Desta vez, parecia ser uma longa corda feita de cordões de contas brancas parecidas com pérolas. Quando ele a colocou sobre a cabeça de Malaya, com os três fios da corda apoiados em seus ombros, eu percebi que a longa corda estava amarrada em um símbolo do infinito. O primeiro círculo envolveu Malaya, e o segundo círculo ele colocou sobre minha cabeça para descansar em meus ombros.

— Este cordão é o símbolo da unidade e do vínculo eterno de amor e fidelidade — continuou a Sacerdotisa Biondi — Um pode ser dominado, mas dois podem permanecer fortes contra a adversidade. Um cordão de três fios não se rompe facilmente. O primeiro fio representa você, Malaya. O segundo representa você, Kronos. E o terceiro é o amor que amarrará o seu futuro com um fio inquebrável, seja qual for a tempestade, seja qual for o desafio que os sobrecarregue.

A mão de Malaya apertou a minha enquanto a sacerdotisa pronunciava essas palavras. Para minha surpresa, eu me vi retribuindo instintivamente o gesto. Agora que eu não acreditava mais que ela fosse uma criminoso, aquela terrível necessidade de protegê-la e tranquilizá-la mais uma vez veio à tona.

Sem mencionar o desejo ardente de saborear a torrente de emoções que emanava dela.

— Nós estamos reunidos aqui para celebrar a união desta mulher, Malaya Velasco, e deste homem Obosiano, Kronos Aramon, no sagrado vínculo do casamento. Essa união deve ser celebrada livremente, com intenções honestas, um compromisso genuíno, e não

para ganhos financeiros ou fins enganosos — disse a sacerdotisa — Malaya Velasco, você aceita livre e voluntariamente este homem Obosiano, Kronos Aramon, como seu marido legalmente casado, para o bem ou para o mal, nos bons momentos e nas dificuldades, na doença e na saúde, até que a morte os separe?

— Sim — Malaya disse, com a voz um pouco trêmula de emoção.

— Kronos Aramon, você aceita livremente esta mulher, Malaya Velasco, como sua esposa legítima, para o bem ou para o mal, nos bons momentos e nas dificuldades, na doença e na saúde, até que a morte os separe?

— Sim — eu respondi, atordoado pela sensação de paz – quase de retidão – que desceu sobre mim enquanto eu pronunciava essas palavras.

— Kayog Voln, você confirma que está aqui como testemunha e Ninong desta mulher humana, Malaya Velasco, e deste homem Obosiano, Kronos Aramon, já que eles se comprometeram livremente a serem legalmente casados um com o outro de acordo com as leis humanas e galácticas?

— Sim — disse Kayog.

Eu não tinha ideia do que era um Ninong, mas imaginei que estivesse ligado ao que quer que fosse aquele ritual de véu e cordão.

— Pelo poder que me foi conferido pelo Colégio Clerical da Terra e pela Organização dos Planetas Unidos, eu os declaro marido e mulher. Kronos Aramon, você pode beijar a noiva — disse a Sacerdotisa Biondi.

Eu me virei para Malaya... minha esposa. A corda e o véu que nos prendiam não nos davam muito espaço para movimentos amplos. Meus olhos se encontraram com os dela. Eles eram de um tom incomum e deslumbrante de verde escuro e marrom, emoldurados por infinitos cílios naturais. Para minha alegria, eles não tinham medo, apenas um nervosismo compreensível misturado com algo semelhante à timidez. Seus dedos apertaram um pouco mais os meus. Desta vez, eu acariciei as costas da mão dela com o polegar, em um gesto reconfortante. Seus olhos se arregalaram levemente em resposta.

Eu segurei a lateral de seu pescoço com a palma da mão livre, meu polegar levantando suavemente seu queixo enquanto me inclinava para frente. Os lábios de Malaya se separaram levemente enquanto a energia nervosa irradiava dela em massa. No momento em que nossos lábios se tocaram, uma onda de luxúria explodiu na boca do meu estômago. Eu mal consegui controlar meu *bakaan*, mas não pude deixar de provar suas emoções novamente.

Grande erro.

O sangue correu para minha virilha e meus músculos abdominais se contraíram dolorosamente em resposta ao latejar entre minhas

coxas. Pelo sangue de Tharmok! Se sua excitação florescente desse beijo casto tinha um gosto tão bom, deleitar-me com suas emoções uma vez que eu a tivesse se contorcendo debaixo de mim no auge da paixão me deixaria louco.

Temendo perder o controle do desejo irracional que essa pequena humana despertou em mim, eu encerrei o beijo com muito mais relutância do que jamais admitiria. Meu olhar travou com o da minha companheira. Choque, admiração e confusão passaram em rápida sucessão em seu rosto. Eu não conseguia ler as emoções da mesma forma que o Temern, mas naquele instante eu sabia, sem qualquer dúvida, que nosso breve beijo a havia afetado da mesma forma que me afetou.

— Parabéns! — Kayog exclamou, quebrando a magia.

— Obrigado — eu resmunguei, me virando para encará-lo.

Ao fazê-lo, o movimento puxou o véu e a corda que me prendiam à Malaya. Ela soltou uma risada nervosa e lançou um olhar de lado para Kayog.

— Oh, certo! — exclamou o Temern, enquanto se aproximava para remover a corda e o véu de nós — Parece que eu sou um Ninong ruim.

— Ninong? — eu repeti.

— É o nome que damos ao padrinho do casamento — Malaya explicou em seu lugar — Normalmente, os Ninong e Ninang são um casal escolhido pela grande força de seu próprio casamento e que pode ajudar a orientar os noivos em quaisquer obstáculos que possam encontrar em sua união.

Eu balancei a cabeça lentamente. Embora eu suspeitasse que Kayog e Linsea não tivessem sido escolhidos, mas sim voluntários para o papel, o amor e a harmonia inegáveis de seu casal os tornariam os candidatos perfeitos para isso.

O Temern respeitosamente dobrou o véu e o cordão e os colocou com muito cuidado de volta dentro da caixa que a Sacerdotisa manteve aberta para ele. Ele então fechou a caixa e voltou para nós antes de entregá-la cuidadosamente a Malaya.

— Você passou por momentos realmente difíceis e assustadores. Mas essas dificuldades tinham um propósito, e era trazer você aqui para este homem — Kayog disse mais uma vez naquele tom paternal que ele sempre usava com minha companheira — Eu não tenho absolutamente nenhuma dúvida de que vocês dois são almas gêmeas. Ele é um bom homem. E juntos vocês realizarão grandes coisas e salvarão muitos inocentes.

— Obrigada. Obrigada por tudo — Malaya disse, com a voz cheia de emoção.

Para minha surpresa – refletida no rosto de Kayog – Malaya se jogou em seus braços. Sua surpresa deu lugar a aquele olhar paternal

novamente, e ele retribuiu o abraço, fechando as asas ao redor dela antes de esfregar a lateral do bico em sua têmpora. Ele a soltou um breve momento depois. Ela deu a ele um sorriso tímido enquanto murmurava um pedido de desculpas.

Ele riu — Está tudo bem, Malaya. Todo mundo precisa de um abraço de vez em quando, inclusive eu. Mas antes de deixá-los para se conhecerem melhor, devo lembrá-los dos termos do acordo — ele continuou em um tom mais sério — Normalmente, um segundo casamento deve acontecer antes do final do dia de acordo com a cultura do noivo. No entanto, como os casamentos Obosianos envolvem um vínculo permanente e inquebrável, esse requisito é suspenso até que vocês completem o período experimental. Durante os seis meses desse período experimental, ambos se comprometem a fazer todos os esforços genuínos necessários para dar a esta relação uma oportunidade de sucesso. Vocês também se comprometem a consumir sua união esta noite. Se, no final do período experimental, algum de vocês quiser sair, o casamento será dissolvido e Malaya será enviada para o Setor do Senhor Dakon para cumprir o restante da pena. Caso contrário, vocês permanecerão aqui juntos para formalizar sua união de acordo com os costumes locais. Alguma pergunta?

Nós dois balançamos a cabeça. Embora Malaya tenha apenas corado com a menção de cumprir nossos deveres conjugais, eu não perdi a tensão que endureceu suas costas quando ele abordou a possibilidade dela ser enviada para o Setor de Dakon caso nossa união fracassasse. Eu não sabia como as coisas evoluiriam entre Malaya e eu nos próximos meses, mas não deixaria que ela acabasse em uma situação tão terrível. Apesar das muitas perguntas que eu tinha sobre o que exatamente havia acontecido com o caso dela, eu não questionava mais sua inocência. Nenhum criminoso poderia possuir uma alma tão bela e pura como ela.

— Excelente! Isobel e eu precisamos ir embora. Nós temos muito mais casais felizes para unir em sua nova jornada. Mas antes de ir, eu trouxe alguns presentes de casamento para você, Malaya — Kayog disse com entusiasmo.

Ele olhou para a esquerda, em direção ao terraço elevado da plataforma de pouso, onde sua nave ainda esperava por ele e pela Sacerdotisa. Nós seguimos seu olhar apenas para ver seu piloto descendo a rampa que liga os dois terraços, com um carrinho flutuante carregado com uma série de caixotes o seguindo.

— O que é tudo isso? — Malaya perguntou, ecoando meus pensamentos.

— Eu consegui recuperar todos os seus pertences pessoais não confiscados — Kayog disse presunçosamente — Você encontrará suas roupas, sapatos, álbuns holográficos, assim como os prêmios de

jornalismo que ganhou ao longo dos anos.

— Oh meu Deus! Kayog, você é incrível! — Malaya exclamou — Você não é apenas um Ninong. Você é minha fada madrinha!

O Temern riu, parecendo satisfeito. Foi atencioso da parte dele, mas eu não pude deixar de me sentir um pouco irritado por ele não ter me considerado para suprir as necessidades da minha nova companheira.

— Linsea e eu também adicionamos alguns presentes pessoais. Nada chique. Os dois mais caros são um computador novo e um datapad — Kayog explicou. Ele se virou para mim quando percebeu minha carranca — Naturalmente, dadas as circunstâncias, você precisará autorizar o uso de determinados recursos.

Acalmado, eu grunhi meu consentimento. Felizmente, Malaya não fez alarde sobre isso, tendo aparentemente entendido que regras estritas eram aplicadas aos condenados quando se tratava de acesso à tecnologia, e especialmente aos sistemas de comunicação que lhes permitiam contatar pessoas fora do controle do seu Diretor.

Depois de mais algumas palavras, nós nos despedimos do Temern e da Sacerdotisa e assistimos a nave decolar. Assim que a nave começou a desaparecer no horizonte, eu me virei para olhar para minha companheira apenas para encontrá-la já olhando para mim com uma expressão ilegível.

— Você tem medo de mim? — eu me surpreendi ao perguntar. Nada em seu comportamento expressava medo, mas eu precisava saber.

— Não, não tenho — Malaya disse com uma confiança que me surpreendeu.

— Você não tem? — eu insisti, levantando uma sobrancelha divertida.

Ela balançou a cabeça, com a mesma expressão ilegível no rosto — Kayog não teria me casado com você se pensasse que você era mau ou que me faria mal.

Eu inclinei minha cabeça para o lado enquanto estudava suas feições — Você confia *tanto* assim nele?

Minha companheira assentiu sem hesitação — Completamente. Eu vi tudo de bom que ele fez ao longo dos anos. Ele é um homem bom e confiável que faz de tudo para espalhar felicidade ao seu redor e justiça quando pode.

Eu apertei meus lábios enquanto pesava suas palavras. Embora fosse principalmente um agente casamenteiro, Kayog realmente se intrometia em questões políticas, diplomáticas e econômicas de alguns dos casais que ele formou. Embora sempre indireta, sua interferência em favor das espécies primitivas envolvidas não poderia ser negada.

— Isso significa que você acredita na afirmação dele de que você e

eu somos almas gêmeas? — eu perguntei.

— Kayog diz isso — ela respondeu com naturalidade.

— Não foi isso que eu perguntei. O que *você* acha? — eu insisti.

Desta vez, ela fez uma pausa, parando um momento para refletir sobre sua resposta e escolher as palavras. Por um motivo que não consigo explicar, me doeou o fato de ela não ter respondido a essa pergunta com a mesma rapidez e segurança que respondeu as outras.

— Não tenho motivos para duvidar de Kayog — Malaya disse finalmente — Não vou mentir, pessoalmente eu não vejo isso. Não me interprete mal, eu te acho muito atraente. Mas se nós tivéssemos nos encontrado aleatoriamente na rua, duvido que algum de nós tentaria trocar uma palavra com o outro. Nós teríamos simplesmente passado sem nos reconhecer.

— Certo... — eu disse de uma forma evasiva.

Isso pareceu despertar sua curiosidade — Você também não sente que somos almas gêmeas, certo? — Malaya perguntou, uma ponta de incerteza infiltrando em sua voz.

— O Temern acredita que sim — eu respondi com um encolher de ombros.

Eu ri quando ela me deu um olhar de 'Você está falando sério?' por minha resposta evasiva momentos depois de eu ter reclamado dela por fazer o mesmo. Eu abaixei a cabeça em concessão.

— Sim. Acredito que somos almas gêmeas — eu disse. Sua expressão chocada ao ouvir minha resposta só me fez sorrir ainda mais — Assim como você, eu não sinto isso e provavelmente não teria lhe dado uma segunda olhada se tivéssemos nos conhecido em circunstâncias diferentes. Mas agora que o destino forçou essa comunicação, eu lhe dei uma segunda olhada. Além do fato de Kayog nunca ter errado, você é uma mulher atraente, sua alma é inesperadamente muito bonita e suas emoções são... deliciosas.

Ela ficou boquiaberta para mim, claramente não esperando essa resposta.

— Deliciosas? — ela repetiu, parecendo perplexa.

A princípio, ela se encolheu, essa não era a pergunta que ela pretendia fazer. Mas sua mente provavelmente ainda estava muito confusa quando ela deixou escapar a pergunta.

— Mmhmm — eu respondi de forma provocadora — Venha, vamos entrar.

Sem esperar pela resposta dela, eu programei o carrinho para me seguir, girei nos calcanhares e voltei para dentro de casa. Eu ouvi o som discreto de seus saltos enquanto ela corria atrás de mim. Não querendo arrastar o caminho atrás de mim pela imponente mansão, eu virei à esquerda no primeiro corredor largo que encontramos e continuei passando pelos dois primeiros quartos, parando naquele à

esquerda antes do final. Eu abri e entrei com o carrinho, que levei para um canto da sala.

Embora ela não tenha ficado ofegante como eu esperava, a mudança radical nas emoções de Malaya quando ela percebeu para onde eu a havia levado me fez rir. Eu a encarei com um sorriso zombeteiro enquanto ela tentava manter uma expressão neutra no rosto.

— Relaxe, pequena humana. Nós não vamos acasalar... ainda. Este é o seu quarto — eu disse provocativamente enquanto gesticulava para o nosso entorno.

— *Meu quarto?* — ela repetiu com um olhar questionador — Não é nosso?

Eu balancei a cabeça — Não. Você tem seu próprio quarto. No entanto, conforme exigido pelo nosso contrato, nós *acasalaremos* esta noite. Depois disso, bem... isso dependerá de você.

Malaya piscou rapidamente, visivelmente surpresa com minhas palavras. Pela primeira vez, eu desejei possuir as habilidades empáticas do Temern. Eu adoraria saber se a onda de emoções que passava por suas belas feições expressava alívio ou decepção. Através dos meus próprios poderes, eu só pude perceber que elas estavam em conflito.

— Nossos quartos são interligados — eu acrescentei, apontando para a porta lateral — Nós temos uma sala de higiene comunitária maior, embora também hajam salas privadas — eu continuei, apontando uma de cada vez.

— Entendi — Malaya respondeu em um tom que parecia indicar exatamente o oposto ou o fato de que ela não sabia bem como se sentir a respeito.

Eu sorri, subitamente intrigado com a perspectiva de aprender todas as suas nuances emocionais e como ela respondia às diversas situações que sua nova vida aqui traria.

— Está com fome? — eu perguntei.

Ela piscou mais uma vez. Desta vez, Malaya pareceu mais surpresa do que chocada — Na verdade, agora que você mencionou, estou ficando com fome.

— Ótimo. O jantar estará pronto quando eu terminar de mostrar a casa para você — eu disse em tom de aprovação — Venha.

Capítulo 5

Malaya

O alívio me inundou quando Kronos simplesmente se virou e saiu da sala sem esperar pela minha resposta. Quando eu entrei no quarto pela primeira vez e percebi que havia entrado em um dos quartos mais lindos que já vi, eu realmente pensei que ele queria que fizéssemos a tarefa imediatamente. Dizer que isso me assustou seria um eufemismo.

Na verdade, eu não tinha medo de dormir com ele. De qualquer forma, isso aconteceria esta noite. Além do fato de que eu queria garantir minha posição aqui pelos próximos seis meses, como o Obosiano radical que ele era, Kronos garantiria que honrássemos os termos do contrato. Pelo menos, ele parecia bastante gostoso. E aquele beijo anterior, por mais breve que tenha sido, fez meus dedos dos pés se curvarem de forma feroz. Em um nível visceral, eu suspeitava que o sexo com meu novo marido seria selvagem e sujo.

Uma parte de mim estava ansiosa por isso, mas não neste minuto.

Eu fiquei grata pela mudança radical em sua atitude a partir do momento em que ele concordou em me deixar vestir este deslumbrante vestido de noiva. Ele deixou de ser um idiota arrogante e se tornou alguém razoavelmente agradável. Ele até riu e sorriu algumas vezes. Eu realmente gostei quando ele fez isso. Isso suavizou seu rosto da maneira mais maravilhosa. Kronos naturalmente tinha uma presença nobre, o que poderia ser percebido como um ar de superioridade. Eu estava começando a pensar que era uma impressão enganosa.

Minha mãe era assim. Ela era uma senhora muito elegante. Muitas vezes as pessoas presumiam erroneamente que ela era esnobe, distante e que se considerava melhor do que os outros. Ela era apenas reservada e introvertida. Mas para quem a conhecia, ela era a pessoa mais doce e amorosa do mundo.

Eu só podia esperar que o mesmo se aplicasse ao meu Obosiano.

Ao entrar novamente no corredor por onde havíamos chegado ao meu quarto, meus olhos se moveram de um lado para o outro, absorvendo a beleza refinada do ambiente. Tudo aqui era enorme. Os

corredores eram tão largos que você pensaria que cada cômodo era uma sala de aula em vez de um quarto de uma residência particular. Todos os tetos abobadados deveriam ter pelo menos quatro metros de altura, e ainda mais altos na área central da casa. Todos foram esculpidos diretamente na pedra da montanha e depois polidos.

Todo o domínio tinha o nível certo de móveis elegantes. Eu não o qualificaria como Zen ou minimalista, mas certamente não era confuso. Enquanto Kronos me mostrava, com suas grandes asas de couro se movendo de tempos em tempos, eu percebi que os amplos espaços tanto nos vários corredores quanto entre os móveis deveriam permitir espaço para ele abrir as asas sem derrubar coisas. Eu poderia imaginar a bagunça que ele causaria no apartamento apertado em que eu morava se de repente decidisse se esticar com aquelas asas enormes.

Como eu havia adivinhado com precisão durante meu voo até aqui, a mansão - para não dizer o castelo - estava espalhada por três níveis, com mais quartos de hóspedes do que eu poderia contar, três áreas de estar enormes, cada uma com seus próprios terraços imponentes, uma cozinha de tamanho industrial com uma sala de jantar para banquetes grande o suficiente para acomodar quarenta pessoas e duas salas de jantar menores, de tamanho mais razoável para uma família ou, neste caso, um casal. Na verdade, uma ala inteira do castelo era reservada para Kronos. Ela continha seu escritório, uma sala de treinamento e, em seguida, uma sala inteira de vigilância com inúmeros monitores, computadores e outras máquinas. Eu não conseguia nem imaginar qual era o propósito que eles serviam para assegurar os prisioneiros.

Mas as minhas partes favoritas foram sem dúvida os pátios interiores com os jardins mais incríveis repletos de plantas exóticas, coloridas e perfumadas como nunca tinha visto antes. O maior dos dois tinha, na verdade, uma cachoeira que caía em uma grande bacia no andar principal - que por acaso era o do meio - que se transformava na piscina mais longa da galáxia.

Eu levaria dias com um mapa para me orientar neste lugar sem me perder sistematicamente.

— Sua casa é linda — eu disse com toda sinceridade — Mas isso não é grande demais para um homem solteiro?

Ele bufou e me lançou um olhar divertido de lado — Esta é agora a nossa casa e eu não sou mais *solteiro*.

Eu franzi o rosto para ele, o que fez seu sorriso se ampliar. Sim, eu realmente gosto de como ele fica quando sorri, especialmente do jeito que ele esticava aqueles lábios carnudos dele.

— Você está correta, é uma habitação enorme, mas padrão para um Diretor — Kronos explicou enquanto voltávamos para a sala de

jantar menor no andar principal — A maioria dos Diretores pertence a uma família nobre de Vargos, o mundo natal dos Obosianos. Portanto, espera-se que uma grande mansão reflita seu status. Nós também nos divertimos com frequência. São assuntos luxuosos e extravagantes que exigem esse tipo de espaço.

Eu não pude deixar de bufar ao ver a maneira como ele revirou os olhos enquanto descrevia esses eventos — Você não gosta de se divertir ou sair? — eu perguntei com curiosidade genuína.

Ele encolheu os ombros — Não sinto nenhuma necessidade particular de socializar. Mas não me importo de participar nesses eventos, ou até mesmo de organizá-los. Só que depois de um tempo fica cansativo ver os mesmos fanfarrões tentando se superar ou impressionar o resto de nós com as mesmas coisas velhas e cansativas. Porém, é bom conversar com algumas das pessoas de quem realmente gosto.

— Quando você diz organizar, certamente você tem algum tipo de serviço de buffet, certo? — eu perguntei, me sentindo intimidada apenas pela ideia de tentar manter este lugar limpo.

Kronos riu, seus olhos azuis gelados brilhando com malícia — Se você está se perguntando se eu cozinharía para as centenas de pessoas que invadiriam minha casa, absolutamente não. Todos nós temos Nundars para manter nossas casas e cuidar das tarefas domésticas, como limpar e cozinhar.

— Nundars? — eu repeti, olhando para ele interrogativamente enquanto entrávamos na pequena sala de jantar.

Ele apontou para algo dentro da sala com um sorriso provocador. Eu olhei naquela direção e meu queixo caiu ao ver o local da generosa refeição que havia sido servida sobre a mesa. Nem vinte minutos antes a mesa estava vazia.

— O quê? Quando? Como? — eu exclamei, olhando para a esquerda e para a direita em busca de quem poderia ter arrumado a mesa durante nosso breve passeio pela casa.

Kronos riu — Os Nundars são extremamente discretos. Eles são o que os humanos chamariam de nossos familiares. Eles não são animais, mas pessoas inteligentes e independentes por direito próprio.

— Então por que eles são familiares? — eu perguntei, sentando na cadeira que Kronos puxou para mim.

— De muitas maneiras, a sobrevivência deles depende de nós. Eles são extremamente sensíveis à energia que as pessoas emitem. O tipo errado irá afetá-los negativamente, especialmente emoções violentas — Kronos explicou.

Eu fiz uma careta com esse comentário — Então viver no planeta prisão que abriga os prisioneiros mais horríveis não é o pior local possível para eles?

Kronos sorriu — Tecnicamente, isso está correto. Na prática, como pode ver, as nossas habitações estão fora do alcance dos prisioneiros. Se nossas casas não fossem acolhedoras para os Nundars, eles partiriam e encontrariam um novo patrono.

Ele gesticulou com o queixo para eu começar a comer a comida. Embora eu não soubesse o que era isso, tudo parecia apetitoso. Eu peguei uma mistura de vários cortes de carne e vegetais, pegando apenas uma pequena quantidade de cada um para prová-los.

— Você os conhecerá mais cedo ou mais tarde — Kronos continuou enquanto se servia também — A aparência deles pode ser um pouco estranha para você, mas eles são extremamente pacíficos e espirituais. Não se surpreenda com o fato deles não falarem.

— Por quê? É uma deficiência física ou uma escolha espiritual? — eu perguntei com curiosidade genuína.

— Uma mistura de ambos — Kronos disse, visivelmente divertido com minha reação perplexa a essa resposta — Eles costumavam falar, mas aos poucos pararam de usar a fala física. Eles se comunicam por meio de uma forma de telepatia. Não é uma linguagem real. Na verdade, eu nem saberia definir isso, se é que é possível. É como uma transferência de pensamento. Você simplesmente sabe o que eles disseram.

— Uau! Isso parece incrível. Mas por que eles pararam de falar?

— Porque a transferência de pensamento é mais clara e honesta. As palavras podem ser mal interpretadas ou deliberadamente enganosas — Kronos disse com naturalidade.

— Ah! Honestidade de novo — eu disse provocativamente.

Ele sorriu, mas desta vez não chegou aos seus olhos fascinantes — A honestidade é tudo aqui. Embora você tenha poucas interações com os Nundars, nunca tente enganá-los.

— Não tenho intenção de fazer isso — eu disse, me sentindo subitamente desconfortável com a ameaça implícita, caso o fizesse — Mas agora estou curiosa para saber por que eu nunca vi ou ouvi falar de Nundars antes.

— Eles vivem exclusivamente com Obosianos — Kronos respondeu depois de engolir sua comida — Como eles, meu povo se alimenta de emoções e eles, por sua vez, se alimentam das nossas.

— Espere o quê? — eu perguntei, meu olhar passando para seu prato cheio antes de olhar de volta para ele.

Ele sorriu, suas presas espreitando sob seus lábios generosos — Embora comamos alimentos regulares, eles representam menos de um quarto da nossa dieta. Os Obosianos se alimentam principalmente de emoções. Nós somos parecidos com o que vocês humanos chamam de Incubos.

— Você é um demônio sexual? — eu deixei escapar,

imediatamente me culpando por isso.

Kronos começou a rir antes de estudar minhas feições com uma expressão estranha — Você parece horrorizada. Isso seria muito ruim?

Eu me mexi na cadeira, sem saber se o choque ou a excitação provocaram as emoções conflitantes que giravam dentro de mim.

— Verdade seja dita, não tenho certeza de como responder a isso — eu disse honestamente — Pelo pouco que me lembro da tradição, a vítima de um incubo ou súcubo tem o melhor sexo de sua vida durante o sono, mas o demônio suga sua força vital no processo. Com o tempo, o humano murcha e eventualmente morre por causa disso.

O sorriso de Kronos se alargou — A parte sobre ter o melhor sexo de suas vidas é correta. De fato, haverá energia sendo sugada de você, mas não é a sua força vital. Apenas a energia gerada por suas emoções. Isso não irá drená-la de forma alguma. E eu posso garantir que você *não* vai dormir durante *qualquer parte* disso.

Minhas bochechas pareciam prestes a explodir em chamas enquanto minha mente mergulhava fundo na sarjeta. Com minha imaginação vívida e miserável, eu me imaginei me contorcendo embaixo dele enquanto ele metia em mim com as asas abertas. Ele rosnava para mim, seus olhos brilhando com uma luz sobrenatural, suas presas desciam, enquanto ele sugava minha alma em um feixe interminável através de nossas bocas abertas.

Bom Deus! Eu quase podia senti-lo dentro de mim, me preenchendo até explodir com seu pau enorme. Para meu horror, minhas paredes internas começaram a se contrair, e o latejar surdo entre minhas coxas me fez querer me contorcer.

Kronos fez aquela coisa novamente onde seu rosto assumia uma expressão lasciva, e ele apenas mostrou a ponta da língua para lamber o lábio superior. Isso me deixou molhada instantaneamente. Não havia dúvida em minha mente de que ele gostava de usar a língua e que isso era um tique inconsciente que ele acionava sempre que tais pensamentos perversos passavam por sua mente. Naquela primeira vez também, quando ele fez isso depois de ver meu piercing no umbigo, eu imediatamente me senti quente e excitada. Era como se...

Não pode ser?!

— Oh meu Deus! Você está fazendo algo comigo?! Você está...?

Eu parei de falar abruptamente, embora continuasse olhando para ele com indignação. Como eu deveria perguntar se ele estava usando seus poderes de incubo para me excitar? Certamente essa deveria ser a razão para uma reação tão forte às suas meras palavras?

— Algo como o que, minha companheira? Te excitando? — Kronos perguntou, seus olhos escurecendo e sua voz caindo uma oitava — Não, minha querida. Sua excitação atual depende inteiramente de você. Bem, talvez minhas palavras tenham ajudado. Mas ainda é tudo

você. Quando eu usar meu *bakaan*, não haverá dúvidas sobre quem está fazendo o quê com você.

A maneira como ele falou essas palavras continha um desafio inegável. Kronos queria que eu pedisse a ele para me mostrar a diferença entre o que eu estava sentindo agora e ele usando seu *bakaan* – seja lá o que fosse. Minha língua queimou com o desejo de dizer-lhe para prosseguir. Mas eu já estava mortificada o suficiente por ele saber que eu estava excitada.

Eu franzi o rosto, me castigando por trazer à tona o assunto embaraçoso para começar. Embora, para ser justa, tenha sido ele que comparou seu povo a incubos.

— Então, o que é *bakaan*, afinal? — eu perguntei em um tom um pouco mal-humorado.

Minhas bochechas esquentaram um pouco mais com o olhar que ele me deu. Se um olhar pudesse falar, o dele estaria me chamando de covarde. Sim, tudo bem, nesse aspecto eu era. Mas, inferno, eu conheci o homem há apenas uma hora. Eu não estava pronta para que ele fizesse sua magia de demônio sexual em mim, muito menos na mesa de jantar.

— Se *essa* é a pergunta que você quer fazer, terei prazer em esclarecê-la, minha companheira — Kronos disse de uma forma provocante que me deixou com vontade de jogar um pouco de comida em seu rosto — *Bakaan* é uma energia especial que um Obosiano emite de modo constante passivamente em graus tão sutis que a maioria dos seres sencientes não a perceberá. Mas nós podemos controlar a intensidade e a quantidade que gastamos. É como uma aura que afetará todos ao seu alcance.

— Você está dizendo que pode excitar um monte de gente com isso apenas ficando no meio delas e... gastando? — eu perguntei, com meus olhos arregalados.

Kronos começou a rir — Tecnicamente, sim, posso. Mas na prática, não, eu não faço isso. Eu libero meu *bakaan* em um amplo raio para alimentar meus Nundars. Mas é uma emissão de baixa intensidade. Se eu o usasse ativamente nesse nível em você, isso simplesmente faria você se sentir calma e relaxada, como se tivesse acabado de receber uma massagem de corpo inteiro. Quanto mais eu aumentar sua intensidade, mais fortes serão as emoções que você sentirá, desde o bem-estar, à excitação, ao prazer total e até ao clímax.

— Sua aura pode dar um orgasmo a alguém? — eu deixei escapar, minha maldita boca falhando comigo novamente.

— Mmmhmm — Kronos disse com um brilho provocante nos olhos.

Eu me mexi novamente no assento, o latejar entre minhas coxas só ficando mais forte. Eu precisava mudar essa conversa para um território mais seguro, mas ainda tinha dezenas de perguntas para ele.

— Mas como eles realmente se alimentam de você? — eu perguntei, ainda imaginando pessoas com a boca aberta, sugando algum raio de luz dele.

— Principalmente através da pele, mas você também pode respirar — ele explicou — Para Nundars, isso é passivo. Eles não têm controle sobre isso. Sempre que estiverem na presença deste tipo de energia, seus corpos irão absorvê-la automaticamente, por isso eles precisam escolher cuidadosamente o ambiente em que irão viver.

— Mas não para os Obosianos? — eu perguntei, antes de dar outra mordida na minha comida.

— Correto. Para nós, isso é ativo. Nós escolhemos se queremos provar as emoções de alguém e quanto queremos consumir — ele respondeu, em um tom sério, antes que o brilho de travessura retornasse aos seus olhos azuis gelados — Algumas emoções nós queremos nos deliciar. Mas outras são absolutamente horríveis.

— Acho que a raiva e a violência devem ser desagradáveis — eu disse, realmente fascinada por isso.

Kronos bufou — Não, de jeito nenhum. Emoções violentas podem ser muito saborosas.

Eu recuei, surpresa com essa resposta.

— Existem muitas causas para a raiva e a violência. Até a tristeza pode ser deliciosa — Kronos respondeu novamente com uma expressão séria — É por isso que as pessoas adoram assistir a eventos esportivos em auditórios, principalmente aqueles que envolvem combates, como nas arenas de gladiadores. E é por isso que as pessoas adoram filmes com cenas emocionais angustiantes. Você vai chorar e ainda dizer que foi o melhor filme de todos os tempos. As lágrimas de alguém que chora a perda de um ente querido são especialmente deliciosas.

— Como é? — eu exclamei, desta vez totalmente chocada, para não dizer indignada — Como você pode sentir prazer com a dor de alguém?

— Nós não sentimos prazer com a dor deles. A perda e a tristeza devastadoras são tudo o que a maioria das pessoas vê quando testemunha alguém desmoronando durante um funeral ou nos momentos seguintes ao falecimento de um ente querido. Mas o que nós percebemos é o amor infinito e eterno que eles compartilharam com aquela pessoa. Ele resplandece com o brilho de mil sóis e permeia cada partícula da energia emocional que o enlutado gasta. É como estar envolto na luz dos próprios deuses. A única emoção mais saborosa que essa é o nascimento de um filho.

Eu balancei a cabeça lentamente — Uau, tudo bem. Eu nunca pensei nisso dessa forma. Então... se a violência e a tristeza extrema são saborosas para você, o que diabos você acha desagradável?

— Enganação — ele disse sem hesitação.

— Ceeerto. Parece que me lembro de você ter mencionado algo sobre desonestidade — eu falei em um tom zombeteiro.

Ele riu — Sim. Eu odeio mentiras. Me dê uma verdade dolorosa a qualquer momento em vez de uma mentira bonita. Eu posso hesitar, especialmente se for algo com o qual terei dificuldade em me reconciliar. Mas ainda prefiro a verdade.

Naquele instante, eu soube, sem sombra de dúvida, que ele estava se referindo à minha situação com o juiz Wuras.

— Malícia e crueldade são outras emoções que têm um gosto desagradável para mim, dependendo das circunstâncias — ele continuou.

— Sob quais circunstâncias a malícia e a crueldade seriam aceitáveis? — eu exclamei, estupefata.

— Quando uma pessoa má recebe o castigo — ele disse, com naturalidade — Você é uma jornalista investigativa. Tenho certeza de que você já viu casos em que uma vítima finalmente se vingou de seu agressor e deu-lhe um gostinho de seu próprio remédio – como vocês, humanos, gostam de dizer. Embora suas ações possam ser questionáveis sob a lei, não me diga que você não sente nenhum prazer com essa retribuição.

Isso me fez pausar. Sim, eu já vi alguns casos horríveis em que a vítima ou familiar da vítima se vingou do perpetrador. Por mais que eu não apoiasse os vigilantes, em alguns casos, eu me regozijava silenciosamente com a crueldade e a selvageria com que eles destruíram o perpetrador. Na verdade, apesar da minha forte crença no karma, eu mentiria se dissesse que não sentiria um prazer extremo em ver o Juiz Wuras sofrer cada uma das piores dores que um prisioneiro poderia suportar em Molvi.

Pelo sorriso misterioso que Kronos me deu, eu suspeitei que ele tivesse adivinhado quais pensamentos estavam passando pela minha cabeça.

— Isso significa que você se alimenta principalmente de seus prisioneiros? — eu perguntei, me sentindo um pouco desconfortável com isso.

— Claro — Kronos respondeu, recostando-se na cadeira, aparentemente saciado — A dor e o medo são a principal fonte de energia emocional dos meus prisioneiros. E antes que você pergunte, não, eu não os torturo, nem os coloco deliberadamente em situações perigosas. Isso seria ilegal.

— Mas então, como você consegue uma dose regular de dor e medo deles? — eu perguntei, perplexa, me imaginando cercada por prisioneiros raivosos — Quero dizer, não seria tudo o tipo de medo desagradável de pessoas sendo maltratadas pelo malvado chefe da

prisão?

— Não. Eu sobrevoos meus Quadrantes Negros e me alimento das emoções que surgem deles — ele explicou — Todos os Diretores — exceto Dakon — dividiram seu Setor em Quadrantes. Os prisioneiros são divididos entre eles com base na gravidade do crime e no quão perigosos são para os outros presos. Os mais irredimíveis são colocados no Quadrante Quatro — o Quadrante Negro. Lá, há uma batalha constante pela sobrevivência, com muitos dos prisioneiros lutando pelo domínio. Não há vítimas inocentes lá, nem elas se veem como tal.

— Espere, então você quer dizer que, se eu tivesse sido enviado para o Setor de Dakon, como Wuras inicialmente planejou para mim, eu teria sido colocada com os assassinos mais horríveis? — eu exclamei.

Ele assentiu, uma carranca sutil marcando sua testa — Dakon só leva os piores criminosos da galáxia. Todo mundo está ciente disso. O fato de Wuras ter designado você para lá é muito... preocupante.

Meu coração pulou no peito. Embora eu não fosse pressioná-lo ainda, suas palavras confirmaram que ele estava começando a acreditar em mim. Ou pelo menos ele não acreditava que eu merecia estar com tais criminosos. Todo o seu comportamento mudou significativamente a ponto dele até flertar um pouco comigo. Eu não duvidei que o exame da minha alma o tivesse convencido da minha honestidade. Isso era um bom presságio para o futuro.

— Então estou ainda mais grata por você ter me poupado desse destino — eu disse com uma voz suave.

Ele grunhiu de uma forma evasiva.

— Isso significa que você tem um posto de guarda em cada Quadrante? — eu perguntei, genuinamente curiosa para entender melhor como funcionava o sistema deles.

Ele bufou, como se eu tivesse dito algo ultrajante — De jeito nenhum. Os prisioneiros se disciplinam. Eu lhes forneço energia elétrica e, uma vez por semana, eles recebem ferramentas, materiais e recursos básicos para se defenderem sozinhos. Eles devem gerenciá-los por conta própria.

— Mas e se alguém ou um subgrupo tentar se apropriar de tudo? — eu argumentei, atordoada.

Ele riu — Alguém *sempre* faz isso, geralmente os recém-chegados. Nunca demora muito para que os outros presos acertem as coisas. Se você irritar os outros o suficiente, eles o expulsarão. A floresta não é amigável, especialmente à noite. Você não quer ficar sozinho lá embaixo.

— Uau! Mas isso não coloca automaticamente os recém-chegados em uma situação difícil? Quero dizer, se eles têm recursos limitados

para começar, por que os presos atuais gostariam de ter uma nova boca para alimentar? — eu perguntei, largando meus utensílios.

— Pelo contrário, os mais espertos acolhem bem as novas adições — ele rebateu — Os prisioneiros precisam ganhar seu sustento. Cada Quadrante possui recursos específicos que podem ser explorados. Eles não têm obrigação de colhê-los. Mas se o fizerem, eu compro deles. E com os créditos que ganham, eles compram recursos e ferramentas adicionais além dos básicos que obteriam naturalmente.

— Portanto, o nível de conforto deles está inteiramente em suas próprias mãos! — eu exclamei, impressionada.

— Exatamente. Os Quadrantes Um e Dois vivem bastante confortavelmente.

Eu fiz uma careta, atingida por um pensamento repentino — Mas eles não poderiam usar essas ferramentas e materiais que você traz para construir armas?

Ele sorriu e jogou uma mecha de seu longo cabelo branco prateado por cima do ombro — Eles fazem isso para se protegerem contra possíveis ataques dos Quadrantes Três e Quatro. Isso é raro, porque há separações entre os Quadrantes que são bastante perigosas de cruzar. Mas os presos também constroem armas para caçar na floresta ou pescar.

— O que significa que eles também podem usá-las contra você! — eu exclamei.

Kronos riu como se eu tivesse dito algo fofo — Primeiro, eles precisariam chegar até mim, o que não é uma tarefa fácil. Há três quilômetros de floresta entre o quadrante deles e esta fortaleza. Tanto animais selvagens quanto treinados patrulham a floresta — e eu não me refiro aos fofos. Além da floresta, o rio que circunda o perímetro está repleto das criaturas aquáticas mais vorazes da galáxia. E depois há o penhasco que é impossível escalar até aqui.

— Ok, isso parece um desafio e tanto — eu admiti, me sentindo segura de que não acordaria no meio da noite com algum fugitivo entrando aqui.

— E segundo, eu posso ver almas. Isso me permite perceber más intenções de longe — Kronos explicou — Eu sobrevooo meu Setor duas vezes por dia, sempre em horários completamente diferentes, para pegar meus prisioneiros desprevenidos. Embora seu traje de camuflagem permita que eles se misturem um pouco na floresta quando querem caçar ou procurar comida extra, eles não podem enganar a mim ou às feras guardiãs nas profundezas da floresta. E terceiro, você viu minha sala de vigilância abaixo. Existem muitos sensores para me informar se alguém está tentando atravessar a floresta para vir aqui ou para chegar a um Setor diferente.

— Bem, parece que você tem tudo sob controle — eu disse com

uma certa dose de admiração.

— Eu tenho — ele disse presunçosamente.

Eu mordei meu lábio inferior, me perguntando se deveria fazer a pergunta queimando minha língua.

— Fale — ele disse com uma voz de comando, percebendo minha hesitação.

— Eu só estava me perguntando se você acha que alguém como eu sobreviveria em algum desses Quadrantes — eu confessei timidamente.

Para minha surpresa, ele pareceu ponderar seriamente a questão, em vez de me dizer zombeteiramente que eu não tinha a menor chance.

— No meu Quadrante de Luz Um, sim. Não seria fácil, mas você sobreviveria. Nos Quadrantes Dois e Três, talvez. Não tenho certeza — Ele inclinou a cabeça para o lado e me lançou um olhar estranho enquanto estudava meu rosto — Você está se perguntando o que acontecerá com você se eu me divorciar de você em seis meses?

Meu rosto esquentou e eu me mexi desconfortavelmente na cadeira — Kayog já disse que eu seria enviada para o Setor de Dakon para cumprir o restante da minha sentença — eu disse, dando de ombros — Mas eu queria saber se eu poderia ser enviada para um Quadrante de Luz como o seu, se for o caso.

— Por que desperdiçar energia com tais reflexões? — ele perguntou, parecendo seriamente perplexo — Nós temos seis meses para provar um ao outro que somos almas gêmeas. É nisso que você deve concentrar seus esforços. Me dê motivos para querer mantê-la para sempre, em vez de atrair energia negativa para nós com pensamentos sombrios.

— Mas será que eu tenho alguma chance de fazer você querer isso? — eu deixei escapar, estremeando interiormente assim que as palavras saíram.

— Eu me casei com você, não foi? Se não tivéssemos chance, eu teria deixado Kayog levá-la para Amreth.

Por um motivo estúpido, meu peito aqueceu com essa resposta. Eu não estava buscando garantias — pelo menos não conscientemente — mas certamente consegui isso.

Sua braçadeira apitou e ele empurrou a cadeira para trás antes de se levantar — Preciso sair por um momento. É hora de sobrevoar meu Setor.

— Ah, tudo bem — eu disse, me levantando também. Eu dei uma olhada em seu prato. Ele ainda estava meio cheio — Você não come muito para alguém da sua altura e com a sua massa muscular. Desculpe por ter feito você falar tanto.

Kronos bufou, seus olhos assumindo aquele brilho travesso que eu

estava começando a reconhecer — Estou deixando espaço para festejar com você esta noite.

Meu queixo caiu e minhas bochechas quase explodiram em chamas de vergonha.

O sorriso de Kronos se alargou e ele acenou para a mesa — Você pode deixar tudo aí. Os Nundars cuidarão disso. Eu voltarei mais tarde.

Com isso, ele se virou e foi embora, balançando a cauda de forma hipnótica.

Capítulo 6

Malaya

Me sentindo um pouco culpada por deixar a bagunça na mesa, eu voltei para o meu quarto para lidar com um tipo diferente de bagunça. Meus pensamentos e emoções estavam confusos, graças a Kronos me dando uma chicotada.

Eu não sabia o que pensar do homem com quem havia acabado de me casar. Ele passou de totalmente rude, frio e quase desdenhoso a brincalhão e sedutor. Quem era o verdadeiro Kronos? A princípio, além de me considerar uma criminosa, ele não pareceu muito satisfeito com minha aparência. É verdade que a roupa camuflada de presidiária não ajudou, mas ainda assim... Embora eu realmente tenha notado a mudança de comportamento dele em relação a mim depois que saí da sala de higiene com meu vestido de noiva, acredito que minha explosão o levou a revisar sua opinião sobre mim.

Seja qual for a causa, eu a aceitei. E, acima de tudo, o fato dele acreditar que éramos de fato almas gêmeas - apesar de não sentir o vínculo mais do que eu - me deu esperança. Ele estava certo. Em vez de me preocupar com o plano B, caso ele me abandonasse no final do período de experiência, eu precisava fazer com que ele se apaixonasse por mim.

Mas eu posso me apaixonar por ele?

Eu refleti sobre o assunto ao entrar em meu quarto. Era realmente uma casa de tirar o fôlego, e este quarto ainda mais. Janelas reflexivas do chão ao teto ocupavam toda a parede frontal da sala com vista direta para um dos inúmeros terraços privados da casa e para a deslumbrante paisagem além. A cama king size ficava do lado direito. Atrás dela, o mesmo tipo de escultura linda, como metal líquido drapeado - mas na verdade esculpida em pedra - serpenteava pela parede até a metade do teto. Uma mistura inteligente de cinza escuro e claro, branco, bege claro e ouro claro dava ao quarto uma sensação discreta e luxuosa.

Não tinha mesa de café da manhã, mas uma escrivainha poderia servir para esse propósito, sem falar na luxuosa área de estar, com lareira e telão gigante. Este quarto sozinho era maior do que todo o

meu antigo apartamento. Eu fui até o espelho ao lado da penteadeira perto da cama e me avaliei mais uma vez.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que me achei tão bonita, em grande parte graças a esse lindo vestido. Meu olhar caiu para meu umbigo exposto, a iluminação inteligente da sala fazendo o piercing prateado quase brilhar. Eu balancei com meu dedo indicador. Memórias da maneira como Kronos lambeu o lábio superior com a ponta da língua quando o viu pela primeira vez voltaram à minha frente. A chama da excitação instantaneamente acendeu na minha barriga.

Meu Deus! Como ele podia me afetar tanto? Menos de algumas horas atrás, eu fiquei tentada a dizer a Kayog para me levar até o outro cara, porque Kronos era muito babaca. E agora, eu estava aqui fantasiando sobre as coisas que ele faria comigo esta noite.

Eu não sabia se poderia me apaixonar por Kronos. Com sorte, isso aconteceria. Mas eu certamente poderia sentir luxúria por ele. Caramba, eu já estava sentindo. Depois que eu parei de odiar seu jeito frio e arrogante, eu gostei muito da nossa conversa durante o jantar e de conhecer um pouco mais sobre o que ele faz aqui. Parecia haver um lado brincalhão nele por trás daquela fachada ativa e poderosa. E acima de tudo, um homem realmente sexy e excêntrico se escondia sob aquele forte exterior alfa.

Obviamente, eu sabia da capacidade dos Obosianos de ver almas. Mas o fato deles se alimentarem de emoções me pegou de surpresa. Eu não conseguia me lembrar de ter visto isso mencionado em qualquer lugar. Eles estavam escondendo deliberadamente esse fato? Isso assustaria algumas pessoas e seria totalmente problemático para certas espécies primitivas que o considerariam não apenas ofensivo, mas também um sacrilégio. Isso me tornava uma aberração por achar que ser casada com um íncubo era excitante como o inferno? Sem trocadilhos...

Eu dei uma última sacudida no meu piercing no umbigo e comecei a esvaziar as malas que Kayog havia recuperado. Eu estava tão esgotada com toda essa bagunça que o que eu vestiria quando chegasse aqui era a última coisa em minha mente. Havia mesmo um shopping center em um planeta-prisão? Além de organizarem festas em seus respectivos castelos, os Diretores tinham algum centro de entretenimento para seus cônjuges e familiares? Suas famílias moravam aqui com eles?

Perceber que eu sabia tão pouco sobre minha nova casa cutucou minha mente naturalmente curiosa e me deprimiu. Ninguém sabia sobre a vida em Molvi, exceto o fato de ser o pior planeta-prisão para um criminoso. Supondo que houvesse alguma forma de entretenimento aqui, provavelmente eu não teria permissão para ir até

lá. Kronos se casar comigo não mudou meu status de condenada. Isso significava que eu estava em prisão domiciliar até o dia em que conseguisse provar minha inocência? Com os Obosianos sendo tão defensores da lei e da ordem, eles me evitariam se Kronos decidisse me levar para uma de suas festas? Eles o evitariam por se casar com uma criminosa?

Meus ombros caíram e eu suspirei quando comecei a tirar minhas roupas das malas. Apesar dos pensamentos sombrios que percorriam minha cabeça, eu não pude evitar o sorriso que apareceu em meu rosto enquanto tirava algumas das minhas roupas favoritas das caixas. Kayog e Linsea foram realmente fadas madrinhas para mim.

Eu comecei a pendurá-las no closet ridiculamente grande, inteiramente dedicado a mim. Eu não consegui preencher nem um terço com meus pertences. No entanto, o recipiente cheio com meus itens não mencionáveis me fez morrer de vergonha... e excitação.

Depois de retirar minha coleção de camisolas de algodão muito confortáveis, mas também nada sexy, eu encontrei uma pilha de algo embrulhado em papel de seda branco marfim e amarrado com uma fita dourada. Meu instinto imediatamente me disse que Linsea havia colocado uma lingerie sexy para substituir a calcinha de vovó que eles sem dúvida encontraram na minha gaveta de calcinhas - já que eu não tinha encontrado nenhuma delas até agora. A ideia de algum estranho invadindo minha gaveta de roupas íntimas era mortificante. Linsea deve ter encarado com força o que encontrou.

Obviamente, eu queria acreditar que ela havia lidado com isso, e não Kayog. Isso tornaria tudo ainda mais mortificante.

Ansioso para ver o que continha, eu coloquei cuidadosamente o embrulho bastante grande na cama e desamarrei o laço. Meu queixo caiu ao ver os conjuntos de lingerie sexy que ele continha. A maioria deles era uma combinação de babydoll com fio dental em vermelho, azul, preto, branco e dourado. Todos os babydolls se separavam ao meio para revelar meu umbigo. Eu também encontrei algumas lingeries, mais uma vez com um decote tão profundo que expunha meu umbigo, ou com recortes. Por último, mas não menos importante, algumas vestes transparentes completavam os conjuntos.

Eu me senti à beira de entrar em combustão de vergonha. Não era a ideia de usar uma lingerie tão requintadamente sexy para o homem que eu precisava que se apaixonasse perdidamente por mim que me incomodava. Mas o fato de que pessoas que eu considerava quase como figuras maternas e paternas adquiriram para mim as roupas perversas que eu usaria para seduzir esse homem.

Não me fode...

Encontrar outro pacote em papel de seda confirmou meu pensamento inicial de que Linsea havia encontrado minha calcinha de

vovó e a descartado. Em troca, ela me enviou uma coleção sexy de calcinhas, desde tangas, shorts e calcinhas de biquíni, até uma variedade de sutiãs, incluindo sutiãs esportivos e sem alças. Uma grande caixa no fundo continha todos os produtos de higiene que uma mulher poderia precisar. Eu poderia beijá-la por isso.

Embora Linsea tivesse cerca de sessenta anos - embora mal parecesse ter quarenta - ela tinha gostos requintados... um pouco atrevidos. Por outro lado, considerando que ela os adquiriu para eu seduzir um incubo, suas escolhas faziam sentido.

Depois de desempacotar minhas roupas, eu olhei para os dois contêineres restantes, que seriam o computador e outras coisas semelhantes que Kayog disse ter me trazido, antes de olhar para fora. Nós tínhamos chegado aqui bem no final da tarde e o sol já estava na metade do horizonte. Eu não sabia que horas eram, mas Kronos já estava fora há pelo menos algumas horas. Ele provavelmente retornaria em breve. Eu não queria correr para ficar apresentável quando ele voltasse para cumprirmos nossos deveres contratuais.

Esse pensamento deixou meus nervos à flor da pele novamente.

O computador poderia esperar. Seduzir meu marido não poderia. Eu olhei meu novo conjunto de roupas sexy e decidi por uma babydoll branca e transparente que contrastava lindamente com minha pele acobreada. Ele tinha bordados floridos que lembravam os do meu vestido de noiva. Uma frente dividida convenientemente abria e fechava com um fecho magnético entre os seios.

Não querendo mais perder tempo, eu corri para minha sala de higiene particular. Eu teria usado a conjunta, mas não queria correr o risco de Kronos me surpreender se eu ainda não tivesse terminado. Esta também era ridiculamente grande e sofisticada. O layout combinava com o da sala de higiene perto da entrada, onde coloquei meu vestido de noiva. Eu entrei no chuveiro e me lavei rapidamente, mais grata do que nunca por ter feito depilação a laser anos atrás.

Assim que terminei, eu quase pulei quando um sistema de ventilador que eu nem tinha notado começou a soprar nas minhas costas para me secar. Claro, fazia sentido para os Obosianos ter tal sistema para cuidar de suas asas enormes. Ele fez maravilhas para secar meu cabelo.

Durante todo o tempo em que tomei banho e depois me vesti, eu fiquei atenta a qualquer som que indicasse que Kronos havia retornado. Quando eu finalmente saí da sala de higiene, toda arrumada, eu me convenci de que ele já havia retornado, mas não o ouvi. Na minha paranoia, eu quase saí para verificar o quarto dele, mas depois me repreendi por agir como uma idiota. Se eu continuasse assim, Kronos me consideraria algum tipo de maníaca sedenta por sexo.

Embora ele tenha inegavelmente me excitado algumas vezes hoje, e embora eu tivesse que admitir que todo o negócio do incubo me deixou extremamente curiosa, eu não estava impaciente para ir direto ao assunto com ele. Eu nunca fui do tipo que vai até o fim no primeiro encontro. Em circunstâncias diferentes, eu gostaria que esperássemos e nos conhecêssemos melhor antes de darmos o próximo passo. Mas isso era literalmente uma questão de vida ou morte, e eu não daria a Kronos qualquer motivo para ficar descontente comigo.

Quando ele estiver pronto, ele saberá onde me encontrar.

Eu me volvei para os dois recipientes restantes e abri o maior primeiro. Como suspeitava, ele continha um computador pessoal top de linha com monitores holográficos duplos, uma impressora e um datapad sofisticado com projetor 3D integrado. Na parte inferior eu encontrei um cartão com código de acesso à rede da OPU. Se eu quisesse reconstruir meu arquivo contra Wuras, precisaria de acesso online. Como prisioneira, esse era um grande pedido. Na maioria dos casos, seria considerado irrealista. Os presos só tinham acesso a redes fechadas para evitar que planejassem sua fuga. Se isso significasse que Kronos ficaria de babá sempre que eu estivesse online, que assim fosse. Eu pregaria a bunda intrigante de Wuras na parede, mesmo que isso levasse o resto da minha vida.

Eu olhei para fora das janelas gigantes. O sol havia se posto completamente. Uma mistura inteligente de pedras e plantas luminosas iluminava totalmente os terraços externos. Kronos ainda não estava em lugar nenhum. Eu percebi então o que me deixou tão nervosa. Isso me lembrou de quando fiz uma cirurgia para ruptura do tendão de Aquiles. Eu confiei plenamente no cirurgião para quem este era um procedimento de rotina, ele já havia realizado muitos deles. Mas ele foi retido por uma cirurgia de emergência, o que atrasou a minha própria operação. A espera me deixou louca. Minha imaginação fértil continuou evocando todos os tipos de cenários de pesadelo, todas as maneiras pelas quais as coisas poderiam dar errado, desde uma queda de energia improvisada, incluindo falha no gerador de energia, até cair no 0,000001% dos casos com as piores complicações.

No minuto em que uma enfermeira finalmente conseguiu me dar um prazo firme para que minha cirurgia fosse realizada, isso imediatamente me acalmou. Isso me ancorou. Então eu consegui me concentrar em outras coisas sem me sentir tão ansiosa. Por mais idiota que pareça, eu ficaria muito menos surtada se Kronos tivesse simplesmente dito 'Esteja pronta às dez para riscarmos essa tarefa da nossa lista'.

Suspirando, eu volvei para o menor recipiente que restava e o abri. Meus olhos quase saltaram das órbitas e um grito de felicidade me escapou quando o maravilhoso aroma de especiarias flutuou até mim.

Eu vasculhei os grandes sacos dentro: louro, alho, gengibre, pandan, capim-limão, mico, pimenta, semente de urucum... todos os temperos filipinos que provavelmente nunca encontraria aqui. Kayog incluiu até potes de patis, bagoong, shoyu e pasta de anchova. Eu adorava cozinhar, o que não conseguia fazer com a frequência que gostaria devido a todas as minhas viagens para trabalhar como jornalista.

Os Nundars me permitiram cozinhar?

Esses pensamentos foram interrompidos por movimentos no limite da minha visão. Meu coração disparou quando eu vi Kronos batendo suas enormes asas enquanto voava sobre o parapeito de pedra do terraço principal para fazer uma aterrissagem suave. Com vontade própria, meus pés me levaram até as altas paredes de vidro para observá-lo. Meu estômago agitou-se quando ele destrancou os fechos de seu peitoral para removê-lo enquanto continuava andando em direção à casa. Infelizmente, ele logo desapareceu de vista.

Com o coração batendo na garganta, eu escutei o som de seus passos, mas mal consegui ouvir alguma coisa. Primeiro, por causa do rugido do meu sangue correndo pelos meus ouvidos. Em segundo lugar, porque esta maldita casa era muito à prova de som. E terceiro porque, apesar de seu grande tamanho e massa muscular, Kronos parecia estar deslizando quando andava.

Um suspiro sufocado me escapou quando um som de escova ressoou perto da minha porta. Eu não sabia dizer se estava diretamente na minha porta ou na parede ao lado. Mas definitivamente não foi uma batida – talvez apenas as asas de Kronos raspando contra a parede quando ele as moveu.

Ou talvez ele esteja percebendo suas emoções surtadas e esteja te avisando.

Para minha surpresa – ou foi alívio? – Kronos continuou passando pelo meu quarto em direção ao seu. Depois de talvez alguns minutos que pareceram horas, eu ouvi claramente o som da porta da nossa sala de higiene conjunta se abrindo. A pequena pedra clara ao lado da porta ficou vermelha, indicando que estava em uso. Momentos depois, o som abafado de água escorrendo chegou até mim.

Me sentindo vacilante, eu me sentei na beirada da cama. Este era o ponto onde eu deveria me acalmar. Não restavam mais incertezas. E ainda assim, eu não conseguia me lembrar da última vez que fiquei tão assustada. Não fazia sentido. Afinal, era apenas sexo com um demônio sexual literal, que por acaso era muito gostoso e minha alma gêmea.

Eu fechei os olhos e respirei profundamente. Tirando a poeira das minhas antigas técnicas de meditação, eu tentei controlar minha respiração para me acalmar e trazer meu pulso de volta a um ritmo mais constante. No início, eu lutei para acalmar a vizinha em pânico

no fundo da minha cabeça, mas gradualmente eu consegui. Quando meu sangue parou de rugir em meus ouvidos, o silêncio misterioso ao meu redor tornou-se ensurdecedor. Eu enrijeci, percebendo que a água tinha parado de escorrer no cômodo ao lado.

Momentos depois, eu ouvi uma batida suave na minha porta. Eu fiquei de pé e, nervosamente, cruzei as mãos diante de mim.

— Entre — eu disse, surpresa por ser capaz de formar palavras ou por elas saírem tão claramente, sem o tremor de terror que eu esperava.

A porta se abriu daquele jeito quase mágico que todas faziam aqui. Meu coração disparou quando vi Kronos encostando o ombro esquerdo no batente da porta. Ele estava nu e descalço, exceto por um lenço preto curto bordado em ouro enrolado na cintura como um sarongue. Não era incomum que homens Obosianos fossem vistos usando esses tipos de sarongues ou saias curtas de couro, como os antigos romanos e egípcios.

Ficou fantástico nele.

Meu olhar percorreu a perfeição de seu corpo, antes escondido por suas calças e peitoral. Além de seus músculos abdominais deliciosamente bem definidos, foram os piercings dourados em seus mamilos que chamaram minha atenção. Eu suspeitei que ele teria mais desses em outras partes do corpo, com base no número de piercings nas sobrancelhas, no septo e nas orelhas.

E apostou que ele tem pelo menos mais um mais ao sul.

Eu olhei novamente para seu rosto e descobri que ele também me examinava. Meu baby-doll transparente não deixou nada para a imaginação. Para meu alívio, apesar da expressão neutra em seu rosto, Kronos não pareceu decepcionado com o que viu.

— Você está linda — ele disse em voz baixa.

— Obrigada — eu sussurrei de volta antes de dar-lhe um sorriso trêmulo e nervosamente colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Sem outra palavra, ele se endireitou da posição inclinada e estendeu a mão em minha direção, com a palma para cima. Uma multidão de borboletas voou na boca do meu estômago enquanto eu desejava que meus pés avançassem. Eu parei bem na frente dele e coloquei minha mão na dele. Com nossos olhares ainda fixos, ele acariciou suavemente as costas da minha mão com o polegar de uma forma suave.

Segundos depois, uma imensa sensação de paz tomou conta de mim. A tensão apertando minhas costas e o friozinho na barriga em frenesi desapareceram de repente.

Ele está usando seu bakaan! Ele está me apaziguando.

Foi uma sensação estranha, mas de uma forma muito agradável. Eu sorri com gratidão. A maneira gentil, quase terna, com que ele

retribuiu aquele sorriso mexeu com minha cabeça. Desta vez, qualquer medo persistente que eu ainda nutria desapareceu. Sua aura Obosiana não teve nada a ver com isso. Algo em Kronos, a maneira como ele olhou para mim, não me apressou e tentou me acalmar, me fez sentir segura.

Permanecendo quieto, Kronos me levou pela mão até seu quarto. Ele estava localizado a cinco metros de profundidade – o comprimento da nossa sala de higiene compartilhada – no final do corredor. Ele não havia fechado a porta. Seu quarto me deixou sem fôlego. Tão elegante quanto o meu, mas em tons muito mais escuros, tudo nele gritava masculinidade e disciplina. Isso não o tornou sombrio e rígido, mas deu ao ambiente uma sensação de paz e ordem.

Enquanto o meu quarto tinha padrões orgânicos bege claro subindo pelas paredes e cobrindo metade do teto, o de Kronos tinha vigas retas expostas feitas de madeira preta contra painéis de madeira marrom escuro cobrindo a parede. As linhas simétricas faziam o teto alto parecer ainda mais alto. O layout de seu quarto imitava o meu, mas girava em uma imagem espelhada, até mesmo em toda a seção da parede feita de janelas do chão ao teto com vista para um enorme terraço.

O som suave da porta se fechando atrás de nós chamou minha atenção.

Eu percebi então que ele ainda estava segurando minha mão. Ele gentilmente a puxou, me trazendo para mais perto dele, sem realmente me puxar para seu abraço. Ao mesmo tempo, a sensação agradável – como um cobertor quente e fofo enrolado em mim – desapareceu quando ele parou de usar seu *bakaan* em mim.

Eu quase chorei e pedi para ele continuar fazendo isso, mas controlei aquela reação instintiva. Claro, era bom. Mas eu adorei que Kronos só usou seu poder para acabar com meu pânico inicial, mas não para alterar minhas respostas agora que estávamos prestes a começar os trabalhos. Eu queria estar no controle de minhas próprias reações e respostas ao que aconteceria entre nós, e não ser fascinada por algum poder externo.

— Você está com medo? — ele perguntou com uma voz gentil, que rolou pela minha pele como uma suave brisa de verão.

— Não — eu sussurrei, balançando a cabeça — Estou nervoso, mas... eu confio em você. Eu sei que você não vai me machucar.

— Eu *nunca* vou te machucar, Malaya. Não importa como esta união tenha surgido, você é minha companheira agora. É meu dever protegê-la e mantê-la a salvo de qualquer coisa que possa lhe causar mal... seja eu ou qualquer outra pessoa.

Meus olhos se arregalaram ao ouvir essas palavras.

Ele está dizendo...?

— Qualquer coisa? — eu perguntei com uma voz hesitante.

— Qualquer coisa e qualquer pessoa — ele reiterou com uma firmeza que soou quase como uma promessa.

Meu coração acelerou. Embora ele não tivesse dito isso claramente, eu acreditava visceralmente que ele tinha acabado de prometer que me ajudaria nessa bagunça e me protegeria de Wuras. Em circunstâncias diferentes, com um homem diferente, eu poderia ter me perguntado se ele estava apenas me bajulando para tirar minha calcinha. Mas Kronos não precisava fazer jogos mentais para isso. Eu dei a ele um passe de ouro para mergulhar de cabeça.

Ele segurou minha bochecha com a mão livre e a acariciou com o polegar.

— Se você ficar com medo ou precisar que eu pare a qualquer momento, é só dizer, e eu o farei — ele continuou com uma voz suave, mas firme — Podemos ter uma obrigação contratual a cumprir, mas o acasalamento entre marido e mulher deve ser sempre, em primeiro lugar, uma questão de prazer e consentimento. Se eu fizer algo com o qual você não se sinta confortável, você deve falar. Eu não consigo ler emoções como um Temern. No auge da paixão, a linha entre o prazer e a dor pode rapidamente ficar confusa. Você entende?

Eu assenti — Sim, Kronos. Eu entendo. Se eu ficar desconfortável, eu falarei.

— Boa menina — ele sussurrou enquanto se inclinava para frente.

Meu estômago estremeceu novamente, mas desta vez com uma centelha de excitação, quando ele pressionou seus lábios contra os meus. Sua palma na minha bochecha deslizou para a parte de trás da minha cabeça para segurar minha nuca. Ele soltou minha outra mão para me puxar contra seu corpo firme. O calor de sua pele nua contra a minha fez com que um suspiro de prazer subisse pela minha garganta. Mas sua língua invadindo minha boca o silenciou.

Ela parecia um pouco mais pontiaguda e estreita que a de um humano, sua textura um pouco mais áspera realçava todas as sensações à medida que nossas línguas se conheciam. Ele tinha um sabor fresco, frio e ainda assim um pouco picante, quase como hortelã-pimenta. As pontas afiadas de suas presas roçando minha língua enviaram um arrepio pela minha espinha. Mas foi a sensação do piercing no meio da língua que me surpreendeu. Isso não deveria ter me surpreendido, mas mesmo assim eu engasguei e me afastei.

Meu olhar se fixou em sua boca, que se esticou em um sorriso lento e provocador, revelando suas presas. Kronos abriu os lábios e mostrou a língua. Além de ser de um tom escuro de cinza, ela não tinha a ponta arredondada como a nossa, mas era bastante pontiaguda. Para minha surpresa, em vez de parar depois de alguns centímetros, a língua de Kronos continuou se estendendo pelo queixo e pescoço,

descendo até a incisura jugular.

Meu queixo caiu de admiração, e uma pulsação surda despertou entre minhas coxas quando uma enxurrada de pensamentos perversos invadiu minha mente. Ele puxou a língua de volta para dentro da boca e seu rosto assumiu aquela expressão suja que eu sempre achei bastante excitante.

— Sim, Malaya. Continue imaginando todas as maneiras que vou usar isso em você — ele sussurrou em um tom meio promissor, meio ameaçador, que ressoou direto em meu âmago.

Sem me dar chance de responder, ele recuperou minha boca, desta vez de uma forma muito mais dominante e autoritária, enquanto suas mãos deslizavam sob os painéis frontais da minha boneca. A sensação levemente áspera de suas palmas calejadas enquanto acariciavam minha pele de uma forma ousada e possessiva fez minha pele explodir em arrepios.

Eu passei minhas mãos por seu corpo, adorando a forma como seus músculos firmes e bem definidos rolavam sob a sedosidade de sua pele. Ele quebrou o beijo, seus lábios vagando pelo meu rosto, depois pelo pescoço. Suas presas roçando minha pele me fizeram sentir outro arrepio delicioso percorrendo minha espinha.

Enquanto ainda beijava e beliscava meu pescoço e clavícula, Kronos soltou meu babydoll. Minha pele de repente ficou fria e exposta em nítido contraste com o rastro ardente de calor que suas palmas deixaram quando ele tirou a roupa dos meus ombros em uma carícia suave.

Ele se agachou diante de mim, sua boca fechando em torno de um dos meus mamilos. Isso também ressoou diretamente em meu âmago. A textura áspera de sua língua enquanto ele lambia e chupava minha pequena protuberância fez com que a umidade se acumulasse entre minhas coxas enquanto um gemido suave saía de mim. Eu deslizei meus dedos pelas mechas sedosas de seu longo cabelo branco prateado e empurrei meu peito para frente para maior contato.

Eu engasguei quando suas unhas se transformaram em garras, que ele cuidadosamente passou pelas minhas costas e por trás, deixando totalmente expostas pelo tecido quase inexistente do meu fio-dental. Minhas paredes internas se contraíram com necessidade e antecipação quando suas garras se prenderam na corda que segurava minha calcinha em volta da minha cintura e lentamente a puxaram para baixo. Simultaneamente, ele se ajoelhou diante de mim, suas asas parcialmente abertas enquanto ele beijava meu umbigo.

O som rosnado de aprovação que ele fez quando começou a lamber meu umbigo, sacudindo meu piercing com a língua, me deixou ainda mais molhada, enquanto meus mamilos pareciam pesados e doloridos, privados de sua atenção. Assim que meu fio-dental caiu no chão com

um leve farfalhar, Kronos passou os braços em volta das minhas pernas e me pegou no colo enquanto se levantava.

Eu gritei, minhas mãos instintivamente fechando em torno de seus chifres em busca de apoio. A maneira fácil como ele fez isso - nada menos que ajoelhado - falava muito sobre sua força. Sem parar para beijar e chupar meu umbigo e barriga, Kronos me carregou até sua cama e me deitou cuidadosamente em cima do colchão fofo.

Ele imediatamente enterrou o rosto entre minhas coxas. Sem provocações, sem me fazer implorar, Kronos foi direto para o ouro. Eu gritei quando a textura áspera de sua língua passou sobre minha pequena protuberância inchada. Minhas costas se arquearam sobre a cama enquanto ele lambia e chupava habilmente. Eu agarrei seu chifre superior esquerdo com uma mão e rolei e belisquei um dos meus mamilos com a outra. Suas garras ainda arranhavam cuidadosamente a pele macia da minha barriga e da parte interna das coxas. Suas palmas então acalmaram a queimação deliciosa em um loop interminável que fez minhas terminações nervosas se animarem.

Navegando nas ondas de prazer crescendo rapidamente dentro de mim, eu levei um momento para meu cérebro compreender a sensação de sondagem ao redor da minha fenda. Com ambas as mãos ainda provocando a sensação mais maravilhosa sobre minha pele e sua boca enrolada em meu clitóris, somente sua cauda havia sobrado.

Um gemido estrangulado escapou de mim quando sua ponta arredondada deslizou dentro de mim. A vozinha irritante no fundo da minha mente gritou que isso era errado, antinatural. Mas meu corpo não dava a mínima. Com vontade própria, meus quadris giraram em contraponto aos movimentos de sua cauda entrando e saindo de mim, me empurrando cada vez mais para perto do limite. Sentindo meu orgasmo iminente, Kronos acelerou o ritmo de sua cauda fazendo amor comigo, e a intensidade com que sua boca e língua chupavam e massageavam meu clitóris.

Eu gritei quando meu clímax me varreu. Ondas e mais ondas de prazer passaram por mim enquanto Kronos continuava brincando magistralmente com meu corpo. Enquanto eu voltava lentamente do meu ápice, eu levantei a cabeça para olhar para Kronos, ainda agachado entre minhas pernas. Como se sentisse meu olhar sobre ele, ele olhou para mim. Seus olhos começaram a brilhar. Ele se endireitou levemente, enquanto sua língua excessivamente longa dava uma lambida lenta e provocante em meu clitóris.

Hipnotizada, eu o observei-o puxar a cauda para fora de mim. Como uma cobra balançando ao som da música encantada de um encantador de serpentes, sua ponta brilhante parou bem na frente do rosto de Kronos. Com os olhos brilhantes ainda presos aos meus, meu marido abriu a boca. Uma onda de luxúria explodiu na boca do meu

estômago quando ele colocou a ponta na boca, lambendo minha essência.

Um sorriso quase malicioso esticou seus lábios, a intensidade do brilho em seus olhos aumentando ainda mais. Minha pele formigou e uma estranha sensação de queda passou por mim. Parecia quase uma viagem de montanha-russa, aquele momento logo após você atingir o pico, e de repente você se encontra naquele breve momento de desafiar a gravidade antes de descer com tudo.

— Pronto para a segunda rodada? — ele sussurrou, sua voz tão baixa que eu mal consegui entender suas palavras.

Eu nunca tive a oportunidade de responder. Ao mesmo tempo, ele enfiou a língua dentro de mim – assumindo onde sua cauda havia parado – uma poderosa onda de luxúria me envolveu. Eu joguei minha cabeça para trás contra o colchão e gritei enquanto a felicidade líquida fluía em minhas veias. Minha cabeça rolou de um lado para o outro enquanto um prazer intenso caía sobre mim em uma onda interminável após a outra. Em um nível subconsciente, eu entendi que Kronos estava usando seu *bakaan* em mim. Mas eu não conseguia pensar direito.

Minha pele estava em chamas e minhas terminações nervosas estavam aceleradas. Cada sensação, cada toque, até mesmo a sensação do cobertor esfregando na minha pele estava me deixando louca com a sobrecarga sensorial. Sua língua, mergulhando incrivelmente fundo dentro de mim, atçou ainda mais o inferno que me consumia por dentro. Com uma precisão sobrenatural, seu piercing na língua roçou meu ponto G, tanto ao entrar quanto ao sair, enviando faíscas elétricas através de mim. Meus gemidos e gritos de êxtase saíam de mim em um fluxo contínuo enquanto eu me contorcía na cama.

Justo quando eu pensei que minha mente iria quebrar devido a esse excesso de prazer, Kronos finalmente cedeu. A sala girou. Mesmo enquanto meu corpo continuava a tremer com espasmos involuntários, eu me sentia desossada, como se tivesse acabado de me reintegrar ao meu corpo após uma experiência extracorpórea. Minhas pálpebras pesavam uma tonelada e meus olhos pareciam querer rolar para a nuca. Era como se eu tivesse acabado de beber e estava completamente exausta, mas sem dor de cabeça.

Quando eu finalmente consegui me concentrar novamente, Kronos estava se elevando sobre mim, olhando para meu rosto. Ajoelhado entre minhas pernas, suas asas escuras abertas, suas presas à mostra e seus olhos azuis gelados brilhando, ele parecia um deus caído prestes a se banquetear com seu sacrifício pagão. E um banquete, creio que ele teve, fartando-se do turbilhão de emoções que despertou em mim enquanto eu me afogava em felicidade.

A expressão quase selvagem em seu rosto deveria me aterrorizar. E

embora tenha liquefeito meu interior, não foi o medo, mas a antecipação lasciva que a alimentou. Um tremor sacudiu minhas pernas quando suas mãos com garras - que estavam descansando possessivamente em minhas coxas - raspavam suavemente minha pele antes de passar para o sarongue curto ainda enrolado em sua cintura.

Hipnotizada por seu olhar brilhante, eu precisei de toda a minha força de vontade para desviar meu olhar, atraída pelo movimento cuidadoso de suas mãos separando seu sarongue. Eu prendi a respiração enquanto ele separava os painéis da roupa em um ritmo dolorosamente lento. Um sorriso sádico esticou seus lábios enquanto ele gostava de me torturar com essa revelação arrepiante.

E então, lá estava ele, em toda a sua glória.

Grosso e longo, seu pênis - um tom levemente mais escuro que sua pele cinza - estava orgulhosamente ereto. Algumas manchas de escamas em forma de chevron - semelhantes às que enfeitavam as bordas externas de seus ombros e antebraços - adornavam a extremidade superior de seu eixo. Como eu suspeitava, ele tinha pelo menos um piercing na parte inferior do pênis, logo abaixo da cabeça. Embora eu não pudesse ver desse ângulo, eu acreditei que ele tinha pelo menos outro piercing na parte superior. No entanto, meu estômago embrulhou ao ver uma série de pontas em cada lado de seu eixo, quase em forma de dente de serra. Isso iria me rasgar por dentro!

Como se tivesse adivinhado o que tinha acabado de passar pela minha cabeça, Kronos envolveu uma mão na base de seu eixo, apertando-o com força antes de se acariciar duas vezes. Meus medos desapareceram instantaneamente quando as pontas se curvaram com pouca resistência. Em vez disso, minhas paredes internas se contraíram com a expectativa de que tipo de sensação adicional elas proporcionariam dentro de mim.

Minha respiração engatou quando Kronos de repente avançou para deitar em cima de mim. Um gemido necessitado me escapou ao sentir o calor abrasador de sua pele nua contra a minha. Eu abri mais minhas pernas para dar mais espaço para ele, meus dedos dos pés se curvaram quando seu eixo grosso descansou contra meu sexo. Com os olhos presos nos meus, Kronos esfregou seu comprimento algumas vezes contra mim, cobrindo-se com minha essência.

Para minha surpresa, ele parou.

— Você me aceita, minha companheira? — ele perguntou em um tom baixo, sua voz ainda mais rouca de desejo.

Esse simples pedido me confundiu. Contratualmente, eu tinha o dever de dizer sim, e ele não tinha obrigação de me dar prazer como já fazia. Mas a maneira respeitosa com que ele buscou meu consentimento tocou algo profundo dentro de mim. Naquele instante, eu percebi que talvez ele fosse mesmo minha alma gêmea e que, com

o tempo, eu me apaixonaria por ele.

— Sim, Kronos. Eu aceito — eu respondi, com minha voz cheia de emoção.

Mais uma vez, seu rosto assumiu aquela expressão terna que fodeu totalmente com minha cabeça. Ele era tão frio e desdenhoso quando cheguei. E agora, aqui estava eu, me sentindo segura, quase querida, embora este último não fosse o caso.

Mas todos esses meandros desapareceram da minha mente quando Kronos recuperou meus lábios em um beijo profundo e possessivo e começou a empurrar-se dentro de mim. Apesar de quão molhada ele me deixou e do quanto ele me preparou, meu corpo resistiu à sua invasão. Não é de se surpreender, considerando sua circunferência não desprezível.

Entre beijos e carícias gentis, Kronos sussurrou palavras de encorajamento enquanto pacientemente avançava com estocadas superficiais. A certa altura, eu percebi que ele havia começado a usar seu *bakaan* novamente, mas não a versão insana com esteroides que me daria um orgasmo instantâneo e alucinante, mas a versão leve que me fez sentir relaxada, amortecendo a resistência natural do meu corpo.

E isso fez maravilhas.

Com apenas algumas estocadas adicionais e cuidadosas, Kronos foi totalmente embainhado. Eu engasguei com a leve queimadura e a plenitude incrível. Mas ao ouvi-lo sibilar enquanto fechava os olhos, uma expressão quase de dor em seu lindo rosto acendeu a chama do meu desejo. A julgar pela maneira como ele cerrou os dentes, o lábio superior curvado em um rosnado, Kronos estava lutando para permanecer imóvel enquanto eu me ajustava à sua circunferência.

À medida que a queimadura desaparecia, uma infinidade de novas sensações penetrava em minha mente a partir das pontas macias nas laterais de seu eixo, das escamas e dos piercings. Minhas paredes internas começaram a se contrair com vontade própria. Aparentemente interpretando isso como um sinal de que eu estava pronta, Kronos começou a se mover em movimentos lentos e controlados. Em vez de diminuir, a tensão em seu rosto aumentou, e ele respirou fundo entre os dentes, o que ressoou direto em meu âmago.

Este não era o rosto de alguém com dor, mas de um homem tenso sob intenso prazer. O prazer que ele estava obtendo do *meu* corpo...

Foi engraçado para mim saber que eu poderia retribuir, pelo menos em parte, o prazer alucinante que ele já havia me dado duas vezes. Mesmo enquanto seus movimentos aceleravam, as sensações insanas de seu pênis reacendiam a chama dentro de mim, e eu olhava para seu rosto deslumbrante. Seus gemidos suaves em meus ouvidos

agiam como um potente afrodisíaco por si só.

Meus dedos cravaram em suas costas quando comecei a me contorcer embaixo dele, me movendo em contraponto aos seus movimentos. Eu não sabia dizer qual deles, entre seus piercings ou suas escamas, estava afetando o sensível feixe de nervos dentro de mim, mas eles estavam fazendo contato tanto na entrada quanto na saída.

Kronos de repente abriu os olhos. Suas íris pareciam ter encolhido a um minúsculo ponto, sua esclera escura as engoliu enquanto ele me encarava com uma expressão quase selvagem. Ele emitiu um grunhido profundo e ameaçador que causou um arrepio delicioso na minha espinha antes de esmagar meus lábios em um beijo selvagem.

Naquele instante, algo parecia ter quebrado nele. Kronos liberou sua paixão em mim, enfiando mais rápido, mais forte e mais profundo. Em segundos, ele me fez chegar ao clímax novamente enquanto eu caía em mais um poço sem fundo de sobrecarga sensorial. Seu pau estava me destruindo. O calor escaldante de sua pele em volta de mim me manteve presa ao colchão enquanto ele metia em mim. Suas mãos e boca pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

Eu estava em combustão por dentro, enquanto ondas e mais ondas de felicidade tomavam conta de mim. Nada mais importava, exceto nossos corpos balançando em uma dança atemporal, o som sexy de seus grunhidos e respiração difícil misturando-se com meus gemidos e prazer... prazer sem fim me varrendo.

Depois que ele arrancou um terceiro orgasmo de mim, Kronos se afastou, me deixando desolada. Mas antes que eu pudesse compreender completamente o que estava acontecendo, a sala girou ao meu redor. No momento em que eu recuperei o rumo, Kronos estava deitado de costas, com as asas bem abertas. Eu estava esparramada em cima dele, enquanto ele me pegava por baixo.

Eu achei que não tinha forças para mais uma rodada. E ainda assim, coloquei as palmas das mãos em seu peito e me levantei. Quando eu comecei a girar em cima dele, ele agarrou meu traseiro com as duas mãos, suas garras picando minhas bochechas enquanto ele bombeava para dentro de mim. Minhas mãos esfregaram seus mamilos perfurados, arrancando dele um grunhido de aprovação.

Seus olhos pareciam completamente pretos enquanto ele olhava para mim, seus lábios entreabertos e sua respiração difícil vindo em rajadas curtas intercaladas com grunhidos de prazer. Eu percebi então que ele estava finalmente se aproximando de seu clímax, mas não tombaria sem mim.

Para minha surpresa, sua mão direita soltou minha bunda e envolveu minha nuca. Ele me puxou contra seu peito e pressionou os

lábios na minha orelha.

— Uma última vez... juntos — ele disse, com sua voz tão grossa e profunda, seu peito vibrou contra o meu.

Assim que ele pronunciou essas palavras, seu *bakaan* explodiu através de mim. Eu não sabia dizer se gritei, se meu corpo foi paralisado ou o que quer que tenha acontecido. Parecia que minha alma tinha sido arrancada do meu corpo pela violência do orgasmo que me atingiu. E ainda assim, eu ouvi distantemente o rugido selvagem que Kronos emitiu quando sua semente abrasadora disparou profundamente dentro de mim.

Eu me senti como uma folha presa no caminho de um tornado, girando em um turbilhão sem fim de sensações, me levando cada vez mais alto. Eu estava voando muito alto. Em breve, eu alcançaria o sol e queimaria até virar cinzas. Mas mãos ternas percorrendo meu corpo me mantiveram ancorada, lentamente me trazendo de volta para um terreno mais firme.

Eu pisquei enquanto lentamente recuperava o rumo. Me sentindo destruída e desossada, minha cabeça apoiada no peito de Kronos, seu pênis ainda enterrado dentro de mim, eu escutei o som estrondoso de seu batimento cardíaco diminuindo gradualmente. Ele estava me segurando com força, como se temesse que eu desaparecesse. Então suas asas nos envolveram, me protegendo em seu casulo quente.

Eu me aconcheguei mais fundo contra ele. Kronos apertou seu abraço e deu um beijo carinhoso em minha testa. Nós não falamos. Palavras não eram necessárias. Me sentindo segura... me sentindo em casa, eu fechei os olhos e sorri quando um véu de escuridão caiu diante de mim.

Capítulo 7

Kronos

Uma quantidade insana de poder percorreu meu corpo enquanto eu voava para o núcleo de poder do meu Setor. Ele fornecia eletricidade, calor e refrigeração aos meus quatro Quadrantes. Ele ficava em uma pequena ilha no centro dos Quadrantes. Um pequeno lago, infestado de criaturas carnívoras, cercava a ilha para impedir que qualquer preso que sobrevivesse à floresta que levava a ele alterasse o sistema.

Por padrão, cada Setor tinha uma usina geotérmica semelhante. Ela fornecia energia suficiente para suprir as necessidades básicas dos presos dentro de seus Quadrantes, conforme exigido pelas leis galácticas. Mas os reclusos precisavam gerir cuidadosamente a sua utilização para não acabar, o que poderia ser difícil se os reclusos não conseguissem estabelecer e aplicar diretrizes de utilização rigorosas entre si.

Aqueles que trabalhavam bem juntos e reuniam seus recursos locais poderiam trocá-los comigo por cristais de poder – entre outros confortos adicionais. Os cristais forneciam energia extra, o que poderia eliminar a necessidade de usá-la com moderação, dependendo do tamanho do cristal que eles pudessem pagar e de sua capacidade de pagar para recarregá-lo quando suas reservas se esgotassem.

Como na maioria dos Setores, os internos do Quadrante Um tinham os maiores cristais, enquanto o Quadrante Quatro era sempre uma aposta. Ou eles se esforçavam para conseguir conforto extra, apesar do caos frequente que reinava naquela zona, ou tinham as piores condições de vida porque passavam muito tempo lutando ou protegendo a retaguarda para poderem realizar qualquer trabalho que melhorasse a sua situação.

Meus prisioneiros não deveriam receber recarga por mais dez dias. Os Quadrantes Três e Quatro já haviam esgotado seus cristais, enquanto os Um e Dois ainda tinham quase um quarto restante. Se eles não abusassem de suas reservas, deveriam sobreviver até então.

Exceto que, graças à minha companheira, eu estava explodindo de *lumiak* – uma forma de relâmpago que Guerreiros Obosianos como eu podiam gerar a partir da energia que absorvíamos enquanto nos

nutrimos de emoções.

E ontem à noite, eu me banqueteei!

Pelo sangue de Tharmok... Só de pensar em Malaya instantaneamente eu fiquei duro novamente. Pelos deuses, tinha sido tão incrivelmente bom! Tudo nela era perfeito. Eu nunca me imaginei atraído por uma humana. E ainda assim, aqui estava eu. Minha companheira me fisgou. Suas emoções tinham um sabor tão divino que eu me empanturrei além da razão. Você pensaria que eu era um jovem entrando em seu primeiro cio.

Eu já tinha ouvido falar de ressacas e indigestões por causa do frenesi alimentar. Para mim, apenas uma pessoa tola mostraria tão pouco controle a ponto de ficar doente por se alimentar demais. Mas minha pele doía por causa do excesso de energia que passava por mim. Minhas mãos ardiam com a necessidade de liberar meu *lumiak* e reduzir a pressão interna.

Eu levantei as palmas das mãos na frente dos cristais de poder do Quadrante Um. Gavinhas elétricas emergiram da minha pele, contorcendo-se sobre ela antes de dispararem em um som estrondoso. Um gemido de gratidão escapou de mim quando um pouco da pressão diminuiu enquanto o cristal absorvia avidamente a energia que eu o alimentava. Esta liberação foi comparável ao alívio de uma bexiga transbordando depois de ter sido forçado a segurá-la por muito tempo.

Exceto que, quando eu preenchi completamente os três cristais de poder do Quadrante Um, minha 'bexiga' de *lumiak* permaneceu facilmente noventa e cinco por cento cheia. Embora minha pele não parecesse mais esticada demais, eu precisava liberar um pouco mais de energia. Meu rosto esquentou com o pensamento que surgiu no fundo da minha mente. Eu nem tentaria fingir que estava dando aos outros três Quadrantes uma energia que eles não conquistaram para evitar desperdício.

Eu só queria abrir espaço para poder devorar um pouco mais esta noite.

Merda! Eu não conseguia parar de pensar nela. A maneira como ela olhava, soava e respondia para mim enquanto eu a tomava. E seus orgasmos... Cada vez que Malaya atingia o clímax, sua alma brilhava como uma estrela se transformando em supernova. Parecia que os próprios deuses estavam lançando sua luz divina sobre mim.

Eu duvidava que Malaya sequer percebesse que sua alma buscava sistematicamente a minha sempre que o êxtase a levava embora. Mais de uma vez, eu quis me agarrar a isso e entrelaçar minha alma com a dela, tornando-nos verdadeiramente um. Mas os humanos não poderiam alcançar essa união definitiva a menos que se unissem a um de nós. Isso era permanente, por isso Kayog não exigiu que realizássemos um casamento Obosiano, caso eu quisesse repudiá-la até

o final de nossos seis meses.

Isso não aconteceria.

No pouco tempo que passamos juntos ontem, eu estudei mais Malaya. Embora os primeiros dez minutos do nosso encontro tenham sido suficientes para me convencer de sua inocência, aquela noite juntos consolidou minhas suspeitas de que éramos de fato almas gêmeas. Isso me emocionou e me aterrorizou. Obviamente, eu ainda não estava apaixonado por ela. Nós mal nos conhecíamos. Mas eu nunca fiquei tão hipnotizado por uma alma como fiquei com a dela. Eu poderia simplesmente ficar ali sentado por horas, aproveitando sua luz.

Eu gostei de sua mente curiosa e do fogo que escondia sob sua fachada controlada. Nossa primeira noite juntos foi uma grande fonte de preocupação para mim. Você não se força em um parceiro que não consente. Por mais que honrar um contrato ou uma palavra dada me definisse, eu não teria forçado Malaya a cumprir sua parte no acordo se ela desistisse no último minuto. A forma confiante com que ela me seguiu me tocou profundamente. E então a paixão que ela desencadeou...

Um grunhido frustrado escapou de mim enquanto eu atirava todo o *lumiak* que podia nos cristais restantes. Sangue de Tharmok, onde estava meu controle lendário? Até mesmo no meu primeiro cio, eu nunca fui controlado pelo meu pau. Esta pequena humana tinha poderes ímpios sobre mim. Foi necessária toda a minha força de vontade para me afastar dela esta manhã. Eu tive que usar meu *bakaan* para não acordá-la, ou a teria devastado novamente.

Eu mudei de posição para liberar um pouco da pressão na minha virilha. A lembrança de como seu calor úmido apertou meu pau enquanto eu metia nela uma e outra vez me fez sentir um arrepio delicioso na espinha. O anoitecer não poderia chegar rápido o suficiente para que eu pudesse me perder nela novamente.

Ela vai me permitir?

Meu estômago deu um nó com a perspectiva de Malaya não querer dividir minha cama novamente. Não pela primeira vez desde que voei esta manhã, eu me culpei por ter dado à minha companheira seu próprio quarto. É verdade que isso era padrão para os Obosianos, especialmente entre os nobres, que cada cônjuge tivesse seus aposentos privados. No meu caso, eu aceitei isso ainda mais, pois esperava que Malaya fosse realmente culpada. Eu não poderia ter compartilhado todas as noites com uma criminosa sem ficar tentado a estrangulá-la. Portanto, deixá-la apodrecer em seu quarto teria me poupado de sua presença.

Agora, eu precisava fazê-la querer passar as noites comigo. Mesmo que não acasalássemos – embora eu esperasse que isso acontecesse

com a maior frequência possível – eu só queria sentir seu corpo macio contra o meu quando adormecesse.

Depois de me livrar de todo o *lumiak* que os cristais podiam suportar, eu bati minhas asas e comecei a longa jornada até o Setor de Amreth. Eu precisava de respostas. Desde que Kayog me importunou sobre dar minha alma gêmea para Amreth, muitas perguntas me atormentaram.

Geralmente eu gostava da sensação de liberdade e poder que voar me proporcionava. Como Obosiano, eu era uma criatura sensual e me deleitava com a maioria das formas de sensações físicas. Voar oferecia muito disso, desde a tensão dos músculos das minhas costas até a carícia do vento na minha pele e como ele fluía pelo meu cabelo, e a forma como as correntes de ar empurravam para cima ou para baixo nas minhas asas. Embora eu tenha voado a vida inteira, eu nunca me cansei, cada voo permanecendo uma experiência única por si só.

Mas hoje, muitos pensamentos conflitantes guerreavam dentro de mim, me impedindo até mesmo de apreciar a vista deslumbrante da paisagem de Molvi.

Ao longe, a silhueta da fortaleza de Amreth ficava maior. Assim como a minha – e a maioria das outras mansões Obosianas – sua residência ostentava vários terraços espalhados por três andares. Além de gostarmos de aproveitar o sol, gostávamos de espaços abertos onde pudéssemos facilmente voar ou pousar. Enquanto cinza escuro, bege, dourado e vários tons de marrom dominavam a paleta de cores do meu domínio, Amreth optou por um esquema muito mais claro, principalmente branco e bege claro com ocasionais detalhes acentuados de obsidiana.

Assim que eu comecei a descer, notei meu velho amigo parado em seu terraço principal. Eu não sabia se seu sistema de vigilância perimetral o havia alertado sobre a aproximação de um intruso ou se a sorte motivou sua presença ali.

Ele me observou pousar com sua expressão serena de sempre, depois pressionou a palma da mão no peito em saudação enquanto eu diminuía a curta distância entre nós.

— Saudações, Kronos. Eu me perguntei quem entre você e Kayog iria me visitar — Amreth disse em um tom levemente zombeteiro.

— Você sabe sobre mim? — eu exclamei, sem fazer nenhum esforço para esconder minha surpresa, mesmo enquanto retribuía o gesto de saudação.

— Sim. Kayog me disse que encontraram a alma gêmea de Malaya — Amreth disse enquanto me lançava um olhar avaliador — Francamente, depois de descobrir que era você, eu fiquei bastante chocado ao saber que você realmente a manteve.

Eu enrijei, me sentindo preventivamente ofendido — Por que isso

o chocou? Ela é minha alma gêmea. Por que eu não a aceitaria?

— Porque você é incrivelmente arrogante e um dos maiores defensores das regras, até mesmo para os padrões Obosianos — Amreth disse com naturalidade — Você é a última pessoa que eu esperava que se casasse com uma assassina condenada.

— Ela é inocente! — eu rebati, me sentindo excessivamente protetor – até mesmo quase agressivo – por tê-la rotulada assim, mesmo que não houvesse desprezo em sua voz.

Um brilho estranho surgiu em seus olhos branco-prateados enquanto ele estudava minhas feições — Ela ainda foi condenada por um de nossos juízes de mais alto escalão. Estou surpreso que você tenha permitido que o Temern a trouxesse para sua propriedade.

Eu passei os dedos nervosamente pelos cabelos e caminhei até a grade de pedra da varanda. Meus olhos ficaram fora de foco quando eu olhei para baixo. Ao contrário de mim, Amreth não tinha um lago parecido com um fosso infestado de monstros na base de seu penhasco. Seus Nundars criaram um jardim deslumbrante de plantas coloridas que adornavam a grande clareira que passava pela floresta. Cada uma delas poderia matar um alvo em segundos. Algumas faziam isso com os esporos que liberavam no minuto em que você chegasse perto o suficiente. Outras o prenderam com seus tentáculos semelhantes a videiras para digeri-lo lentamente. E um último grupo o infectaria com bactérias carnívoras simplesmente ao roçar em suas folhas ou espinhos.

Como eu entrei no modo exagerado ao configurar as defesas do meu Setor, eu também adicionei uma versão menor de um jardim semelhante na margem do meu fosso.

— Sim você está correto — eu disse finalmente — Eu quase não deixei que ele a trouxesse para meu domínio. Que Diretor se casaria com uma assassina?

— Aparentemente, você – de todas as pessoas – faria isso — Amreth disse zombeteiramente.

Eu virei minha cabeça para lhe dar um olhar sombrio — Pelo que ouvi, você também estava mais do que aberto à ideia. Exceto que você nem tinha a desculpa dela ser sua alma gêmea. Por quê?

Ele bufou — Eu apenas pensei nisso. Você fez isso. Eu é que deveria fazer essa pergunta a você.

Eu bufei, irritado, e então me virei de lado para encará-lo, meu cotovelo apoiado no parapeito — Eu não percebi nenhum engano na alma do Temern. Ele realmente acreditava que ela era inocente e que ela era minha alma gêmea. Se ele estivesse certo, e eu negasse, estaria cometendo um crime ainda maior ao permitir que Malaya fosse enviada para o playground de Dakon.

Amreth assentiu lentamente — Meu raciocínio foi o mesmo. Mas

admito que nunca pensei que você ouviria o suficiente para ser influenciado.

Eu franzi o rosto enquanto reprimia a vontade de dar-lhe uma bronca. Por mais que eu acreditasse ser razoável, eu fiquei envergonhado em admitir que só permiti que Kayog a trouxesse para que pudesse expulsá-la com a consciência tranquila, depois de confirmar que ela era de fato uma criminoso.

— Eu quase não consegui. Na verdade, o fato de Kayog ter dito que você a levaria desempenhou um grande papel na minha reconsideração — eu disse, embora admitisse que isso queimava meus lábios.

— Eu?! — Amreth exclamou, com surpresa se instalando em seu rosto atraente.

Aos quarenta e quatro anos, dois anos mais velho que eu, Amreth sempre atraiu muitos olhares cobiçosos de nossas mulheres. Nós compartilhamos altura e tamanho semelhantes, assim como nossos cabelos branco-prateados. Mas a pele dele era de um tom de cinza mais escuro que a minha, e em vez dos reflexos arroxeados nas minhas escamas, a dele era prateada, o que combinava com a cor dos seus olhos. Ele tinha um queixo mais quadrado que o meu, com um piercing soberbo logo abaixo dos lábios generosos.

Sim, muito atraente.

Se Kayog a tivesse levado até ele, Malaya teria respondido ao toque dele da mesma forma que ela respondeu ao meu? Ela teria ficado tão excitada com ele quanto ficou comigo?

Eu imediatamente me repreendi por permitir que tais pensamentos tóxicos penetrassem em minha mente. Malaya e eu éramos almas gêmeas. Nossa química foi pré-ordenada.

— Sim, você — eu disse — De todas as pessoas, você é a última que eu imaginaria querendo se envolver em qualquer tipo de drama. Nós dois sabemos que isso vai se transformar em um show de merda se for provado que Wuras é corrupto. Você considerar se casar com alguém que nem é sua alma gêmea — quando você evitou todas as nossas melhores mulheres que o perseguiram — me disse que há mais coisas acontecendo. Então, por que você a aceitaria?

Amreth encolheu os ombros — Kayog nunca está errado. Com base em suas habilidades empáticas, ele confirmou que ela era inocente. Ele também afirmou que, apesar de Malaya e eu não sermos almas gêmeas, nossas personalidades eram compatíveis o suficiente para que tivéssemos um casamento muito feliz. É solitário aqui. E todas aquelas mulheres que me perseguem exigem muita manutenção. Elas afastariam meus Nundars com seus jeitos.

Eu ri — Meena definitivamente faria com que eles fugissem de seu domínio.

Ele revirou os olhos com uma expressão trêmula. Aquela mulher era tão bonita quanto insuportável. Ela não conseguia aceitar um não como resposta. Na verdade, negar qualquer coisa a ela era a maneira mais segura de fazê-la persegui-lo indefinidamente.

— Mas seus Nundars devem estar muito felizes agora — Amreth continuou enquanto movia suas enormes asas negras — Mesmo estando a dois metros de distância de você, e enquanto você está à vontade, posso sentir sua aura. Você está transbordando de *lumiak*. Eu só posso presumir que as coisas correram bem com sua companheira.

Eu lancei-lhe um olhar de advertência, que ele ignorou completamente. Essa reação excessivamente protetora da minha parte também não fazia sentido. Amreth não estava procurando detalhes interessantes sobre meu relacionamento com Malaya.

— Ela é inocente — eu disse, balançando a cabeça — A alma dela é tão pura, como Wuras não viu isso? Eu levei menos de cinco minutos para desafiá-la e saber que ela foi acusada injustamente. Eu passei toda a noite de ontem e toda a manhã tentando encontrar uma razão racional para um erro tão grosseiro da parte dele. Mas ele não tem idade suficiente para sofrer os estágios iniciais do *gannath*. E ninguém em sua linhagem jamais foi diagnosticado com essa doença cognitiva degenerativa.

— Wuras não sofre de *Gannath* — Amreth disse com voz severa. O óbvio desprezo envolvido nisso me surpreendeu — Malaya não é a primeira pessoa que ele sentenciou injustamente.

Ele se virou para olhar na direção da floresta além da qual ficavam seus Quadrantes. Ele colocou as mãos no corrimão, as garras projetando-se das pontas dos dedos enquanto cavavam na pedra clara. A onda abrasadora de raiva que emanava dele me surpreendeu ainda mais. O que em nome de Tharmok estava acontecendo?

— Wuras me enviou pelo menos um preso injustamente condenado — Amreth continuou, rangendo as palavras entre os dentes.

— Ele fez isso? Quando? Onde está o prisioneiro? — eu perguntei.

— Dois meses atrás. A sentença afirmava que ele deveria ser reenviado para o Quadrante Negro. Como não tinha motivos para questionar a decisão baseada nos autos, e como eu tinha espaço, mandei que os guardas o entregassem ali mesmo, nas primeiras horas da tarde. Naquela mesma noite, durante meu voo, eu notei uma alma trêmula. Quando pousei, ele estava morrendo.

Eu recuei — Já? Na primeira noite dele?

Amreth assentiu severamente, suas garras cavando ainda mais na pedra — Ele não tinha um pinga de maldade. Os predadores no meu Quadrante Negro perceberam que ele era uma presa e o atacaram. Ele morreu segurando minha mão e jurando inocência. A verdade de suas palavras brilhou como o sol em seu zênite.

Seus olhos perderam o olhar distante de reminiscências quando ele virou a cabeça de lado para olhar para mim. A raiva em seu rosto gritava sobre o quão profundamente esse incidente ainda o afetava.

— Seu arquivo afirmava que ele era o pior dos criminosos. Tudo mentira! — Amreth sibilou — Pessoas inocentes *não são enviadas acidentalmente* para um Quadrante Negro. Existem muitas etapas de verificação concebidas especificamente para evitar erros judiciais trágicos. Os Obosianos são os protetores da lei e da ordem. Isso foi deliberado.

Eu movi minhas asas e estiquei meu pescoço para liberar um pouco da tensão que apertava os músculos entre minhas omoplatas. Isso estava se transformando em um pesadelo ainda maior do que eu temia.

— Você sabe alguma coisa sobre aquele homem que poderia ter justificado o desejo de Wuras de silenciá-lo? — eu perguntei.

Ele balançou a cabeça com um ar de frustração — Não. Ele morreu cedo demais. E o arquivo dele não é confiável. Tudo foi fabricado. Até o nome dele é falso. O problema é que não podemos nem tentar descobrir sua verdadeira identidade.

— Por que não? — eu perguntei.

— Porque isso exigiria que fizéssemos uma pesquisa reversa profunda no banco de dados central. Isso irá disparar alertas — Amreth explicou — Se nossas suposições estiverem corretas, Wuras acompanhará essas investigações.

Eu estreitei meus olhos para ele — Quem seriam ‘nós’?

O rosto de Amreth se fechou, colocando todos os meus sentidos em alerta máximo. Algo maior estava realmente acontecendo.

— É um pouco tarde para você segurar a língua, amigo — eu disse em um tom áspero — Eu estou até os chifres nessa bagunça. Então, se você tem informações, você precisa divulgá-las.

Amreth fez uma careta como se tivesse mordido algo amargo e depois me deu um aceno de cabeça — Eu comecei a ouvir rumores semelhantes circulando. Como você apontou com precisão, fazer acusações abertas contra Wuras daria início a um grande show de merda no qual ninguém quer se envolver. Mas nós temos o dever de fazer cumprir a lei. Precisávamos reunir provas. Eu comecei a conversar com alguns Guardiões cuidadosamente escolhidos, que não balançariam a língua antes da hora certa. Todos concordamos em verificar pessoalmente todos os prisioneiros que Wuras designou para o nosso Quarto Quadrante antes de serem levados para lá.

— Você encontrou mais condenações injustas? — eu perguntei, já adivinhando a resposta.

— Encontramos duas — Amreth disse severamente — Ao contrário daquele primeiro homem e da sua Malaya, esses dois não são santos.

Eles são pequenos criminosos e contrabandistas. Mas não os assassinos do Quarto Quadrante. Nós os colocamos no Primeiro Quadrante, onde eles têm uma chance de sobreviver.

— O que Wuras tem contra eles? — eu perguntei, esperando encontrar uma primeira pista.

Meu coração afundou com a expressão abatida de Amreth — Esse é o problema. Eles não têm ideia de por que ele veio atrás deles assim. Eles foram presos por crimes menores. Uma vez que eles estavam diante de Wuras, um monte de acusações forjadas foram repentinamente adicionadas, ganhando-lhes uma sentença de prisão perpétua em um Quadrante Negro. O melhor palpite deles é que Wuras está eliminando pessoas que competem com alguns de seus associados ou que está aceitando subornos para estreitar o campo de atuação.

Eu soltei um suspiro — Esta é uma bagunça monumental. Malaya espera poder reconstruir seu arquivo contra Wuras, mas isso não será fácil com ela presa aqui.

— De fato — Amreth disse antes de me lançar um olhar avaliador — Wuras sabe que você se casou com Malaya?

— Não. Ainda não — eu disse, puxando um dos piercings no lóbulo da minha orelha direita, um tique nervoso que se manifestava sempre que eu me sentia ansioso — Mas isso acontecerá em breve, assim que os registros públicos forem atualizados.

— Eu posso atrasar isso — Amreth ofereceu.

Eu fiz uma careta — Isso é ilegal.

Ele acenou com a mão em desdém — Atrasar a publicação de informações confidenciais para proteger uma investigação é legal — ele disse com naturalidade.

Eu sorri — Você tem um bom ponto.

— Posso ganhar seis semanas, talvez dois meses, mas não mais do que isso — Amreth disse — Assim que ele descobrir, ele irá atrás de você e dela.

Eu balancei a cabeça, minha carranca se aprofundando — Eu agradeço. Não há dúvida de que ele vai querer silenciá-la ou tentar nos desacreditar.

— Ele vai. Eu o informarei sobre qualquer nova informação que possa ajudar no caso — Amreth ofereceu.

— Obrigado, meu amigo. Isso foi esclarecedor. Eu tenho que ir. Manteremos contato.

Eu pressionei a palma da mão no coração em despedida. Ele repetiu meu gesto e eu levantei voo.

Capítulo 8

Kronos

Eu finalmente voltei para casa, um pouco irritado comigo mesmo por ter ficado fora muito mais tempo do que o esperado. Eu esperava voltar antes que Malaya despertasse. Considerando que a hora do almoço se aproximava rapidamente, eu havia falhado epicamente nesse aspecto.

Quando eu comecei minha descida, avistei minha companheira sentada em uma das espreguiçadeiras no terraço privativo do lado de fora do quarto dela. Ela estava lendo algo em seu tablet e depois digitou algumas linhas antes de parecer estar refletindo um pouco mais. Meu pulso imediatamente acelerou com uma alegria irracional ao vê-la. Simultaneamente, um nervosismo ainda mais irracional tomou conta de mim. Para um homem excessivamente confiante - para não dizer arrogante - como eu, esse comportamento da minha parte era realmente confuso. Naquele instante, eu teria dado qualquer coisa para possuir a habilidade dos Temern de saber exatamente como as pessoas se sentiam.

A cabeça de Malaya levantou-se de repente. O bater das minhas asas sem dúvida a alertou da minha presença. O calor mais agradável se espalhou pelo meu peito quando seu rosto se iluminou ao me reconhecer. Ela colocou o datapad ao lado dela e se levantou. A maneira como ela nervosamente passava os dedos pelos cabelos, como se quisesse arrumá-los, era adorável.

Eu aterrissei, sem saber como cumprimentá-la. Meus dedos coçavam para afundar em seu cabelo brilhante, e meus braços doíam para puxar seu corpo flexível para meu abraço.

Mas ela aceitaria isso?

Ela cruzou as mãos diante dela quando me aproximei. Com os olhos passando entre os meus, Malaya lambeu os lábios nervosamente. Eu não precisava ser um leitor de mentes para entender que ela também se perguntava como me cumprimentar. O caminho mais seguro seria manter distância. Mas quão chato seria isso? Eu queria que minha companheira compartilhasse minha cama esta noite e todas as noites. Definir o tom agora parecia a abordagem mais sábia. A

reação dela também me daria uma dica clara sobre sua posição nesse aspecto.

Com os olhos presos nos dela, eu avancei lentamente, parando alguns passos na frente dela, invadindo seu espaço. Os lábios de Malaya se separaram levemente enquanto ela olhava para mim com um olhar de expectativa misturado com tensão. Eu deslizei a mão pela sua nuca. Quando ela não hesitou ou enrijeceu, eu a puxei para mais perto enquanto me inclinava para frente. Para minha alegria, Malaya soltou as mãos, as palmas deslizando sobre meu peito em uma carícia suave antes de descansar em meus ombros enquanto eu reivindicava seus lábios.

Eu só pretendia dar-lhe um beijo carinhoso de saudação. Mas no momento em que nos tocamos, um desejo ardente acendeu meu sangue. Com vontade própria, meu braço livre envolveu sua cintura esguia e puxou seu corpo macio contra o meu enquanto eu aprofundava o beijo. Enquanto nossas línguas se misturavam, Malaya coçou suavemente meu couro cabeludo, logo acima da nuca, e pressionou seu peito contra o meu.

Eu quase peguei minha companheira e a levei para a cama para ceder ao desejo implacável que me atormentou durante toda a manhã. No entanto, Malaya não era apenas uma aventura, uma fome temporária que eu queria saciar. Ela era minha alma gêmea e uma vítima inocente cuja vida estava em jogo. Embora eu me certificasse de mantê-la bem consciente do meu desejo por ela - como fiz agora - eu também precisava mostrar a ela que queria estabelecer bases sólidas para o nosso futuro que se apoiasse em muito mais do que luxúria.

Com muita relutância, eu quebrei o beijo. Ele mal durou dez a quinze segundos – tempo demais para um beijo de saudação, mas curto demais para me saciar.

— Bom dia, minha companheira — eu disse, com minhas mãos acariciando sua nuca e costas enquanto as deixava cair antes de dar um passo para trás.

Ela lambeu os lábios como se quisesse sentir um último gosto de mim e então sorriu de uma forma que eu não conseguia definir, mas que me agradou.

— Bom dia, Kronos. Bem, final de manhã — ela acrescentou com uma risada nervosa.

— Me desculpe. Eu pretendia voltar mais cedo. Mas eu tinha alguns assuntos para discutir com um vizinho — eu respondi.

— Ah! É por isso que você veio de lá. Eu estava sentada voltada para nordeste para poder te ver voando de volta quando voltasse de seus Quadrantes — Malaya disse timidamente.

— Você já estava sentindo minha falta, querida esposa? — eu

perguntei provocativamente.

Ela abriu e fechou a boca algumas vezes, surpresa com a pergunta. Eu me senti estúpido por ela não ter dito sim imediatamente, isso me magoou.

— Bem, sim — ela disse finalmente.

Eu fiz uma careta e estreitei os olhos para ela. Ela ergueu o queixo desafiadoramente em resposta.

— Você pode remover essa carranca e me poupar dos olhares desconfiados. Eu não estou mentindo. Eu *senti* sua falta. Primeiro, porque uma vez que você deixou de ser um babaca ontem, você acabou sendo uma pessoa agradável de se conviver. E eu gostaria de te conhecer melhor. Em segundo lugar, eu sou muitas coisas, mas ser introvertida definitivamente não. Caso você não tenha notado, você é a única pessoa que eu conheço aqui. E terceiro, seus Nundars envergonhariam Houdini — ela disse com firmeza antes de apontar o dedo indicador para o rosto — Vá em frente, espie minha alma para ver se estou mentindo.

A maneira como Malaya colocou os punhos nos quadris e olhou para mim com um olhar desafiador foi incrivelmente sexy. Eu amava aquele fogo em minha mulher. Eu não precisei examinar sua alma para saber que ela havia sido honesta em seu discurso.

Eu cruzei os braços sobre o peito e levantei o queixo com uma atitude deliberadamente arrogante.

— Primeiro, eu não ‘espio’ as almas. Em segundo lugar, eu não fui um ‘babaca’ – seja lá o que isso signifique – mas apenas cauteloso em circunstâncias altamente incomuns. E terceiro, quem em nome de Tharmok é Houdini?

Ela riu e acenou com a mão em desdém — Ele era um mágico humano, famoso por seus atos de desaparecimento.

Eu balancei a cabeça, com a compreensão surgindo em mim — A menos que você os chame abertamente, ou se eles precisarem comunicar algo a você pessoalmente, você nunca os verá.

— Mas eles ficam apenas nos espionando? — Malaya perguntou, parecendo um pouco desconfortável — Quer dizer, eu encontrei o café da manhã preparado para mim na sala de jantar esta manhã. Ainda estava quente, como se tivesse sido feito na hora. Como eles sabiam que eu estava indo buscar comida, a menos que estivessem me observando?

— Eles não nos espionam. Pensamentos e intenções têm frequências. Eles perceberam você acordando. Para eles seria como um empurrãozinho distante — eu expliquei — Sua fome seria mais potente. E no momento em que você começou a pensar que queria comida, isso enviou um sinal muito específico que chegou aos Nundars. Eles começaram a cozinhar no momento em que sentiram e

trouxeram a comida em pratos aquecidos para que estivesse pronta para você no momento em que você entrasse na sala.

— Então, o que eles estão fazendo agora? — Malaya perguntou, dificilmente parecendo convencida.

Eu dei de ombros — Fazendo tudo o que os Nundars fazem em seu tempo livre.

— Mas eles estão percebendo a conversa que estamos tendo agora, certo? — ela insistiu.

Eu balancei minha cabeça — Não. Não funciona assim. Se morar com eles fosse tão invasivo, esse arranjo não funcionaria. Eles estão alheios ao que está acontecendo aqui atualmente. Emoções específicas irão desencadear uma resposta deles. Todo o resto eles descartam como ruído branco. Eles só ficariam perturbados com o que está acontecendo na casa se houver emoções negativas extremas sendo geradas. Por exemplo, se você e eu estivéssemos tendo uma discussão muito séria, se algum de nós estivesse de luto por alguém, ou por qualquer outra situação que pudesse causar medo ou trauma severo, eles sentiriam isso e agiriam de acordo.

Malaya mordeu o lábio inferior. Seus olhos se moveram de um lado para o outro enquanto um milhão de pensamentos pareciam correr por sua mente. Quando a vermelhidão mais adorável começou a aparecer em suas bochechas, eu imediatamente adivinhei onde seus pensamentos estavam vagando.

— A felicidade... ou o prazer... não provocará qualquer intervenção da parte deles. Isso apenas os deixará felizes e eles continuarão com seus negócios. Para eles, quer o nosso prazer venha de ouvir um músico magistral, assistir a um filme incrível ou entregar-se a formas mais íntimas de entretenimento, tudo parece o mesmo para eles. Felicidade é felicidade.

— Oh, que bom — ela disse, suas bochechas ficando um pouco mais vermelhas.

Eu lutei contra a vontade de beijá-la, ela era tão incrivelmente adorável. Me virando para a espreguiçadeira onde ela estava deitada, eu apontei para o datapad com o queixo.

— Estava lendo? — eu perguntei.

Ela balançou a cabeça — Não. Na verdade, essa era a quarta razão pela qual eu estava ansiosa pelo seu retorno — ela respondeu, parecendo ao mesmo tempo envergonhada e um pouco nervosa.

Minha companheira pegou o tablet e o trouxe de volta para me mostrar o conteúdo exibido na tela. Eu peguei da mão dela.

— Eu estive fazendo uma lista dos vários casos que investiguei relacionados ao Juiz Wuras. Eu procurei anotar tudo o que me lembrava, incluindo os vários contatos e formas que utilizei para obter toda a informação necessária. Mas isso só vai me levar até certo

ponto. Eu precisaria de acesso à rede e da capacidade de me comunicar com alguns dos meus contatos fora do planeta.

Ela disse as últimas palavras em voz baixa, enquanto olhava para mim com cautela. Normalmente, um preso nem ousaria fazer tal pedido, isso era tão estranho. Desde ontem, quando cheguei à conclusão de que ela era inocente, eu estive debatendo como responderia a tal pedido. Como ela morava comigo na minha casa, o acesso à rede não era um problema, mas seria impossível dentro de um dos Quadrantes. No entanto, seus esforços podem desencadear alguns sinais de alerta por parte do juiz e de qualquer outra pessoa envolvida em qualquer negócio obscuro em que tenham se envolvido.

— Seria apenas para coisas legais — Malaya acrescentou rapidamente quando eu não respondi imediatamente — Kayog me deu um nome de usuário e código de acesso à rede galáctica da OPU. Eu não consigo acessar nada inapropriado com isso. De qualquer forma, suspeito que toda a atividade através desse nome de usuário e rede será monitorada de perto. Eu sou uma jornalista investigativa. A única maneira de meus artigos se sustentarem é tendo fatos comprovados e legalmente adquiridos. Embora as pessoas com quem trabalho possam ocasionalmente ser duvidosas, o que elas fazem por mim é totalmente legítimo. Eu juro que não farei nada que possa colocar qualquer um de nós em apuros.

— Onde está esse código? — eu perguntei.

— Dentro, com o computador! — Malaya disse, seus olhos se arregalando com esperança de que eu não tivesse recusado categoricamente. Ela apontou para a alta parede de vidro de seu quarto antes de ir para lá.

Eu a segui, tentando esconder minha diversão com sua excitação esperançosa. Ela foi direto para sua mesa, que já havia arrumado corretamente. O espaço de trabalho eficiente e organizado trouxe um sorriso ao meu rosto. Meu pai sempre foi do tipo bagunceiro, com todos os tipos de bugigangas e parafernália que tornavam impossível encontrar qualquer coisa em sua mesa. Mas aí de quem ousasse tentar colocá-la em ordem. Aí ele não conseguia encontrar nada.

Malaya pegou o cartão holográfico na frente do monitor e me entregou. Eu olhei para ele antes de olhar para minha companheira.

— Respire — eu disse provocativamente — Desmaiar por falta de oxigênio não vai te ajudar de forma alguma.

Embora seu rosto tenha esquentado, Malaya olhou para mim, obedecendo. Sem outra palavra, eu digitei algumas instruções em seu tablet, que ainda segurava, para conceder-lhe acesso à minha rede. Por sua vez, isso permitiria que ela se conectasse à rede da OPU com as credenciais fornecidas por Kayog.

Ela engasgou, seus olhos se arregalaram quando percebeu o que eu

estava fazendo.

— Faça login no seu computador — eu ordenei.

Minha companheira não precisou ouvir duas vezes. Ela quase se jogou na cadeira da escrivaninha, digitando freneticamente com os dedos para destravá-la.

— Pronto — ela disse, com os olhos arregalados e esperançosos.

— Aí está — eu disse, entregando-lhe o tablet totalmente conectado.

Malaya olhou para aquilo como se não pudesse acreditar que fosse real, com os lábios tremendo. Eu odiei que isso revelasse que ela tinha poucas esperanças de que eu lhe atendesse esse pedido. Eu empurrei delicadamente a cadeira rolante da escrivaninha, tirando-a de seu transe atordoado, para que eu pudesse conectar seu computador também. Ela se levantou e segurou o tablet contra o peito como um escudo enquanto eu completava minha tarefa. Quando me virei para olhar para minha companheira, minha garganta apertou ao ver lágrimas brotando em seus olhos.

— Obrigada — ela sussurrou com a voz trêmula.

Eu fiz uma careta, perturbado por vê-la tão chateada — Você não precisa me agradecer. Como seu marido, é meu dever protegê-la e fornecer tudo o que você precisa. Esta é uma ferramenta essencial para ajudá-la a provar sua inocência e derrubar Wuras. Eu não negaria isso a você. Você só precisa ter cuidado para não fazer nada que possa alertar Wuras e quem trabalha com ele de que você retomou sua investigação.

Para minha surpresa, Malaya se jogou em meus braços e enterrou o rosto em meu pescoço. Tharmok me leve! Ela estava tremendo. Eu a abracei e fechei minhas asas em torno dela.

— Está tudo bem, Malaya. Tudo vai ficar bem — eu disse, acariciando suas costas de uma forma suave.

Malaya levantou a cabeça e enxugou o rosto molhado, parecendo envergonhada — Me desculpe. Eu não queria fazer um espetáculo de mim mesma. É só que... As últimas semanas foram horríveis. Eu me senti tão indefesa... Tão sozinha.

Embora eu tenha aberto minhas asas, eu mantive meus braços ao redor dela.

— Você não precisa se desculpar comigo, minha companheira. Eu jurei ficar ao seu lado, para o bem ou para o mal. Se você precisa de conforto, é meu dever fornecê-lo. Você não precisa pedir isso. Isso será seu sempre que precisar. Você não está mais sozinha, Malaya. Vamos superar isso juntos — eu disse em um tom firme, mas gentil, enquanto enxugava a umidade persistente em suas bochechas com meus polegares — Isso, eu prometo a você.

— Então... você acredita em mim? — ela perguntou, com um

brilho quisse suplicante em seus olhos.

Eu soltei um suspiro e balancei a cabeça — Sim, Malaya. Ontem, você me convenceu de que era inocente. Eu não teria me casado com você de outra forma. Mas esta manhã eu recebi a confirmação de que você não é a primeira a ser incriminada por Wuras.

Ela recuou, um milhão de emoções brilhando em suas feições — O QUÊ?! Confirmação? Quem? Como?

Eu suspirei novamente e a soltei do meu abraço. Eu levei Malaya pela mão até sua cama e sentei na beirada antes de puxá-la para meu colo. Não foi um gesto calculado, mas me agradou muito que ela não tenha hesitado. Na verdade, ela passou um braço em volta do meu ombro e me olhou com expectativa.

Eu fiz um rápido resumo da conversa que tive com Amreth. Ela se agarrou a cada palavra, apenas interrompendo para fazer perguntas inteligentes e incisivas. Naquele instante, eu tive um vislumbre da talentosa jornalista que ela era antes de Wuras virar sua vida de cabeça para baixo.

— Existe alguma chance de eu poder falar diretamente com Amreth? — Malaya perguntou.

O ciúme instantâneo que surgiu com esse pedido me envergonhou. Fazia todo o sentido para ela querer conversar com alguém que pudesse ter mais informações sobre casos relacionados.

— Eu quero descobrir quem era aquele homem inocente que morreu — Malaya continuou, alheia à minha turbulência interior — Eu tenho pessoas que podem investigar isso sem avisar Wuras ou qualquer um de seus capangas.

— Muito bem. Eu perguntarei a ele. Mas agora preciso que você me conte sua história. Como você acabou investigando Wuras?

— Foi um total golpe de sorte! — Malaya disse, balançando a cabeça como se não pudesse acreditar nas palavras que saíram de sua boca — Eu tinha acabado de escrever um artigo sobre um grande fraudador e imitador. O editor me contatou para dizer que eu não precisava me apressar para fazer a edição e revisão finais, porque um artigo diferente seria publicado primeiro. Era uma história de redenção do tipo ‘Quais são as probabilidades?’, sobre uma contrabandista que escapou da sentença de vinte anos em Molvi ao se casar com o Grande Chefe de uma espécie primitiva à beira da autodestruição.

— Ah, sim, Rihanna e Zatrak — eu disse — A história deles gerou muitos debates acalorados aqui e em Vargos e muito ressentimento em relação à Organização dos Planetas Unidos e à Agência Prime.

Ela recuou — Ressentimento? Por quê?

— Porque eles enganaram o sistema para libertar uma condenada sem que ela cumprisse um único dia de sua sentença — eu disse de

maneira evidente — Isso criou um precedente perigoso que outros condenados estavam ansiosos para tentar explorar. Assim que a notícia se espalhou, os reclusos exigiram se inscrever na AP, ou as suas famílias submeteram o seu pedido diretamente a Kayog na esperança de que ele os tirasse de lá.

— Ah, uau! Eu nunca pensei nisso — Malaya exclamou.

— Nós não tornamos isso público para evitar que ainda mais pessoas tentassem usar essa brecha — eu expliquei — Mas Wuras foi rápido em remediar a situação, acrescentando uma cláusula garantindo que todas as sentenças deveriam ser cumpridas integralmente em Molvi, sem exceção.

Ela franziu a testa e os lábios enquanto refletia sobre minhas palavras — Então ele realmente tinha um motivo válido para mudar essa lei. Não foi apenas despeito.

Eu hesitei — As pessoas tiveram sentimentos confusos sobre isso. Sim, Rihanna se safou facilmente. Ela não teria sobrevivido vinte anos neste planeta, especialmente porque ela também foi enviada para um Quadrante Negro. Mas a mudança da sua sentença ajudou a salvar muitas vidas e permitiu que as espécies que habitam o planeta alcançassem a paz e maior prosperidade. O que importa se a pena de um condenado for cumprida em Molvi ou em outro lugar? Contanto que a sentença deles sirva ao bem maior, isso deveria ser tudo o que importa.

Malaya ficou boquiaberta para mim — Eu não esperava ouvir isso vindo de você.

Eu bufei — Eu posso ser rígido em minhas crenças, mas isso não me torna teimoso ou tacanho. O problema é que ela só precisava completar o período de julgamento daquele casamento arranjado para que sua sentença e todo o caso fossem expurgados, quer ela permanecesse com Zatruck ou não. Essa era uma brecha muito poderosa. E foi assim que Wuras conseguiu fazer com que fosse aprovada a nova lei onde a pena deveria ser cumprida integralmente e em Molvi. Muitos de nós achávamos que, desde que a pena tivesse de ser cumprida integralmente, não importava onde isso acontecesse.

Minha cabeça virou para a direita quando um movimento no limite da minha visão chamou minha atenção. Malaya imediatamente ficou tensa no meu colo.

— O quê? O que é? — ela perguntou, o medo infiltrando em sua voz.

— Paz, minha companheira. Não há nada com que se preocupar. Você está segura nesta casa. Eu apenas vi movimento e percebi que eram os Nundars preparando a mesa para o almoço — eu expliquei.

Ela recuou e olhou na direção da parede antes de olhar para mim — Você os vê na cozinha?

Eu balancei a cabeça — Eu vejo almas a até quinhentos metros de distância. Mas posso sentir a presença deles em um raio de cem metros.

— Uau! Isso não torna as coisas barulhentas quando você está no meio de uma multidão? — ela perguntou, parecendo um pouco perturbada.

Eu ri — Seria, se não pudéssemos desligar isso à vontade. Venha, vamos alimentá-la.

— Mas como eles sabem que devem arrumar a mesa agora? Você contou a eles? Existe algum tipo de cronograma que eles seguem? — Malaya perguntou.

Assim que ela falou essas palavras, seu estômago roncou. Eu comecei a rir com o olhar atordoado em seu rosto.

— É assim que eles sabem — eu disse zombeteiramente.

Eu me peguei conduzindo-a pela mão novamente. Este era um comportamento estranho da minha parte. Eu nunca gostei de demonstrações de afeto. Mas eu gostava de tocá-la. Como ela não parecia se importar, eu continuaria a ceder. Além disso, isso contaria para meus esforços genuínos para fazer esse relacionamento funcionar.

— Então, como essa história sobre Rihanna a colocou nessa bagunça? — eu perguntei enquanto caminhávamos para a sala de jantar.

— Eu fiquei realmente fascinada por ela — Malaya disse dando de ombros — Os últimos casos que eu investiguei envolviam canalhas ou assassinatos horríveis. Um conto de fadas felizes para sempre entre uma humana e um minotauro alienígena seria ótimo para limpar o paladar. O primeiro artigo focava principalmente no lado comercial de toda essa história. Como Rihanna aproveitou os seus contatos para ajudar a gerar os fundos que os Yurus precisavam para financiar o seu projeto, os benefícios da colaboração entre espécies primitivas para o bem maior do seu planeta e como transformar a violência gratuita em algo positivo. Eu queria escrever a história de Rihanna. Como ela passou de contrabandista a condenada e a Senhora do Clã dos Yurus.

Eu sorri com a reação de Malaya quando entramos na sala de jantar e encontramos apenas uma refeição posta na mesa, com uma taça extra de vinho.

— Espere, eles não perceberam que você voltou? — ela perguntou, confusa.

— Eles estão cientes — eu disse, divertido, enquanto a conduzia até a mesa.

— Mas...

— Esta refeição é para você, minha querida. Sente-se — eu disse, puxando a cadeira para ela.

Ela obedeceu, mais por reflexo do que qualquer outra coisa. Minha

mulher continuou a franzir a testa enquanto me observava circular até o outro lado da mesa para sentar em frente a ela.

— Você não vai comer?

Eu balancei minha cabeça — Eu ainda estou satisfeito de ontem à noite — eu respondi com um olhar intenso que deixou claro a que eu estava me referindo.

— Ainda...? Oh... Oh!

Eu ri da maneira adorável como seu rosto esquentou.

— Bem, é meio estranho para mim simplesmente comer na sua frente — ela murmurou.

— Coma, mulher. Você está morrendo de fome. Eu vou acompanhá-la com uma bebida — eu disse, servindo vinho em cada uma de nossas taças — Fica melhor assim?

— Sim — ela disse, franzindo o rosto.

— Então, sobre Rihanna?

— Certo — ela disse enquanto descobria seu prato.

O olhar faminto em seu rosto colocou um sorriso no meu. Embora eu não tenha preparado aquela refeição, meus recursos foram usados para alimentá-la. Eu não esperava obter tanta satisfação ao sustentar minha companheira.

— Eu comecei a investigar o caso dela e não demorei muito para perceber que algo não estava certo — Malaya disse enquanto cortava sua carne — Rihanna não cometeu nenhum crime. Gabe, seu parceiro de negócios desprezível, escondeu armas contrabandeadas a bordo da nave sem seu conhecimento. Eles deveriam carregar apenas peças de reposição e eletrônicos. Quando ele percebeu que eles estavam prestes a ser pegos, ele desapareceu e deixou que ela assumisse a responsabilidade. Seu advogado forneceu todas as provas de que Gabe era de fato quem estava por trás de tudo isso. Mas mesmo que Wuras tivesse considerado que, como capitã da nave, era a responsabilidade dela saber que carga transportava, vinte anos foram demais para isso.

— Eles contrabandeavam armas para Grubrya, o planeta com as leis anti-armamento mais rigorosas neste setor — eu argumentei — Vinte anos podem parecer excessivamente duros, mas não para aquele crime específico naquele planeta em particular. Este é o seu maior impedimento contra a proliferação de armas.

— Mas vinte anos em um Quadrante Negro? — Malaya desafiou depois de engolir um bocado.

Eu apertei os lábios enquanto avaliava seu argumento — O Negro é excessivo. Isso justificaria a prisão em um Q1 ou Q2. Por esse crime, eles só enviariam alguém para um Quadrante Três ou Quatro se estivessem traficando armas de destruição em massa, destruidoras de planetas ou armas sujas que causariam danos ambientais duradouros além dos assassinatos em massa.

— Não houve nada disso, nem remotamente — Malaya respondeu — Eram apenas pistolas laser padrões, armas de assalto, granadas, braçadeiras táticas, você entendeu. Coisas pequenas no esquema geral das coisas.

— Justo — eu respondi com cautela — Então por que Wuras iria atrás dela?

— Essa era precisamente a questão. Eu perguntei a Rihanna - uma senhorita adorável, aliás. Ela é uma coisinha minúscula, mas é um foguete. Ela tem a língua mais inteligente e afiada da galáxia. Acho que você gostaria dela.

— Mhmm — eu disse de uma forma evasiva, o que a fez sorrir ainda mais.

Eu tomei um gole de vinho, enquanto dava a ela a chance de dar mais algumas mordidas em sua refeição.

— De acordo com Rihanna, Wuras a estava punindo por causa de um cara chamado Jasper Lumley, que supostamente o havia ofendido. Aparentemente, ela estava namorando Jasper quando ele foi preso e julgado por Wuras. Quando Jasper se safou por causa de um detalhe técnico, Wuras ficou furioso.

— Mas por que retaliar Rihanna? Ela não teve nada a ver com o que aconteceu entre ele e Jasper. Eles ainda estavam juntos quando Gabe a deixou assumir a responsabilidade?

Malaya balançou a cabeça e gesticulou para que eu esperasse enquanto ela terminava de mastigar e engolir.

— Não. Rihanna largou Jasper assim que o julgamento terminou porque ele revelou muitas coisas ruins sobre ele. E isso me deixou super curiosa — sua voz se encheu de entusiasmo, me dando um vislumbre da paixão que ela nutria por sua profissão — Esse cara estava envolvido em todos os tipos de negócios ilegais que você possa imaginar. Mas ele era muito bom em esconder isso. Tentar decifrá-lo era como abrir uma daquelas bonecas russas ou descascar uma cebola. Cada vez que você pensava que tinha chegado ao fundo, havia outra camada.

— Não tenho certeza se estou te entendendo você.

— Jasper fez muitos acordos e golpes diferentes, mas para muitos deles, ele usou vários pseudônimos ou disfarces holográficos para que as pessoas não soubessem quem ele realmente era. Eu comecei a cruzar todos esses nomes com alguém que pudesse ter lidado com a Casa Wuras e não consegui encontrar nenhuma correspondência. Como era um beco sem saída, eu me perguntei se talvez Wuras estivesse apenas prendendo pessoas para ganhar uma parte. Talvez ele precisasse cumprir uma certa cota para manter uma vida confortável. Eu entendo que Molvi é semiprivado. Você é 'dono' do seu Setor e dos créditos gerados pelo trabalho dos presos, certo?

Eu hesitei — Nós somos donos de nossos setores — ou melhor, de nossa nobre casa. E sim, como já expliquei, os nossos reclusos ganham a vida e o conforto explorando os recursos naturais do seu respectivo Quadrante. Seus salários estão de acordo com os padrões galácticos com base no volume que produzem. Em seguida, nós vendemos essas matérias-primas ou as transformamos primeiro em mercadorias mais complexas. Mas os juízes não obtêm um benefício direto disso. Embora demos aos tribunais uma percentagem dos nossos lucros, esta vai para o sistema judicial como um todo para financiar as suas operações, incluindo os salários e bônus dos juízes, escrivães e guardas, manutenção das instalações e todas as outras despesas. Não há nenhum pagamento direto a Wuras que justifique sua tentativa de lotar as prisões.

Malaya assentiu lentamente, parecendo não muito surpresa — Ok, isso confirma por que eu não consegui encontrar nenhuma prova para apoiar essa teoria específica. Mas ainda foi o que me ajudou a pegá-lo.

— Como assim? — eu perguntei com indisfarçável curiosidade.

— A melhor maneira de descobrir se ele estava realmente explorando o sistema era verificar suas declarações fiscais e registros bancários. Embora alguns deles façam parte dos registros públicos, pois são obrigatórios para alguém em sua posição, os extratos bancários eram mais difíceis de acessar. Mas assim que eu o fiz — e novamente, tudo foi feito legalmente — encontrei uma transferência incomum de cinco milhões de créditos para alguém chamado Pasquali. Esse valor total foi enviado em pagamentos menores de várias contas, no mesmo dia, a poucos minutos uma da outra, de modo que não levantaria nenhuma bandeira de cada instituição financeira.

Eu assobieei por entre os dentes — Isso é uma quantidade enorme de créditos, até mesmo para uma casa nobre tão rica como a Wuras.

— Enorme. E a melhor parte? Esse Pasquali acabou sendo outro pseudônimo de Jasper que eu ainda não tinha encontrado! No início, eu pensei que Jasper o estava chantageando e usando o dinheiro arrecadado para promover seu contrabando. Afinal, ele gastou esses milhões comprando armas sem identificação para revender no mercado negro. Eu não consegui ver a conexão.

— Eu também não consigo. Mas a teoria da chantagem tem potencial — eu respondi.

— Não — ela disse entre dois goles de vinho — Com a chantagem, depois de conseguirem que a vítima pague pela primeira vez, eles continuarão a ordenhá-la até que uma delas morra ou o segredo seja exposto. Este foi um acordo único. Eu não estava chegando a lugar nenhum, mas meu instinto dizia que havia algo ali. Então eu decidi revisar todos os casos de Wuras na última década. E essa foi a primeira coisa que o denunciou.

Eu fiz uma careta de surpresa com isso — Por quê? O que havia de tão especial neles?

— Como você sabe, os casos geralmente são atribuídos aleatoriamente aos juízes pelo sistema automatizado de gestão de casos — Malaya explicou — No entanto, os juízes podem solicitar a audiência de um caso específico, geralmente porque têm experiência no tipo de conflito que está sendo litigado. Wuras teve um número incomumente alto de solicitações desse tipo, mas para casos muito genéricos que qualquer outra pessoa poderia ter resolvido.

— Hmmm, isso é incomum. Estou surpreso que ninguém tenha levantado preocupações sobre possíveis preconceitos se não tivesse conhecimento especializado para justificar o julgamento daquele caso específico — eu pensei em voz alta.

— Foi isso que me fez aprofundar cada um desses casos. E adivinhe só?

— Todos os réus acabaram condenados a um Quadrante Negro.

— Exatamente! Metade desses casos não deveria ter justificado mais do que uma advertência. Mas, de alguma forma, novas acusações muito mais graves apareciam subitamente minutos antes do início do julgamento, sem que houvesse tempo adicional para os réus ou os seus advogados se prepararem contra essas novas acusações.

— Isso é ilegal! — eu exclamei.

— Nem me fale — Malaya respondeu, com amargura audível em sua voz.

— Mas por que essas pessoas? Certamente não foi aleatório.

— Não foi. A princípio parecia que sim, mas quanto mais eu cavava, mais eu via um padrão. Todas essas pessoas trabalharam direta ou indiretamente para cartéis criminosos envolvidos no tráfico de substâncias ilegais e de armas.

— Então Wuras estava sendo excessivamente zeloso ao prender pessoas que ele sabia serem criminosos? — eu perguntei.

— Não. Ele estava eliminando a concorrência.

As palavras de Malaya me atingiram como uma pedra na cabeça. Desde que toda essa confusão começou, eu tentei encontrar inúmeras justificativas para explicar as ações questionáveis do juiz. Eu pude vê-lo ficando tão obcecado em erradicar o crime que daria sentenças excessivas a pessoas que achava que causariam danos maiores se fossem libertadas. Se uma lei deve ser violada, melhor que seja contra criminosos, a fim de proteger os inocentes. Os Obosianos que serviram por muito tempo e lidaram com muitos casos notoriamente macabros podem começar a apresentar tais comportamentos. Quando isso acontecia, eles eram fortemente encorajados a se aposentar ou a tirar uma licença prolongada enquanto se reorientavam.

Pessoas com a doença cognitiva degenerativa chamada gannath

também agem dessa forma.

Mas Amreth estava convencido de que Wuras não sofria com isso.

— Olha, eu posso ver que você tem dificuldade em aceitar que Wuras possa ser tão corrupto, mas eu prometo que ele é — Malaya disse em um tom solidário — Aqueles cinco milhões de créditos que ele deu a Jasper destinavam-se à compra de armas não marcadas para inundar o mercado de Grubrya, assim como à compra de uma carga completa de folhas de Edocit. Jasper comprou as mercadorias, mas em vez de entregá-las a Wuras para que ele pudesse concluir o negócio, Jasper as vendeu a terceiros e embolsou todos os lucros. O que Wuras iria fazer? Denunciá-lo publicamente?

Meu estômago embrulhou ao ouvir essas palavras. Além do fato de que eu me esforcei para aceitar essa história como um fato – embora não tivesse motivos para duvidar de minha companheira – a menção das folhas de Edocits me lembrou de meu recente cativeiro como escravo.

Assim que entram na puberdade, os jovens Edocits – uma espécie dríade – produzem folhas nas vinhas que adornam seus cabelos. Essas folhas agem como uma droga recreativa potente, extremamente popular pelo prazer que proporciona e pelo fato de não ser viciante. Portanto, os traficantes de droga muitas vezes tentam raptar esses jovens, mantendo-os prisioneiros durante a sua puberdade para colherem as suas folhas para revender no mercado negro. Em um esforço para modificar essas folhas para torná-las viciantes, esse traficante de drogas sequestrou a mim e a algumas outras espécies na esperança de dar algumas de nossas características genéticas aos jovens Edocits.

— Isso abriu a caixa de Pandora, o que me permitiu desvendar todo o esquema — Malaya continuou, parecendo inconsciente da minha turbulência interior — Wuras está associado ao Cartel Komoro para armas e ao Cartel Fingram para drogas. Ele é acionista de todas as empresas ‘legítimas’ que lavam seu dinheiro ilícito. E eles pagam a ele por meio de dividendos. Observe que, em todos os casos que Wuras solicitou presidir, aqueles envolvendo membros de Komoro ou Fingram foram os únicos que terminaram com um veredito brando de sua parte.

Eu suspirei pesadamente, minha cabeça doendo com o pensamento da tempestade de merda que expor tudo isso iria desencadear.

— E você tinha provas irrefutáveis de todas essas alegações extremamente sérias? — eu perguntei.

— Sim — Malaya disse com um ar de frustração misturado com raiva — Depois de reunir o caso mais sólido possível, eu marquei uma reunião com os Executores para apresentá-lo a eles. Como eu obtive cópias dos registros bancários de Wuras online, eu precisava de

documentos autenticados para que fossem irrefutáveis. Na manhã daquela reunião, meu contato, Pavel Roman, deveria me entregar esses documentos físicos assinados e selados. Nós tínhamos marcado um encontro uma hora antes da minha reunião com os Executores.

— E foi então que você foi presa — eu adivinhei.

Ela assentiu, um olhar assombrado descendo sobre seu lindo rosto — Quando eu cheguei lá, Pavel já estava morto. Havia sangue por toda parte. Quando eu corri para lhe prestar os primeiros socorros, alguém me atacou por trás. Eu lutei, mas meu atacante era muito forte e me deixou inconsciente. Quando acordei, estava coberta de sangue e os policiais estavam me algemando.

— Sangue de Pavel? — eu perguntei, já adivinhando a resposta.

— Sim. Seu sangue estava em mim e o meu nele. Contusões cobriam meu corpo, como se eu tivesse lutado com ele antes de matá-lo — Malaya disse amargamente — Obviamente, todos os documentos dele e os meus fizeram um ato de desaparecimento. Eles apagaram nossos discos, cartões de dados e até mesmo os backups online que tínhamos. Assim, um ano inteiro de trabalho duro desapareceu e eu me tornei a vilã.

— Você acha que pode encontrar essas informações novamente? — eu perguntei, a raiva fervendo dentro de mim.

Ela jogou o cabelo por cima do ombro e franziu a testa enquanto balançava a cabeça lentamente — Tendo feito isso uma vez, eu já sei onde procurar algumas dessas informações. Só estou preocupada que ele tenha movido as contas bancárias. Isso tornará tudo muito difícil. Quanto ao resto, eu não saberei até começar a cavar. Mas conheço alguns presos inocentes encarcerados em Molvi. Eu quero falar com eles e, espero, com qualquer outra pessoa que Amreth possa encontrar.

Eu enrijei e movi minhas asas desconfortavelmente. A ideia de trazer minha companheira para perto daqueles prisioneiros não me agradou nem um pouco.

— Primeiro, veja o que você consegue encontrar em seus arquivos antigos. Quanto aos presos, nós veremos — eu disse de forma evasiva.

Malaya abriu a boca como se fosse discutir, mas a fechou e me deu um aceno rígido. Eu não pensei nem por um segundo que ela simplesmente havia cedido. Embora eu ainda não conhecesse bem minha companheira, ela não era uma manipulável ou submissa. Ela sabia quando escolher suas batalhas. Neste momento, Malaya estava apenas aguardando antes de solicitar isso novamente.

— No entanto, devo alertá-la novamente sobre sua pesquisa online — eu disse com voz severa — Você diz que confia em todas as suas fontes. Mesmo assim, Wuras descobriu o que você estava fazendo e sabia de seu encontro com Pavel e os Executores. Ou alguém a denunciou ou suas buscas deram um alerta que o colocou no seu

encalço. De qualquer forma, seja extremamente cuidadosa. Poucas pessoas sabem do nosso acordo atual, mas a notícia se espalhará mais cedo ou mais tarde. Quando isso acontecer, muitas pessoas virão atrás de nós dois.

Malaya estremeceu e olhou para mim com um ar de culpa e medo. Eu odiei fazer isso com ela, mas ela precisava entender a gravidade da nossa situação.

— Eu sinto muito—

— Não sinta — eu interrompi em um tom gentil, porém firme — Defender a justiça raramente é só diversão e jogos. Esta é uma causa nobre. Por mais que me aflija que tal coisa esteja acontecendo, é meu dever como Diretor e Obosiano ajudar a consertar isso, custe o que custar.

Seu rosto se suavizou e a expressão agradecida - quase terna - que ela assumiu me envolveu como um cobertor quente.

— Você é um bom homem, Kronos — ela disse em voz baixa.

— Claro que sou. Mas estou feliz que você tenha notado — eu disse presunçosamente.

Ela meio bufou, meio riu — Aahh e você também é muito cheio de si.

— Reconhecer a grandiosidade de alguém não é vaidade, se for factual — eu disse com uma voz zombeteira — Eu não sou incrível, minha companheira?

Rindo, ela balançou a cabeça — Estou pleiteando a quinta emenda neste caso.

— Vou aceitar isso como uma admissão — eu brinquei antes de apontar para o prato dela com o queixo — Terminou?

Ela assentiu — Sim, estou totalmente cheia. Isso foi muito bom.

Eu sorri — Fico feliz que você tenha gostado.

— Definitivamente. Mas... hum...

Eu estreitei meus olhos para ela — Mas? — eu insisti quando a voz dela sumiu.

— Eu queria saber se não haveria problema em preparar minhas próprias refeições de vez em quando — ela perguntou timidamente.

Minhas costas enrijeceram e eu fiz uma careta — Por quê? Está faltando comida?

Ela balançou a cabeça veementemente — Oh não! De jeito nenhum. É tudo muito bom. Mas, além de gostar muito de cozinhar, de vez em quando eu gostaria de comer alguns pratos tradicionais da minha cultura. Então...

Eu franzi meu rosto para ela — Você gosta de cozinhar?

Ela começou a rir — Não olhe para mim como se eu fosse louca. Sim, algumas pessoas gostam de cozinhar. Se eu não tivesse me tornado jornalista, teria ido para a escola de culinária.

— Você é uma criatura estranha — eu disse, balançando a cabeça com diversão — Mas se trabalhar em um fogão quente a diverte, faça isso, minha companheira. Esta casa é o seu domínio para usar e desfrutar como achar melhor.

— Obrigada! — ela disse, sorrindo para mim.

Eu adorava como a felicidade iluminava seu rosto. Ela brilhava por dentro. Incapaz de resistir, eu provei suas emoções. Pelo sangue de Tharmok, tinha um sabor divino. A vontade de devorá-las me invadiu com força.

— É um prazer, minha companheira. Mas eu preciso voltar — eu disse, me levantando para lutar contra a tentação.

— Tudo bem — Malaya disse, me imitando — Eu quero começar essa pesquisa também. Quanto mais cedo eu conseguir pegar aquele idiota, melhor.

Se ela encontrasse a prova de que precisava nas próximas semanas, ou talvez dias, ela pediria imediatamente para anular nossa união e recuperar sua liberdade? A raiva possessiva instantânea que surgiu profundamente dentro de mim me deixou cambaleando.

— De fato — eu respondi, orgulhoso de que minha voz não traísse a emoção vergonhosa que suas palavras despertaram.

Para minha alegria, Malaya me acompanhou até o terraço para se despedir de mim. Me comoveu ainda mais o fato disso não parecer algo forçado ou executado por um senso de dever.

— Você vai demorar muito? — ela perguntou quando saíamos de casa.

— Eu devo estar de volta na hora do jantar.

— Ah, que bom! Você vai comer? — ela perguntou.

Eu me virei para encará-la, meu olhar fixo no dela. Sua respiração engatou quando segurei seu rosto com as duas mãos e me inclinei para frente.

— Se eu vou comer comida regular e quanto comerei depende inteiramente de você, minha companheira. *Me diga você*, Malaya — eu disse em um tom abafado.

Antes que ela pudesse responder, eu lhe dei um beijo apaixonado, apagando qualquer dúvida que ela pudesse ter sobre o que eu queria dizer. O cheiro inebriante de sua excitação florescente me deixou instantaneamente duro. Eu quebrei o beijo, lutando contra o desejo ardente de empurrar minha mulher de costas e fazer o que queria com ela aqui e agora.

— Até mais tarde — eu sussurrei, com meus lábios a um fio de cabelo dos dela.

Com os olhos ainda presos aos dela, eu soltei Malaya e bati minhas asas, voando para trás com um sorriso presunçoso.

Capítulo 9

Malaya

Eu o observei voar enquanto o chamava mentalmente de todos os nomes possíveis. Como ele ousa me excitar daquele jeito só para me deixar esperando? Aquele homem miserável me possuía. Minhas partes femininas ainda estavam cantando desde a noite passada. Eu nunca pensei que qualquer homem pudesse me destruir tão completamente e ainda me fazer implorar por mais. Claro, ele era do tipo incubo, mas ainda mal nos conhecíamos. Eu nunca fui o tipo de garota que transa no primeiro encontro, então esse vício avassalador em meu novo marido me deixou perplexa. Mas eu queria mais. Muito mais.

E por que diabos não?

Nós éramos casados, e ele parecia claramente disposto a fazer tudo novamente. Eu não sou tão orgulhosa a ponto de não desfrutar de uma coisa boa quando ela finalmente entra na minha vida. Deus sabia que as coisas estavam além de uma merda para mim ultimamente. Além disso, segundo Kayog, nós éramos almas gêmeas. E mesmo que não fôssemos, quem se importa? Nós somos ambos adultos consentidos e – eu não poderia repetir o suficiente – somos casados.

Sim. Eu com certeza vou transar com meu homem de novo esta noite.

Tomada essa decisão, eu voltei para o meu quarto, tentando ignorar o latejar surdo entre minhas coxas que Kronos havia despertado apenas com um beijo e algumas palavras ditas em tom sugestivo. Eu já ouvi pessoas se referirem a mulheres gostosas como sexo com pernas, mas esse título definitivamente combinava com meu marido. Até minha língua formigou com a lembrança daqueles piercings em seus mamilos sensuais. Eu nem consegui admirar adequadamente os que ele tinha em seu pênis. Isso precisaria ser corrigido esta noite.

Eu gemi de aborrecimento enquanto me acomodava na frente do meu computador. Esses pensamentos errantes não estavam ajudando a apagar a chama que ardia em minha barriga. Haveria muito tempo hoje à noite para explorar a sensualidade com a qual eu inicialmente relutei em me casar.

Ao me conectar à rede da OPU, meu computador emitiu um sinal sonoro e um ícone piscou na parte inferior da tela. Eu cliquei nele e fiquei surpreso ao ver que era uma mensagem segura de uma Executiva chamada Maeve Riley.

Eu me endireitei na cadeira, meus olhos quase saltando das órbitas. Eu me lembrava desse nome. Há alguns meses, ela e seu novo marido – um Edocit chamado Helio – interromperam a lua de mel para resgatar um jovem Edocit que havia sido sequestrado de seu mundo natal. A sua intervenção levou ao desmantelamento de uma importante organização de tráfico de drogas e de pessoas.

Com o coração batendo forte, eu li rapidamente a breve mensagem informando que ela havia sido designada para me ajudar em qualquer coleta de informações que eu pudesse precisar para minha investigação. O grito emocionado que saiu da minha garganta machucou meus próprios ouvidos. Isso era fenomenal. Kronos apontando que eu precisaria ter cuidado com minha navegação para evitar levantar qualquer sinal de alerta não caiu em ouvidos surdos. Eu estava muito preocupada porque, apesar de meus melhores esforços, eu iria acionar algum tipo de rastreador e disparar um alarme que colocaria Wuras no meu rastro.

Se a memória não me falha, Maeve era uma espécie de gênio da informática que conseguia invadir praticamente qualquer coisa. Com suas credenciais de Executora, ela teria acesso legal ao tipo de arquivos e dados com os quais uma simples jornalista como eu poderia apenas sonhar. Isso aumentaria significativamente nossas chances de manter esse segredo até que tudo explodisse na cara daquele maldito.

Eu respondi imediatamente, dizendo como eu me sentia entusiasmada e grata pela sua ajuda. Como o tempo era essencial, a mensagem incluía coisas que eu queria que ela priorizasse, como adquirir dados ou documentos para me ajudar a reconstruir o arquivo anterior que eu tinha sobre Wuras. Embora eu obviamente não me lembrasse dos números de suas contas, eu forneci a ela os nomes dos estabelecimentos e locais. Eu também enviei a ela uma lista de pessoas cujos processos judiciais foram presididos por Wuras e dos quais eu adoraria obter os registros.

Segundos depois de eu enviar a mensagem, Maeve respondeu com um simples ‘Pode deixar’.

Preenchida com um renovado senso de esperança e propósito, eu comecei a trabalhar na reconstrução de meus arquivos. Como eu já sabia o que procurar e onde, comecei a compilar datas e nomes em velocidade recorde. Em menos de uma hora, eu consegui o que antes levou meses. Nesse ritmo, e supondo que Maeve me ajudasse, eu poderia reconstruir todo o arquivo em algumas semanas.

Dito isto, ainda demoraria um pouco mais para eu ser inocentada

do crime do qual fui injustamente acusada. Primeiro, precisaríamos que Wuras fosse indiciado e julgado. Então, eu precisaria entrar com um recurso para que meu caso fosse julgado novamente. Poderia levar semanas, talvez até alguns meses, mas pela primeira vez desde que todo esse pesadelo começou, eu tinha um caminho claro a seguir e passos concretos além de apenas garantir que sobreviveria por mais algum tempo.

Ao preencher os detalhes de um dos casos de referência que usei inicialmente, me ocorreu mais uma vez o quão importante seria para mim falar com os atuais presidiários que haviam sido condenados injustamente como eu. O seu testemunho e as provas que pudéssemos reunir para apoiar a sua afirmação poderiam tornar o nosso caso infalível.

Embora ele não tenha dito isso com essas palavras, Kronos estava obviamente relutante em me deixar fazer isso. Meu instinto dizia que ele estava sendo excessivamente protetor. Quero dizer, no lugar dele, eu provavelmente não iria me querer perto das pessoas que ele estava interessado em manter longe da população em geral por causa dos crimes horríveis que cometeram. Considerando o tipo de medidas de proteção que ele ergueu entre os Quadrantes e esta habitação, o meu marido claramente não subestimava as capacidades dos reclusos.

E aqui estava eu, sorrindo melancolicamente ao pensar que ele queria me manter segura. Apenas vinte e quatro horas atrás, eu estava pensando em como ele era um babaca épico. Foi uma loucura o quanto ele cresceu em mim no curto espaço de tempo desde que finalmente começou a mostrar seu lado mais legal.

Por mais que eu quisesse que meu nome fosse limpo e recuperasse minha liberdade, na verdade não me importava que demorasse algumas semanas ou meses para que isso acontecesse. Isso daria a Kronos e a mim tempo para nos conhecermos melhor. Sendo bastante extrovertida e um pouco social, eu odiava o quão isolada e sozinha eu me sentia aqui. Se eu planejasse ficar com ele por um longo prazo, isso precisaria ser resolvido. Mas eu podia me ver me apaixonando por Kronos.

Por ele ou por aquele enorme pedaço dele que me fez cantar árias a noite toda?

Não havia dúvida de que Kronos tinha me arruinado para qualquer outro homem. Eu imediatamente me repreendi por permitir que meus pensamentos vagassem por aquela estrada perversa novamente. Eu queria trabalhar um pouco mais antes que ele voltasse. Na verdade, eu pensei em cozinhar para nós esta noite, mas não queria estragar o 'outro' apetite dele.

Justo quando eu estava voltando a me concentrar no trabalho, o som distante de asas batendo lá fora chamou minha atenção.

Já?

Uma rápida olhada na hora em meu computador indicou que Kronos não deveria voltar por pelo menos mais algumas horas. Mesmo assim feliz, eu me peguei saltando da cadeira e saindo correndo pelas grandes portas de vidro já abertas que davam para meu terraço privado. Para minha surpresa, eu não o vi em lugar nenhum. Dando mais alguns passos à frente, eu estiquei o pescoço para a direita para ver se ele tinha ido visitar novamente seu amigo Amreth, o que explicaria por que ele não estava vindo da floresta.

Então a sombra mais estranha se estendeu no chão, passando por mim. Eu levantei a cabeça para ver o que poderia estar formando uma forma tão estranha. Assim que meus olhos fizeram contato com seu dono, meu sangue gelou.

Com pelo menos quatro ou cinco metros de comprimento, uma criatura alada parecida com uma hidra deslizava acima. Seu corpo longo e estreito poderia pertencer a um inseto gigante, junto com três pares de pernas curtas e finas. Três pares de asas translúcidas alinhavam-se na parte superior do corpo. As bordas irregulares do conjunto maior de asas dianteiras pareciam poder causar sérios danos a qualquer um tolo o suficiente para se esfregar nelas. Na ponta de sua cauda pontuda, um ferrão afiado e cruel brilhava com o que só poderia ser alguma toxina ou veneno letal. Ela não tinha pescoço, apenas uma cabeça chata presa diretamente na outra extremidade. Ela tinha dois olhos globulares e pequenos buracos como narinas. Em vez de uma única boca padrão, cinco delas se projetavam na forma de tentáculos semelhantes a cobras no topo de sua cabeça.

Na fração de segundo que eu levei para absorver essa informação, a hidra voadora inclinou seu longo corpo, circulando de volta para me encarar enquanto continuava a deslizar silenciosamente. Saindo da minha paralisia horrorizada, eu girei nos calcanhares e corri de volta para dentro, meu grito de terror abafado pelas múltiplas cabeças gritando ameaçadoramente por terem encontrado sua presa.

Meu sangue se transformou em ácido em minhas veias com o som de suas asas batendo novamente. Eu entrei no meu quarto, agarrando a maçaneta da porta e a fechando. Outro grito de terror saiu de mim quando a hidra bateu a cabeça no vidro da porta fechada. Eu tropecei para trás, perdi o equilíbrio e caí de bunda com força. Eu não consegui trancar a porta.

Por uma fração de segundo, enquanto me levantava, eu pensei em tentar trancá-la – não que eu esperasse que aquela criatura fosse inteligente o suficiente para ser capaz de abri-la. No entanto, a criatura batendo as asas para trás antes de se chocar contra a parede de vidro mais uma vez apagou qualquer pensamento desse tipo. Rachaduras em forma de raio aparecendo em vários lugares do vidro,

com rachaduras radiais no ponto de impacto me fizeram gritar novamente e correr para o outro lado da sala. Quando eu cheguei à porta que dava para o corredor, outro som estridente ressoou atrás de mim. Em pânico, eu lutei para ativar o mecanismo de abertura da pedra luminosa ao lado da porta.

Quando finalmente consegui, o som de vidro quebrando atrás de mim abafou o barulho discreto do movimento extravagante da porta do quarto se abrindo. O som das asas da criatura se aproximou enquanto eu tentava me espremer para sair do padrão de abertura lenta da porta. Eu mal consegui tirar um pé antes que uma dor aguda e penetrante percorresse meu tornozelo e subisse pela perna. Eu gritei, tanto de dor quanto de medo, enquanto o chão avançava em minha direção. Eu caí de cara, mais dor irradiando das palmas das mãos e subindo pelos braços por jogar as mãos na minha frente para impedir minha queda.

Outro grito de terror saiu de mim quando me senti sendo puxada para trás pela perna direita. Eu comecei a deslizar de volta para o meu quarto. Por instinto, eu estendi as mãos, meus dedos pendurados na base do batente da porta. Gritando por socorro, eu chutei cegamente com o pé esquerdo o que eu sabia ser uma das cabeças da hidra que havia se agarrado ao meu tornozelo.

A criatura gritou ao perder o controle. Me puxando para frente com toda a força dos braços e da perna boa, eu tentei me levantar, mas dores agudas ainda mais intensas explodiram em ambas as pernas. A criatura me puxou novamente, me fazendo cair de bruços. Eu tentei me libertar mais uma vez, mas uma sensação de ardor atrás da coxa fez com que minha perna direita ficasse quase instantaneamente dormente.

A hidra puxou novamente, com força. Minha mão esquerda escorregou, perdendo o controle do batente da porta. Me segurando com uma mão, eu gritei e lutei para encontrar qualquer outra coisa em que me agarrar, mas acabei ficando de lado com uma visão muito boa da criatura. Ela torceu meu braço, provocando uma nova dor em meu pulso e nos dedos pendurados desesperadamente no batente da porta. Eles começaram a escorregar enquanto uma sensação de queimação subia gradualmente pelas minhas pernas, de onde os dentes afiados da criatura haviam afundado em minha carne. Naquele instante, eu percebi que estava encarando minha morte de frente. Minha vida passou diante dos meus olhos.

Não poderia ser isso. Não poderia ser assim que tudo terminaria. Não agora, não quando momentos antes eu finalmente encontrei esperança de que tudo ficaria bem. Eu deveria ficar livre, exonerada e talvez até construir uma nova vida com Kronos. Em vez disso, ele encontraria meu quarto destruído, coberto de sangue, e talvez alguns

de meus restos profanados depois que a fera fosse saciada.

Lágrimas de dor, terror e tristeza jorraram de meus olhos enquanto eu gradualmente perdia o controle.

— Nãooooo! — eu gritei quando meus dedos finalmente perderam o controle do batente da porta.

Eu comecei a deslizar de volta para dentro da sala, puxada pela hidra, apenas para ser parada segundos depois. Uma dor aguda irradiava do meu pulso, descendo pelo braço, e do tornozelo direito até a perna. Eu levei um momento para perceber que algo havia agarrado meu pulso direito, me impedindo de ser arrastada pela criatura. Eu inclinei minha cabeça para trás para ver o que estava acontecendo. Através da visão turva, eu vi primeiro um estranho par de pés com cascos passar por mim, seguido por um segundo par.

Minha pele formigou e meu cabelo se arrepiou, como se estivesse preso em uma tempestade de estática. Estranhas criaturas bípedes vestidas com vestes de aparência quase medieval ergueram a mão direita para a hidra. Eles só tinham dois dedos extremamente longos com garras escuras e bifurcadas. Sons sibilantes ressoaram acima de mim e a hidra guinchou. A princípio ela não registrou que os dedos dos seres com cascos haviam causado aquele som. Mas quando a hidra guinchou e soltou meus tornozelos, eu finalmente percebi o ar se movendo na frente de seus dedos, quase como uma ondulação na água.

Embora tudo isso tenha ocorrido em segundos, parecia que o tempo havia se esticado até o fim. Eu gritei quando a mão que segurava meu pulso me arrastou para trás, para fora da sala. Eu gritei e tentei me libertar. Então uma voz ressoou dentro da minha cabeça.

— *Paz, Senhora. Nundars ajudam. Nundars levam para segurança.*

Eu enrijeci, minha mente congelou enquanto as palavras lentamente percorriam meu cérebro. Não, não eram palavras. Não era uma voz real. E ainda assim, eu entendi claramente a mensagem. Eu tentei me levantar, mas a dor na perna esquerda me fez gritar de novo, enquanto a perna direita não respondia.

Quatro pares de mãos me alcançaram e me levantaram, dois Nundars de cada lado. Embora humanoides, eles tinham um pescoço muito longo e listrado que se estendia em um cone que também servia como cabeça. Dois grandes olhos me encararam com infinita sabedoria. Seus rostos, em sua maioria achatados, davam a impressão de um focinho acima da boca de lábios finos, emoldurada por um longo bigode semelhante a pelo, de uma cor bege mais pálida que a sua pele.

Me carregando, os Nundars começaram a correr pelo corredor até o salão principal. Atrás de nós, eu ainda conseguia ouvir a hidra gritando e se debatendo. Apesar do tipo de poder cinético que eles

demonstraram, o medo percorreu meu corpo pelos dois Nundars que ficaram para trás para conter a fera. Embora seus rostos sugerissem que eles eram adultos maduros, talvez até mais velhos, seus corpos esbeltos e estatura mais baixa lhes davam uma aparência frágil.

— *Paz, Senhora. Nundars protegem. O Mestre vem.*

Desta vez, eu sabia com certeza que não tinha ouvido as palavras deles, embora as tivesse ‘ouvido’ claramente. Eu finalmente entendi o que Kronos quis dizer quando disse que ouvi-los se comunicando era mais como um conhecimento instantâneo, uma transferência de pensamento.

— Kronos está vindo? — eu exclamei, chocada ao encontrar minhas palavras arrastadas.

— *O Mestre vem em breve.*

Mesmo enquanto eu me regozijava, um medo diferente despertou em meu coração. E se a criatura o machucasse ou matasse? É verdade que nascer nobre não lhe garantia o direito de se tornar um Diretor em Molvi. Somente os melhores Guerreiros Obosianos poderiam conquistar essa posição privilegiada. Mas eu ainda não conseguia deixar de me preocupar com ele.

Minha cabeça girava enquanto os Nundars me levavam para o outro lado da mansão e para o jardim interno. Minhas pernas estavam em chamas, como se o ácido as estivesse consumindo por dentro, enquanto meu estômago revirava com uma sensação de náusea. Lutando para me concentrar, eu me perguntei vagamente por que eles estavam me carregando para a escultura drapeada no fundo do jardim. Ela era grande demais para ser uma porta e ficaríamos expostos aqui ao ar livre.

Como se em resposta a esse pensamento, um grito agudo me fez levantar a cabeça. Eu deveria ter gritado e entrado em pânico ao ver a hidra circulando acima de nós como um abutre antes de mergulhar. Mas eu me sentia muito lenta para me preocupar. Minha pele formigou e queimou como se eu tivesse engolido o sol, e seu calor irradiava através de mim.

Dois Nundars apareceram do nada. Não, não apareceram. Eles saíram da escultura em pedra rodopiante, como se fosse uma cortina de água. Eles imediatamente fizeram aquela coisa estranha com a mão esquerda apoiada no pulso direito, enquanto apontavam para a hidra voadora com a mão direita de dois dedos.

Parecendo alheios ao perigo que estava por vir, os Nundars que me carregavam correram direto para o muro de pedra. A dor que eu esperava quando eles enfiaram meus pés doloridos nele nunca veio. A parede simplesmente desapareceu, revelando um longo corredor inclinado que levava a um enorme covil subterrâneo que eu nunca suspeitei que existisse.

Se minha mente não estivesse tão nebulosa, eu provavelmente teria ficado maravilhada com o quão grande, espaçoso e luminoso ele era. Esculpido diretamente na pedra que molda a montanha, a textura nervurada do teto dava a ilusão de que estávamos caminhando sob um deserto arenoso. As paredes polidas esbranquiçadas davam aquela sensação de largura e pureza. Os móveis feitos de madeira clara e almofadas bege claro tinham ângulos suaves e arredondados. Grandes janelas em locais estratégicos permitiam a entrada da luz do dia. E pedras luminosas embutidas nas paredes banhavam as áreas mais profundas da montanha com uma luz sonhadora.

Inúmeras silhuetas de Nundar apressaram-se à minha frente e à minha volta enquanto os meus salvadores continuavam a me carregar através de uma porta em arco após outra. O guincho da hidra desapareceu ao longe, sendo substituído pelo som suave da água escorrendo. A sua origem revelou-se finalmente na forma de uma pequena cascata que descia por rochas claras até uma piscina interior.

Os Nundars me deitaram em uma almofada divina à beira da água. Mais sombras se moveram na frente do meu rosto antes que algo frio pressionasse meus lábios. Só então eu percebi que estava falando. Eu não tinha ideia de quais palavras eu havia falado. Por que ninguém me respondeu?

— *Beba, Senhora. O chá corta a febre, limpa o veneno.*

Eu abri a boca para protestar que não estava com febre e que estava com calor demais para beber chá. Mas no momento em que meus lábios se separaram, um líquido frio derramou em minha boca. A sede raivosa que tomou conta de mim silenciou qualquer outra coisa que eu pudesse querer dizer. Eu engoli avidamente o conteúdo da tigela, vagamente consciente de que imploraria por mais quando acabasse. Outra tigela pressionou meus lábios e eu dei as boas-vindas à recompensa.

No meio do caminho, uma sensação desagradável se instalou nos meus tornozelos e depois nas pernas. Isso me lembrou de roupas molhadas grudadas na minha pele depois de ficar encharcada pela chuva. Eu queria protestar novamente, mas mover minha língua parecia um esforço hercúleo. A água escorria pelos lados da minha boca e pelo meu pescoço. A estranha pressão contra meus lábios desapareceu. Minhas pálpebras ficaram pesadas enquanto eu tentava lembrar o que estava fazendo antes que o desconforto nas minhas pernas me distraísse.

— *Descanse, Senhora. Nundars cuidam de você. O Mestre luta.*

Quem era a Senhora? Quem era o Mestre? Por que ele estava lutando? Eu não sei se eles me responderam. Um véu de escuridão desceu diante dos meus olhos. Eu parei de lutar e aceitei seu abraço.

Capítulo 10

Kronos

Mordendo o interior das bochechas para reprimir um sorriso divertido, eu observei Seelo saltitando do lado de fora da zona de segurança, perto da pista de pouso. Como 'líder' dos reclusos do Q1, a mulher Nazhral estava fazendo esta exibição para garantir que os outros lhe dariam crédito pela sua impressionante produtividade.

Os quadrantes Um e Dois continham grandes reservas de sorídio, um metal muito procurado para construir circuitos integrados e outros componentes eletrônicos. Sendo muito mais condutivo que o cobre, ele permitia fios mais finos sem perdas, era menos vulnerável à eletromigração e tinha muito menos probabilidade de fraturar mesmo sob estresse intenso. Embora a minha família também se dedicasse a outros campos, a venda de sorídio refinado e dos seus produtos derivados constituía a nossa principal fonte de renda. Isso nos tornou extremamente ricos. Havia uma razão pela qual os nossos reclusos menos problemáticos eram designados para trabalhar nessas minas.

Normalmente, era necessário o lote semanal do Q1 e Q2 para preencher o porão do ônibus de transporte. Mas esta semana, os internos do Q1 conseguiram preenchê-lo totalmente. Agora mesmo, Zolran estava terminando de carregar as últimas caixas, sendo criativo em seu posicionamento para encaixar tudo. Embora uma produtividade tão inesperadamente alta tenha me agradado, eu fiquei curioso para saber como Seelo havia convencido os outros a mais do que dobrar sua produtividade sem ter sua autoridade desafiada.

O que você prometeu a eles, pequena Nazhral?

Zolran fechou as portas do porão e lançou um olhar curioso em minha direção. Eu balancei a cabeça em resposta à sua pergunta tácita. Tendo trabalhado como meu piloto durante anos, ele não precisava de muitas explicações para saber o que fazer. Ainda tínhamos que visitar os outros três Quadrantes para coletar os recursos que eles também haviam reunido. Zolran bateu as asas uma vez para subir a rampa da nave em vez de andar. Desta vez, eu não reprimi um sorriso. Esse movimento traiu seu bom humor.

Como eu sempre fui um defensor da participação nos lucros e do

escoamento da riqueza, além dos salários estabelecidos, meus guardas e pilotos sempre recebiam uma parte dos meus lucros. Somente esse resultado do Q1 prometia um pequeno bônus para ele. Sendo de origem humilde, Zolran não tinha riqueza geracional. Mas trabalhar para mim permitiu que ele construísse um pé-de-meia de forma constante. Ele pretendia usá-lo para ajudar seus filhos a lançar o negócio com o qual sonhavam assim que concluíssem os estudos em dois anos.

Quando o ônibus espacial decolou, Seelo voltou em minha direção com aquele andar naturalmente sedutor dela, sua cauda branca e fofa balançando lentamente de um lado para o outro de uma forma quase hipnótica. Tudo nesta espécie felina bípede gritava sensualidade. Embora geralmente agradáveis à vista, eles não tinham uma reputação muito boa em toda a galáxia. Muitos deles estavam envolvidos em alguma forma de contrabando ou tráfico. Muitos ainda trabalhavam ativamente como piratas espaciais ou traficantes de escravos. A parte triste é que os Nazhral não eram fundamentalmente maus. Na verdade, a maioria das pessoas que encontrei – incluindo Seelo – tinha uma alma geralmente boa. Infelizmente, a sua cultura tolerava e encorajava comportamentos considerados criminosos pela comunidade galáctica.

Mas alguns de seus membros - como Saydi - eram os seres mais nojentos que já encontrei. Eu imediatamente reprimi esse pensamento. Eu não permitiria que as lembranças da miserável Nazhral que me escravizou prejudicassem o clima agradável em que compartilhar o almoço com minha companheira me deixou.

Eu mal podia esperar para terminar minhas tarefas e voltar para casa. Minha pequena humana estava realmente crescendo em mim. E aquele beijo de despedida...

Talvez eu devesse esgotar ainda mais minhas reservas de energia para abrir espaço extra para esta noite.

A Nazhral parando na minha frente a uma distância não ameaçadora me forçou a reprimir meus pensamentos errantes. Embora as almas de nenhum dos outros presos que nos rodeavam mostrassem quaisquer sinais de agressão potencial ou crime, eu deveria saber que não devo me distrair enquanto estiver em um ambiente potencialmente perigoso. Mesmo que este fosse o Q1 com os condenados menos problemáticos, eles continuavam sendo criminosos.

— Você tem sido muito produtiva — eu disse em um tom levemente zombeteiro.

Ela passou a mão com garras sobre a mancha escura de pelo preto que se espalhava pela sua testa, entre as orelhas felinas e descia pela nuca, antes de cruzar os braços sobre o peito com uma expressão presunçosa. Aquela mancha e suas patas eram as únicas manchas

coloridas no pelo branco imaculado que cobria seu corpo.

A fenda vertical de seus olhos dourados se arregalou quando ela sorriu para mim — Nós gostamos do nosso conforto — ela ronronou — A estação das chuvas se aproxima. Queremos fazer algumas atualizações e acréscimos em nossas instalações antes disso.

— É mesmo? — eu perguntei, levantando uma sobrancelha curiosa.

— Mmhmm — ela respondeu de forma evasiva — Mas antes de chegarmos a isso, nós notamos um aumento incomum em nossos recursos energéticos esta manhã. Há algo que você gostaria de nos contar, Diretor?

Eu dei de ombros — Considere isso um presente.

Ela estreitou os olhos para mim, seus longos cílios lançando uma sombra sobre suas maçãs do rosto salientes. Alguém menos familiarizado com ela poderia ter interpretado mal aquele olhar como sendo de flerte, um erro grave que poderia ter – e já resultou – em algumas pessoas tendo seus rostos violentamente arranhados.

— Os Obosianos – e especialmente os Diretores – nunca dão presentes. Qual é o lance?

Eu ri — Sério não tem problema. Aproveite enquanto dura, pois não é provável que isso aconteça novamente tão cedo. Agora diga o que você quer. Eu tenho outros Quadrantes para visitar — eu acrescentei rapidamente para mudar de assunto. Ela não precisava saber que eu estava com indigestão, me banquetecendo com o prazer de minha companheira.

Ou que eu espero fazer isso novamente esta noite...

Seelo apertou os lábios, descontente com a minha falta de cooperação. Eu não poderia nem culpá-la por isso. No mundo em que ela evoluiu, tudo tinha um custo, oculto ou não. Uma coisa que eu aprendi sobre ela nos sete anos em que ela serviu aqui, era que a mulher Nazhral odiava ficar em dívida com alguém. Isso lhes dava poder sobre ela, o que ela não gostava nem um pouco.

Sabendo que não conseguiria mais nada de mim, Seelo bufou e me entregou um cartão holográfico.

— Esta é a nossa lista de compras — ela disse em um tom levemente conciso — Ele também contém o detalhamento da contribuição de todos.

Eu balancei a cabeça enquanto navegava rapidamente pela lista de bens, móveis e ferramentas nas quais eles queriam gastar seus créditos. O restante do pagamento que eu lhes devia pelo sorídio extraído seria dividido de acordo com a contribuição de cada prisioneiro e enviado para suas contas pessoais. Para alguns, esses fundos seriam as suas poupanças depois de cumprirem a pena. Para outros, isso proporcionava uma renda às famílias que deixaram para

trás.

— Na última guia, você verá os recursos adicionais de que precisamos para expandir nossa habitação e a fábrica — Seelo acrescentou, com um toque de desafio em sua voz.

Minha sobrançelha se ergueu enquanto eu examinava — Isso vai custar caro!

Ela deu de ombros — Graças a toda essa energia extra que nos foi dada, temos muito mais créditos em mãos.

Eu bufei e inclinei a cabeça em concessão.

— Nós também temos as competências necessárias para realizarmos nós próprios a maior parte da construção — ela continuou, desta vez com o brilho sério de uma mulher de negócios profissional nos seus olhos dourados — Só precisamos do material e de algumas horas de um especialista para otimizar nosso projeto para a refinaria.

Eu inclinei a cabeça para o lado, intrigado com esse pedido inesperado — Por quê? O que motivou esse desejo repentino?

— Créditos, é claro — ela disse como se fosse evidente — Nós receberemos muito mais pelo sorídio refinado do que pelas pedras brutas que lhe damos. Ela acenou para um humano enrugado parado no meio da ampla praça em frente ao prédio principal que servia de moradia — Mika só tem mais um ano para cumprir sua pena. Ele quer aumentar suas economias para quando esse dia chegar, para que possa viver seus anos restantes confortavelmente e sem problemas.

Eu balancei a cabeça — Compreensível. Mas o que isso traz para o resto de vocês? O altruísmo não é uma coisa entre vocês.

Foi a vez dela de bufar — Nisso você acertou, Diretor. Nós não gostamos de seu traseiro enrugado o suficiente para isso. Mas nós receberemos cinquenta por cento dos rendimentos que você paga pelo sorídio refinado que ele produz até que sua parte no custo de construção da refinaria seja reembolsada.

— E depois disso? — eu insisti.

— Nós receberemos vinte e cinco por cento dos lucros enquanto ele nos treina para refinar nosso próprio sorídio — ela respondeu.

— E então?

— E então cada um fica com cem por cento de sua própria produção — ela disse como se isso fosse evidente — Depois que ele partir, não vamos desperdiçar. Eu recupero minha liberdade em três anos. Pretendo ter um pé-de-meia muito confortável até então.

— Muito bem — eu disse em tom de aprovação — Você fornecerá um acordo por escrito detalhado que *todos* deverão assinar. Eu vou te dar uma cotação do custo total pela manhã. Como isso constitui uma melhoria permanente para o seu Quadrante e como beneficiará futuros presos após suas próprias sentenças, eu reembolsarei cinquenta por

cento do custo de construção. Mas só depois da sua primeira entrega bem-sucedida de sorídio refinado.

Seelo sorriu para mim, suas pequenas presas aparecendo entre os lábios rosados, enquanto os outros presos aplaudiam.

— Obrigada, Diretor — ela ronronou.

— Mas isso também exigirá um ajuste na porcentagem que você deduzirá da contribuição de Mika, já que a parte dele será reembolsada mais rapidamente — eu avisei — Quanto ao especialista...

Um sinal sonoro na minha braçadeira me interrompeu. Eu abaixei a cabeça enquanto levantava o pulso diante do rosto, convencido de que tinha ouvido mal o som. Esse tom específico indicava uma violação do perímetro da minha fortaleza. Isso nunca aconteceu. Nenhum preso jamais conseguiria passar pelas minhas medidas de segurança. E os presos com habilidades de voo - não que eu tivesse algum no meu Setor - ou tinham suas asas cortadas regularmente enquanto cumpriam suas sentenças ou usavam implantes que infligiriam dor debilitante se voassem além de uma altura ou zona restrita.

Meu sangue gelou ao ver o relatório do sistema de vigilância. Eu voei, batendo minhas asas furiosamente. A voz alarmada de Seelo chamando meu nome desapareceu rapidamente enquanto eu corria para casa. Dois Faernychs foram detectados entrando no meu Setor, cada um vindo de lados opostos da área. Isso era impossível. Essas temíveis criaturas foram criadas e treinadas em Vargos, meu mundo natal. Eu adquiri oito delas para proteger a floresta ao redor do meu playground, duas por Quadrante. Uma verificação rápida confirmou que as minhas ainda estavam onde pertenciam.

Os Faernychs nunca vagariam ou caçariam além do território designado. Portanto, esses dois só estariam se aproximando da minha residência porque alguém havia ordenado que o fizessem. Apenas uma pessoa seria louca - ou desesperada - o suficiente para cometer tal crime.

De alguma forma, Wuras já havia descoberto meu casamento com Malaya.

Medo e raiva fervente me inundaram. Por quinze anos eu administrei esse Setor, e uma violação destas NUNCA aconteceu. Até onde eu sabia, nenhuma habitação de Diretor jamais havia sido atacada por uma criatura. O fato disso ter ocorrido hoje, na minha casa, um dia após a chegada da Malaya, não foi uma coincidência. Wuras havia cruzado uma linha imperdoável pela qual ele responderia.

O voo de volta de vinte minutos nunca pareceu tão longo. Se ao menos eu já não tivesse mandado Zolran embora. Mas ligar para ele

agora seria inútil. Não só demoraria muito para ele voltar para minha casa, mas também ele não era um guerreiro como eu e não sobreviveria ao encontro.

Quando eu projetei pela primeira vez o sistema de segurança em torno da minha fortaleza, meu pai me repreendeu por exagerar no alerta de detecção de violação do perímetro aéreo e nos sistemas de câmeras. Como nenhuma ameaça viria do ar, ele considerou um desperdício de créditos ter algo além do fosso e do penhasco. Embora eu tenha me mantido firme na implementação desses dois recursos, eu não me preocupei em integrar totalmente o sistema com dispositivos remotos como minha braçadeira. Isso significava que eu não poderia reproduzir as imagens reais da câmera aqui. O scanner indicava apenas a localização das criaturas.

E uma delas foi direto para o terraço de Malaya. Se ela tivesse escolhido mais uma vez trabalhar ao ar livre na espreguiçadeira para aproveitar o sol quente da tarde, quando percebesse o perigo que se aproximava, poderia ser tarde demais. Eu me lembrava muito bem de quanto tempo ela levou esta manhã para perceber que eu estava chegando atrás dela.

Meu estômago se revirou de pavor enquanto eu batia as asas com ainda mais força. Se alguma coisa acontecesse com ela...

Eu tentei expulsar esse pensamento horrível da minha mente. Se as feras encontrassem minha companheira, meus Nundars sentiriam sua angústia e viriam em seu socorro. Eu me recusei até mesmo a considerar a possibilidade de que eles chegassem tarde demais.

Em resposta direta a esse pensamento, minha braçadeira apitou novamente, desta vez confirmando uma violação física. Eu rugi de raiva e terror quando isso indicou danos críticos na parede externa do quarto de Malaya.

Quando o contorno do meu domínio finalmente apareceu à distância, eu estava me afogando em um oceano de auto-aversão e auto-recriminação. Tharmok me amaldiçoe! Eu fiquei tão complacente, tão confiante em minha invulnerabilidade dentro de meu próprio domínio, que fiquei relaxado. Eu já nem me preocupava em carregar um bastão ou qualquer tipo de arma quando visitava meu playground, apesar de estar cheio de criminosos durões. Entre meu escudo de energia e meu *lumiak*, eu sempre fui capaz de lidar facilmente com qualquer situação. Mas agora, bestas letais perseguiam minha companheira.

Meu coração disparou quando os ecos distantes dos gritos de dor de um Faernych me alcançaram segundos depois de finalmente limpar a floresta. Eu precisava acreditar que isso confirmava que os Nundars haviam intervindo a tempo e estavam mantendo as feras afastadas. Os músculos das minhas costas queimaram quando eu cruzei o fosso em

um ângulo ascendente acentuado para passar pelo penhasco. No momento em que eu passei pela grade, o Faernych gritou e cambaleou para fora do quarto de Malaya, como se recuasse de um golpe violento.

Quando eu corri para cruzar os cerca de duzentos metros que nos separavam, um brilho metálico no amplo espaço aberto do terraço principal chamou minha atenção. Um rugido vitorioso me escapou e eu implorei uma bênção dos deuses sobre os Nundars por este presente.

Alertado pelo meu grito de guerra, o Faernych se virou para olhar em minha direção no momento em que eu estava descendo para pegar o bastão de batalha que meus familiares haviam deixado para mim. Eu o agarrei rapidamente enquanto continuava a correr em direção à fera. Quando dobrado, o bastão parecia um cassete curto de trinta centímetros de comprimento. Com um movimento do pulso, eu o ativei, esticando o bastão em seu comprimento total de cento e oitenta centímetros. Eu apertei o botão central do bastão e lâminas afiadas se projetaram de ambas as extremidades.

Nos segundos que eu levei para realizar essas ações, a criatura virou a cabeça para a esquerda para olhar para dentro da sala e depois para mim, parecendo incapaz de decidir com qual presa – ou melhor, ameaça – deveria lutar. Ela sibilou para mim, tendo percebido com razão que estava encarando sua morte de frente. Para meu horror, enquanto a fera mostrava os dentes pontiagudos de suas cinco bocas, eu notei manchas vermelhas brilhantes marcando pelo menos três delas. Sangue. Sangue humano.

Ela acertou a Malaya. Ela machucou minha companheira!

O grito enfurecido que saiu da minha garganta não conseguiu cobrir completamente o par de sons estridentes que ressoaram no quarto de Malaya. O ar ficou turvo e o Faernych gritou quando a força cinética invisível dos Nundars o atingiu novamente.

O ar crepitava com energia estática quando as costas da fera se chocaram contra a grade de pedra. Ela aterrissou de lado, com as três asas direitas presas sob o longo corpo. Usando suas pernas finas e sua asa esquerda principal, o Faernych torceu e se contorceu até se endireitar. Mas antes que ele pudesse voar novamente, eu joguei minha mão esquerda para frente e dei boas-vindas ao calor formigante do meu *lumiak* saindo da minha palma.

A fera guinchou novamente e perdeu o equilíbrio precário. Irritado, mesmo enquanto lutava para recuperar o equilíbrio, o Faernych chicoteou suas cinco bocas para frente em um movimento muito familiar. Eu me esquivei do caminho delas uma fração de segundo antes de todas cuspirem uma torrente de ácido em minha direção.

Impossível!

Eu ativei o escudo de energia na minha braçadeira antes de atacar a fera. Isso *nunca* deveria ser necessário. Desde o momento em que nascem, os Faernychs são treinados a não atacar Obosianos, a menos que fosse para fins de treinamento de combate. E mesmo assim, eles nunca deveriam usar o ácido contra nós, e apenas como último recurso contra os prisioneiros. Algo verdadeiramente nefasto estava acontecendo. Mas haveria tempo para resolver isso depois que eu despachasse a criatura.

Sem falar na segunda.

Eu bati meu escudo de energia na lateral de seu rosto e imediatamente voei para cima, saindo do caminho de sua cauda. Como esperado, mesmo recuando com o impacto, ele tentou me esfaquear com seu ferrão. Eu não podia permitir que ele me atingisse, ou o efeito entorpecente da toxina que o cobria se espalharia, me paralisando gradualmente. Eu passei meu cajado atrás de mim, a metade inferior conectando-se solidamente com seu flanco enquanto passava pela criatura na direção oposta que ela estava encarando.

O tempo que seu corpo levou para se virar me permitiu colocar um pouco de distância entre nós. A fera começou a me perseguir, suas cabeças borrifando ácido em diferentes ângulos para aumentar as chances de me pegar, em qualquer direção que eu voasse. Se não fosse pelo meu escudo, ela teria me afetado bastante.

Nós começamos uma dança aérea de investidas e esquivas, enquanto eu disparava meu *lumiak* contra o Faernych. Embora a maioria das formas de vida fosse reduzida a cinzas com o meu poder, as escamas dos Faernychs os protegiam disso. É verdade que ainda os machucava e, se aplicado repetidamente no mesmo local do corpo, acabaria quebrando as escamas. No entanto, o Guerreiro provavelmente teria esgotado todas as suas reservas muito antes disso acontecer. Esta era a razão pela qual os Obosianos acabaram domesticando essas feras formidáveis.

A única maneira de matá-la era perfurando as escamas mais macias de sua barriga com a ponta afiada do meu cajado e canalizando meu *lumiak* através dele. Nós projetamos esta arma especificamente para multiplicar o poder da energia que flui através dela. Naturalmente, meu inimigo não tornaria isso uma tarefa fácil.

Eu voei mais alto, sobre a casa. Outra onda de raiva tomou conta de mim quando vi o segundo Faernych sendo repelido no jardim interno do pátio. Embora meus Nundars tenham se banquetado bem esta manhã com todo o excesso de energia que Malaya me deu na noite passada, eles não seriam capazes de sustentar isso por muito tempo.

Sem hesitar, eu corri em direção ao jardim com o primeiro

Faernych logo atrás. A cem metros de distância, eu aponte a ponta do meu cajado para a segunda criatura e derramei meu *lumiak* sobre ela. Ele disparou como um raio laser, atingindo logo abaixo da asa principal da fera. Em um golpe duplo, a explosão cinética dos meus Nundars também a atingiram, fazendo-a girar em uma bagunça desarticulada. Ela bateu contra a rocha da montanha, bem próximo à cachoeira.

Embora meio atordoado, o Faernych bateu bravamente as asas para evitar cair no chão. Eu o acertei novamente, chamando sua atenção para mim. Com um grito furioso, ele finalmente se concentrou em mim e atacou, voando meio bêbado enquanto se recuperava. Eu girei de forma ascendente para evitar ser atingido pela primeira criatura que me perseguia.

Eu ziguezagueei, conduzindo-as em direção à única armadilha que me faria sair ileso – na maior parte, pelo menos. Assim que os dois animais estavam a apenas alguns metros atrás de mim, eu voei sobre a borda do terraço principal e mergulhei em direção ao fosso. Com minhas asas dobradas para reduzir o atrito, eu desci como uma pedra, aumentando a distância de meus perseguidores.

À medida que a superfície da água veio correndo em minha direção, eu me preparei para o que seria uma recuperação terrivelmente dolorosa. Eu atirei meu *lumiak* sobre a superfície da água parada, contando os segundos. Esperando até o último minuto, eu mudei meu ângulo e abri minhas asas para deslizar sobre a superfície do lago agitado. Eu gritei de dor quando minhas asas estavam prestes a ser arrancadas de minhas costas em protesto enquanto a gravidade tentava mantê-las grudadas em meu corpo.

Como eu esperava, em vez de me seguirem planando, os Faernychs caíram na água, graças a um raio de curva insuficiente. Os barulhos altos que eles fizeram enquanto tentavam se recuperar e voar novamente encerraram o trabalho que meu *lumiak* havia iniciado. Eu me virei bem a tempo de ver um Faernych decolar, apenas para ter sua barriga cortada pelas garras de um nevianaar, com seu enorme membro de três garras saindo da superfície da água.

A fera gritou quando sangue amarelo jorrou das feridas abertas, com algumas de suas entranhas aparecendo. Em um movimento desesperado, ela voou em direção à costa em um padrão de voo errático. Em circunstâncias normais, o nevianaar teria acabado com ela, mas outra presa chamou o caçador aquático. Embora eu acreditasse que este primeiro Faernych não iria muito longe, eu não podia arriscar que ele sobrevivesse e causasse estragos em minha floresta.

Assim que ele chegou ao ‘jardim’ que adornava a costa, eu disparei um leve jato de *lumiak* nas plantas, o suficiente para desencadear a

liberação de seus esporos nocivos, mas não o suficiente para prejudicá-las. Em segundos, uma espuma laranja se formou ao redor do ferimento na barriga da criatura. Ela devorou a carne e os órgãos, as bordas escurecendo em necrose quase instantânea. Com o corpo abalado por violentos espasmos, o Faernych voou mais uma curta distância além do jardim antes de cair no chão, seu grito moribundo enterrado pelo de dor de seu companheiro.

Como havia entrado muito mais fundo na água, o segundo Faernych demorou muito para se recuperar. Embora tenha conseguido levantar voo, sua ascensão foi rapidamente interrompida pela enorme boca do nevianaar fechando-se em torno da metade inferior de sua cauda. Seus olhos redondos - minúsculos em sua gigantesca cabeça triangular - olhavam avidamente para sua presa e tentavam arrastá-la para debaixo da água. Gritando de dor e medo, o Faernych bateu as asas desesperadamente em um esforço inútil para voar verticalmente.

Percebendo que seus dentes afiados estavam cortando rápido demais a cauda estreita e que, uma vez rasgada, o jantar voaria para longe, o nevianaar cravou suas garras centrais em forma de gancho nas laterais da cauda do Faernych antes de puxá-lo para baixo novamente. Em um último esforço, o Faernych apontou suas cinco bocas para baixo e despejou ácido em seu predador.

O nevianaar rugiu, liberando involuntariamente sua presa no processo. O Faernych voou. Mas as garras em forma de gancho, ainda presas em cada lado da cauda, rasgaram longos cortes em todo o comprimento. Eu poderia ter ajudado o nevianaar a garantir esse banquete inesperado, mas quando me aproximei da criatura para esfaquear sua barriga exposta, eu notei algo... ou melhor, a ausência de algo.

A criatura deveria ter sido marcada por seu treinador. Agora que eu pensei nisso, não me lembrava de ter visto uma marca no primeiro que morreu no jardim. Mesmo que a minha câmera corporal o tivesse gravado, uma vez que eu exigisse reparação por este ataque flagrante, uma gravação de vídeo sem um cadáver seria facilmente contestada como tendo sido adulterada. Como eu não sabia o quanto as toxinas do jardim danificariam o cadáver do primeiro Faernych, eu precisava matar este aqui e preservar seus restos mortais.

Ferida e mijando sangue, a criatura havia entrado em modo de sobrevivência e não queria nada mais do que fugir o mais longe possível da fonte de dor... que estava acima. Escoltando-a a uma curta distância abaixo e um pouco atrás, eu a estimulei para frente com rajadas fracas de *lumiak* em sua cauda ferida. Quase parecia injusto à medida que seu ritmo diminuía gradualmente e os movimentos de suas asas se tornavam lentos.

Faltando apenas cerca de cinquenta metros para subir, eu não

queria arriscar que o Faernych entrasse em choque devido à perda de sangue antes de chegar ao meu terraço. Consequentemente, eu corri para frente, me movendo pouco à frente da criatura. Aproveitando meu impulso, eu empurrei meu cajado para cima. A ponta da lâmina perfurou facilmente as escamas mais macias de sua barriga. Seu grito de agonia morreu em um soluço assustado quando meu *lumiak* – aprimorado pelo cajado – explodiu diretamente dentro dela. O Faernych ficou mole enquanto gavinhas elétricas deslizavam sobre seu corpo com um som crepitante antes de desaparecer.

Rangendo os dentes, eu me esforcei sob o peso da fera ainda empalada em meu cajado enquanto subia os últimos metros em segurança. Eu joguei a carcaça por cima da grade, um silvo de alívio me escapou quando a dor ardente em meus braços e ombros pareceu atingir o pico antes de finalmente diminuir.

Mas agora não era hora de chafurdar em minhas dores. Abandonando meu bastão incrustado nos restos mortais do Faernych, eu voei sobre a casa até o jardim interno, deslizando pela abertura estreita da entrada de pedra do covil dos Nundars, antes de aterrissar e correr pelo corredor descendente.

Três dos seus Anciãos já me esperavam no fundo, sem dúvida sentindo a minha vitória.

— Malaya — eu perguntei.

— *Senhora ferida. Muito veneno. Nundars curam a Senhora.*

Outra onda de fúria tomou conta de mim ao ouvir a confirmação do que os vestígios de sangue no Faernych sugeriam. Eu falhei em proteger minha companheira. Por minha causa, Malaya sofreu.

— Mas ela vai viver? — eu insisti, seguindo os Nundars enquanto eles me conduziam apressadamente ao seu santuário interno construído em torno de uma fonte termal.

— *Sim. A Senhora se recupera totalmente. Cinco ou sete sóis.*

Cinco dias a uma semana?! Pelo sangue de Tharmok! Quão extensos foram seus ferimentos? A resposta rapidamente se tornou aparente à medida que o som assustador do cantarolar dos curandeiros Nundar ficava mais enquanto nos aproximávamos do santuário. Deixando meus guias para trás, eu corri para dentro da sala. Deitada em almofadas macias, Malaya tremia, uma constelação de gotas de suor cobrindo sua testa.

Tiras grossas de nillag – uma esponja natural que se alimenta de veneno e toxinas – foram enroladas nos tornozelos e panturrilhas de Malaya. Outra camada, esta muito mais fina, enfaixava parte de sua coxa direita. Eles colocaram estrategicamente uma série de pedras em seu peito, barriga, braços, coxas e testa. A maioria das que estavam na metade inferior de seu corpo tinham uma cor vermelha raivosa, enquanto aquelas mais próximas de sua cabeça e peito tinham um tom

cada vez mais pálido de rosa, aproximando-se do branco.

— Malaya! Estou aqui, minha companheira! — eu exclamei enquanto corria para o lado dela.

Eu me ajoelhei ao lado de sua cama improvisada e peguei sua mão. Ela parecia fresca e úmida. Eu liberei meu *bakaan* em baixa intensidade, envolvendo-a em sua aura. As feições de Malaya relaxaram instantaneamente, até mesmo sua respiração tensa aliviou.

— *Obrigado mestre. Agora os Nundars curam mais rápido.*

Seu zumbido imediatamente se intensificou. Em segundos, o tom rosado da pedra em sua testa desapareceu completamente, deixando a pedra com um branco imaculado, enquanto a pedra em seu pescoço ficava mais vermelha. O tom do zumbido mudou. E enquanto a pedra perto do pescoço e do peito continuava a ficar mais vermelha, as que estavam nos braços ficavam mais pálidas. Isso indicava que o veneno estava sendo canalizado ao longo de um caminho específico pelas modulações vocais dos meus familiares. Lentamente, metodicamente, eles o guiariam pelas pernas da minha companheira até o nillag, que drenaria a toxina dela.

— Obrigado, meus amigos. Obrigado por proteger minha companheira — eu disse, com minha voz cheia de emoção.

Embora não parassem de cantarolar, eles olharam para mim com olhos gentis cheios de sabedoria infinita.

— *Senhora estrela brilhante. Luz calmante. O Mestre escolheu bem.*

Apesar da situação, meu coração se encheu de gratidão. Eles também podiam ver a beleza de sua alma. Sua aura os acalmava, uma ocorrência rara entre os não-Obosianos. Sim, eu tinha escolhido bem ao mantê-la. E pela ira de Tharmok, eu a protegeria melhor daqui para frente.

Capítulo II

Kronos

Furioso, eu andei incansavelmente pelo meu quarto, incapaz de controlar a raiva que simplesmente não diminuía. O alarme do perímetro finalmente disparando pouco me confortou. Eu quase corri para fora para esperar Amreth pousar em meu terraço pessoal, mas não consegui me afastar muito de Malaya. Ela precisava do meu *bakaan* para anestesiar seu desconforto.

Eu olhei para seu lindo rosto. Ela parecia tão pequena e frágil enquanto estava deitada pacificamente na minha cama enorme. Esta deveria ter sido uma imagem adorável com a qual eu teria acordado depois de uma noite de paixão com minha nova noiva. Em vez disso, era a ilusão enganosa de uma noite preocupada cuidando dela para garantir que ela não tivesse nenhum efeito adverso adicional às toxinas com as quais o Faernych a infectou. Apesar de seus incríveis poderes de cura, os Nundars sabiam pouco sobre a anatomia humana.

O som de asas batendo chamou minha atenção de volta ao meu terraço, onde as grandes portas de vidro estavam abertas. Amreth pousou graciosamente momentos depois. Pela maneira como ele balançou a cabeça para a esquerda e para a direita, com os olhos arregalados e a boca aberta, meu amigo estava avaliando a cena incomum dos meus Nundars trabalhando arduamente ao ar livre para reparar os danos causados pelas feras. Ele virou a cabeça para olhar dentro do meu quarto e me encontrou olhando para ele com uma expressão sombria.

— O que, em nome de Tharmok, aconteceu aqui? — ele exclamou enquanto marchava em minha direção.

— Dois Faernychs atacaram Malaya no quarto dela ontem.

— O QUÊ?! — Amreth exclamou, todo o seu corpo tenso com choque e indignação — De quem? Quem se atreveu?!

— Sem marca, sem selo de proprietário em nenhum deles — eu disse com desgosto fervente.

Malaya suspirou e mexeu a cabeça no travesseiro. O remédio que os Nundars lhe deram funcionava como sedativo.

— Essa é a sua companheira? — Amreth perguntou, sua voz

suavizando enquanto ele esticava o pescoço para olhar para trás, antes de dar alguns passos em direção à cama.

Minha coluna enrijeceu instantaneamente e um grunhido saiu da minha garganta enquanto eu mostrava minhas presas para ele.

Ele congelou e me deu um olhar atordoado — Paz, amigo. Certamente você sabe que não sou uma ameaça para ela?

Eu parei, chocado e envergonhado pela minha reação primitiva. Claro, ele nunca iria machucá-la. No entanto, além do fato dos acontecimentos de ontem terem me abalado, ter outro homem perto da minha mulher enquanto ela estava deitada na cama e em um estado vulnerável fez com que meus instintos protetores - e possessivos - acelerassem.

— Sim, esta é Malaya — eu resmunguei.

A expressão de admiração em seu rosto me deixou inquieto e mais uma vez atijou meu ciúme irracional.

— Pelos dentes de Tharmok! Você não estava exagerando quando disse que ela tinha uma alma linda. É impressionante — Amreth disse — Qualquer pessoa com olhos poderia ver.

— Qualquer um, menos aquele verme do Wuras — eu sibilei.

Amreth franziu a testa — O que há de errado com ela?

— Veneno — eu rosnei — Dois faernychs miseráveis a atacaram enquanto eu estava visitando meus Quadrantes para nossas negociações semanais. Antes que meus Nundars pudessem resgatar Malaya, uma das criaturas a mordeu diversas vezes.

Uma série de palavrões em Obosiano saiu da boca de Amreth enquanto a mesma raiva que estava fervendo dentro de mim desde a noite passada se instalou em seu rosto.

— Veneno significa que eles eram adultos — Amreth refletiu em voz alta — Você está dizendo que dois Faernychs maduros e sem marca vieram à sua casa para atacar sua companheira?

— Sim. Eu conheço todos os criadores de Faernych em Vargos. Existem apenas alguns deles. Nenhum deles teria criado qualquer um de seus animais até a maturidade sem que fossem marcados — eu disse.

Amreth assentiu lentamente — Isso significa que existe um mercado negro em algum lugar.

— Foi exatamente o que pensei. Mas certamente não pode estar em Molvi — eu retruquei.

Meu amigo franziu a testa enquanto refletia sobre minhas palavras — Hmmm, eu tenderia a concordar com essa avaliação. Teria sido impossível alguém administrar uma fazenda dessas aqui sem ser notado. Isso significa que eles foram trazidos para cá. Mas como eles chegaram aqui tão rápido?

— Essas perguntas me atormentaram a noite toda — eu disse em

um tom frustrado enquanto passava a mão nervosamente pelo meu chifre superior direito — Se eles tivessem vindo de Vargos, a viagem levaria pelo menos doze horas. Isso significa que eles foram despachados no final da noite de dois dias atrás ou ontem de manhã.

Amreth mexeu suas asas, sua carranca se aprofundando — O que significaria então que Wuras foi informado imediatamente quando sua companheira chegou há dois dias.

— Isso também é o que eu acredito. Deve ter sido um dos guardas durante a triagem — eu disse pensativamente.

— Durante a triagem? — Amreth repetiu, parecendo confuso — O que o faz pensar isso?

— Eu disse a eles para não marcarem Malaya antes de trazê-la para cá. Como eu esperava que ela fosse culpada, não queria minha marca nela quando a enviasse para você ou Dakon. E eu também não queria que ela fosse marcada como criminosa na possibilidade altamente improvável de que ela se revelasse inocente. Obviamente, eu não dei minhas razões aos guardas. Eu simplesmente disse para não marcá-la.

— Certo. Isso definitivamente teria causado alertas.

— O fato de eu tê-la levado para minha casa em um ônibus particular, em vez de para o Setor de Dakon, certamente não ajudou — eu disse.

Amreth enrijeceu e me olhou com cautela — Será que Dakon fez um tumulto por você ter levado um de seus presos?

Eu balancei minha cabeça — Não. Eu troquei outro dos meus novos presos do Q4 pela Malaya. Eu não roubaria dele. Contanto que ele consiga o número certo de prisioneiros, Dakon não se importa se conseguirá este ou aquele. E se ele tivesse tido algum problema com a troca, ele teria me confrontado diretamente sobre isso. Ele não tem escrúpulos em falar o que pensa.

— Concordo com essa avaliação. Mas ‘quem contou’ e ‘como’ Wuras descobriu é o menor dos seus problemas agora — Amreth disse severamente — Você deve relatar isso com toda pressa.

Eu suspirei e esfreguei o rosto com as duas mãos em frustração antes de voltar a andar — Honestamente, eu não sei o que fazer. Estou fodido se fizer isso, e estou igualmente fodido se não fizer isso. Nós dois sabemos o que vai acontecer quando se espalhar a notícia de que me casei com uma presidiária.

— Sim — Amreth disse em um tom simpático — Eles vão questionar sua adequação como Diretor. E os detratores da sua família aproveitarão a oportunidade para tentar derrubar toda a sua Casa. Seu Setor é altamente cobiçado por seus recursos naturais e produtividade. Se houver pelo menos um indício de que a Casa Aramon possa ser considerada inadequada, qualquer apoio que você poderia desfrutar desaparecerá rapidamente.

— Exatamente. Eu não dormi a noite toda apenas tentando resolver toda essa bagunça na minha cabeça. Mas seja como for, nós perdemos. Ainda não temos um caso para apresentar contra Wuras. Malaya tinha acabado de começar quando o ataque ocorreu.

Amreth distraidamente esfregou as escamas escuras que adornavam sua testa enquanto pesava minhas palavras — É sem dúvida por isso que Wuras atacou tão rapidamente. Com o tempo, você poderia expô-lo. Mas ao forçar sua mão, ele o coloca em uma posição vulnerável. E se você o acusar agora, sem um caso sólido, as pessoas vão pensar que você está apenas atacando, em uma tentativa desesperada de se safar.

— Agora você entende meu dilema — eu disse com raiva e frustração — Mas manter isso em segredo não apenas atrairá outro ataque, mas também implica que eu...

Minha braçadeira e tela de vídeo disparando simultaneamente me interromperam. A tensão acumulada enrijeceu minha coluna quando reconheci o toque de uma chamada urgente. Eu fui até a área de estar do meu quarto e dei um comando vocal para ligar a tela de vídeo.

Meu sangue gelou ao ver o rosto severo de meu pai preenchendo a tela. Por mais metido e autoconfiante – para não dizer arrogante – que muitas vezes eu parecia, uma única carranca de meu pai era suficiente para me fazer sentir como um jovem petulante. E agora, seus olhos azuis gelados – que eu herdei – estavam voltados para mim com um brilho duro que me fez querer me contorcer.

— Filho, o que é essa blasfêmia que eu ouvi? — Meu pai perguntou em um tom frio o suficiente para congelar instantaneamente a lava derretida.

No entanto, foi meu cérebro que congelou enquanto me perguntava como ele já tinha ouvido falar do ataque da noite passada. Além dos Nundars, e agora de Amreth, ninguém mais sabia desse ataque ultrajante.

Exceto o atacante...

— Você ficou sabendo? — eu perguntei, perplexo.

— Obviamente! E todo mundo também — meu pai sibilo — O que, em nome de Tharmok, faria com que você cometesse um sacrilégio tão imperdoável? Não foi suficiente você ter roubado uma das prisioneiras de seu colega Diretor, mas você agrava esse insulto ao se casar com ela? Você deu nosso nome a uma assassina cruel?

Eu senti meu sangue sumir do meu rosto enquanto olhava para meu pai em estado de choque. Desde que consenti com este casamento, eu tenho debatido sobre como informar meus pais sobre a situação. Sabendo que eles iriam enlouquecer nas atuais circunstâncias, eu planejei adiar até que tivéssemos um caso sólido o suficiente para que não houvesse dúvidas de que eu havia tomado a

atitude certa. Eu fui um tolo por não perceber mais cedo o inimigo formidável contra o qual estávamos enfrentando. Wuras demonstrou mais uma vez que permanecia três passos à minha frente em cada curva. Ao controlar a narrativa, ele nos manteve na defensiva.

Eu soltei um suspiro e reprimi a vontade de permitir que meus ombros relaxassem. Qualquer demonstração de fraqueza agora prejudicaria minhas chances de reunir meu pai em nossa causa. Embora não fosse assim que eu queria lhe dar a notícia, agora que tudo ficaria aberto, poderíamos nos beneficiar muito de sua sabedoria ao lidar com esta crise.

— Eu não roubei nada — eu disse com voz calma e controlada — Eu apenas troquei Malaya por um dos meus prisioneiros. Sim, eu me casei com ela de acordo com os costumes humanos. Ainda não estamos ligados, embora eu pretenda que isso também aconteça posteriormente. Mas ela não é uma criminosa.

— Ela foi *condenada*! — meu pai exclamou — Ela foi julgada e condenada. Está claramente escrito nos registros oficiais. Essa mulher é uma criminosa... uma assassina!

— Não, pai. Malaya é inocente. Ela foi incriminada e falsamente condenada. Wuras armou para ela para silenciá-la — eu retruquei.

Em vez de lançar-se ao discurso furioso que eu esperava, meu pai olhou para mim com uma expressão desanimada, sua raiva sangrando e sendo substituída por um ar de tristeza. Eu fiquei ainda mais impressionado porque, em meus quarenta e dois anos de existência, eu nunca o tinha visto demonstrar esse tipo de emoção vulnerável.

— Você está se ouvindo, filho? — meu pai perguntou, sua voz cheia de dor — Eu deveria ter ouvido sua mãe. Você não estava pronto para retomar suas funções tão logo depois...

— Não estou tendo uma crise — eu interrompi severamente — Não estou sofrendo de TEPT após meu sequestro. Isso não é um esgotamento e certamente não estou sendo afetado por *gannath*. Eu prometo a você que Malaya foi armada, assim como eu agora, por Wuras.

— Como você pode falar palavras tão ultrajantes e não perceber que está claramente tendo um colapso mental? Quem em sã consciência poderia atacar a Casa Wuras...

— Ontem à noite, minha casa foi atacada por dois Faernychs adultos sem marca — eu interrompi novamente em tom áspero. Eu apontei um dedo irritado para a cama atrás de mim, onde minha companheira ainda estava inconsciente — Eles foram enviados para assassinar minha companheira enquanto eu supervisionava as negociações em meus Quadrantes. Se não fosse pela intervenção oportuna dos meus Nundars, ela estaria morta agora mesmo!

Uma expressão de horror desceu sobre as feições do meu pai

quando ele olhou por cima do meu ombro antes de olhar para mim. Emoções conflitantes batalhavam em seu rosto tão parecido com o meu.

— Isso não é possível — ele disse, com a voz hesitante.

— Eu tenho a filmagem completa de minha luta contra eles no meu sistema de vigilância e na câmera corporal — eu retruquei, erguendo o queixo em desafio.

Desta vez, meu pai empalideceu visivelmente, o choque e a indignação se instalando — Você tem?

— Eu certamente tenho. Eu disse que foi um investimento que valeu a pena. Minha companheira está atualmente lutando por sua vida com o veneno da fera. A única razão pela qual ela não está se contorcendo de dor é o sedativo que meus Nundars lhe deram e meu *bakaan* a acalmando.

Ele balançou a cabeça como se estivesse lutando para aceitar essas revelações — Ela ainda assim continua sendo uma assassina. Uma assassina com quem você se casou...

— Se me permite, Senhor Aramon — Amreth interrompeu com uma voz suave e respeitosa — Seu filho está correto. Malaya Velasco é inegavelmente inocente. Sua alma é pura. Poucas vezes eu vi uma alma tão linda quanto a dela. Se Kronos não tivesse se casado com ela, eu teria feito isso para salvá-la. Mas eles são almas gêmeas. Portanto, é como deveria ser.

— Você também — meu pai sussurrou, estudando o rosto do meu amigo como se ele tivesse se transformado em algum tipo de criatura distorcida.

— Sim, meu Senhor. Eu também. Um Temern confirmou a inocência de Malaya e o vínculo sagrado que ela compartilha com seu filho — Amreth insistiu — Ele fala a verdade sobre Wuras.

Naquele instante, eu poderia ter abraçado meu amigo. Em vez disso, eu dei a meu pai um resumo detalhado dos acontecimentos ocorridos nos últimos dias, desde o momento em que Kayog me abordou pela primeira vez sobre sua situação. O tempo todo, Amreth forneceu confirmação e apoio às minhas declarações.

— Inocente ou não, esta é uma bagunça monumental — meu pai disse finalmente — Esse escândalo é tudo o que todo mundo fala em Vargas. O Conclave já recebeu diversas ligações para removê-lo. Muitos de nossos clientes pausaram ou cancelaram seus pedidos conosco. Nossos rivais estão aproveitando esta oportunidade para tentar derrubar toda a nossa Casa.

Eu me encolhi. É claro que Wuras focaria a sua campanha de opinião pública no nosso mundo natal. Os fofoqueiros se lançariam neste último escândalo como se alimentassem de carniça em um cadáver em decomposição. Em Molvi, os Diretores tendiam a ser uma

comunidade muito unida, e a maioria de nós não tinha tempo ou interesse em rivalidades mesquinhas. Mas no nosso mundo natal, fortunas poderiam ser feitas e destruídas com uma única palavra.

— Eu jurei proteger os inocentes e defender a justiça, custe o que custar pessoal. Malaya é inocente e Wuras é corrupto — eu respondi.

— Você pode provar isso? — meu pai respondeu, com um desafio em sua voz.

— Como expliquei a você, Wuras se desfez dos arquivos originais sobre ele. Estamos reunindo as evidências. Isso exigirá cerca de duas ou três semanas — eu disse.

O rosto do meu pai se contorceu em um rosnado furioso — Você está maluco?! Você mal tem três dias, então esqueça três semanas. O Conclave está te convocando. Eles exigem que você compareça diante deles imediatamente. Envie-me suas gravações e registros de segurança. Eu tentarei ganhar algum tempo para você, mas não demorará mais do que três dias.

Desta vez, eu não evitei que meus ombros caíssem em derrota — Muito bem, pai. Vou lhe enviar as gravações e preparar minha viagem para Vargos.

— Traga a humana — ele acrescentou em um tom cortante.

— O quê? Não! Ela está doente! — eu exclamei, indignado.

— ENTÃO CONSERTE-A! Se a alma dela for tão pura como você afirma, ficará claro para todos verem — meu pai sibilou. Eu cerrei os dentes diante da forma desdenhosa com que ele disse ‘pura’, mas permaneci em silêncio — Nesse caso, isso provará preconceito ou erro de julgamento por parte de Wuras. Um juiz adequado teria visto isso e não enviaria a mulher para um Quadrante Negro, muito menos para o de Dakon. Ela *ficará* diante do Conclave.

Por mais que eu quisesse desafiar seu comando, eu não poderia contestar sua lógica. Nunca conseguiríamos encontrar provas incriminatórias suficientes contra Wuras em tão pouco tempo. A pureza da alma de Malaya constituía a nossa única prova sólida da sua corrupção, ou pelo menos da sua inadequação como juiz.

Mais uma vez derrotado, eu dei-lhe um aceno rígrado.

— Você tem três dias. Não decepcione sua Casa ou seu povo... por um ser humano condenado.

Com estas duras palavras finais, meu pai encerrou a comunicação.

Capítulo 12

Malaya

Eu lentamente emergi do sonho mais estranho. Todo o meu corpo formigava, meus membros estavam pesados, assim como minha cabeça. Era como se eu estivesse me recuperando de uma ressaca grave, felizmente sem a dor de cabeça terrível. Eu forcei minhas pálpebras pesadas a se abrirem, confusa com o ambiente estranho e o som constante de bipe ao fundo.

Então minhas memórias retornaram com a violência de um tsunami. Eu me sentei de repente no que parecia ser uma cama médica. A sala girou ao meu redor devido à rapidez do meu movimento. Eu tentei plantar as palmas das mãos no colchão embaixo de mim para me ajudar a manter o equilíbrio, apenas para ter o movimento bloqueado pelas tiras que me prendiam à cama. Eu caí de costas e respirei fundo algumas vezes enquanto a tontura diminuía lentamente.

Pela aparência ao meu redor, alguém me levou para a pequena enfermaria de alguma nave espacial. Duas outras camas médicas estavam vazias à minha esquerda e à minha direita. Eu não conseguia ver ou ouvir mais ninguém na sala.

Nave espacial ou nave-prisão?

As últimas coisas de que me lembrei foram o ataque violento de uma fera terrível e os Nundars vindo em meu socorro. Então as coisas ficaram confusas, provavelmente como resultado dos meus ferimentos. Mas o mais importante, onde estava Kronos? Por que eu estava em uma nave espacial e acima de tudo algemada? Meu coração se apertou quando um pensamento horrível passou pela minha cabeça. Os Nundars mencionaram algo sobre Kronos vir ou lutar... talvez ambos. Ele se machucou? Foi por isso que eles me levaram?

Quando o pânico começou a se instalar com o pensamento de que Kronos poderia ter se machucado por minha causa, a porta se abriu para uma mulher Obosiana de aparência severa. Seu uniforme azul escuro a identificou instantaneamente como da equipe médica, provavelmente uma enfermeira.

— Ótimo, você finalmente acordou — a mulher disse naquele tom

nada amigável que as pessoas usavam quando se dirigiam a alguém que consideravam desprezível ou inferior.

— Onde eu estou? Onde está Kronos?

Ignorando completamente minhas perguntas, ela levantou o cobertor que ainda cobria a parte inferior do meu corpo, jogando-o de lado.

— Você sente alguma dor? — ela perguntou, cutucando um dedo em diferentes pontos ao redor dos meus tornozelos e panturrilhas.

Pelo estado quase desbotado das cicatrizes, sua cura estava bastante avançada. Mesmo usando os melhores nanorrobôs de cura, levaria alguns dias para alcançar resultados tão fantásticos.

Por quanto tempo eu fiquei inconsciente?

— Onde está o Kronos? Por que eu estou aqui? — eu reiterei.

— *Eu* faço as perguntas, Condenada! — ela retrucou, olhando para mim — Agora, você sente alguma dor?

Eu engoli em seco e balancei a cabeça, enquanto o pânico crescia dentro de mim. Por que ela não respondia a perguntas tão simples? Será que isso significava que Kronos realmente ficou ferido ou, pior ainda, que uma das feras o matou? Era essa a razão de seu desprezo e raiva óbvia por mim por trazer morte e caos para sua vida?

A enfermeira procedeu à execução de uma série de testes cognitivos. Eu respondi distraidamente, lágrimas picando meus olhos enquanto minha imaginação hiperativa corria solta com uma especulação horrível após a outra. Depois disso, ela foi buscar um daqueles miseráveis uniformes de prisioneiro e um par de sapatos combinando. Ela os colocou no suporte ao lado da minha cama antes de começar a me libertar das tiras que me prendiam.

— Não tenha ideias estranhas. Comporte-se mal e eu farei com que você se arrependa profundamente — a enfermeira alertou.

— Eu não vou — eu disse com a voz trêmula antes de olhar para ela suplicante — Mas por favor, por favor me diga que Kronos está bem. Eu não me importo com o que aconteça comigo, apenas me diga que ele não está ferido.

A enfermeira olhou para mim. Ela fez uma pausa para soltar minhas restrições, o dourado pálido de seus olhos saindo de foco enquanto ela examinava meu rosto. Momentos depois, ela piscou rapidamente, uma carranca marcando sua testa escamosa enquanto uma expressão preocupada tomava conta de suas feições. Ela voltou seu olhar para a alça em volta do meu pulso esquerdo e terminou de desamarrá-la.

— O Senhor Kronos está ileso — a enfermeira disse finalmente a contragosto.

— Oh, obrigada, Deus! — eu exclamei com uma respiração estremecedora.

A enfermeira olhou para mim e pareceu ainda mais perturbada. Ela terminou de me libertar e me ajudou a levantar, certificando-se de que eu estava firme o suficiente.

— Alguma tontura? — ela perguntou, seu tom significativamente mais agradável do que a maneira desdenhosa com que ela havia se dirigido a mim anteriormente.

— Não mais — eu disse — Eu tive quando acordei. Agora, são apenas minhas pernas que estão um pouco bambas. Fora isso, estou bem.

— Ótimo. Coloque essas roupas. Não há muito tempo — ela disse, apontando para o uniforme de presidiária que havia me trazido.

Sem dizer uma palavra, eu tirei a túnica e vesti o uniforme enquanto a enfermeira foi operar uma máquina no balcão a uma curta distância. Quando o aroma da comida chegou até mim momentos depois, eu percebi que ela provavelmente estava usando algum tipo de replicador. A enfermeira voltou trazendo uma bandeja, no momento em que eu terminava de calçar os sapatos baixos.

— Sente-se e coma — ela disse, em um tom meio mal-humorado, como se não soubesse mais como se dirigir a mim.

Eu me sentei e estudei seu rosto enquanto ela colocava a bandeja em uma mesa sobre a cama, que ela posicionou na minha frente. Ela era bonita. Alta e esbelta, ela parecia ter quase trinta anos como eu, embora fosse difícil adivinhar com precisão a idade de um Obosiano.

— Você pode me dizer alguma coisa sobre por que estou aqui e o que está acontecendo? — eu perguntei com uma voz tímida.

Ela olhou para mim com uma expressão ilegível, seu olhar saindo de foco mais uma vez por alguns segundos. Naquele instante, eu finalmente percebi que ela estava olhando para minha alma. Se eu não estivesse tão exausta, teria descoberto isso antes.

— Não é minha função discutir tais assuntos. Coma e beba. Você precisará de sua força — ela respondeu.

Embora sua voz não tivesse a agressividade com que ela inicialmente se dirigiu a mim, a finalidade em seu tom deixou claro que ela não se deixaria influenciar. Apesar da preocupação que me atormentava, eu me forcei a comer. Na terceira mordida, eu me vi engolindo a comida, subitamente impressionada com o quão faminta me sentia.

Enquanto eu acompanhava minha refeição com um refrescante copo de água, a porta se abriu, me assustando. Meus olhos se arregalaram ao ver a silhueta familiar.

Kronos!!

Eu coloquei meu copo na mesa com um pouco de força demais. Mas quando o afastei, a alegria que crescia em meu coração desapareceu instantaneamente. Eu engoli dolorosamente a água que

ficou em minha boca enquanto meus olhos se fixaram com o olhar gelado tão semelhante ao de Kronos, mas claramente não o dele. Eu instintivamente sabia que esse homem era seu pai. A semelhança era estranha. Ele era maior e mais alto que o filho – uma característica padrão entre os Obosianos, que continuavam a crescer ao longo da vida. Ainda mais piercings adornavam seu rosto e orelhas, incluindo alguns botões dourados em seus chifres. A maneira dura e desdenhosa com que ele me olhou pareceu um déjà vu do meu primeiro encontro com Kronos.

— Deixe-nos — ele disse à enfermeira, seus olhos permanecendo fixos nos meus.

Sua voz estalava como um chicote e com a autoridade de alguém acostumado com as pessoas obedecendo a todos os seus comandos.

— Sim, Senhor Aramon — a enfermeira respondeu em tom submisso.

Ela baixou a cabeça e lançou um olhar nervoso – quase solidário – em minha direção antes de sair correndo da sala. Eu engoli em seco novamente e deslizei da beira da cama para ficar de pé, não querendo permanecer em uma posição tão vulnerável.

— Você é o pai dele — eu disse, afirmando o óbvio. Foi a primeira coisa que me veio à mente, e senti a necessidade irracional de ser quem iniciaria a conversa, nem que fosse para me dar a ilusão de que ainda tinha algum tipo de controle sobre alguma coisa — Kronos está bem?

— Você se importa? — ele desafiou.

Eu recuei — Claro, eu me importo!

— Por quê? — ele desafiou, dando um passo ameaçador à frente — Você o ama?

Eu pisquei, surpresa com essa pergunta — Kronos e eu acabamos de nos conhecer. É muito cedo para isso. Mas não preciso estar apaixonada por ele para realmente me importar com ele. Além disso, Kayog... um Temern disse que Kronos é minha alma gêmea.

Ele zombou — E você acredita nisso?

— Sim, na verdade, acredito — eu disse com convicção, sustentando seu olhar com firmeza.

Embora seus olhos nunca tenham saído de foco, eu suspeitava fortemente que ele estava examinando minha alma enquanto avaliava a honestidade de minhas respostas.

— Você matou Pavel?

Essa pergunta me atingiu com força. Não deveria. Deus sabia que eu tive tempo para lamentar sua perda prematura, mas algo na maneira brutal como ele fez a pergunta foi diferente.

— Eu não. Eu juro. Ele era meu amigo — eu disse, com um tremor entrando em minha voz.

— E o juiz Wuras é corrupto? — ele insistiu.

— Sim! Ele me incriminou antes que eu pudesse revelar todos os crimes que cometeu.

O Senhor Aramon franzindo o rosto com raiva reprimida era a última reação que eu esperava dele. Ele suspirou com desgosto antes de desviar os olhos.

— Você está desapontado — eu sussurrei, pasma — Você queria que Wuras estivesse certo!

Embora ele olhasse para mim, sua raiva não parecia pessoal. Ele não conseguia decidir o que realmente sentia por mim... ou por esta situação.

— O que eu queria é irrelevante. De qualquer forma, você trouxe o caos completo para esta Casa — ele disse entre os dentes.

— *Eu não trouxe nada!* — eu sibilei, dando um passo determinado em direção a ele com os punhos cerrados, farta daquela besteira — *Wuras fez isso!* Eu sou apenas uma de suas inúmeras vítimas, que se recusa a cair em silêncio. Eu lamento que Kronos e sua Casa tenham sido arrastados para esta confusão. Mas a culpa é toda de Wuras, não minha.

Mais uma vez, a reação dele não correspondeu à raiva indignada e à indignação hipócrita que eu esperava. Em vez disso, ele franziu os lábios e me lançou um olhar lento e avaliador.

— Certifique-se de mostrar tanta coragem diante do Conclave — ele disse severamente.

Eu pisquei, completamente surpresa — O quê?

O Conclave? Eu deveria comparecer perante o Conclave? Mas por quê? Pelo que eu sabia, ele funcionava ao mesmo tempo como uma estranha mistura de Suprema Corte e Senado para os Obosianos. Os treze homens e mulheres que se sentavam nessa posição tinham poder quase completo sobre o seu povo. A palavra deles tinha o poder da lei. Mas eles apenas abordavam assuntos de grande importância para os Obosianos. Embora a corrupção de Wuras pudesse cair nessa categoria, este era um caso suficientemente importante para merecer a atenção do Conclave? De qualquer forma, eu não estava pronta para defender este caso. Eu não tinha nenhuma evidência e meu cérebro ainda estava confuso por causa da minha recente provação.

— Você tem uma chance, pequena humana. Não falhe — ele alertou em tom imperativo — Venha.

Pequena humana... Tal pai, tal filho.

Assim que eu saí da sala, quatro guardas imensos que eu não tinha notado antes se aproximaram de mim. Para meu alívio, eles não me algemaram, mas suas expressões ameaçadoras foram transmitidas em voz alta. É melhor não ter nenhuma ideia engraçada ou dar-lhes motivos para me disciplinar. Essa seria uma surra que eu

definitivamente não iria gostar.

Me encolhendo, eu segui silenciosamente o Senhor Aramon, que marchava pelo curto corredor com passos determinados, como se fosse o dono do lugar. Ao nos aproximarmos da porta reforçada do outro lado, eu finalmente me dei conta de que estávamos de fato a bordo de uma nave. Não era uma porta tradicional, mas uma escotilha. Ela se abriu diante de nós, revelando outro corredor, este muito mais longo, repleto de uma série de recursos de segurança, além de mais guardas armados até os dentes vigiando. Era como se estivéssemos entrando em um cofre secreto contendo algum tesouro nacional ou o tipo de tecnologia que poderia destruir a galáxia como a conhecemos.

Meu nível de ansiedade disparou quando nos aproximamos de outro conjunto de portas reforçadas. O guarda que estava próximo a elas liberou a trava de segurança. Com o coração batendo forte, eu estiquei o pescoço para ver além das asas enormes do Senhor Aramon o que me esperava do outro lado. Para minha surpresa, eu entrei em uma sala em forma de concha.

Apesar de seu enorme tamanho, teto abobadado e abundância de pedras luminosas iluminando o espaço, a câmara parecia ameaçadora. Os pisos sombrios e as paredes cinza-escuras, sem dúvida, desempenhavam um papel nisso. Bem à frente, na extremidade arredondada da sala, treze Anciões Obosianos estavam sentados atrás de uma mesa elevada e semicircular. Nos lados esquerdo e direito da sala, duas fileiras de assentos ladeavam as paredes. Uma dúzia de Obosianos estava sentada no lado esquerdo, mas eu só tinha olhos para o lado direito, onde Kronos estava sentado, cercado por seu próprio conjunto de guardas.

Nossos olhares se conectaram. O óbvio alívio em seus olhos me surpreendeu. Ele achou que eu não viria? Não... Ele temia que eu não pudesse ir. Afinal, eu tinha acabado de acordar, sabe-se lá quanto tempo estive inconsciente desde o ataque. Apesar do pânico persistente endurecendo minha espinha, o sorriso tranquilizador de Kronos fez maravilhas por mim. Inferno, sua mera presença na sala, e vê-lo ileso, acalmou grande parte da tensão que amarrava os músculos da minha nuca e ombros.

O som dos meus passos ressoou alto na sala silenciosa, o som deles ecoando levemente. Eu percebi que os arquitetos haviam feito um trabalho fantástico com a acústica para que o som fosse transmitido perfeitamente e dispensasse a necessidade de microfones – ou assim suspeitei. Por alguma razão estúpida, eu tentei diminuir meus passos, sentindo-me constrangida por estar fazendo tanto barulho enquanto os Obosianos muito maiores que me escoltavam estavam praticamente deslizando pelo chão. Até meu sogro mal-humorado, marchando com passo determinado, quase não fazia barulho.

Às vezes eu tenho o senso mais idiota de prioridades.

Em um nível subconsciente, eu compreendi que os meus instintos de sobrevivência tinham desencadeado esta reação em um esforço involuntário para chamar menos atenção para mim em um ambiente hostil. Considerando que todos os olhares já estavam voltados para mim e que não havia onde me esconder, este era um esforço inútil.

Meu sogro parou a cerca de quatro metros dos Anciãos. Eu percebi distraidamente que ele estava parado em uma parte de pedras um pouco mais claras no meio do chão. Mais quatro manchas semelhantes, mais claras – embora discretas – adornavam o chão, a igual distância umas das outras. Eu percebi então que elas provavelmente serviam como marcas para os prisioneiros ou réus se posicionarem.

Imitando os guardas que me escoltavam, eu parei alguns metros atrás do pai de Kronos.

— Honoráveis Anciãos do Conclave, trago-lhes a humana Malaya Velasco, casada com meu filho primogênito, Kronos Aramon, de acordo com os costumes humanos, e condenada por assassinato pelo Juiz Wuras. Ela está aqui como testemunha no caso contra Kronos.

Caso contra KRONOS?!

Que porra estava acontecendo? Deveria ser um caso contra *mim* ou Wuras. Não contra Kronos!

Com essas palavras finais, o Senhor Aramon olhou para mim por cima do ombro, com um aviso em seus olhos, antes de caminhar até os bancos onde Kronos estava sentado com os guardas o observando. Ele não se sentou com o filho, mas separadamente, no outro extremo da primeira fileira.

— Condenada Malaya Velasco, dê um passo à frente — disse o Ancião sentado à direita da mulher no centro.

Com o coração batendo forte, eu obedeci, avançando alguns passos até o mesmo local mais pálido onde o Senhor Aramon esteve. Para minha surpresa, os guardas não me seguiram, contentes em ficar a uma curta distância atrás de mim. Felizmente, eu parecia ter acertado em tomar posição naquele local, pois eles pareciam satisfeitos com meu comportamento.

Ele virou a cabeça para a direita para olhar para cerca de uma dúzia de Obosianos sentados no lado oposto de Kronos da sala.

— Enfermeira Drula Volgir, dê um passo à frente — ele disse no mesmo tom de comando.

Só então eu notei sua presença em meio à pequena multidão. Ela lançou um olhar estranho – quase de compaixão – em minha direção enquanto obedecia, parando em um dos pontos mais claros à minha esquerda.

— Enfermeira Volgir, você reconhece esta mulher humana diante

de nós? — o Ancião perguntou.

— Sim, Ancião. Seu prontuário médico a identificou como Malaya Velasco. Eu fui encarregada de cuidar dela em sua jornada de Molvi a Vargos — Drula respondeu.

— Por que você estava tratando a condenada? — o Ancião perguntou.

— Neurotoxicidade e citotoxicidade resultantes de múltiplas mordidas venenosas por um Faernych adulto — a enfermeira disse com naturalidade — Com base na quantidade de veneno que ela recebeu, no nível de toxicidade e no sistema imunológico humano mais fraco, se isso não fosse tratado, a morte normalmente seria esperada dentro de duas a três horas após a primeira mordida. Graças à intervenção oportuna dos Nundars do Diretor Aramon, os danos neurotóxicos ao sistema nervoso da condenada Velasco foram mínimos. A necrose celular citotóxica também foi mitigada pelos seus esforços durante as primeiras vinte e quatro horas. Nossas cápsulas médicas e nanorrobôs avançados foram capazes de reparar a maior parte dos danos persistentes que ela sofreu nas últimas quarenta e seis horas.

Meu queixo caiu ao ouvir tudo isso. Eu sabia que meus ferimentos tinham sido graves. Francamente, eu pensei que a hidra tivesse mordido meus ossos, mas necrose celular por causa de seu veneno? Um cálculo rápido também me fez perceber que eu estava inconsciente há pelo menos três dias.

— A maioria, mas não todos os danos? — o Ancião insistiu.

— O dano neural foi totalmente reparado. Restam alguns danos leves nos tecidos que os nanorrobôs devem curar completamente nas próximas quarenta e oito a setenta e duas horas, sem exigir mais intervenção da minha parte — ela respondeu.

— A condenada é capaz de comparecer perante este Conclave? — ele perguntou.

— A condenada foi despertada quimicamente da sedação. Eu realizei a série padrão de testes nela. Os sinais vitais e funções cognitivas de Malaya Velasco estão normais. Ela está totalmente operacional.

— Obrigado, enfermeira Volgir. Você está dispensada — disse o Ancião.

Embora grata por finalmente receber esta avaliação do meu status, eu também me senti ofendida e um tanto violada por ele ter sido revelado publicamente antes que alguém pudesse compartilhá-lo comigo. E se as notícias tivessem sido terríveis? E se eu tivesse acabado de descobrir que estava sendo comida viva por dentro por alguma toxina necrótica que destruiria todas as células do meu corpo?

No entanto, o Ancião virando seus olhos brilhantes em minha

direção pôs fim à minha indignação hipócrita. Eu me preparei para o que viria a seguir.

— Condenada Malaya Velasco, você está aqui como testemunha do Diretor Kronos Aramon. O que você tem a dizer em defesa dos crimes dele?

Eu recuei, totalmente perplexa — Seus crimes? Que crimes?

— Você foi condenada à prisão perpétua no playground do Diretor Dakon Kothor. No dia da sua transferência, o Diretor Aramon a roubou do Diretor designado. Ele proibiu os guardas de marcá-la, conforme exigido por lei. Então, em vez de mandá-la para o Quadrante Negro dele para cumprir sua pena, ele a levou para a casa dele para viver como sua esposa, em violação à sua sentença. Apenas duas coisas poderiam justificar tais ações aberrantes: questões mentais ou inépcia moral. Então, o que você tem a dizer em defesa dele, Condenada?

Cada uma de suas palavras me atingiu como um trem de carga. Embora seja tecnicamente verdade, formulado dessa forma ele transformou isso em algo imundo e completamente desligado da realidade. Raiva e uma necessidade nervosa de defender Kronos cresceram dentro de mim.

— Com todo o respeito, senhor, sua avaliação das ações de Kronos não poderia estar mais errada. Você afirma que existem apenas duas opções para justificá-las. Eu peço desculpas, mas não concordo. Existe uma terceira opção e a verdadeira razão deste comportamento que, admito, parece totalmente contrária à sua personalidade e aos seus valores. Kronos Aramon é o homem mais justo e honrado que já conheci. Ele dedicou toda a sua vida a defender a lei e a defender a justiça. E foi na busca desse mesmo objetivo que ele tomou as ações que você enumerou, embora não com o espírito sombrio que você as apresentou.

— Você está marcada? — ele desafiou.

— Não, não estou.

— Você foi levada para um Quadrante Negro para cumprir sua sentença?

— Não — eu repeti, irritada com sua tática óbvia.

— O Diretor Aramon a levou para sua residência privada para viver ao seu lado como sua companheira de acordo com os costumes humanos?

Rangendo os dentes, mais uma vez eu me forcei a responder, esperando a oportunidade de contrariar o que ele estava tentando defender.

— Sim ele levou.

— E ainda assim, você foi devidamente julgada, condenada e sentenciada por um honorável juiz Obosiano...

— Não, não fui — eu interrompi em um tom entrecortado.

Suspiros de choque ressoaram na sala vindos dos participantes à direita, enquanto os treze Anciões do Conclave me encaravam com indignação.

— Você mente?! — o Ancião sibilou.

— Eu não minto — eu respondi com firmeza.

— Você não é uma condenada?

— Sim, eu sou — eu disse.

— Você acabou de negar! — ele rosnou.

Eu levantei meu queixo desafiadoramente — Não. Não nego ser condenada, conforme a sentença que recebi. Eu nego ter sido julgada por um juiz *honrado*. Faça perguntas melhores e você obterá respostas mais claras.

Mais suspiros saudaram minha última frase. Embora eu tenha recuado interiormente com minha boca miserável tendo vontade própria novamente, eu só me senti mal na medida em que muita atitude poderia sair pela culatra e prejudicar o caso de Kronos. Mas eu não suportava um valentão ou um tribunal canguru.

— Cuidado, Condenada. Você pode ter evitado cumprir sua sentença por enquanto, mas não somos tão cegos — ele sibilou.

— Ou o quê? Serei acusada injustamente de mais crimes que nunca cometi? Você adicionará uma sentença extra de prisão perpétua no Q4, a ser cumprida consecutivamente, àquela que já recebi do juiz que me incriminou por assassinato? Eu achei que os Obosianos eram os guardiões da justiça.

— Você se atreve a questionar isso? — ele exclamou.

— Eu não tenho outra escolha — eu respondi, indignada, antes de apontar um dedo furioso para Kronos — Se Kronos está sentado ali e eu estou diante de você, então você já sabe das minhas reivindicações. No entanto, no momento em que acordei na enfermaria, todos os Obosianos que encontrei deixaram claro que já me consideravam culpada. E eu vejo a mesma condenação em seu rosto, tanto quando você olha para mim, quanto quando fala de Kronos. O que aconteceu com inocentes até que se prove o contrário?

— Você foi condenado — ele rebateu em tom arrogante.

Eu joguei minhas mãos para cima em irritação — Por um juiz corrupto! E eu não sou sua primeira vítima! Onde está o seu sistema de recursos? Onde está o seu controle sobre ética e corrupção? Se tal acusação estiver sendo levantada, você deveria *querer* investigá-la e descobrir a verdade, seja para provar sua inocência ou acabar com sua corrupção.

Eu respirei fundo e passei os dedos trêmulos pelo cabelo para tentar controlar minha raiva fervente. Eu estava cansado de repetir essa mesma besteira indefinidamente, apenas para encontrar mais

pessoas duvidando de mim. Provar a inocência não deveria ser tão complicado.

— Você acha que Kronos Aramon queria se casar com uma humana e ainda por cima com uma condenada? Ele e eu tivemos essa mesma conversa logo após nosso casamento. Se tivéssemos nos encontrado aleatoriamente na rua, ele não teria me dado uma segunda olhada. Ele só concordou em me ver - com muita relutância - porque um Temern atestou minha inocência. Ele acreditava que falar comigo confirmaria minha culpa, e nesse ponto ele teria me enviado para o Setor do Diretor Dakon com a consciência tranquila. Você nem me concedeu essa cortesia. Você tem tanto medo de reconhecer que os Obosianos não são perfeitos? Que alguém no meio de vocês poderia ser podre?

— Você está diante de nós, não está? — o Ancião retrucou, ganhando alguns acenos de aprovação de seus colegas Anciãos e de alguns dos participantes nos bancos laterais.

Eu acenei com a mão em desdém — Pfft. Você ainda não está me dando uma chance. Este é apenas um show para derrubá-lo — eu acrescentei apontando mais uma vez para Kronos — Você consegue ler almas. Você pode ver que eu falo a verdade!

— A única coisa que sua alma mostra é raiva — ele respondeu com o mesmo tom desagradável.

— SIM, PORQUE EU ESTOU BRAVA! — eu gritei, assustando a todos, inclusive a mim.

Eu fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes para recuperar a compostura. Endireitando os ombros, eu olhei para o Ancião e voltei a falar com voz controlada.

— Estou com raiva porque, como o resto da galáxia, eu costumava colocar os Obosianos em um pedestal. Vocês eram a personificação da retidão e da honestidade. A mão, os olhos e o coração da justiça. E agora vejo que era tudo mentira. Vocês são como todo mundo. Vocês são rápidos em condenar os outros pelos pecados deles, mas fecham os olhos para os seus próprios. Eu esperava... mais. Muito mais de vocês...

— Por que deveríamos ficar do lado de uma condenada em vez de um juiz respeitado? — ele desafiou.

— Ninguém pediu isso a vocês. Eu estou pedindo que você fique do lado da *verdade*, dos *fatos* — eu retruquei — Eu sempre respeitei a lei. Até essa bagunça, eu tinha um histórico impecável. Eu nunca tive uma multa por excesso de velocidade. Mas no mesmo dia em que deveria entregar um arquivo incriminatório sobre Wuras aos Executores, de repente eu decidi cometer um assassinato horrível? Com a ajuda dos Temerns, eu tenho uma segunda chance de tentar provar minha inocência. Mas no dia em que começo a juntar meu arquivo

novamente, sou atacada por feras venenosas? É comum que a casa de um Diretor seja atacada por feras? Os Temerns são conhecidos por mentir sobre a inocência de alguém? Vocês honestamente acreditam que Kronos é o tipo de homem que poderia ser facilmente influenciado por uma assassina?

— Kronos Aramon está se recuperando de um sequestro traumático. Isso poderia explicar seu comportamento aberrante — o Ancião disse com desdém.

— Sêrio? Depois de todas as questões válidas que eu levantei, *esta* é a explicação que você deseja seguir? Mas sou eu quem está sendo desonesta? — eu disse com desgosto.

O Ancião bateu com o punho na mesa — Você foi longe demais, Condenada!

— Basta! — gritou a Anciã à sua esquerda.

Como ela estava sentada na posição central, eu só pude presumir que ela era a líder do Conclave.

— Por mais desagradável que toda esta situação possa ser, qualquer pessoa com olhos pode ver claramente que ela não é uma assassina — a mulher disse com uma expressão descontente — Isso significa que ou o julgamento de Wuras está falhando, o que pode indicar a necessidade dele se aposentar, ou ele é de fato culpado do crime grave de que você o acusa. Você pode respaldar sua reivindicação? Sem provas, isso é calúnia e difamação.

— Eles pegaram meu arquivo no dia em que ele me incriminou por assassinato. Eu estava começando a reconstruí-lo quando fui atacada — eu disse com uma frustração indefesa — Mas a enfermeira confirmou que eu realmente fui atacada por aquelas feras hidras e quase morri por causa disso.

Ela encolheu os ombros com uma expressão nada impressionada — Não há dúvida de que você foi mordida por um Faernych. Isso não significa que Wuras, ou outro assassino aleatório, os colocou atrás de você. Cada Diretor tem alguns Faernychs treinados em suas florestas. Embora não esteja fazendo uma acusação, posso pensar em pelo menos duas outras explicações que nada teriam a ver com Wuras. Uma das feras do Diretor Kronos poderia ter ficado raivosa – o que acontece com os Faernychs mais velhos – e enlouquecido, tornando-a uma de suas inúmeras vítimas. Ou uma mais nefasta seria que o Diretor Kronos deliberadamente colocou sua besta em seu encalço para incriminar Wuras. Afinal, elas são treinadas para obedecê-lo.

Eu empalideci ao ouvir esses argumentos. Embora eu não tenha acreditado nem por um minuto que Kronos teria encenado isso, será que o faer... como quer que ela tenha chamado, simplesmente ficou furioso? Mas parecia uma coincidência muito conveniente.

Kronos se levantou, instantaneamente colocando seus guardas em

alerta máximo. Embora eles também estivessem de pé, seu comportamento calmo e composto parecia apaziguá-los.

— Se me permite intervir, Anciã Ozra, eu tenho provas de que não fui eu quem encenou este ataque e que não foi um caso de demência de Faernych — Kronos disse com equilíbrio — A câmera de vigilância do meu domínio e a câmera corporal que sempre uso quando visito meu playground registraram todos os eventos. Eu fiz um vídeo para mostrar a versão abreviada. Mas também tenho a gravação completa, se você precisar.

— Os vídeos podem ser adulterados — rebateu o Anciã, me fazendo querer dar um soco na garganta dele.

Kronos deu-lhe um sorriso presunçoso que não alcançou seus olhos — Eles podem ser, e é por isso que eu também trouxe os restos mortais dos dois Faernychs maduros, sem marca e sem selo, que atacaram meu domínio e minha companheira.

— Sem marca?! — exclamou a Anciã Ozra.

— Sem marca e sem selo... Na minha casa... — Kronos repetiu com raiva mal reprimida.

Desta vez, uma expressão realmente perturbada passou pelos rostos de todos os treze Anciãos.

— Apresente sua evidência, Diretor — disse a Anciã Ozra.

Kronos entregou um pequeno pen drive para um de seus guardas. O guarda digitou algumas instruções em sua braçadeira e depois o conectou a ela. Uma tela holográfica gigante apareceu um metro acima de mim e cerca de dois metros à frente, fazendo-a pairar a uma distância igual entre a mesa do Conclave e o local onde eu estava. Segundos depois, a filmagem começou a ser reproduzida. Eu levei um segundo para perceber que era do ponto de vista da câmera corporal de Kronos.

Ela o mostrava olhando para a mensagem de aviso em sua braçadeira – ou pelo menos foi o que imaginei, já que não conseguia ler o texto Obosiano que ela exibia. Enquanto Kronos decolava, eu tive uma breve visão do Quadrante que ele estava visitando. A imagem então foi cortada para as várias imagens da câmera fora da casa. Elas mostraram as duas feras vindo de extremos opostos do nosso Setor, e claramente não da floresta. No entanto, a altura de onde desceram implicava que tinham sido soltas de uma embarcação camuflada.

Meu coração começou a bater forte e eu me senti tremendo quando me vi correndo para fora do meu quarto com um sorriso no rosto, pensando que Kronos havia retornado mais cedo, apenas para ver que a morte havia chegado. Eu me abracei enquanto observava a fera batendo seu corpo contra a porta de vidro, ouvindo-a quebrar, seguida pelos meus gritos agonizantes momentos depois. Eu quase pude sentir os dentes afundando em minha carne novamente. Pelo menos não

havia câmeras dentro do meu quarto. Nós só conseguíamos ver o terraço com a porta quebrada e ouvir meus gritos intercalados com o som da besta batendo as asas enquanto tentava me arrastar para fora.

Por fim, eu parei de gritar, a fera tombou enquanto os Nundars a empurravam para fora do meu quarto com seu poder. A imagem da câmera mudou para uma vista aérea do jardim interno. Eu esfreguei os olhos apenas para perceber que as lágrimas os haviam deixado embaçados. Embora eu me lembre vagamente de ter sido levada até lá, uma única olhada em meu rosto foi suficiente para entender por que minha memória estava tão confusa. Eu parecia drogada e com dor. Não é de se admirar, considerando a bagunça que a fera fez em minhas pernas.

No momento em que os Nundars que me carregavam desapareceram dentro da caverna, a transmissão voltou para a câmera do corpo de Kronos. Os próximos segundos exibiram uma filmagem acelerada de seu voo restante para casa e depois da batalha contra a criatura. Por mais traumatizada que eu tenha me sentido ao reviver esses momentos terríveis, assistir a luta de Kronos me hipnotizou. Eu sabia que os Diretores precisavam ser lutadores excepcionais, mas nunca imaginei que ele seria tão durão. Foi quase como assistir a um filme de ação.

Quando ele foi atrair a segunda fera, eu temi que meu coração saísse do peito. Apesar de saber que ele conseguiria sair vivo – como comprovado pelo fato dele estar parado a poucos metros de mim, eu ainda me senti tonta de medo por ele quando ele quase caiu na água e alguma criatura aquática ainda mais temível destruiu as hidras voadoras. Assim que ele jogou a criatura morta por cima da grade no terraço principal da casa, eu pensei que a filmagem terminaria ali. Mas ela continuou por mais algum tempo.

Ver Kronos correndo pelo labirinto do covil dos Nundars em busca de mim me virou de cabeça para baixo. Mas a maneira como ele segurou minha mão, usou visivelmente seu *bakaan* para aliviar minha dor e agradeceu aos Nundars por salvarem minha vida me destruiu. Mais lágrimas correram pelo meu rosto quando eu me virei para olhar para ele. Gratidão, admiração e uma emoção profunda que era muito cedo para nomear queimaram ferozmente dentro de mim. Nosso olhar se conectou. A ternura em seus olhos me derreteu de dentro para fora enquanto uma comunicação que eu não conseguia expressar em palavras passava entre nós.

Eu queria correr e me jogar em seus braços.

O desaparecimento da tela holográfica quebrou a magia. Eu pisquei e enxuguei o rosto, me sentindo envergonhada por essa demonstração de fraqueza.

— A alma dela está alcançando a sua, Diretor — disse a Anciã

Ozra, pensativa.

Eu fiz uma careta, confusa com o comentário dela.

— Sim, é verdade — Kronos disse com orgulho — O Temern, Kayog Voln, diz que somos almas gêmeas.

— Você não se vinculou a ela — ela desafiou.

— Nós acabamos de nos conhecer. Malaya não conhece nossos modos ou as implicações de se vincular a um de nós — Kronos disse de maneira factual — Eu pretendo me vincular a ela assim que provarmos sua inocência, para que ela possa escolher livremente oficializar nossa união por amor e não como um meio de sobreviver.

Isso também me atingiu com força, mas da maneira mais maravilhosa. Ele estava certo, nós mal nos conhecíamos. No entanto, ouvir que ele queria me manter por um longo tempo me comoveu profundamente. Parecia... certo.

A Anciã Ozra franziu os lábios enquanto pesava suas palavras.

— É inegavelmente perturbadora a filmagem que você apresentou aqui — admitiu finalmente a Anciã Ozra — Embora não haja como negar que seu domínio e sua companheira foram atacados – por Faernychs sem marca, nada menos – ainda não há provas de que Wuras esteja por trás disso.

— Você está certa. Embora seja uma coincidência excessivamente conveniente, não podemos vincular diretamente este ataque ao Juiz Wuras... ainda — Kronos disse — Acreditamos que ele se apropriou do arquivo incriminatório original de Malaya e está fazendo de tudo para impedi-la de reuni-lo novamente.

— Então, o que você espera deste Conclave? — ela insistiu.

— Eu quero que o Conclave reconheça publicamente que eu não sou deficiente mental. Eu quero que vocês condenem o ataque contra meu domínio e contra qualquer interferência em nossa investigação — Kronos disse com firmeza — Além disso, quero que vocês disponibilizem publicamente a lista completa dos casos passados e presentes de Wuras, além de congelar seus bens fora do planeta.

A Anciã Ozra franziu a testa com o último pedido, enquanto os outros membros do Conclave recuaram ou se irritaram visivelmente.

— O último pedido é excessivo sem prova de irregularidade — ela rebateu.

— Enquanto minha companheira lutava por sua vida, uma executora da OPU nos forneceu registros bancários certificados obtidos legalmente de Wuras, exibindo uma série de transações duvidosas — Kronos argumentou — Eles mostram claramente que ele recebe pagamentos regulares das subsidiárias Komoro e Fingram, os dois mais poderosos cartéis de drogas e contrabando neste setor da galáxia.

A Anciã Ozra moveu suas asas em um movimento que sugeria seu

crescente desconforto com a situação. Kronos estava apresentando um caso sólido para nós. Nós precisávamos que ela atendesse a esse pedido.

— Embora pareça suspeito, isso não é prova de irregularidade. A Casa Wuras possui investimentos em diversos negócios. Uma subsidiária de uma organização questionável pode não estar envolvida em negócios ilegais. Sem provas sólidas contra a referida subsidiária, não há motivo para congelar os seus bens.

— Tudo bem, mas *precisamos* de algumas semanas sem interferência para reconstruir o arquivo que foi levado — Kronos insistiu — E Wuras precisa ser observado de perto. Ele tentou silenciar minha companheira duas vezes. Primeiro, tentando mandá-la para o playground de Dakon, o que todos sabemos que seria uma sentença de morte para uma alma pura como a minha Malaya. Depois, enviando feras selvagens para minha casa. Ele *tentará* novamente. Caso contrário, ele poderá fugir. Congelar seus bens tornaria isso mais difícil para ele.

— Nós *não* congelaremos seus bens até que vocês possam fornecer evidências fortes o suficiente para apoiar tal ação — a Anciã Ozra disse em tom imperativo — Nós atenderemos aos seus outros pedidos. Mas esteja bem avisado, Diretor Aramon. Você tem um mês para apresentar evidências substanciais para apoiar suas graves acusações. Se não fizer isso, você perderá seu título. Seu Setor será confiscado de sua Casa e concedido à Casa Wuras como reparação por esta difamação.

— O QUÊ?! — eu exclamei, estupefata — Isso não é justo! Sou *eu* quem está acusando Wuras de corrupção. Se não conseguirmos reunir provas suficientes a tempo, castigue a *mim*, não a *ele*!

A Anciã Ozra inclinou a cabeça para o lado enquanto olhava para mim com uma expressão indefinível tingida com um toque de zombaria — Então certifique-se de encontrar provas, Malaya Velasco. Seu caso será julgado novamente no mesmo dia.

Ela virou a cabeça para a esquerda e depois para a direita para olhar para seus colegas, antes de olhar para mim.

— Assim todos dizemos — ela disse com uma finalidade que deixou claro que o Conclave estava no fim.

— Assim todos dizemos — repetiram os outros em uníssono.

Então, como um só, todos se levantaram e saíram da sala por uma passagem secreta atrás de seus assentos.

Capítulo 13

Malaya

Atordoada, eu observei os quatro guardas que me escoltaram até aqui se virarem e saírem da sala pelo mesmo caminho por onde havíamos chegado. Nenhum deles me deu atenção, como se eu não existisse mais. Os quatro guardas que cercavam Kronos também simplesmente se afastaram, mas por uma porta diferente perto de seus assentos na parede direita.

Ver Kronos dar alguns passos em minha direção quebrou a paralisia que me mantinha colada no lugar. Sem pensar, eu comecei a correr e me joguei em seus braços. Ele me pegou quando eu trombei nele. Seus braços musculosos se fecharam em volta de mim segundos antes de suas enormes asas nos envolverem.

Imediatamente eu me senti segura, protegida... em casa.

Eu apertei meu abraço. Com o rosto enterrado em seu pescoço, eu inalei profundamente seu aroma fresco com notas de sândalo e pinho. Ele me deu um aperto suave e depois acariciou minhas costas de uma forma calmante. Eu levantei minha cabeça para olhar para ele. Nossos olhares se conectaram. Seus olhos azuis gelados brilhavam como a lua cheia no mar escuro de sua esclera negra, me hipnotizando. Eu não sabia dizer quem se inclinava para o outro ou se o fazíamos simultaneamente, mas nossos lábios se encontraram em um beijo terno cheio de devoção e promessas não ditas.

Ele terminou muito cedo, mas a faísca que acendeu em meu coração permaneceu.

No momento em que Kronos abriu as asas, não só eu me senti desolada, mas também exposta e vulnerável. Com um braço ainda em volta de mim, ele tirou uma mecha rebelde de cabelo do meu rosto.

— Como você está se sentindo, minha companheira? — ele perguntou com uma voz gentil e cheia de preocupação.

— Um pouco cansada, provavelmente por causa da sedação, mas surpreendentemente bem, considerando o que a enfermeira descreveu — eu disse.

Ele se afastou um pouco de mim para olhar meus tornozelos, apesar do horrível uniforme de presidiária que os cobria.

— E suas feridas? — ele perguntou.

— Elas formigam um pouco, mas estão bem, fora isso. Eu dei uma olhada quando a enfermeira me examinou mais cedo, e as cicatrizes estão quase todas desbotadas — eu disse sinceramente.

Ele assentiu — Os Nundars cuidaram de seus ferimentos.

— Dá para ver. Eles fizeram um trabalho maravilhoso e salvaram minha vida — eu disse, minha voz tremendo um pouco de gratidão e emoção.

— Eles certamente fizeram isso — Kronos disse com calor antes de seu sorriso endurecer levemente.

Um movimento no limite da minha visão me fez perceber o motivo de sua súbita mudança de humor. Embora mantivesse um braço em volta da minha cintura, Kronos se virou para encarar seu pai que havia se aproximado de nós.

— Malaya, você conheceu meu pai, o Senhor Destar Aramon. Pai, esta é minha companheira Malaya Velasco.

Meu rosto parecia ter sido mergulhado em cimento enquanto eu sorria educadamente para seu pai. Além do fato de que o homem era enorme, ele também me intimidava pra caralho. Embora Kronos tivesse uma aura inegavelmente durona, a de seu pai usava esteroides. Até mesmo seu rosto descansado parecia pronto para bater em minha cabeça e usar meus ossos como palitos de dente.

— Olá de novo, Senhor Aramon — eu disse em voz baixa.

Eu esperava seguir as dicas de Kronos sobre como me dirigir a seu pai, mas não sabia como interpretar suas reações. Havia uma deferência inegável de sua parte para com seu pai, mas isso não me dizia muito sobre como eu deveria agir em relação a ele.

O Senhor Aramon me deu uma olhada lenta que seriamente me fez querer me contorcer.

— Você arranjou uma companheira interessante, filho — ele disse, embora seu olhar nunca se desviasse de mim.

Eu não sabia como interpretar isso, nem o fato dele não ter respondido à minha saudação. Kronos bufando e diversão brilhando em seus olhos em resposta me tranquilizaram um pouco. Se ele parecesse ofendido, eu teria entrado em pânico total.

— Isso, minha Malaya certamente é — Kronos disse, sua mão apertando possessivamente minha cintura.

Isso fez maravilhas pela minha autoconfiança instável.

— Interessante no bom sentido, eu espero — eu disse em um tom um pouco nervoso.

Seu pai franziu os lábios enquanto continuava a me encarar. Ele realmente iria ignorar minhas palavras e agir como se eu fosse apenas um suporte ao lado de seu filho?

— Você não pode ser tão arrogante ao se dirigir ao Conclave — ele

disse severamente para mim — Moxan pode ser desagradável, mas ele ainda é um Ancião. Eles têm o seu destino – e o nosso – em suas mãos. Lembre-se disso na próxima vez que estiver diante deles.

Eu me encolhi. Aquele Ancião tinha me irritado muito. Até mesmo quando eu perdia a cabeça, eu sabia que era imprudente da minha parte deixar que minhas emoções tomassem conta de mim, especialmente com a terrível ameaça que a Anciã Ozra lançou sobre nós no final se não conseguíssemos encontrar provas.

— Me desculpe, Senhor — eu disse timidamente.

— Hmmm — ele disse de uma forma que eu não sabia como interpretar.

Eu lancei um olhar de lado para Kronos, mas ele estava olhando para o pai com uma expressão ilegível.

O Senhor Aramon acenou com a mão para que o seguíssimos — Venham. Vamos para a sua nave.

Sem esperar pela nossa resposta, ele saiu da sala pela mesma porta lateral usada pelos guardas que vigiavam Kronos. Assim que saímos, eu espiei as portas reforçadas à nossa esquerda, com mais postos de controle de segurança que pareciam levar a um grande salão onde civis e outras pessoas podiam se misturar. O Senhor Aramon seguiu na direção oposta. Eu percebi que a seção em que estávamos permitia que as naves atracassem diretamente nesta área segura para que as pessoas que se apresentassem diante do Conclave não pudessem vagar pela cidade sem uma verificação de segurança completa.

No final de cada corredor, uma única escotilha conectava-se a uma nave visitante. Nós seguimos o pai de Kronos pelo terceiro corredor fora do quarto do qual acabamos de sair e entramos em uma nave diferente daquela em que eu havia acordado.

Assim que todos entramos, o Senhor Aramon parou e se virou para nos encarar. Mais uma vez, eu me senti como uma garotinha prestes a levar uma bronca do pai quando seu olhar se voltou para mim.

— Sinto muito por causar problemas para sua Casa — eu deixei escapar.

Ele acenou com a mão em desdém — *Você não fez isso*. Uma humana provando que um Obosiano é corrupto, especialmente alguém de alto escalão como o Juiz Wuras, teria pouco valor. Mas outra casa nobre Obosiana forçará a ação. Você convenceu o Conclave.

— Poderia ter me enganado — eu murmurei com uma bufada.

O Senhor Aramon bufou — A reação deles se deve ao fato de que a sua palavra e a opinião deles não são suficientes. Eles precisam de provas irrefutáveis para derrubar uma Casa tão poderosa quanto Wuras. Eles não podem permitir que isso continue. Ao colocarem o fardo sobre a minha Casa, eles garantem que não deixaremos pedra sobre pedra para fornecer as provas de que necessitam.

— Mas ainda é injusto que eles joguem essa responsabilidade sobre vocês — eu insisti — Por que eles não podem interrogar Wuras como fizeram comigo? Eles verão que ele é suspeito.

Tanto Kronos quanto seu pai balançaram a cabeça.

— Os Obosianos podem naturalmente impedir que outros vejam suas almas, ou o quanto delas pode ser visto — Kronos explicou — Normalmente nós só compartilhamos nossa luz com nossa companheira quando nos vinculamos.

— Droga — eu disse, com meus ombros caindo — É tão injusto que eles estejam atribuindo minhas acusações à sua família.

Kronos sorriu — Na verdade, é uma coisa boa. A Casa Wuras é poderosa, mas a nossa também. Ao nos dar um mandato oficial, o Conclave permitiu que pessoas de Casas inferiores falassem sobre o que podem ter visto ou ficado sabendo.

Meus olhos se arregalaram em compreensão — Como os guardas e funcionários do tribunal que Wuras está chantageando!

— O quê?! — o Senhor Aramon exclamou com os olhos arregalados.

— Torgal — meu advogado Temern durante o processo — disse que muitos dos guardas e funcionários odiavam e temiam Wuras. Ele acredita que eles adorariam derrubá-lo, mas têm medo de agir contra ele, provavelmente porque ele os está chantageando.

— Nós precisamos dos nomes deles — o Senhor Aramon disse em tom de comando.

Eu me mexi desconfortavelmente com os pés — Eu posso perguntar a Torgal, mas e se Wuras tentar matá-los também?

— Não se preocupe. Nós os protegeremos — ele respondeu com confiança antes de se virar para Kronos — Minha frota irá acompanhá-los até sua casa para evitar que vocês encontrem qualquer acidente infeliz em sua jornada. Você reforçará as defesas ao redor de sua casa e também de seu playground. Um segundo ataque direto contra sua casa causará um motim, mas todos os seus presos morrendo repentinamente por causa de sua ‘negligência’ prejudicará a todos nós.

— Sim, Pai. Nós já começamos com as melhorias na casa — Kronos disse, franzindo a testa escamosa — Mas você fez uma afirmação válida sobre os Quadrantes. Eu cuidarei disso também assim que retornar.

— Ótimo, e mantenha sua mulher segura — ele acrescentou antes de voltar sua atenção para mim — Quanto a você, procure encontrar essa evidência. Se precisar de ajuda com alguma coisa, fale. Entendido, pequena humana?

— Entendido. E é Malaya — eu respondi.

— Como é? — ele perguntou, seu tom implicando que ele não conseguia acreditar que eu respondi.

Me recusando a ser intimidada, eu sustentei seu olhar, embora me obrigasse a falar em tom respeitoso, em vez de beligerante — Meu nome é Malaya, não ‘pequena humana’.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Como diabos esse homem poderia me fazer sentir como se eu estivesse encolhendo com um único olhar desafiando a lógica.

— Você não é humana? — ele desafiou.

Eu dei a ele um olhar de ‘Que porra é essa’ antes de conceder — Bem, sim.

— E você não é pequena?

— Eu não sou peque...

A maneira como ele ergueu as sobrancelhas com piercings em descrença antes de lançar um olhar significativo entre mim, seu filho e ele mesmo me calou.

— Bem, comparada a vocês, eu *sou* menor, mas...

— Então isso faz de você uma pequena humana, não é? — o Senhor Aramon disse presunçosamente, me interrompendo.

Eu franzi o rosto em aborrecimento, enquanto seu sorriso presunçoso se ampliava.

Me dispensando, ele olhou para seu filho — Mantenha-me informado sobre seu progresso.

Sem esperar a resposta de Kronos, o Senhor Aramon se virou e dirigiu-se para a escotilha para sair. Eu balancei a cabeça, irritada, enquanto o observávamos se afastando.

— Eu não te chamo de grande Obosiano — eu murmurei baixinho.

Para meu horror, apesar de já estar alguns metros à nossa frente e prestes a sair da nave, o Senhor Aramon parou de repente e se virou para olhar para mim. Meu estômago embrulhou e eu me preparei para a merecida bronca que me aguardava.

— Você acabou de fazer isso — o Senhor Aramon disse, com seu olhar gelado me perfurando.

— Eu... sinto muito — eu disse, desejando que o chão se abrisse embaixo de mim e me engolissem, junto com minha boca idiota.

Longe de acalmá-lo, minhas palavras apenas fizeram com que sua carranca se aprofundasse — Você sente muito? Por quê? Você está dizendo que não sou grande?

Meus olhos se arregalaram e eu abri e fechei a boca algumas vezes, sem saber como responder àquela pergunta inesperada.

— Sim, você é — eu deixei escapar finalmente quando ele ergueu uma sobrancelha impaciente em reação à minha falta de resposta.

— E eu não sou um Obosiano? — ele insistiu, sua voz igualmente severa.

— Bem... sim — eu disse em voz baixa.

— Então por que você está se desculpando por fazer uma

declaração precisa?

Desta vez, eu me contorci, sem ter ideia de como responder. Eu cocei minha nuca e lancei um olhar desesperado para Kronos, esperando que ele me resgatasse dessa bagunça que eu mesmo havia criado. Ele estava apenas olhando para o pai com uma expressão ilegível.

O Senhor Aramon bufou, recuperando minha atenção — Sua pequena humana claramente precisa de mais descanso, filho. Certifique-se de fornecer isso a ela.

Com isso, o Senhor Aramon saiu da nave. Eu exaleei o ar que não percebi que estava segurando.

— Isso correu bem — eu murmurei.

— Sim — Kronos concordou.

Eu balancei minha cabeça em direção ao meu marido — Isso foi sarcasmo, caso você não tenha notado. Não poderia ter sido pior! Seu pai me odeia!

Para minha surpresa, Kronos riu e seus olhos brilharam com malícia.

— Meu pai gosta de você... *e muito*.

Seu sorriso se alargou quando eu fiquei ali parada, olhando para ele, incrédula.

— Sou eu quem deveria estar delirando com o veneno da hidra voadora! O que diabos poderia fazer você pensar que ele gosta de mim?

— Ele brincou com você! Meu pai só tem dois humores: mal-humorado e ultra mal-humorado — Kronos disse com uma risada na voz — Geralmente leva meses, senão anos, para ele começar a mostrar seu lado mais relaxado para um estranho.

— *Esse era o lado mais relaxado dele?! — eu exclamei.*

Ele assentiu — Na verdade, esse era o seu lado humorístico.

Ele começou a rir da minha expressão espantada. Então, para minha surpresa, ele me pegou nos braços e me carregou para dentro da nave.

— Mas ele tem razão. Você precisa descansar. A enfermeira a tirou à força da sedação com alguns medicamentos. Você ainda tem alguma recuperação pela frente — Kronos disse em um tom que não admitia discussões.

Eu quase argumentei, mas mais por princípio do que qualquer outra coisa. A ideia de me enrolar na cama tinha um apelo inegável. No caminho para seus alojamentos, nós passamos por um membro da tripulação com quem ele conversou em Obosiano, provavelmente dando-lhe instruções para nossa partida.

Assim como seu quarto em Molvi, este ostentava cores marrom escuro e cinza, com uma enorme janela que dava para o espaço.

Surpreendentemente, não havia espaço de trabalho na sala, embora eu suspeitasse que ele tivesse um escritório completo do outro lado de uma das portas comunicantes.

Eu não discuti quando ele me ajudou a tirar o miserável uniforme de presidiária que eu fui forçada a usar novamente. Se eu nunca tivesse que tocar em outro desses pelo resto da minha vida, não seria tão cedo. Vestindo apenas minha calcinha, eu rastejei em cima de sua cama enorme enquanto ele tirava seu peitoral de couro. Infelizmente, ele não tirou as calças, contente em tirar as botas.

Ele não foi para a cama comigo. Depois de me aconchegar, ele se sentou na beirada e simplesmente segurou minha mão. Eu não teria me importado em me aconchegar. Kronos era realmente um homem lindo. E pensar que eu o odiei quando o conheci.

— Levaremos cerca de doze horas para chegarmos em casa — Kronos disse com uma voz gentil — Eu sugiro que você tente dormir o máximo que puder. Os Nundars queriam que você permanecesse inconsciente por pelo menos quatro a cinco dias seguidos para que seu corpo se curasse completamente. Eu odiei ter que acordá-la mais cedo para isso.

— Você foi tão durão lutando contra aquelas feras! E os Nundars também foram incríveis. Se eles não tivessem chegado naquela hora... Eu respirei fundo quando minha voz ameaçou falhar. Kronos deu um aperto reconfortante na minha mão, e eu respondi com um sorriso trêmulo — Eles parecem tão discretos, quase frágeis. E ainda assim eles são tão poderosos! Eu estava bastante fora de mim durante o ataque, mas aquele vídeo que você mostrou me surpreendeu. O poder com que eles repeliram aquelas feras foi incrível!

— Os Nundars são realmente ótimos — Kronos disse com um sorriso melancólico — O poder que eles demonstraram foi impressionante. Mas isso é tudo graças a você.

Eu recuei — Graças a mim?!

— Eu estava com um excesso de energia naquela manhã. Então eu os alimentei demais antes de sair. O que foi útil — ele brincou.

O olhar lascivo que desceu sobre suas feições fez meus dedos dos pés se curvarem instantaneamente. Maldito homem. Ele ria do meu constrangimento. Mas eu me recusei a deixá-lo dar a última palavra.

— Então é melhor eu mantê-lo superalimentado o tempo todo — eu disse com uma voz cantante.

Em vez de rir ou assumir uma expressão brincalhona, o rosto de Kronos assumiu uma intensidade que me deixou instantaneamente quente e molhada.

— Vou me certificar de lembrá-la dessa afirmação quando estiver totalmente descansada, minha companheira.

Kronos se inclinou e me deu um beijo que me fez derreter de

dentro para fora.

— Descanse — ele sussurrou contra meus lábios — Eu estarei na porta ao lado se você precisar de alguma coisa.

Depois de roçar sua boca uma última vez na minha, Kronos se levantou e caminhou para a sala adjacente, que eu imaginei ser um escritório. Ele deixou a porta aberta enquanto ia trabalhar. Sentindo-me segura e contente, eu fechei os olhos e deixei o sono tomar conta de mim.

Depois do que pareceram meros minutos, eu acordei assustada, apenas para ver que havíamos realmente chegado em casa. Kronos me envolveu no cobertor para cobrir minha nudez e estava me carregando para fora da nave. Eu me aninhei contra ele, ainda me sentindo um pouco grogue.

Ao sairmos da nave – que ocupava quase toda a área de pouso, eu finalmente notei a enorme quantidade de naves escurecendo o céu do início da noite. O Senhor Aramon não estava brincando quando disse que sua frota nos escoltaria de volta. E eu suspeitei que mais naves haviam permanecido em órbita ou pairando um pouco mais alto no céu.

No entanto, pelo menos algumas delas estavam voando em direção aos Quadrantes, provavelmente em busca de qualquer problema à espreita. Enquanto Kronos me carregava pela rampa inclinada até o terraço principal da casa, eu tive um vislumbre da parede de vidro totalmente reparada do meu terraço privado. Tecnologia adicional foi habilmente adicionada à estrutura principal da casa para que não entrasse em conflito com o design harmonioso. Eu não sabia dizer o que eram, mas suspeitei que algumas delas fossem armas automáticas de longo alcance.

Ao redor da grade, eu reconheci discretos nós de escudo. Sempre que uma violação era anunciada, um escudo de energia se formaria, conectando cada nó. Com base nos poucos nós que consegui localizar, o escudo cobriria inteiramente todos os terraços e outras áreas abertas da casa. Se esse sistema estivesse em vigor antes do ataque das hidras voadoras, o escudo teria impedido que elas chegassem perto o suficiente para quebrar minha porta de vidro.

Todos esses upgrades visíveis deveriam ter me tranquilizado. Em vez disso, quando nos aproximamos da porta do salão principal, minha pulsação acelerou e meu estômago revirou com uma crescente sensação de pânico. Não fazia sentido, mas no momento em que Kronos entrou no corredor que levava aos nossos quartos, o discreto formigamento em torno dos meus tornozelos aumentou de intensidade até se transformar em uma pulsação total, para não dizer uma sensação de queimação. Uma pressão pesada se formou em meu peito, tornando mais difícil respirar. Eu quase pude ouvir a fera gritando em

meus ouvidos.

Um gemido escapou de mim e eu percebi que estava tremendo e chorando quando Kronos apertou os braços em volta de mim enquanto nos aproximávamos da porta do meu quarto.

— Está tudo bem, Malaya. Você está segura. Os Faernych estão mortos. Eles não podem mais te machucar — Kronos disse com uma voz suave.

Quando ele parou na frente do meu quarto, o pânico que vinha crescendo dentro de mim simplesmente explodiu. Eu comecei a chutar e a gritar, mesmo enquanto me agarrava a Kronos como uma mulher se afogando. Soluços pesados me sufocaram enquanto ele se afastava da minha porta e se dirigia para seu quarto.

Uma onda de paz tomou conta de mim. Meu cérebro entendeu que era Kronos tentando me acalmar, assim como sabia que meu pânico era infundado. Eu o vi matar as criaturas. Eu tinha visto as defesas reforçadas ao redor da casa. E com os Nundars por perto, eu realmente não tinha mais nada a temer. Mas eu não tive oportunidade de processar tudo o que aconteceu naquela noite. Após o ataque, primeiro eu fiquei delirante e depois sedada, apenas para acordar momentos antes de ser jogada na frente do painel hostil do Conclave.

Depois de assistir a gravação que Kronos mostrou para o Conclave, eu pensei ter superado o trauma. Isso me abalou, mas não tão brutalmente como agora. No vídeo, parecia quase como assistir a um filme de ação do qual eu havia acabado de participar. Mas estar de volta aqui, exatamente onde tudo aconteceu, realmente fez com que a realidade fosse absorvida.

— Eu achei que fosse morrer. Eu podia me sentir morrendo sozinha — eu disse entre dois soluços.

— Mas você não fez isso — Kronos sussurrou, apertando seu abraço — Você não está sozinha. Você não vai morrer. Os Nundars e eu nunca permitiremos isso.

— Sinto muito — eu disse, incapaz de parar de chorar.

— Não diga isso, minha companheira. Está tudo bem. Você teve uma experiência traumática. Coloque tudo para fora. Você está segura comigo.

E então eu liberei tudo.

Eu demorei um momento para perceber que Kronos me levou para nossa sala de higiene compartilhada, em vez de para seu quarto. Foi apenas quando o som de água corrente perfurou minha mente nebulosa que eu finalmente entendi. Quando a grande banheira embutida se encheu de água morna, Kronos jogou o cobertor enrolado em mim no chão e me livrou da calcinha antes de me sentar, em cima do balcão. Ele rapidamente tirou suas próprias roupas antes de me pegar de volta em seus braços.

Enquanto a água enchia a banheira, Kronos andava pela sala enquanto sussurrava palavras de conforto e beijava as lágrimas que encharcavam meu rosto. Embora não tenha demorado muito, quando ele nos colocou na banheira, meus soluços haviam diminuído para fungadelas. Eu me senti esgotada, todo o meu corpo doía por ter chorado tanto.

Kronos me acomodou em seu colo. Eu enterrei meu rosto em seu pescoço, rodeada pelo calor de seu corpo forte e da água borbulhante que nos submergia até os ombros. Pela eternidade seguinte, ele cantarolou uma melodia pacífica que eu não conhecia, as vibrações de seu peito e seu *bakaan* me envolvendo em uma sensação de bem-estar profundo.

Com minha cabeça ainda apoiada em seu ombro, eu olhei para seu lindo perfil, momentos depois que ele parou de cantarolar — Fico feliz que Kayog tenha encontrado você para mim — eu sussurrei.

Ele sorriu e abaixou a cabeça para olhar para mim com uma expressão terna — Fico feliz que ele tenha me envergonhado para parar com minha idiotice, porque estou feliz por ter me casado com você.

Um sorriso bobo esticou meus lábios — Eu pretendo te fazer se apaixonar por mim, sabia disso?

— Estou contando com isso — ele disse antes de beijar suavemente meus lábios.

Quando ele interrompeu o beijo, eu levantei a mão para acariciar sua bochecha, mas Kronos segurou meu pulso e franziu a testa enquanto olhava para meus dedos enrugados.

— Vamos terminar de nos lavar e tirar você da água antes que você fique enrugada até sumir — Kronos disse com falsa severidade.

— Ok — eu suspirei.

Eu fiz menção de pegar o sabonete, mas Kronos deu um tapa de leve em meu pulso. Ele passou os próximos minutos me lavando, seu toque terno, mas desprovido de luxúria. Ele me fez sentir totalmente cuidada, quase querida. Ele me secou e escovou meu cabelo antes de, felizmente, me levar de volta para seu quarto. Eu não pensei que teria outro colapso mental se ele me levasse para o meu quarto, mas ainda não estava pronta para isso.

Ele não se incomodou em nos vestir e cuidadosamente me colocou em sua cama antes de se juntar a mim. Eu aceitei de boa vontade quando ele me puxou para seu abraço.

— Durma, minha companheira. Você está segura.

Quando eu fechei os olhos, me aconchegando profundamente contra seu corpo forte, um único pensamento se repetiu em minha mente. Sim, eu fiquei feliz por Kayog ter encontrado minha alma gêmea para mim.

Capítulo 14

Kronos

Uma sensação vibrante me tirou do sono. Embora instantaneamente alerta, eu mantive meus olhos fechados enquanto os dedos delicados da minha companheira traçavam os contornos do piercing no meu mamilo esquerdo. Ela cuidadosamente se mexeu para não me acordar enquanto levantava a cabeça do meu peito. Sua mão deslizou até meu mamilo direito e ela mais uma vez brincou com seu piercing. A ponta do dedo indicador seguiu o anel da minha aréola. Eu reprimi um sorriso quando a ponta molhada de sua língua substituiu seu dedo.

Meus músculos abdominais se contraíram involuntariamente. Malaya congelou. Apesar dos meus olhos ainda estarem fechados, eu a senti levantar a cabeça para olhar para o meu rosto. Com muito esforço eu consegui manter uma expressão relaxada no rosto, como se ainda estivesse dormindo. Aparentemente enganada, minha mulher retomou seu esforço perverso, dando uma última lambida em meu mamilo antes de puxar cuidadosamente o cobertor que nos cobria.

Ela chegou até o meio das minhas coxas antes de desistir. Como minha asa esquerda prendeu uma parte do cobertor, ela não conseguiria soltá-lo sem me deslocar. Por um breve momento, eu considerei fingir que estava me movendo convenientemente enquanto dormia, mas decidi não fazer isso para não me denunciar tão cedo.

Malaya estava naturalmente curiosa com meu corpo. A primeira vez – embora eu deva dizer vezes – em que fizemos amor, eu não dei a ela muita chance de explorar. Além do fato de que eu estava muito focado em dar prazer a ela enquanto avaliava suas respostas ao meu toque, eu também estava muito ocupado me empanturrando com as emoções da minha mulher para deixá-la fazer o que queria comigo.

Ela traçou os sulcos dos meus músculos abdominais, demorando por um segundo no meu umbigo. Eu não tinha um piercing ali, mas não pude negar que me senti tentado a adicionar um desde que vi o dela. Supondo que tudo corresse como planejado com a derrubada de Wuras, talvez eu fizesse isso. Afinal, os piercings eram troféus que marcavam nossas maiores conquistas.

A deliciosa chama da excitação acendeu em minha barriga quando a mão errante de Malaya viajou mais para o sul. Ela ainda estava usando apenas as pontas dos dedos para desenhar as escamas escuras e pontas na parte superior e nas laterais do meu pau. Embora não houvesse nada de sexual no modo como ela me tocava, o sangue correu rapidamente para minha virilha.

— Me molestando enquanto durmo? — eu perguntei, minha voz ficou mais profunda por ter acordado recentemente.

Malaya engasgou e puxou a mão antes de olhar para mim. Eu coloquei uma expressão neutra no rosto, ansioso para ver o que ela faria. A culpa inicial de ter sido pega em flagrante desapareceu quase instantaneamente do rosto de minha companheira, substituída por uma expressão impenitente.

— Embora eu possa entender por que você interpretaria dessa forma, na verdade eu não estava te molestando — ela disse com ousadia.

Eu levantei uma sobrancelha — Você tocou e lambeu meus mamilos, acariciou meu peito e barriga, e agora mesmo estava acariciando meu pau. Se isso não é abuso sexual, não sei o que é.

Seus olhos se arregalaram e suas bochechas ficaram vermelhas quando ela percebeu que eu estava acordado há mais tempo do que ela pensava. Para minha alegria, em vez de se encolher, ela dobrou sua falta de remorso.

— Eu fiz tudo isso acima, mas não é abuso sexual. É exploração. Como até agora eu não tive a oportunidade de dar uma boa olhada em meu marido, eu decidi aproveitar. Você pode chamar isso de pesquisa educacional — ela disse descaradamente.

— Educacional, é? — eu perguntei, divertido.

— Mmhmm. Mas claramente, *você* precisa de alguma educação. Como você parece não saber a diferença entre investigação e abuso sexual, é meu dever corrigir isso — ela disse, piscando os cílios com um olhar exageradamente inocente.

— Me conte! — eu respondi com uma risada.

— Veja, quando eu lambi e toquei seus mamilos assim, foi uma pesquisa — Malaya disse.

Ela provocou meu mamilo esquerdo passando levemente o dedo indicador sobre a protuberância e tocou meu mamilo direito com a ponta da língua, como se fosse alguém provando cuidadosamente algo que não tinha certeza se gostaria.

— Viu? Curto, gentil e educativo... — Malaya disse, olhando para mim como se eu fosse um aluno particularmente difícil — Agora, para a versão do abuso sexual...

Meu estômago vibrou em antecipação quando minha companheira abaixou a cabeça sobre meu peito. Obviamente, eu sabia a diferença

entre os dois. E ainda assim, eu não estava preparado para a onda de luxúria que explodiu entre minhas coxas quando sua boca se fechou em torno do meu mamilo. Malaya não brincou e imediatamente começou a chupá-lo enquanto esfregava a palma da mão no outro mamilo. Entre as sucções, ela passava a língua na minha aréola e batia a ponta no meu piercing. Simultaneamente, ela beliscava o outro mamilo, suas ministrações ressoavam diretamente em meu pau.

Eu nem percebi quando minha mão passou pelos fios macios de seus longos cabelos para mantê-la no lugar. Malaya de repente me deu uma mordida forte. Eu respirei fundo e meus músculos abdominais se contraíram em resposta.

Ela levantou a cabeça para sorrir presunçosamente para mim.

— Devo continuar a demonstração? — ela perguntou em tom de provocação.

— Eduque-me, minha companheira — eu sussurrei, com todo o meu corpo tenso e faminto por mais do seu toque.

Malaya sorriu e imediatamente voltou a acariciar meu corpo. Uma parte de mim quase se arrependeu dela não ter voltado a chupar meus mamilos. Eles eram bastante erógenos para mim. Mas a maneira ousada com que ela acariciava meu peito e barriga enquanto sua boca traçava uma trilha ardente para baixo fez com que uma parte diferente e ainda mais sensível do meu corpo ansiasse por atenção.

Enquanto ela brincava com meu umbigo e o mordia, o peso da antecipação pousou em meu peito, tornando minha respiração mais profunda e difícil. A tímida chama de excitação em meu estômago se transformou em um braseiro estrondoso enquanto seus lábios continuavam sua jornada em direção à minha pélvis. Suas unhas cegas arranhando as escamas do lado da minha coxa esquerda fizeram um arrepio percorrer meu corpo.

Ajoelhando-se ao meu lado, Malaya se inclinou para ver mais de perto a minha virilha. Com a distância maior, meus dedos escorregaram de seus cabelos e desceram pela curva esbelta de suas costas. Eu respirei fundo novamente quando ela corajosamente cobriu meu pau com a palma da mão, esfregando-o em todo o seu comprimento. Ela finalmente fechou a mão em torno dele, minha circunferência era grande demais para seus dedos tocarem. Mas isso não a impediu de dar um bom aperto.

Um gemido estrangulado me escapou quando ela começou a me acariciar enquanto mantinha um aperto firme em volta do meu pau. Isso deu ao meu *xinnix* – os pequenos espinhos que revestem as laterais do meu comprimento – o estímulo perfeito. Cada um deles, cinco de cada lado, não apenas proporcionava sensações adicionais às nossas companheiras, como também proporcionava ao homem o mesmo tipo de prazer que um clitóris proporciona a uma mulher.

Cada fricção enviava pulsos elétricos através de minhas entranhas, atijando o fogo que ardia em minhas veias.

Malaya curvou-se mais e, segurando meu pau reto, ela deu uma longa lambida na parte superior, da base até a ponta, arrancando outro gemido de mim. Ela repetiu o movimento algumas vezes, depois começou a traçar as escamas e os piercings no meu pau com a ponta da língua, me deixando louco de necessidade. Quando o inferno de sua boca finalmente se fechou em torno da ponta do meu pau, eu joguei minha cabeça para trás e agarrei o cobertor com a mão esquerda enquanto um prazer intenso surgia através de mim. Meu estômago se contraiu um pouco mais com a lava girando dentro enquanto minha mulher balançava avidamente sobre mim.

Sangue de Tharmok, isso era bom!

Minha mão direita, ainda acariciando as costas de Malaya, desceu até a bochecha rechonchuda de seu traseiro, dando um bom aperto, antes de me aventurar entre suas coxas. Meus dedos encontraram sua fenda já encharcada com sua essência. Um arrepio sacudiu seu lindo corpo quando rocei seu clitóris.

Como era meu costume quando ficava cada vez mais excitado, a ponta da minha língua apareceu com vontade própria e começou a esfregar a protuberância central do meu lábio superior, logo abaixo do meu arco de cupido. Exceto que não era meu lábio que eu queria lamber, mas os deliciosos de minha companheira. A lembrança de quão deliciosa ela era quando minha língua entrou e saiu dela em nossa primeira noite me deu água na boca.

Incapaz de resistir, eu me inclinei para o lado e levantei meu traseiro. Malaya ofegou em volta do meu pau, a vibração requintada quase arrancou de mim um orgasmo. Eu rosnei enquanto apertava meus músculos pélvicos para me controlar. Minha companheira soltou meu pau e bateu as palmas das mãos no colchão para que ela não caísse de cara. Mas mesmo quando ela se virou para olhar para mim indignada, ela percebeu o que eu estava fazendo quando puxei sua perna sobre mim e do outro lado do meu rosto.

Ela não resistiu - não que eu tivesse dado a ela a escolha - e ficou em uma posição confortável antes de sua boca mergulhar de volta no meu pau. Eu passei meus braços em volta da parte inferior de suas costas, trazendo sua pélvis para mais perto do meu rosto, e minha língua disparou através de sua abertura. Um tremor percorreu Malaya enquanto minha língua afundava profundamente dentro dela.

O sabor ácido de sua essência explodiu em minhas papilas gustativas enquanto o aroma inebriante de seu almíscar enchia meu nariz, fazendo-me doer de necessidade. Minha língua não conseguia entrar fundo o suficiente dentro da minha mulher. Pelos dentes de Tharmok, eu queria devorá-la inteira. Ao mesmo tempo, eu estava

lutando contra a vontade de empurrar para cima em sua boca enquanto ela continuava a chupar meu pau. Cada vez que ela roçava meu *xinnix* com os dentes, minha coluna se contraía e meu lombo queimava com a necessidade de liberar minha semente.

Quando os seus gemidos começaram a preencher meus ouvidos, e as suas pernas começaram a tremer à volta do meu rosto, eu percebi que a minha mulher iria em breve atingir o clímax. Eu acelerei o movimento da minha língua entrando e saindo dela e pressionei dois dedos em seu clitóris, esfregando febrilmente. Em segundos, Malaya gritou com meu pau ainda dentro de sua boca. A vibração me fez rugir.

Embora eu me recusasse a chegar ao clímax ainda, algo quebrou dentro de mim. Segurando as coxas de Malaya para cima, eu me sentei parcialmente e bati minhas asas para trás duas vezes para sair debaixo dela. Ela caiu de bruços no colchão, mas com minhas mãos ainda segurando seu traseiro para cima. Eu pretendia ir devagar e ser gentil com ela, especialmente considerando a provação que ela havia passado nos últimos dias. Mas eu cometi o erro de provar suas emoções enquanto ela ainda estava no clímax.

Algo selvagem e raivoso tomou conta de mim quando o sabor divino de suas emoções me atingiu como a forma mais pura de luxúria líquida disparada diretamente em minhas veias. Ajoelhando-me atrás dela, eu me enfiei com uma estocada poderosa. Malaya gritou, o som abafado pelo colchão pressionado contra seu rosto. O gosto de seu prazer-dor arranhou minha pele em carne viva de felicidade. Por uma fração de segundo, eu temi que fosse derramar dentro de algumas estocadas devido à sobrecarga de sensações insanas que derivava de minha mulher.

Eu deveria parar de me empanturrar de suas emoções, mas não consegui. Mesmo que isso me matasse, eu queria tudo dela. Eu *precisava* de tudo dela. Embora errático no início, meus movimentos gradualmente se estabilizaram à medida que comecei a penetrar Malaya com mais força, rapidez e profundidade. Tendo se recuperado parcialmente, minha mulher se apoiou nas palmas das mãos e agora balançava para frente e para trás, encontrando-me impulso após impulso enquanto um fluxo interminável de gemidos saía dela. Eles se misturaram com meus grunhidos e rosnados, tanto da euforia física de sua vagina molhada acariciando e apertando meu comprimento em seu aperto forte, quanto da energia arrebatadora de suas emoções penetrando em mim, me enchendo com um poder bruto que deixava cada uma de minhas terminações nervosas no limite.

Eu estava tão bêbado de prazer que o próximo orgasmo de Malaya me pegou de surpresa. A explosão emocional que me atingiu quase me desfez, arrancando algumas gotas da minha semente antes que eu

conseguisse me controlar. Minha companheira caiu na cama enquanto voava nas asas da felicidade. Mas isso não bastaria. Eu deslizei um braço na frente dela e a puxei de volta. Com as costas dela pressionadas contra o meu peito, eu voltei a meter nela por trás.

Tharmok me leve! O calor abrasador de sua pele contra a minha era divino. Eu nunca queria parar. Minhas mãos percorreram todo o seu corpo e acariciaram seus seios. Enquanto meus lábios beijavam e chupavam a carne macia de seu pescoço, minha cauda se esgueirava pela frente dela para sacudir seu clitóris. Minhas presas doíam para afundar em sua carne e ligá-la para sempre a mim. Um desejo tão poderoso não fazia sentido. Apesar de Kayog afirmar que Malaya era minha alma gêmea – e mesmo que eu também acreditasse nisso – eu ainda mal a conhecia. Era muito cedo. E ainda assim, mesmo agora enquanto ela voava alto, a alma da minha companheira estava tentando alcançar a minha para completar um vínculo que ainda não era possível.

Assim que ela começou a descer, eu a puxei e a deitei na cama. Ela parecia deslumbrante com o cabelo desgrenhado, o rosto corado, os lábios inchados e os olhos tão escurecidos pela paixão que quase pareciam pretos. E tudo isso era para mim. Esta mulher era minha. Toda minha.

Eu abri bem suas pernas e me enterrei profundamente em seu calor acolhedor. Eu engoli seu gemido em um beijo voraz, minhas entranhas em chamas com a necessidade de enchê-la com minha semente. Malaya agarrou minhas costas, suas mãos deslizando para minha bunda, suas unhas cravando em minha pele enquanto ela se contorcia debaixo de mim, querendo tudo que eu tinha para dar. Ela era fodidamente perfeita. Feita para mim.

E eu nem tinha usado meu *bakaan* para deixá-la louca de luxúria e prazer.

Por uma fração de segundo, eu considerei invocá-lo, mas optei por não fazê-lo. Sua alma brilhava como mil sóis, sua luz era tão brilhante que o calor poderia me queimar até virar cinzas. E estava brilhando assim para mim, não para meus poderes ou qualquer outro artifício.

Apenas para mim...

Faíscas elétricas percorreram meu corpo enquanto eu me entregava ao prazer divino de ser um com a outra metade da minha alma. Os gemidos estrangulados de Malaya e a maneira urgente como ela cantava meu nome anunciaram seu clímax iminente. Eu me empanturrei com o tsunami de emoções que emanavam da minha mulher, prazer demais para suportar me rasgando de dentro para fora.

Malaya de repente agarrou meus braços, sua boca formando um O silencioso enquanto seu clímax a atingia. Suas paredes internas apertando violentamente meu pau me enviaram ao limite. Uma luz

ofuscante explodiu diante dos meus olhos. Eu joguei minha cabeça para trás enquanto rugia minha libertação. Foi como se um raio tivesse atingido minha coluna, seus fios elétricos percorrendo todo o meu corpo e descendo pelas pontas das minhas asas e da minha cauda. Eu enfiei profundamente dentro da minha mulher enquanto minha semente disparava em jatos de fogo, enquanto as faíscas dos relâmpagos continuavam a me destruir de dentro para fora.

Eu caí em cima da minha companheira e me forcei a rolar para o lado, puxando-a para o meu abraço. A sala girou e espasmos me sacudiram da cabeça aos pés, enquanto a pele febril de Malaya tremia contra mim. Pelos deuses, esta mulher seria a minha morte. E que morte maravilhosa seria.

Malaya se aconchegou contra mim e eu apertei meu abraço. Eu nunca a deixaria ir. Ela era minha, agora e sempre.



Eu passei os dias seguintes reforçando as defesas ao redor do meu playground, conforme pedido do meu pai, e na semana seguinte tentando coletar informações dos meus colegas Diretores. Embora alguns deles também tivessem algumas histórias de sentenças duvidosas, as coisas não estavam indo bem. Todos os presos que receberam uma sentença questionável de Wuras e que acabaram em um Quadrante Negro morreram convenientemente logo após sua chegada. Apesar de seus melhores esforços, Malaya e Maeve não conseguiram encontrar qualquer conexão com atividades obscuras entre os presos e Wuras que pudesse fornecer uma pista para seguir.

Os outros presos que ele condenou a qualquer Quadrante Negro eram todos criminosos durões com uma ficha criminal do tamanho de uma montanha. A sentença deles foi bem merecida e não nos serviria. Nós precisávamos desesperadamente encontrar algo que funcionasse. Mas o tempo estava passando rapidamente e havíamos feito pouco ou nenhum progresso.

A culpa me consumiu quando eu entrei no quarto de Malaya e observei seu lindo perfil. Sentada em frente ao computador, com os ombros caídos em derrota, minha mulher olhava para a tela com uma expressão desanimada. Ela levou alguns dias para criar coragem para voltar ao quarto para trabalhar. Eu lhe ofereci um quarto diferente na casa para servir especificamente de escritório, mas ela recusou. Primeiro, ela não precisava de tanto espaço para isso e, segundo, ela se recusou a ser intimidada a sair de seu próprio quarto por causa daquele incidente cruel. Seria como dar a Wuras uma segunda vitória

sobre ela.

Embora isso tenha aumentado ainda mais minha admiração e carinho por minha companheira, também me lembrou de meu fracasso em protegê-la naquela primeira vez. E aqui estava eu falhando novamente por não encontrar nada que apoiasse o caso dela... o *nosso* caso.

— Más notícias? — eu perguntei, me agachando ao lado da cadeira dela.

Ela se virou para olhar para mim e me deu um sorriso corajoso que não conseguiu esconder sua angústia — As coisas não estão boas, Kronos. E eu não sei mais o que fazer.

A angústia em sua voz atingiu meu coração. Eu a peguei e a carreguei até a beira da cama. Eu me sentei antes de colocá-la em meu colo.

— Fale comigo — eu disse gentilmente.

Malaya soltou um suspiro antes de descansar a cabeça no meu ombro. Eu passei um braço em volta dela e ela segurou minha outra mão entre as dela. Ela olhou para ela sem realmente ver, seus dedos acariciando os meus distraidamente.

— Wuras me superou — ela disse com uma voz derrotada — Ele teve quase um mês desde a minha prisão para encobrir seus rastros. E eu dei a ele os meios para fazer exatamente isso em uma bandeja de prata.

— O que você quer dizer?

— Maeve puxou até o último de seus discos antigos e novos e os examinou com um pente fino. Eles respondem por tudo de forma legítima. Wuras usou meus arquivos para obter explicações legais para cada uma das minhas acusações.

— Mas eles são forjados — eu argumentei.

Malaya encolheu os ombros — Nós sabemos que são, mas não podemos provar. Ele tem um monte de novos recibos milagrosos que datam de meses, senão anos, para justificar tudo. Maeve investigou essas outras empresas, indo tão fundo quanto podia legalmente, até mesmo seguindo essa linha, mas ainda não deu em nada. Algumas dessas empresas tinham uma ligação distante com os cartéis Komoro e Fingram, mas os seus negócios eram todos limpos. Estamos fodidos.

Meu coração afundou. Embora eu não duvidasse que Malaya tivesse falado a verdade sobre sua investigação inicial, pela primeira vez eu me perguntei se talvez ela tivesse interpretado mal o que havia descoberto naquela época. Como Wuras poderia ter forjado tão completamente um álibi sólido para tudo sem que um dos hackers mais - se não o mais - talentosos que os Executores possuíam conseguisse encontrar qualquer coisa que pudesse funcionar? Afinal, Maeve e seu marido Helio realizaram a tarefa impossível de rastrear

Saydi e descobrir sua operação de comércio de carne e tráfico de drogas. Sem eles, eu ainda seria um escravo.

Naturalmente, eu não mencionei essas dúvidas a ela. Não só isso não serviria para nada, mas minha companheira também precisava do meu apoio agora, para não ser prejudicada pelas minhas dúvidas. Mas algo tinha que acontecer. Nós tínhamos apenas pouco mais de duas semanas para apresentar nossas evidências ao Conclave, e o que tínhamos até agora seria considerado fraco, na melhor das hipóteses. Eu não me importava com o que aconteceria comigo, mas não podia permitir que minhas escolhas causassem a queda da minha Casa... da Casa do meu pai. E pior ainda, eu não conseguia suportar a ideia do que aconteceria com minha companheira. Se tentassem tirá-la de mim, sem dúvida eu cometeria um assassinato.

— Pelo menos, ainda temos todas aquelas acusações e condenações injustas — Malaya disse, como se em resposta aos meus pensamentos sombrios — Isso deve ajudar nossa causa, certo?

A maneira esperançosa com que ela fez a última pergunta doeu meu coração. Como homem Obosiano, meu dever como marido era preencher a vida de minha companheira com conforto, alegria e prazer. Eu nunca menti e não começaria hoje. Então me matou ter que mostrar nossa dura realidade.

— Isso vai ajudar a tirar Wuras do banco — eu disse cuidadosamente, com meu polegar acariciando suavemente a lateral do braço dela — Mas, a menos que possamos provar que ele ganhou pessoalmente com esses encarceramentos — seja eliminando a competição ou conseguindo algum tipo de comissão por isso — o Conclave não terá escolha a não ser apenas questionar sua capacidade de cumprir suas funções. Eles vão culpar o *gannath* ou um excesso de trabalho. Eles vão dar uma advertência a ele e colocá-lo sob supervisão por alguns anos ou tirar seu martelo completamente.

— E o que isso significará para a sua Casa? — ela perguntou com uma voz preocupada.

— Minha Casa ainda responderá por calúnia e difamação. Nós precisamos vinculá-lo à corrupção de uma forma ou de outra — eu disse gentilmente, odiando como ela se encolheu ao ouvir minhas palavras.

Os olhos de Malaya moveram-se de um lado para o outro enquanto ela ponderava furiosamente — E os guardas? Todos aqueles cujos nomes Torgal forneceu nessa lista? Algum deles concorda em falar sobre por que o odeiam?

— Amreth está cuidando disso. Ele dará uma festa em sua propriedade na próxima semana — eu expliquei — Idealmente, faríamos isso aqui, mas isso atrairia muitas suspeitas e muitas pessoas provavelmente recusariam. Os Diretores frequentemente realizam

reuniões. Ninguém questionará Amreth fazendo isso, já que ele já estava para fazer isso de qualquer maneira. Ele convidou todos eles. Esperançosamente, poderemos conversar lá.

— Ok, isso é ótimo — ela disse, com alívio audível em sua voz.

Eu não disse a ela que também tinha poucas esperanças com isso. Esses guardas, sem dúvida, *queriam* falar, mas provavelmente não o fariam, a menos que pudéssemos tranquilizá-los de que tínhamos outras evidências suficientes para prender Wuras. A maioria dos guardas eram plebeus ou pertenciam a famílias humildes. Se toda esta confusão pudesse ameaçar derrubar uma Casa tão ilustre e rica como a minha, eles seriam estúpidos se arriscassem as suas próprias famílias sem garantia de sucesso.

Eu não sabia onde mais procurar ou que pedra havia sido deixada de lado, mas eu tinha uma semana para encontrá-la. Custe o que custar, eu não poderia falhar com minha companheira.

— Eu vou me aprofundar mais em Komoro e Fingram — Malaya disse — Como chegamos a um beco sem saída com o próprio Wuras, talvez os cartéis revelem algo em que ainda não pensamos.

— Essa é uma boa ideia. Eu vou...

O sinal de emergência disparado no meu comunicador me interrompeu. Meu coração deu um pulso quando tirei o braço em volta de Malaya para olhar a interface da minha braçadeira, temendo que o ataque potencial que meu pai havia mencionado no meu playground finalmente tivesse ocorrido.

Para minha surpresa, não foi o aviso do sistema de segurança sobre um intruso ou sobre algo nefasto acontecendo, mas uma ligação urgente do líder do meu Quadrante Negro. Eu franzi a testa, me perguntando o que, em nome de Tharmok, Morgir poderia querer de mim. Se um dos presos tivesse morrido, ele simplesmente teria dito isso. Em vez disso, ele escreveu:

“Precisamos falar pessoalmente.”

— O que foi? — Malaya perguntou, sua voz cheia de preocupação.

Eu lhe dei um sorriso tranquilizador e acariciei suavemente seus cabelos — Um dos presos do Q4 solicitou uma audiência comigo — eu disse com indiferença — Suponho que algum deles tentou escapar e ficou mutilado além do que sua cápsula médica pode suportar. Preciso ir ver o que eles querem. Espero que não demore muito.

— É melhor mesmo! — ela disse com falsa severidade — Nós vamos comer lechon esta noite. A carne está marinando há dois dias, e os Nundars estão ameaçando me jogar da grade se eu aparecer novamente na cozinha. Eles me impediram de cozinhar meu próprio prato, os pequenos valentões.

Eu comecei a rir de seu beicinho excessivamente dramático, mas brincalhão. Nossos Nundars a adoravam e ficaram bastante fascinados em aprender mais sobre as receitas filipinas, assim como outros pratos humanos. Eles estavam sendo bastante criativos para encontrar carnes e produtos locais que combinassem com os da Terra.

— Os Nundars são os seres mais gentis da galáxia. Se algum bullying estiver acontecendo, aposto que vem de você — eu disse provocativamente — Mas eu não vou me meter em nenhuma briga na cozinha. Contanto que tenhamos doce de banana de sobremesa, ficaremos bem.

Malaya bufou — Sabe, eu nunca teria considerado que você gosta de doces. Você estava tão mal-humorado na primeira vez que te conheci, eu imaginei que você gostasse de alimentos picantes que queimam a língua e o estômago ou cheios de sabores ácidos e vinagre.

Eu ri e esfreguei meu nariz no dela — Você tem muito mais coisas para descobrir sobre mim, minha companheira. Mas isso terá que esperar até eu voltar.

Eu lhe dei um beijo apaixonado ao qual ela respondeu com igual calor. Com muita relutância, eu interrompi o beijo e a deixei deslizar do meu colo.

— Tente não sentir muito a minha falta — eu provoquei, antes de usar meu *bakaan* nela.

Malaya engasgou, suas pernas se fecharam com força e sua pele explodiu em arrepios. Seu rosto assumiu uma expressão tão lasciva que eu imediatamente fiquei duro. Pela maneira como ela apertou os seios com as duas mãos, eu já sabia que seus mamilos estavam endurecidos e doloridos. Eu interrompi meu *bakaan* segundos depois. A tensão que enrijecia seu corpo diminuiu, mas o estrago estava feito. O delicioso aroma de sua excitação fez cócegas em meu nariz.

— Seu merdinha — ela sussurrou, enquanto me lançava um olhar assassino.

— Oops, eu só queria acalmá-la antes de partir — eu disse com um olhar de desculpas nada sincero — Mas a culpa é sua por me alimentar tão bem. Eu não controlo mais a força do meu poder — seu olhar indignado só me fez sorrir ainda mais — Te vejo em breve, querida.

Quando me virei para sair, eu passei minha cauda por sua perna e usei a ponta para dar uma pequena cutucada no ápice de suas coxas. Olhando para ela por cima do ombro, eu comecei a rir quando ela rosnou de frustração e tentou dar um tapa na minha cauda. Eu o arranquei bem a tempo e corri do quarto dela para o terraço quando ela me perseguiu. Eu voei girando no ar para mandar um beijo para ela.

Capítulo 15

Kronos

Um sorriso bobo apareceu em meus lábios enquanto eu voava sobre a floresta. Desde que ela entrou na minha vida, Malaya me fez descobrir um lado brincalhão meu que eu nunca soube que existia. Eu não deveria tê-la provocado daquele jeito. A menos que ela se desse algum alívio, minha companheira ficaria excitada por um tempo. E eu não conseguia nem sentir pena disso. Eu adorava saber que ela estava excitada por causa de algo que eu fiz. Eu adorava ainda mais a ideia de que, naquele exato momento, ela possivelmente estava deitada na cama, esfregando o clitóris e beliscando os mamilos enquanto pensava nas coisas que eu teria feito com ela se não tivesse sido forçado a ir embora.

Todas as coisas que eu FAREI com ela esta noite, quando formos para a cama...

Eu ajustei minhas calças para liberar a pressão que criei em mim mesmo com meus próprios jogos bobos. Malaya me faria pagar por isso mais tarde, esta noite, e eu mal podia esperar. Me assustou o quão obcecado eu fiquei por ela. Eu apenas agradeci aos deuses porque, embora ela tivesse superado o trauma de ficar em seu quarto, minha mulher ainda vinha para minha cama todas as noites. Na verdade, o quarto dela só servia como escritório e armário. O que me servia muito bem.

Pelo sangue de Tharmok, eu estava me apaixonando por minha companheira.

Nós tínhamos sido travessos algumas vezes na cama dela, principalmente porque eu a incomodava no meio de seu trabalho. Então essa caixa foi marcada. Nós ainda tínhamos muitos quartos e superfícies para nos divertirmos. Eu só precisava que Malaya se livrasse de algumas de suas inibições. Embora ela estivesse aberta a praticamente qualquer fetiche, ela continuava excessivamente preocupada com a possibilidade dos Nundars nos pegarem. Se ela soubesse o que os Nundars testemunham quando os Obosianos entram em seu primeiro cio, entre as idades de dezessete e vinte e um anos, ela pararia de se preocupar.

Antes dessa idade, a libido de um Obosiano é basicamente inexistente. Mas uma vez que entramos no cio, se você não quiser ser arrastado para uma orgia selvagem e desenfreada, é melhor ficar longe. Adolescentes Obosianos no cio são literalmente reunidos em uma sala enorme para se envolver em uma maratona de sexo maluca que dura pelo menos algumas semanas, até um mês para as pessoas mais dedicadas. Todo mundo copulava com todo mundo, parando apenas por exaustão ou se um Nundar te arrastasse para o lado para forçá-lo a se hidratar, se alimentar ou descansar.

Geralmente era nessa época que os jovens Nundars decidiam em qual Casa Obosiana gostariam de servir. Depois de terem provado sua energia quando você está em seu estado mais vulnerável e descontrolado, eles sabiam se gostariam de viver ao seu lado pelo resto da vida.

E agora, era Malaya que eu queria que provasse minha energia primordial e contemplasse minha alma em meu estado mais vulnerável. Eu não precisei terminar nosso período de teste para saber que me vincularia a ela. Nós só precisávamos que essa bagunça fosse resolvida para que eu pudesse levá-la em nosso voo de união.

Se ela me aceitar...

Eu descartei esse pensamento assim que ele surgiu na minha cabeça. Por mais arrogante que eu pudesse ser às vezes, eu senti com uma certeza profunda que Malaya também estava se apaixonando por mim. Isso era onipresente na maneira como ela falava comigo, olhava para mim, me tocava e se enrolava em mim como se eu fosse seu porto seguro.

Uma parte de mim queria dar meia-volta e voltar para minha companheira, apenas para aproveitar mais uma vez o brilho divino de sua alma. Mas isso teria que esperar.

É melhor que Morgir tenha um bom motivo para me incomodar.

Como a maioria dos presos do Q4, o Raitheano tinha uma sentença muito longa. Os trinta anos, no caso dele, foram bem merecidos. Ele esteve envolvido até o pescoço no tráfico de drogas, embora seu papel fosse principalmente o de faxineiro. Se você precisasse que alguém desaparecesse, seja silenciosamente, dolorosamente ou espetacularmente, ele cuidaria disso. Eu conheci poucas pessoas com tanto apreço pelo sadismo.

Quando ele pousou no meu playground, eu esperava que ele massacrasse todos os outros presos ou que eles o eliminassem rapidamente para autopreservação. Embora tenha havido inegavelmente algumas baixas, eu fiquei chocado ao vê-lo estabelecer alguma aparência de ordem neste caos, o que também proporcionou uma forma de segurança para os outros.

Eles ainda eram muito indisciplinados para explorar

adequadamente os recursos do Quadrante, mas sua qualidade de vida melhorou visivelmente desde a chegada de Morgir. Isso não teve nada a ver com qualquer tipo de altruísmo da parte dele. O Raitheano simplesmente gostava de seu conforto. E ele só poderia conseguir isso elevando o nível de todos os outros.

Quando eu comecei a descer em direção à clareira onde a sua habitação tinha sido erguida, eu mudei a minha visão para avaliar o nível de ameaça. Ao contrário dos Quadrantes Um e Dois, onde os problemas eram leves ou inexistentes, o Quadrante Negro sempre tinha algum nível de ameaça. Infelizmente, nossa capacidade de ver almas não revelava intenções tão claramente quanto as habilidades empáticas de um Temern. Pelo menos cinco dos quinze internos reunidos em torno da praça em frente à residência demonstravam notável agressividade.

O problema é que eu não sabia se ela era dirigida a mim ou a um dos outros prisioneiros. Somente entrando no meio deles eu saberia com certeza. Pelo menos, seus níveis de agressão não indicavam um ataque iminente, mas eu precisaria ficar de olho neles caso isso evoluísse para algo de maior preocupação. Para o bem deles, eu esperava que eles se comportassem.

Quando eu disse a Malaya mais cedo que estava tendo dificuldade em controlar a força dos meus poderes, já que ela estava me alimentando demais, eu estava apenas parcialmente brincando. Se eu não me controlasse, poderia transformar um preso em cinzas com um único golpe do meu *lumiak*. Além disso, desde aquele primeiro ataque contra Malaya, eu agora carregava sistematicamente um bastão comigo. Se problemas surgissem em meu caminho, eles me encontrariam pronto.

Uma rápida olhada no scanner da minha braçadeira confirmou a posição dos outros doze presos que não estavam reunidos na praça. Eu aterrissei não muito longe da casa deles, com o muro de pedra nas minhas costas para evitar que alguém se aproximasse de mim. Meu olhar percorreu os prisioneiros enquanto avaliava possíveis ameaças. Ele parou por um segundo em Saydi – a infeliz mulher Nazhral que me escravizou temporariamente. Ela estava enrolada ao pé de uma grande árvore. Manchas calvas agora marcavam seu pelo anteriormente lustroso de marfim com listras douradas. Em alguns deles, uma cicatriz enrugada podia ser vista.

O ódio que sua mera visão costumava despertar em mim não veio. Eu não senti pena dela por encontrá-la quebrada e com cicatrizes, sua aparência enganosamente jovem e sua beleza agora eram coisa do passado. Eu era muitas coisas, mas não muito altruísta. No entanto, por mais que eu quisesse vê-la sofrer e pagar pelo que ela fez comigo e com suas outras vítimas, vê-la tentando afirmar sua autoridade aqui

apenas para ser selvagemmente colocada de volta em seu lugar abriu meus olhos.

A raiva pode fazer você desejar que coisas terríveis aconteçam com aqueles que o injustiçaram, mas se permitir começar a obter prazer com o sofrimento de outras pessoas irá transformá-lo em algo... alguém que você não é. Ela me machucou uma vez, tirando minha liberdade.

Eu não deixaria que ela me machucasse ainda mais, tirando minha moralidade e meu senso de identidade. Eu não precisava alimentar seu sofrimento ou me deleitar com ele. Ela havia sido condenada e estava cumprindo pena. Abusar do meu poder sobre ela por vingança me tornaria um monstro como ela. Saydi não merecia meus pensamentos ou energia. O karma estava acertando as contas com ela.

Eu mudei meu olhar para o riacho raso de água onde Morgir estava encharcado. O homem anfíbio saiu da água apoiando-se nos oito longos tentáculos abaixo de seu torso. Ele torceu dois conjuntos de três tentáculos em uma versão improvisada de pernas, os dois tentáculos restantes pendurados nas laterais enquanto ele marchava de uma forma misteriosa em minha direção. Não era incomum que os Raitheanos usassem esse método incomum de caminhar, especialmente em superfícies ásperas ou arenosas que irritavam a parte inferior de seus tentáculos. Como eles também saboreavam com suas ventosas, quem gostaria de lambe o chão enquanto caminha?

Morgir parou a uma distância nada ameaçadora de mim, com um sorriso presunçoso no rosto enquanto olhava para mim com seus olhos escuros. Ele limpou a água que escorria pelos apêndices mais curtos, semelhantes a tentáculos, que serviam de cabelo para sua espécie, antes de cruzar os braços musculosos sobre o peito largo.

— Estou aqui, Raitheano. O que você quer? — eu perguntei como única saudação.

— Nós ouvimos as notícias, por mais limitadas que sejam neste lugar chique — Morgir respondeu com um tom zombeteiro na voz — Parece que as coisas estão esquentando um pouco para você.

Eu estreitei meus olhos para ele. Os presos tinham acesso extremamente limitado ao mundo exterior. Cada Quadrante tinha uma tela de vídeo na qual podiam assistir notícias intergalácticas e um número controlado de séries e filmes populares. Quadrantes produtivos como o primeiro e o segundo gastaram parte de sua renda comprando uma segunda tela de vídeo e ampliando a seleção de programas e canais aos quais tinham acesso. Infelizmente, o principal canal de notícias de Vargos estava entre os canais padrão que todos os Quadrantes recebiam.

Durante a semana passada, os repórteres cobriram extensivamente nossa aparição perante o Conclave e o fato de eu ter me casado com

uma condenada ‘roubada’ de um colega Diretor. Nem uma única palavra foi mencionada sobre as nossas acusações sobre a corrupção de Wuras, apenas o nosso questionamento sobre a sua idoneidade como juiz. Eu não duvidei nem por um momento que Wuras estava alimentando esta propaganda para desacreditar os nossos esforços para provar a sua corrupção. Com a narrativa adequada, ele poderia facilmente se recuperar de um erro de julgamento temporário nos julgamentos que supervisionou. Ao me prejudicar, ele conseguiu que a opinião popular ficasse ao seu lado, ao mesmo tempo que fazia com que potenciais testemunhas desconfiassem de se associarem a mim.

— É apenas uma pequena disputa — eu disse com indiferença.

Ele franziu a testa, sua expressão zombeteira dando lugar a uma mais severa. Ele fez o piscar duplo típico de sua espécie, primeiro com as pálpebras regulares, depois com as horizontais da membrana nictitante.

— Essa pequena ‘disputa’, como você disse tão bem, pode custar-lhe o seu Setor — ele disse em um tom mais áspero.

Como, em nome de Tharmok, ele sabe disso?

É verdade que a notícia questionou minha adequação como Diretor por me casar com uma condenada que eu supostamente havia roubado de um colega. Mas eles também mencionaram ad nauseam, que eu provavelmente sofria de TEPT devido ao meu recente sequestro. Morgir deveria ter presumido que eu só ficaria temporariamente aliviado de minhas funções enquanto fizesse alguma terapia para colocar a cabeça no lugar. Este foi um salto muito grande para ser apenas uma coincidência.

— Ora, Morgir, você quase parece estar com medo de me perder. Eu fico emocionado — eu provoquei, esperando que ele mostrasse sua mão.

Em vez disso, ele acenou com desdém — De jeito nenhum, Diretor. Estou apenas aproveitando uma oportunidade.

Minha sobranalha se ergueu, minha curiosidade genuinamente despertada — Oh? E que oportunidade seria essa?

— Eu tenho uma oferta para você que você simplesmente não pode recusar — Morgir disse com um brilho calculista em seus olhos obsidianos.

Eu bufei — Você tem? Diga. Eu sou todo ouvidos.

Ele gesticulou para a habitação deles com a cabeça — As noites em Molvi podem ficar bastante frias, enquanto os dias podem ficar escaldantes. Mas temos estado bastante confortáveis nas últimas semanas graças à sua súbita generosidade quando se trata de energia. Como gostamos bastante disso, sentimos que isso deveria se tornar uma coisa permanente. Nós queremos recargas completas como essa regularmente em troca de algumas informações valiosas.

Eu comecei a rir — Meu querido Morgir, parece que sua cabeça foi esmagada muitas vezes por seus colegas presidiários. Ou isso, ou você está sofrendo de um caso agudo de desidratação.

— Eu posso lhe dar evidências irrefutáveis para derrubar Wuras e toda a sua Casa — ele sibilou.

Suas palavras me atingiram com força. Foi necessária toda a minha força de vontade para não demonstrar o quanto elas me afetaram. Até que eu tivesse uma noção melhor do que ele realmente tinha, eu não poderia deixá-lo adivinhar o quanto estávamos desesperados por qualquer vantagem contra o juiz.

— Isso é uma grande ostentação — eu disse zombeteiramente — Mas o que o faz pensar que preciso de suas informações ou que até quero derrubar a Casa dele, para começar?

— Vamos parar com os joguinhos, Diretor. Se você tivesse a evidência que precisava, você já o teria derrubado em vez de permitir que os nomes de seu pai e de sua companheira fossem arrastados na lama — Morgir disse em um tom áspero, uma lasca de crueldade deslizando em sua voz para adicionar sal à ferida — Você está lutando por provas e aposto que seu tempo está acabando. Podemos estar trancados aqui e isolados da maior parte do mundo, mas ainda assim nós obtemos algumas informações interessantes.

— E quão interessante é essa informação? Tudo o que ouço é muita ostentação com muito pouco conteúdo — eu retruquei com uma expressão entediada.

— Wuras colocou as mãos no arquivo que sua humana reuniu sobre ele. A esta altura, posso garantir que ele já se protegeu contra todas essas alegações. Qualquer coisa que ela tivesse contra ele foi contestada e é infalível. Você *perderá* contra ele. A menos que eu o ajude, claro — ele acrescentou com um sorriso de merda — Mas para isso, você precisará pagar. O preço é o fornecimento de energia ilimitado, o tempo todo, durante os vinte anos restantes da minha sentença. E eu quero sua palavra solene quanto a isso.

Mais uma vez, cada uma de suas palavras me atingiu como uma adaga no peito. Mas mesmo que me assustasse o fato dele saber tanto, uma esperança impossível também floresceu em meu coração. Eu só precisava jogar minha mão com muito cuidado para não me ferrar. Não se podia confiar em um condenado, muito menos em alguém do Quadrante Negro.

— Mesmo supondo que eu precisasse — ou simplesmente quisesse — o que você tem a oferecer, nenhuma quantidade de informação que você possui justificaria uma demanda tão insana. Eu nunca lhe concederia isso — eu disse com naturalidade.

— Tudo bem — Morgir disse, jogando um de seus tentáculos de cabelo por cima do ombro com aborrecimento — Então me faça uma

contraproposta.

Eu bufei — Uma contraproposta sobre o quê? Você disse muitas palavras, nenhuma delas com muita substância. Talvez o que você tem a dizer não valha a pena.

— Eu garanto que sim, Diretor. Leia minha aura — Morgir acrescentou em um tom pressionador.

Quando eu simplesmente olhei para ele de uma forma que deixou claro que estava prestes a ir embora, o Raitheano mostrou a primeira falha em seu comportamento arrogante. Eu queria desesperadamente qualquer informação que ele possuísse – e realmente acreditava que ele tinha algo valioso a oferecer sem precisar verificar sua alma. Mas eu precisava negociar com força para conseguir todos os bens. Se eu cedesse muito rapidamente, ele economizaria nas informações e guardaria coisas úteis para mais tarde, para que pudesse extorquir mais de mim.

A julgar pelo número de presidiários que estavam ali prestando testemunho, Morgir provavelmente se vangloriou de que me seguraria pelas bolas e me obrigaria a conceder-lhes grandes melhorias em suas condições de vida. Se o acordo fracassasse, isso minaria significativamente a sua autoridade. E essa era a minha vantagem. Mesmo que eu estivesse pagando seu blefe, na verdade não queria que ele fosse derrubado. Apesar de ser um indivíduo desagradável, Morgir trouxe uma aparência de estabilidade a este Quadrante que eu gostaria que fosse mantida no futuro próximo.

— Olha, o que eu posso te dar vai derrubar toda a Casa do juiz. Eu trabalhei para Wuras por dez anos. Eu sei onde todos os esqueletos estão enterrados e cada um dos seus segredos. Faça-me uma boa oferta e você não se arrependerá.

Mais uma vez, eu reprimi minha excitação crescente. Não havia nada em seu arquivo que indicasse uma possível conexão com Wuras. Por outro lado, não havíamos nos aprofundado muito em seu caso, pois havia motivos abundantes para ele receber a sentença que recebeu. Ao longo de suas décadas como juiz, Wuras proferiu muitas sentenças para que pudéssemos analisar cada uma delas que não tivesse algum tipo de sinal de alerta óbvio.

— Dez anos, sério? Você está aqui há algum tempo. Por que só agora você quer conversar? — eu desafiei.

— Por vingança, é claro — Morgir disse, como se fosse evidente — Eu estou aqui porque aquele *mazzath* me sacrificou quando um acordo deu errado e ele quase foi pego. Eles me pediram para jogar junto, para assumir a responsabilidade. Com Wuras presidindo meu julgamento, ele cuidaria bem de mim.

Eu assenti lentamente — Em vez disso, você recebeu trinta anos no Q4 sem oportunidades de vingança.

— Até agora... — Morgir disse com alegria maliciosa — Quando ele se voltou contra mim, eu jurei que encontraria uma maneira de pegá-lo. Mas falar antes não teria servido de nada. Quem teria acreditado em qualquer acusação que eu pudesse ter feito contra ele?

Eu apertei os lábios e balancei a cabeça novamente — Justo. Ninguém teria se incomodado em investigar suas alegações. Mas agora você me deixou curioso. Seu Quadrante possui três pequenos cristais. Com a produção fraca do seu grupo, raramente vocês conseguem preencher dois deles, às vezes até apenas um. Portanto, se a sua informação for boa, eu prometo preencher totalmente um cristal de graça, por um ano.

Morgir recuou, uma expressão de indignação tomou conta de suas feições — Não me insulte!

Eu abri a boca para responder quando senti uma mudança na alma à minha esquerda, a viscosidade tipicamente emitida por alguém prestes a realizar um ato desprezível. Eu virei minha cabeça para a esquerda, meus olhos se fixando ameaçadoramente nos de um humano chamado Bramull.

— Nem pense nisso, Bramull — eu disse com uma voz gelada — Eu prometo que você não vai gostar do que vai acontecer.

Morgir sibilou para o humano. Ele levantou os dois tentáculos pendurados nas laterais do corpo à sua frente e apontou as ventosas inferiores para o homem. Bramull empalideceu e deu um passo para trás. Os Raitheanos possuíam uma série de características ofensivas naturais que destruiriam sua frágil constituição humana. Suas ventosas não serviam apenas para provar ou permitir aderência em várias superfícies para impulsioná-los para frente, mas também podiam disparar dardos finos como agulhas e ácido. Quando não revestidos de ácido, os dardos causavam sintomas semelhantes aos da malária durante algumas horas ou alguns dias, dependendo da vítima. Mas quando revestidos com ácido, eles também o liquidificariam por dentro.

— Caia fora, seu *mazzath*, antes que eu lide com você — Morgir sibilou para Bramull — E eu prometo a você que não desperdiçaremos energia ligando a cápsula médica para consertar sua bunda.

Bramull murchou e deu mais alguns passos para trás antes de se sentar no chão para indicar que se comportaria. Eu bufei e balancei a cabeça diante da estupidez do humano. Ele achava que os outros teriam se juntado a ele no ataque por frustração por eu não estar cedendo às suas exigências ultrajantes?

— Acredito que você estava prestes a me fazer uma oferta melhor — Morgir disse, recuperando minha atenção.

Eu ri — Na verdade, eu não estava.

— Três cristais completos por cinco anos — Morgir rebateu.

— Um pequeno cristal por *um* ano — eu repeti, desta vez deixando claro que não iria ser convencido — Se a sua informação for boa, eu vou aprimorá-la.

Morgir bufou de aborrecimento. Ele se mexeu nas pernas não naturais, visivelmente abalado. Eu tinha que agir com cuidado antes que ele cancelasse tudo.

— Sabe, diretor, você está jogando duro, mas sem minhas informações, sua Casa vai cair.

Eu levantei meu queixo e sustentei seu olhar inabalavelmente — Supondo que você esteja certo e minha Casa caia, Wuras receberá este Setor como compensação. Como seu Diretor, eu pago a você salários de mercado pelo que vocês produzem, em vez do salário mínimo que a maioria dos outros Diretores paga. Eu também lhes dou o dobro da energia básica exigida por lei porque considero que a predefinição é muito baixa e acrescenta dificuldades desnecessárias – para não dizer crueldade – à vida dos reclusos. Você acha que Wuras fará o mesmo? E quando ele descobrir que você ainda está vivo e ressentido com a forma como ele te ferrou, o que você acha que vai acontecer?

Desta vez, eu claramente acertei um ponto sensível. Morgir hesitou, sem saber como proceder. Eu não podia permitir que ele voltasse às suas exigências ultrajantes e decidi aproveitar minha vantagem.

— Olha, você sabe que eu sou honrado. Dê-me algo de bom e, pela minha honra, eu o bonificarei e farei com que valha a pena. Você tem minha palavra — eu disse em tom firme.

Morgir cerrou os dentes e finalmente me deu um aceno rígido — Tudo bem, e que seus deuses amaldiçoem você e sua casa se você quebrar seu juramento. Você está olhando para o alvo errado. Não perca seu tempo indo atrás do Juiz. Daran Wuras é apenas uma fachada. Vá atrás do pai dele. Brenor Wuras é o chefe da Komoro.

— O QUÊ?!

Desta vez eu falhei totalmente em esconder meu choque e descrença, nem que tenha tentado. De todas as bombas que o Raitheano poderia ter lançado, eu nunca poderia ter previsto essa. Mas se fosse verdade...

— Você não está encontrando nada, porque Brenor abriu todas as suas contas ilegais com o nome de solteira de sua avó. O laboratório onde ele produz os medicamentos fica bem debaixo do nariz de todos. Ele está no porão de seu vinhedo em Vargos.

Eu me senti tonto, atordoado pela magnitude de suas revelações. Uma rápida olhada em sua alma não revelou nenhum engano. Ele acreditava em cada palavra que disse. Não admira que não tenhamos conseguido encontrar nada realmente incriminatório para Wuras.

Morgir pegou um cartão holográfico do cinto à prova d'água em

sua cintura e o jogou em minha direção.

— Este cartão contém a lista de todos os seus principais clientes, os bancos e gestores que administram suas contas e as principais subsidiárias que lavam seu dinheiro. E já que estou me sentindo generoso, aqui vai um pequeno bônus para você — Morgir continuou — Se Cilaug Laktar ainda viver, você vai querer falar com ele. Ele pode lhe dizer a localização de todos os armazéns, assim como o nome e a programação de todas as naves.

— Cilaug Laktar? — eu repeti, memorizando o nome.

— Ele também foi sacrificado — Morgir disse amargamente — A última vez que ouvi, ele recebeu prisão perpétua no Q4. Não sei em qual Setor. Mas se você encontrá-lo, por favor, diga olá por mim. Então você vê, isso vale muito mais do que um mísero ano. Espero uma bonificação adequada da oferta. E quando tudo o que acabei de dizer estiver confirmado, você pode querer adicionar um bônus extra e trazer meu amigo aqui. Eu poderia usar uma companhia mais inteligente do que essa ralé com quem estou preso — ele acrescentou, lançando um olhar desdenhoso para os outros presos que nos observavam.

— Se isso for confirmado, então sim, essa informação valerá muito mais do que um ano. Eu o mantereii informado. Você tem minha palavra — eu disse com uma voz neutra, orgulhoso de que a excitação borbulhando dentro de mim não apareceu.

— Diretor — Morgir disse em despedida.

Sem outra palavra, eu bati minhas asas e voei de volta para minha companheira com toda pressa. A maré finalmente mudou.

Capítulo 16

Malaya

As informações que Kronos trouxe de sua visita a Morgir explodiu nosso caso. O que eu descobri sobre o juiz Daran Wuras foi menos que a ponta do iceberg. Aquele filho da puta não era o cérebro que eu acreditava que fosse. Ele não passava de um consertador... e uma decepção para seu pai. Aquele acordo de crédito de cinco milhões que deu errado com Jasper, ex-namorado de Rihanna? Esse foi um acordo paralelo que o Juiz Wuras tentou fazer para provar ao pai que tinha talento para assumir os negócios da família. Não admira que ele tenha ficado tão amargo depois de ser enganado, a ponto de atacar qualquer pessoa, mesmo remotamente ligada a Jasper.

O Senhor Brenor Wuras, um dos patriarcas mais ricos e influentes de Vargos, era muito respeitado por seu povo e pela comunidade comercial intergaláctica. Embora ele participasse de vários negócios, de transporte público à moda, passando por restaurantes gastronômicos e uma rede de hotéis de luxo, Brenor Wuras era mais conhecido por transformar o vinhedo de sua família no maior nome no que diz respeito a vinhos finos.

Se tentar derrubar o juiz Wuras parecia uma façanha impossível, apenas pensar em ir atrás do pai era suicídio.

E ainda assim...

Agora mesmo, eu poderia beijar aquele Raitheano, com tentáculos e tudo. Se ele tivesse apenas nos apontado para Wuras, não poderíamos ter feito muito, muito menos em tempo hábil. Fornecer-nos o nome dos seus bancos foi um primeiro passo, mas ainda assim teria sido como procurar uma agulha num palheiro. O fato dele nos dar a pista de que as contas estavam sob os nomes de sua avó mudou tudo. Na verdade, ele usou os sobrenomes de suas avós maternas e paternas para formar o nome Ginak Vokoth. Nunca em um milhão de anos teríamos feito uma associação com ele, já que os Obosianos eram um patriarcado radical. O nome de nascimento de uma mulher praticamente desaparecia no minuto em que ela se casava.

Kronos conseguiu encontrar Cilaug Laktar, outro Raitheano condenado à prisão perpétua no Q4. Ele havia sido levado ao

playground de Dakon. Embora tenha ficado bastante machucado durante sua estada no Quadrante mais difícil de Molvi, Cilaug sobreviveu à provação. Em troca da promessa de alguns itens de conforto, ele ficou mais do que feliz em revelar todos os segredos que guardava sobre o pai de Wuras. Ele sabia tudo, desde a localização de cada armazém até os códigos de acesso para abri-los, os nomes das naves de transporte e seus capitães, e até os cronogramas detalhados de entrega.

Com esse fluxo massivo de informações, nós começamos a trabalhar. Mesmo com a ajuda de Maeve, demorou uma semana apenas para identificar todas as contas bancárias, vinculá-las irrefutavelmente a Brenor Wuras e destacar as principais transações fraudulentas e métodos de lavagem de dinheiro de cada uma. Os Executores rastrearam cada embarcação que Cilaug identificou e confirmaram que eles estavam de fato realizando as entregas de acordo com as rotações programadas que o preso Raitheano havia descrito.

Maeve estava literalmente tendo orgasmos violentos com todos esses arquivos. Para minha consternação, Kronos e eu acabamos ficando parcialmente no banco durante tudo isso. Este se tornou um caso tão grande com as drogas ilegais sendo entregues a vários planetas membros da OPU que os Executores essencialmente assumiram o controle. Obviamente, nós fomos mantidos informados – até certo ponto – para que pudéssemos apresentar um caso forte o suficiente para o Conclave. Mas até mesmo isso foi afetado.

Os Executores estavam montando uma enorme operação policial. Como isso envolvia vários planetas e estações espaciais, cada um com as suas próprias leis e jurisdições, a obtenção de mandados tornou-se uma tarefa gigantesca. Como eles só teriam uma chance nisso, eles não poderiam estragar tudo. Eles queriam que todos os armazéns fossem abordados ao mesmo tempo, assim como as instalações de produção e refinaria.

O maior desafio acabou sendo conseguir um mandado para o vinhedo Wuras. O pedido deveria ter sido publicado na lista de processos do tribunal onde o Juiz Wuras trabalhava. Dizer que o Conclave não gostou de violar as regras para que os Executores obtivessem aquele mandado era o eufemismo do milênio.

Por medo de que a operação deles vazasse, nós não fomos autorizados a participar da festa organizada por Amreth ou até mesmo falar com os guardas e funcionários que odiavam Wuras. Qualquer informação que eles tivessem para fornecer não era nada em comparação com o tesouro que as revelações de Morgir nos deram. Embora eu entendesse a lógica deles, eu tinha sentimentos conflitantes sobre isso. Uma parte de mim temia a forma potencialmente

desagradável como as pessoas nos cumprimentariam, especialmente eu, naquela festa. Para os Obosianos, eu ainda era uma assassina condenada. Mas a extrovertida em mim poderia realmente ter aproveitado algumas interações sociais.

Até que minha condenação fosse anulada e minha ficha eliminada, eu não teria permissão para deixar este Setor. Tecnicamente, eu não tinha permissão para sair do Quadrante para o qual fui designada. Kronos mencionou a existência real de um shopping center, completo com cinema, restaurantes, danceterias, spas e tudo mais que eu poderia sonhar. Como alguns Diretores tinham cônjuges e filhos morando com eles aqui, eles até tinham escolas aqui até o colegial. Para o ensino universitário e especializado, os alunos geralmente retornavam a Vargos para prosseguir estudos mais avançados.

Isso significava que eu tinha muito tempo livre disponível e nenhum lugar para ir. Como o Setor de Kronos não era exatamente uma área turística, não haveria piqueniques à beira do rio ou passeios na mata envolvidos. Eu ainda me lembrava muito bem da criatura desagradável na água que eviscerou o primeiro Faernych e arrancou a cauda do segundo com uma mordida. Mas a nossa casa era um paraíso turístico por si só. E Kronos reservou um tempo para fazermos piqueniques românticos no jardim interno ou nadarmos na piscina insana que circundava mais da metade da casa, com água escorrendo de nossa cachoeira particular.

Embora os Nundars insistissem em nos preparar pratos gastronômicos todos os dias, de vez em quando eles me ‘permitiam’ cozinhar na minha própria cozinha, demonstrando grande vontade em aprender as receitas que eu gostava, fossem filipinas ou não. Esses pequeninos cresceram muito em mim. Obviamente, o fato deles terem salvado minha vida teve um papel não negligenciável nisso, mas eles tinham uma aura pacífica e alegre que instantaneamente me deixava feliz só de estar na presença deles.

No entanto, o fato deles não terem nomes individuais ainda me confundia. Além do fato dos homens e mulheres serem parecidos – eu literalmente teria que levantar suas vestes para que suas partes íntimas me dissessem de que gênero eram – eles agiam com uma espécie de mente coletiva. A fala mental deles sempre ‘soava’ igual, mesmo que não fosse exatamente uma voz falando.

Como Kronos me disse que eles gostavam de ficar sozinhos e se sentiam desconfortáveis ao sentir a energia de outras pessoas, eu fazia questão de não incomodá-los. Para minha surpresa, eram eles que procuravam minha companhia de vez em quando. Eu levei muito tempo para perceber que eles apareciam convenientemente nos momentos em que meu isolamento começava a pesar sobre mim, geralmente quando Kronos estava fora cuidando de seus Quadrantes.

Eles cantarolavam para mim com aquelas vozes assustadoras - as únicas vezes em que eu ouvia um som vocal real deles. Outras vezes, eles realizavam truques 'mágicos' que seriam mais qualificados como truques acrobáticos, equilibrando objetos no ar usando seus poderes cinéticos.

A única vez que eles realmente me fizeram chorar foi no dia em que apareceram com longos gravetos esculpidos para parecerem bambu. Quatro Nundars tomaram posição, cada um deles colocando suas varas de bambu no chão, enquanto outro Nundar me trouxe um conjunto de leques dobráveis, antes de apertar tornozeleiras de prata com sinos em ambas as minhas pernas. Minha garganta se apertou de emoção quando eu abri os leques e cinco outros Nundars começaram a tocar a música em uma dança singkil. Eu havia mencionado de passagem para Kronos que eu costumava realizar essa dança cultural do meu povo.

Como era necessário que as pessoas movessem as varas de bambu no chão de uma forma rítmica enquanto a dançarina navegava habilmente entre elas, evitando que seus tornozelos fossem esmagados pelas varas, obviamente eu não poderia mais executá-la.

Até que os Nundars se ofereceram para isso...

Foi hilário ter um daqueles pequenos familiares fazendo o papel do príncipe nesta dança de cortejo. E, no entanto, o Nundar mostrou uma destreza impressionante, contornando sem esforço os postes móveis com seus pés com cascos. Para minha surpresa, no meio da nossa apresentação, Kronos voou e enxotou o Nundar antes de tomar seu lugar. Descobrir que meu marido aprendeu secretamente a dança me destruiu.

Naturalmente, eu lhe agradei apropriadamente mais tarde naquela noite.

Eu estava lenta mas seguramente me apaixonando por meu marido. Wuras permanecia sendo a única nuvem escura em nosso céu perfeito. Como ele obviamente não poderia deixar Molvi, já que seu trabalho exigia que ele permanecesse fisicamente aqui, eu estava pensando em como poderia levar uma vida plena aqui. E as três semanas que se seguiram às revelações de Morgir me permitiram praticar exatamente isso.

Apesar da minha frustração por ter sido excluída da minha própria investigação, eu encontrei consolo escrevendo um artigo épico sobre toda essa confusão. Eu mal podia esperar para publicá-lo depois que Wuras - pai e filho - fossem presos e indiciados. Caramba, eu provavelmente acabaria escrevendo um livro completo para cobrir todos os detalhes insanos, desde como uma família tão respeitável se voltou para o crime apenas para se tornar um dos cartéis de drogas mais poderosos deste setor da galáxia. Eu queria saber como eles

conseguiram construir um império assim, debaixo do nariz de todos, durante tantos anos, sem nunca serem pegos. As histórias dos próprios presos e dos guardas chantageados dariam histórias igualmente convincentes, tanto para o meu livro, como talvez até para um documentário ou uma série de vídeos.

Uma semana depois de termos enfrentado o Conclave novamente, os Executores invadiram os armazéns de Komoro, embarcaram em suas naves de transporte e desceram até o vinhedo da Casa Wuras.

Eles nem viram isso chegando.

Me matou o fato de eu não ter tido permissão de testemunhar nada disso em primeira mão. Mas Maeve teve a gentileza de nos enviar imagens de sua câmera corporal e também de alguns de seus colegas. Ver Wuras - pai e filho - furiosos enquanto eram presos foi um orgasmo por si só, especialmente no caso de Daran Wuras, que presidia uma audiência quando vieram arrastá-lo para fora do tribunal.

Só então eu tive permissão para deixar Molvi, mas apenas para retornar a Vargos e enfrentar o Conclave. Inicialmente, caberia a nós apresentar nossas provas contra o Juiz, após o que eles teriam reavaliado meu caso. Mas graças às provas esmagadoras apresentadas pelos Executores, a nossa presença ali foi apenas uma formalidade.

Ou foi o que pensei.

Durante toda a viagem de volta ao mundo natal dos Obosianos, eu me preparei mentalmente para o fato de que provavelmente teria que usar aquele miserável uniforme de presidiária novamente. Pelo menos, eu estava animada com o fato de que seria pela última vez. Porém, depois de atracarmos, um único guarda veio nos buscar, sem algemas, sem uniforme. Eu fiquei ainda mais chocada ao perceber que não havíamos atracado em um dos acessos fortemente vigiados com câmeras, mas sim no mesmo acesso de baixa segurança por onde havíamos saído da primeira vez.

Eu sorri para Kronos quando ele pegou minha mão para me levar para fora da nave. Isto constituiu mais um sinal positivo de que este pesadelo logo ficaria para trás. Eu caminhei a distância relativamente curta até a câmara, onde outro guarda nos permitiu entrar. Nós entramos pela porta lateral por onde havíamos saído da última vez. Encontrar os bancos laterais totalmente vazios, exceto pelo Senhor Aramon e um homem humano que reconheci como Tedrick Wilson, o que me deixou confusa. Pelo que eu entendi, o grupo anterior era formado por repórteres oficiais e detentores de registros.

Por que isso está acontecendo a portas fechadas?

Considerando que os Executores tinham praticamente assumido o controle da minha investigação, não me chocou ver um de seus oficiais superiores presente – embora eu tivesse adorado conhecer

Maeve pessoalmente. A julgar pela leve carranca que marcava a testa de Kronos, ele se sentiu tão confuso quanto eu.

Ele olhou para o pai, que tinha, como sempre, aquela expressão totalmente ilegível misturada com seu habitual tom de não-posso-ser-incomodado-com-as-besteiras-de-ninguém. Nós nem tivemos a oportunidade de nos juntar ao Senhor Aramon e Tedrick nos bancos.

— Aí está você — disse a Anciã Ozra assim que ela nos viu entrar — Diretor Kronos Aramon, Condenada Malaya Velasco, fiquem diante de nós.

Totalmente perplexos, nós dois concordamos. Kronos me acompanhou até uma das duas marcas centrais no chão. Ele me deu um sorriso tranquilizador e acariciou minha bochecha antes de continuar alguns metros até a próxima marca. Assim que ele tomou posição, nós dois encaramos o Conclave.

— Diretor Aramon, você está perante este Conclave para responder pelas graves acusações que alegou contra a Casa Wuras. Foi-lhe concedido um mês para reunir provas irrefutáveis para fundamentar essas alegações. Entendemos que você colaborou com os Executores. Isso resultou em ataques realizados pelos Executores. Com base nas substâncias ilegais e nas contas apreendidas, assim como nos registros bancários incriminatórios e outros documentos administrativos recuperados, este Conclave está convencido de que as suas alegações foram provadas precisas.

Eu não consegui reprimir o sorriso bobo que floresceu em meus lábios. Obviamente, eu já sabia que isso aconteceria depois da incursão histórica que eles realizaram. Mas ouvir a confirmação tirou um peso enorme dos meus ombros. Além do fato de que eu queria que meu nome fosse limpo e recuperasse minha liberdade, eu queria especialmente acabar com a ameaça que pairava sobre a Casa de Kronos.

— Considerando a natureza flagrante dos crimes comprovados da Casa Wuras e os danos à reputação que sua própria Casa sofreu por causa disso, o Conclave confirma sua sanidade mental, sua competência e sua capacidade de continuar a servir como Diretor do Setor de sua Casa — a Anciã Ozra continuou.

Meu sorriso se alargou ainda mais, enquanto Kronos estufava o peito. Ainda me irritava que tirar isso dele pudesse ter sido uma possibilidade. Mas eu fiquei satisfeita por terem resolvido esta questão desde o início, em vez de permitirem que esta espada de Dâmocles pairasse sobre as nossas cabeças durante as semanas e talvez até meses que seriam necessários para julgar tanto Daran como Brenor Wuras.

— Como compensação pelo ataque covarde e criminoso perpetrado contra sua Casa e sua companheira, assim como pela campanha caluniosa dirigida contra você, sua companheira e sua Casa, o

Conclave concede à Casa Aramon o vinhedo e a vinícola anteriormente pertencentes à Casa Wuras. Você também receberá quinhentos gramas de algarium para usar como achar melhor.

Meu queixo caiu e meu cérebro congelou. Além do fato de que esta foi uma indenização por danos absurdamente generosa, isso não deveria estar acontecendo ainda. A indenização era concedida na sentença, depois que o acusado fosse considerado culpado. Embora as provas recolhidas durante a operação fossem de fato irrefutáveis, tanto Daran como Brenor ainda tinham direito ao devido processo e a um julgamento justo.

Então, por que Kronos não parece chocado ou atordoado com essa reviravolta?

Uma olhada para seu pai e Tedrick confirmou que eles também não pareciam nem um pouco perturbados com o que estava acontecendo.

— Agradeço ao Conclave por sua maneira rápida e decisiva de lidar com as infelizes indiscrições da Casa Wuras e por sua tremenda generosidade para com minha Casa e para comigo — Kronos disse com uma voz firme, mas deferente.

Parecendo satisfeita com sua resposta, a Anciã Ozra sorriu, exibindo um lado mais suave dela que eu nunca tinha visto antes.

— É bem merecido, Diretor Aramon. Você deixou sua Casa orgulhosa e provou sua fortaleza moral ao assumir uma posição forte pela justiça, com grande custo para si mesmo. Nós o honramos você.

Kronos pressionou a palma da mão contra o peito e inclinou a cabeça em gratidão.

— Você está dispensado, Diretor.

Kronos assentiu e então se dirigiu aos bancos onde seu pai e Tedrick estavam sentados, dando-me um sorriso terno ao passar por mim. Eu tentei sorrir de volta, mas, na minha confusão, meu rosto ficou rígido.

— Condenada Malaya Velasco — chamou a Anciã Ozra, recuperando minha atenção — Você está diante de nós para que seu caso e sua condenação sejam reexaminados. À luz da corrupção confirmada do ex-Juiz Daran Wuras e das provas recolhidas antes e depois do seu julgamento, este Conclave reconhece que você foi acusada de um crime que não cometeu. Portanto, nós anulamos sua sentença e sua ficha criminal será eliminada.

Eu exaleei um suspiro trêmulo. Este pesadelo finalmente acabou. Embora ainda não fizesse sentido que isso estivesse acontecendo tão rapidamente, eu recebi com satisfação a recuperação da minha liberdade.

— Por este encarceramento ilegal, por sua dor e sofrimento, assim como por danos exemplares, a Casa Wuras foi condenada a pagar-lhe

uma quantia de sessenta e oito milhões de créditos, um milhão para cada dia que você teve que suportar esta provação desde o assassinato que você foi falsamente acusada.

Eu me senti fraca. É verdade que eu esperava algum tipo de indenização, mas isso era obsceno. O que diabos eles queriam que eu fizesse com tantos créditos? Mas a Anciã continuando a falar interrompeu a infinidade de perguntas que lutavam entre si em minha mente confusa.

— A quantia será transferida para sua conta até o final do dia, valor deduzido das contas apreendidas de Daran Wuras e Brenor Wuras — ela concluiu com um sorriso.

— Embora eu esteja atordoada e grata por ter essa condenação injusta revogada e pela indenização extremamente generosa que você está me concedendo, eu estou bastante confusa — eu disse cuidadosamente.

— Sobre o que você está confusa, Sra. Velasco? — a Anciã Ozra perguntou.

Embora eu tenha notado como ela deixou de me chamar de Condenada Velasco para Sra. Velasco, foi o modo como o sorriso dela não alcançava os olhos que prendeu minha atenção. Eu entendi instintivamente que ela não queria que eu fizesse perguntas ou criasse uma agitação, o que naturalmente me deixou ainda mais curiosa. Você poderia chamar isso de risco ocupacional.

— A indenização só é concedida depois que o acusado é considerado culpado e sentenciado. Mas os Wuras ainda não foram julgados.

— Daran e Brenor Wuras foram julgados e condenados — a Anciã Ozra disse em um tom muito mais frio — Enquanto conversamos, eles estão a caminho do playground do Diretor Dakon Kothor – que é o que acredito que eles pretendiam para você.

— O quê? Mas quando? Como? — eu perguntei, cambaleando.

— Aqui e esta manhã — a Anciã Ozra disse, visivelmente irritada com o assunto — Considerando as provas esmagadoras apresentadas, eles sabiam que não deviam se incomodar qualquer tentativa de negar a sua culpabilidade. Portanto, eles confessaram, poupando este órgão de perdas de tempo desnecessárias.

Eu abri e fechei a boca algumas vezes, antes de lançar um olhar perplexo para Kronos, seu pai e Tedrick. Todos os três homens tinham a mesma expressão ilegível estampada em seus rostos.

— Como é que isso não foi anunciado? Um caso desta magnitude...

— Não será — a Anciã Ozra disse em um tom que não admitia discussões, me interrompendo. O brilho duro em seus olhos causou um arrepio na minha espinha — A justiça foi feita. Isso não precisa ser transformado em um espetáculo.

— O quê? Mas seus crimes precisam ser expostos! O público precisa saber que tipo de...

— Sra. Velasco — a Anciã Ozra interrompeu em um tom gelado — aqui é Vargos. Você é casada com um Obosiano. Supondo que você preserve essa união – agora que sua convicção foi removida – você precisará se adaptar aos nossos costumes.

— Que seria o quê? Esconder a verdade? Proteger criminosos se eles forem Obosianos? — eu sibilei.

— Filha! — o Senhor Aramon interferiu, com um aviso severo na voz.

Os olhares tensos dos três homens no banco apagaram minha raiva crescente. Normalmente eu tinha melhor autocontrole, mas esse Conclave sempre me irritava. Kronos balançou a cabeça de maneira sutil para me dizer para não causar agitação.

Mas isso é uma merda.

— Bem, suponho que é prerrogativa do seu povo lidar com as coisas da maneira que achar melhor — eu disse com a voz controlada.

— Fico feliz que você tenha entendido isso — a Anciã Ozra disse em um tom mais amigável – apenas um pouco — É melhor deixar algumas coisas não contadas.

— Para Obosianos, talvez. Eu vou apenas aconselhar meu editor a não distribuir meu artigo e livro em Vargos — eu disse, dando de ombros.

A Anciã Ozra estreitou os olhos para mim enquanto alguns outros Anciãos engasgaram audivelmente enquanto me olhavam com indignação.

— O Conclave – e *somente* o Conclave – estará muito interessado em ler seus escritos sobre este incidente e outras questões relacionadas à lei e ao sistema de justiça Obosiano.

— *Somente* o Conclave? — eu repeti, a descrença transparecendo em minha voz — Devo estar entendendo mal o que você quis dizer. Certamente, você não está insinuando que eu estou proibida de exercer meu direito legal de publicar escritos factuais baseados em minhas pesquisas e experiências, como fiz ao longo de minha carreira de jornalismo investigativo?

— Anciã Ozra! — Tedrick interveio antes que a líder do Conclave pudesse responder — Se me permite a ousadia, solicito permissão para discutir este assunto específico com a Sra. Velasco, assim como os demais temas que abordamos.

Que porra está acontecendo?!

Para minha surpresa, a Anciã Ozra pareceu aliviada com esse pedido — Agradecemos sua oferta, Sr. Wilson. Tenho certeza de que você está mais preparado para navegar pelas barreiras culturais que podem impedir a comunicação. Isso também nos permitirá voltar

nossa atenção para outros assuntos sérios em nossa agenda.

— Obrigado, Anciã. Eu farei questão de deixar você e o Conclave a par — Tedrick disse com um sorriso amigável.

— Estamos ansiosos por isso, Sr. Wilson — ela disse com um tom igualmente caloroso antes de virar seus olhos brilhantes para mim com uma expressão misteriosa — Também estamos ansiosos para ler seus escritos, Sra. Velasco. Assim todos dizemos.

— Assim todos dizemos — os outros responderam antes de se levantarem e irem embora, como haviam feito da primeira vez.

Me sentindo como se tivesse sido enganada, eu fiquei boquiaberta com Tedrick com uma expressão de ‘que porra é essa!’. Ele estreitou os olhos enquanto assumia uma expressão especulativa enquanto eu marchava em direção a eles. Eles se afastaram dos bancos e me encontraram no meio do caminho.

— Parece que você esqueceu minha *sugestão* de que não deveria ser muito arrogante com o Conclave, filha — o Senhor Aramon disse antes que eu pudesse falar uma única palavra.

Em circunstâncias diferentes, eu teria ficado emocionada por ele se referir a mim como ‘Filha’ pela segunda vez. Mas eu estava muito chateada.

— Teria sido mais fácil lembrar se eu não tivesse simplesmente sido enrolada em uma grande pilha de merda — eu rangi entre os dentes antes de lançar um olhar traído para Kronos — Você sabia que isso ia acontecer?

— Não — ele disse.

Mas a expressão em seu rosto gritava desonestidade.

— Você acabou de mentir para mim?! — eu exclamei, estupefata.

Desta vez, seu rosto endureceu e ele me lançou um olhar severo enquanto sustentava meu olhar com firmeza.

— Eu não minto. Eu não *sabia* que eles iriam fazer isso. Mas não posso negar que suspeitei que algo nesse sentido *pudesse* acontecer — ele acrescentou.

— Por quê? O que diabos aconteceu com os Obosianos serem todos voltados para a lei e a justiça?! — eu exclamei.

— A lei e a justiça foram mantidas — o Senhor Aramon respondeu no lugar do filho — Os criminosos foram julgados e condenados, e as vítimas indenizadas, não foi?

— Ok, tudo bem, mas eles estão enterrando a história, varrendo-a para debaixo do tapete! — eu exclamei — Se eu não tivesse tido a sorte de ser a alma gêmea do seu filho, e se ele não tivesse decidido me dar uma chance de provar que eu era realmente inocente, eu estaria morta agora. Relatar este tipo de histórias não tem a ver com sensacionalismo – pelo menos não para alguns de nós – mas tem a ver com estabelecer um precedente. Trata-se de garantir que outras

pessoas em uma situação como a que eu acabei de enfrentar saibam que podem revidar. É para que da próxima vez que um juiz Obosiano se tornar desonesto, em vez de suporem sistematicamente que a vítima está mentindo, todos saberão que pode haver verdade nisso!

— E é aí que você entra — Tedrick disse com naturalidade.

— Sim, ao escrever a porra de um artigo, eles *não têm o direito* de me proibir de publicar fora de Vargos — eu exclamei.

— Do ponto de vista jurídico, você está correta — Tedrick disse — Mas de um ponto de vista prático e realista, se você tentar publicar esse artigo ou livro, ele será enterrado.

— Eles não podem fazer isso!

— *Eles* não vão fazer isso — ele disse, com seu olhar fixo no meu, deixando claro seu significado subjacente.

— Oh meu Deus! *Vocês...* os Executores fariam isso! — eu sussurrei, atordoadada.

Tedrick assentiu com uma expressão séria, mas não hostil — Sim, nós faríamos.

— Mas por quê? — eu perguntei com confusão genuína.

— Estabilidade e confiança — ele disse em um tom evidente. Ele sorriu da minha expressão perplexa — Quando se trata de aplicação da lei e da justiça, os Obosianos são o padrão da galáxia. O seu sistema judicial e Molvi são instituições intergalácticas reverenciadas. O Juiz Wuras presidiu alguns dos maiores julgamentos criminais desta época. O que você acha que acontecerá se você publicar esta história? As pessoas não vão se levantar contra Wuras, mas contra ambas as instituições como um todo e contra *todas* as sentenças já proferidas por esse tribunal. Nós não podemos permitir isso.

Isso atingiu um ponto sensível. Embora eu sempre me tenha considerado uma pessoa racional e analítica, a minha própria experiência com esta confusão prejudicou gravemente a imagem que eu tinha dos Obosianos como a personificação da Justiça. Massas facilmente influenciáveis e teóricos da conspiração transformariam isto em um circo de proporções épicas.

— Confie em mim, Filha, eu compartilho sua frustração. O nome da minha Casa, o nome do meu filho e o seu - minha nova filha - foram arrastados pelas fezes — o Senhor Aramon disse — Nosso negócio sofreu gravemente com isso e prejudicou muitas amizades de longa data. Eu não quero nada mais do que retribuir a Casa Wuras na mesma moeda. Mas no esquema geral das coisas, as queixas pessoais devem ficar em segundo plano em relação à estabilidade e ao bem maior. E não, meu filho não sabia nada disso. Como Patriarca desta Casa, essas discussões são mantidas comigo. Como minha nora, as conversas envolvendo você também seriam tratadas comigo primeiro.

Eu fiquei quieta por um momento, ponderando suas palavras. Por

mais que isso me queimasse por dentro, eu já havia sido derrotada. Como jornalista investigativa, eu me deparei com situações semelhantes, geralmente escândalos envolvendo altos responsáveis políticos, em que parte ou a totalidade da história tinha sido enterrada para evitar revoltas populares, guerras civis ou a derrubada do governo. Embora tenha sido uma pena não poder contar a história, eu entendi as ramificações e realmente concordei que era o melhor curso de ação.

Então, por que eu estou com tanta raiva desta vez? Não é diferente.

Porque era a *minha* história. Porque, desta vez, isso estava me afetando diretamente, em vez de eu ficar apenas do lado de fora olhando para dentro.

— Então, vamos varrer isso para debaixo do tapete — eu disse amargamente.

— Não, na verdade não vamos — Tedrick disse com um sorriso presunçosos — Você notou como a Anciã Ozra disse duas vezes que o Conclave estava ansioso para ler o ‘artigo’ que você planejava escrever?

— Sim. Mas isso foi para me aplacar — eu respondi com desdém.

— Não. Eles realmente querem ler — Tedrick disse.

— Por quê?

— Provavelmente porque você os forçou a abrir os olhos, assim como conhecer você me forçou a abrir os meus — Kronos disse com uma voz suave — Tedrick está certo sobre o poder das instituições. Não foram apenas os estrangeiros que elevaram o meu povo a um pedestal quando se trata de defender a justiça. Nós passamos a acreditar cegamente em nossa superioridade moral inata. A última vez que estivemos aqui, quando você perguntou ao Conclave o que aconteceu com inocentes até que se prove o contrário, isso tocou em um ponto sensível... para eles e para mim.

— E para mim — disse o Senhor Aramon — Você traz uma perspectiva que todos nós perdemos. Nós somos muito influenciados por nossa própria importância e valor próprio para ver nossas próprias falhas. Seus valores morais correspondem aos nossos, mas você tem distância suficiente para denunciar as deficiências para as quais ficamos cegos. O fato de Wuras ter conseguido agir impune por tanto tempo prova que nós falhamos em vários níveis.

Eu lambi meus lábios nervosamente e me mexi ansiosa, me perguntando se estava entendendo corretamente o que eles estavam dizendo — Ok... Mas... Concretamente, do que estamos falando?

— Aquele livro em que você estava pensando? — Tedrick disse — O Conclave quer o seu equivalente, não em um formato de novela, mas como um relatório detalhado. Eles querem tudo, desde como tudo começou, quem esteve envolvido, quem foi vítima e onde deveriam

estar as proteções contra falhas. Eles querem que você investigue o sistema criminal e o sistema prisional deles e aponte suas fraquezas e deficiências. Como representante oficialmente sancionado do Conclave, você terá acesso total a qualquer documento, arquivo e conta que considere relevante. Qualquer pessoa com quem você queira falar terá que lhe conceder uma audiência honesta.

Pelo sorriso que se esticava nos lábios sensuais de Kronos, eu estava falhando miseravelmente em esconder a empolgação insana que borbulhava dentro de mim. Além do fato de que este era um mandato incrível, ter livre acesso a tudo sem ser forçada a me curvar e implorar às pessoas pela menor migalha era quase como um orgasmo.

— Supondo que eu estivesse interessada em assumir essa tarefa monumental, por que você está aqui? Por que os Executores estão envolvidos? — eu perguntei, tentando parecer indiferente sobre tudo isso.

— *Quando* você assumir esta tarefa monumental, você terá uma quantidade absurda de dados para manipular, algumas pesquisas extensas que podem ser de difícil acesso para um civil, até mesmo com um mandato do Conclave. É aí que nós entramos — ele disse com uma arrogância que me fez bufar.

— Maeve? — eu perguntei, me denunciando pela ansiedade em meu tom.

Ele sorriu — Ela ficou bastante impressionada com o seu trabalho e é preciso muito para conseguir isso. Seu status com os Executores... evoluiu. Espere receber um contrato semelhante nos próximos dias.

— Espere o quê?! Eu não sou um Executor! — eu exclamei, enquanto Kronos estreitava os olhos para Tedrick.

— Maeve também não — Tedrick brincou.

— O quê? Mas...

— Ela é uma ex-Executora que virou Caçadora de Recompensas — Tedrick disse, com seu olhar fixo no meu com firmeza.

— Que por acaso... ajuda extraoficialmente velhos amigos — eu disse com compreensão repentina.

Um sorriso de aprovação apareceu em seus lábios — Eu gosto de você, Malaya Velasco. Esse ataque a Komoro nunca teria sido possível sem você ter virado a pedra certa, por mais improvável que fosse. Eu estou ansioso por futuras colaborações com você.

Antes que eu pudesse responder, ele se virou para Kronos e seu pai.

— Senhor Aramon, Diretor — Tedrick disse, acenando para cada homem antes de sair da sala.

Eu fiquei boquiaberta atrás dele, minha mente ainda se recuperando do que tinha acabado de acontecer.

— Uma Executora e repórter oficial do Conclave. Você não está se saindo tão mal, Filha. Nós só precisamos trabalhar nessa arrogância —

o Senhor Aramon disse com seu habitual tom mal-humorado e quase arrogante.

Antes que eu pudesse pensar em alguma resposta inteligente, ele gentilmente acariciou meu rosto de uma forma paternal, seus olhos azuis gelados suavizando de uma forma que eu não achava possível, me atingiu com força. Ele então se virou para olhar para Kronos.

— Quinhentos gramas, hein?

Kronos deu a ele um sorriso de merda — Quinhentos... estou te alcançando.

O Senhor Aramon bufou, deu um tapa nas costas do ombro do filho e também saiu da sala. Apesar dos bilhões de pensamentos lutando pelo domínio em minha mente, minha boca idiota se agarrou ao último comentário.

— Você vai fazer novos piercings com todo esse algarium? — eu perguntei, já imaginando lugares onde poderia caber mais alguns.

— Nós vamos — ele disse, seu rosto assumindo aquela expressão lasciva que sempre me deixava com os joelhos fracos.

— NÓS?!

— Mmhmm — ele disse de forma sugestiva, seu olhar pousando de forma inequívoca em meus seios. Ele riu quando eu engasguei e agarrei minha mão — Vamos para casa, Executora.

Capítulo 17

Kronos

Eu aterrissei na praça do playground de Dakon segundos depois de Zolran pousar sua nave. Cada um dos meus sentidos permaneceu em alerta máximo enquanto meus olhos se voltavam para um lado e para outro para avaliar qualquer ameaça potencial. Eu tinha ouvido falar sobre o quão selvagem era seu Setor, mas meu próprio Quadrante Negro parecia um jardim de infância em comparação. Esses prisioneiros eram totalmente imundos.

Assim que meus pés tocaram o chão, eu convoquei meu *lumiak*, permitindo que seus fios elétricos enrolassem em minhas mãos para desencorajar qualquer um dos presos que estavam por perto de ter quaisquer ideias estranhas.

Ao contrário do meu Setor, não havia Quadrantes classificados aqui. Todo o Setor foi fundido em um único Quadrante. Portanto, não havia um líder do Quadrante, mas várias gangues com seu próprio líder lutando pelo domínio. Alguns agentes livres trocavam de gangue dependendo da situação. E então você tinha párias e sacos de pancadas que ou eram mortos logo no início ou mal sobreviviam no limite. Daran e Brenor Wuras eram párias.

Quando o Conclave os condenou ao Setor de Dakon, eu presumi que seria uma sentença de morte instantânea. Mas uma semana depois, os dois ainda estavam vivos. Vê-los machucados e espancados não despertou em mim a menor simpatia ou compaixão. Com os presos do Q4, eles rapidamente acabam com seu sofrimento ou garantem que você sofra por muito tempo. Considerando que muitos dos prisioneiros aqui foram condenados pelo Juiz Wuras, eles fariam questão de fazê-lo se arrepender todos os dias por ter sobrevivido a essa provação.

Felizmente, o motivo da minha visita a este lugar miserável veio até mim sem que eu tivesse que localizá-lo.

— Diretor Aramon! — Cilaug exclamou com o tipo de entusiasmo que se demonstra a um amigo há muito perdido — Achei que você tinha se esquecido de mim enquanto se deliciava com todo aquele vinho sofisticado que sua Casa herdou.

— Eu sou um homem de palavra, Raitheano — eu disse, zombeteiramente.

— Então, que acordo você conseguiu para mim? — Cilaug perguntou. Embora ele tentasse parecer indiferente, eu não perdi o brilho esperançoso em seus olhos — Já que imagino que a sentença reduzida não vai rolar, estou supondo algum pequeno item de conforto?

— Sem redução de pena e nenhum item de conforto — eu disse no mesmo tom de provocação.

Seu rosto caiu, a confusão se instalando — Então qual é o acordo? — ele perguntou, com um toque de agressão vazando em sua voz.

— Vou levá-lo em uma viagem curta — eu brinquei.

Ele piscou duas vezes com sua membrana nictitante, sua confusão se aprofundando.

— Morgir sente sua falta, e o Diretor Dakon não tem nenhuma utilidade específica para você. Então acho que você irá se mudar para o meu Quadrante Negro — eu disse, tentando parecer entediado.

Choque, descrença e depois alegria percorreram suas feições em rápida sucessão antes dele emitir um grito vitorioso que me fez rir.

— Vá buscar seus pertences. Você tem cinco minutos — eu disse enquanto Zolran saía da nave com um par de algemas.

— Qualquer coisa de valor, eu mantenho comigo neste pântano infestado de *mazzath* — Cilaug disse, se certificando de fazer contato visual com alguns dos outros presos próximos enquanto cuspiam a palavra *mazzath* – que vagamente poderia ser traduzida como filho da puta.

Eu fiz um gesto com a cabeça para que Zolran o algemassem para evitar qualquer mau comportamento durante o transporte.

— Eu não sentirei falta de nenhum de vocês, malditos — Cilaug provocou, antes de voltar seu olhar para Daran e Brenor Wuras — Bem, exceto de mexer com vocês dois ratos. Lembrem-se de que eu ajudei a trazer vocês aqui.

Brenor bateu as asas para se aproximar de nós, apenas para sibilar de dor e pousar de uma forma nada elegante momentos depois. Embora alguns presos alados tenham suas asas cortadas, a maioria deles recebia um implante que enviava descargas elétricas aos músculos das asas no minuto em que tentavam voar a uma altura superior a dois metros. A tensão aumentava com a distância acima do limite e se multiplicava exponencialmente se tentassem ultrapassar um limite específico na floresta.

Sua dor e aterrissagem desajeitada provocaram risadas zombeteiras dos outros condenados.

— Leve-nos também, Diretor — Brenor ordenou, indiferente à zombaria.

— Por que, em nome de Tharmok, eu aceitaria gente como você?
— eu rosnei, com minha voz cheia de desprezo.

— Nós somos Obosianos e nobres como você — Brenor disse.

— Você não é *nada* parecido comigo, Wuras. Você é um criminoso e um assassino. Isso é o que você planejou para minha esposa, uma mulher inocente e justa em cuja presença você nem é digno de estar — eu disse — Me agrada muito saber que você vai apodrecer aqui e provar tudo o que desejou para ela.

Brenor continuou a se mover em minha direção.

— Isso é longe o suficiente — eu o avisei.

Zolran, que tinha acabado de prender as algemas em Cilaug, lançou um olhar interrogativo em minha direção. Eu fiz um gesto discreto para ele não se envolver.

— Leve-nos ou nos mate — Brenor exigiu.

— Eu não farei nenhum dos dois — eu disse com uma voz gelada.

Com um grito de guerra enfurecido, Brenor me atacou. O velho idiota não avançou mais do que alguns passos antes que meu *lumiak* o fizesse se contorcer no chão. Será que ele realmente achava que eu não conseguiria controlar meus poderes o suficiente para não lhe causar uma descarga fatal? Mas havia uma razão pela qual a Casa Wuras não possuía um Setor, apesar de ser — anteriormente — uma casa nobre e uma das mais ricas de Vargos. Eles não tinham Guerreiros em sua linhagem e apenas Guerreiros podiam invocar o *lumiak*.

Eu fiz um gesto com a cabeça para que Zolran levasse Cilaug a bordo da nave, enquanto observava Daran correr para o lado de seu pai. Ele olhou para mim com ódio queimando em seus olhos.

— Você se considera justo, então conceda-lhe paz! Ele poderia ser seu avô e não merece terminar seus dias neste poço de desespero — Daran Wuras sibilou.

— Esse verme não se parece em nada com meu avô. Eu sou justo e, portanto, defendo a lei. E ela exige que ambos cumpram a pena que merecem. Eu não vou ajudá-lo a escapar facilmente com uma morte rápida. Mas ei, se você quiser acabar com seu sofrimento, vá em frente. Quando você estiver diante dos deuses, você será julgado novamente. Mas desta vez, por parricídio. Aproveite a sua estadia, *Juiz* Wuras. Eu darei seus cumprimentos à minha esposa.

Eu decolei sob seus xingamentos e as risadas dos outros internos. Eu voei com a nave de Zolran até meu Quadrante Negro, me deleitando com a sensação do vento sob minhas asas, contra minha pele e fluindo por meus cabelos. Uma parte de mim quase simpatizou com os Wuras. Eu não poderia imaginar ter minhas asas cortadas por um implante. Eles não podiam nem tentar removê-lo sem se matar, pois o dispositivo era inserido cirurgicamente profundamente dentro

do corpo, perto de órgãos vitais.

Enquanto eu voava pelo ar e me maravilhava com a beleza deste mundo selvagem, um único rosto piscava diante da minha mente. Em breve, eu estaria voando pelo céu noturno de Molvi com minha companheira em meus braços, nossos corpos unidos como um só enquanto eu finalizava o vínculo que realmente fundiria nossas almas. Por mais desprezo que eu sentisse pelos Wuras, eu devia a eles por terem trazido meu coração até mim.

Eu precisava tirar as tarefas de hoje do caminho para poder retornar à minha Malaya.

Mesmo antes de começar minha descida na praça do meu Quadrante Negro, eu pude ver a onda emocional de Morgir. Considerando que já fazia uma semana que os dois Wuras foram condenados, meu silêncio sem dúvida o enervou. Mas demorou um pouco mais do que o esperado para negociar com Dakon, assim como para resolver a atualização de cristal que eu concederia a Morgir.

— Diretor Aramon, eu estava começando a pensar que você havia renegado nosso acordo — Morgir disse em saudação, seu descontentamento audível.

Uma ponta de culpa percorreu meu corpo a tal ponto que os outros presos provavelmente lhe causaram dificuldades quando começaram a acreditar que eu o havia enganado.

— Eu sou um homem de palavra, Raitheano. Mas certas coisas demoram um pouco mais para serem resolvidas do que outras — eu disse com indiferença.

— Certas coisas como o quê? — ele perguntou, seu olhar mudando para a nave de Zoltan pousando perto de nós antes de voltar para mim — Já que não é dia de coleta, devemos entender que você está nos trazendo alguns confortos extras?

Eu balancei minha cabeça — Estou apenas retribuindo um pequeno favor. Você me deu um bônus. Eu estou lhe devolvendo um.

Desta vez, seus olhos se arregalaram de compreensão e esperança hesitante. Quando Zoltan abaixou a rampa e abriu as portas da nave, a expressão no rosto do condenado me atingiu com força. Morgir e Cilaug não tinham laços de sangue e, ainda assim, se entreolhavam como irmãos de sangue que pensavam que nunca mais se veriam nesta vida. Me perturbou ver esse... lado amoroso de pessoas que fui treinado durante toda a minha vida para serem consideradas inúteis, piores que animais raivosos.

Assim que Zoltan libertou Cilaug de suas algemas, o Raitheano desceu a rampa correndo com seu andar estranho sobre suas pernas tentáculos improvisadas. Morgir o encontrou no meio do caminho. Eles se deram um abraço viril, os apêndices em forma de tentáculos que serviam como cabelos entrelaçaram uns nos outros em um abraço

reservado entre amigos íntimos e parentes entre o povo Raitheano.

— Bem, parece que você ficou um pouco machucado — Morgir disse a Cilaug depois de soltá-lo.

Embora ele tenha falado as palavras de maneira zombeteira, eu não perdi a emoção subjacente em sua voz.

— Eu só tenho a aparência assustadora que combina com minha personalidade intimidadora agora — Cilaug brincou com um sorriso malicioso.

Eu bufei e balancei a cabeça — Vocês podem reavivar sua amizade mais tarde. Por enquanto, vamos encerrar nossos negócios.

— De fato, Diretor. Acredito que você está prestes a nos dizer a quanta energia temos direito — Morgir disse, olhando presunçosamente para os outros presos.

Isso, mais do que qualquer outra coisa, confirmou que eles haviam sido duros com ele quando eu não cumpri minha promessa nos primeiros dias após a condenação de Wuras.

— Eu estou. Como suas informações se mostraram inestimáveis, eu estou bonificando a oferta inicial, conforme prometido. Você receberá um grande cristal grátis, completamente preenchido — eu disse com indiferença.

Seus olhos se arregalaram levemente ao ouvir que eu havia mudado o cristal de pequeno para grande, quando ele provavelmente mal esperava por um médio.

— Por quanto tempo? — Morgir perguntou, com tensão audível em sua voz — Pelo menos dois anos, certo? Quero dizer, um cristal grande é uma boa atualização em relação ao pequeno da sua oferta inicial. Mas considerando a magnitude da incursão que o ajudamos a realizar, dois anos parecem justos.

Eu sorri, meu lado sádico gostando de vê-lo se contorcer de antecipação — Eu avaliei a utilidade das informações que você forneceu e decidi que elas justificam... cinco anos.

— Cinco anos?! Você nos dará um cristal grande e completo por cinco anos? — Morgir exclamou, sua voz vibrando de empolgação.

Eu balancei a cabeça — Cinco anos... cada.

Os dois homens Raitheanos congelaram, uma expressão de choque semelhante estampada em seus rostos enquanto minhas palavras eram absorvidas.

— Cinco anos, cada um? — Morgir disse finalmente, apontando para Cilaug e depois para si mesmo — Isso significa que você preencherá nosso cristal por dez anos?

— Você sabe contar. Ainda há esperança para você — eu disse provocativamente — Aproveite!

Eu bati minhas asas para retornar à minha companheira enquanto os presos rugiam de alegria.

— DIRETOR! — Morgir gritou antes que eu pudesse me afastar mais do que alguns metros.

Pairando no lugar, eu me virei para olhar para ele interrogativamente.

— Algum outro problema em que você se meteu que possa justificar... outra pequena negociação? — perguntou o Raitheano.

Eu bufei — Minha companheira está sempre aberta a dicas confiáveis que possam levar a outra investigação digna. Se você ‘pensar’ em algo, certifique-se de que seja bom.

— Então conversaremos novamente em breve, Diretor. Nós poderíamos usar mais dez anos para nos cobrir até o final da minha sentença — ele disse.

Eu ri e voei de volta para casa.

Epílogo

Malaya

Repórter Oficial do Conclave e dos Executores... De todas as formas como esta aventura poderia ter terminado, eu nunca teria imaginado esta. O que deveria ter sido uma história simples e fofa de segundas chances em relação a Rihanna e seu minotauro resultou na maior apreensão de drogas e derrubada de cartéis da história.

E me arrumou um marido sexy e três piercings novos...

Eu não conseguia acreditar que permiti que Kronos me convencesse a fazer um piercing nos mamilos, além de colocar um anel de hélice na orelha direita.

Agora eu queria um na orelha esquerda também.

Nos três meses seguintes ao esclarecimento do meu caso, minha vida se tornou um turbilhão de empolgação. Eu adorei meus novos empregos. O meu foco principal era a investigação e avaliação minuciosas da justiça e dos sistemas prisionais Obosianos. No entanto, eu também descobri alguns pontos de ligação entre alguns dos casos que analisei, o que proporcionou aos Executores novos caminhos a seguir para derrubar mais organizações criminosas. Nenhuma das minhas dicas levou a uma derrota tão grande quanto aquela contra Komoro, mas uma vitória continuava sendo uma vitória. E eu não tinha dúvidas de que haveria prisões mais espetaculares no futuro.

Embora Vargos e Molvi provavelmente ocupassem todo o meu tempo nos próximos anos, eu pretendia lançar minha rede mais longe, já que meu foco investigativo nunca foi apenas assassinato e tráfico. Eu ganhei prêmios por documentários e artigos sobre abusos ambientais ultrajantes, exploração de comunidades vulneráveis, violações da Primeira Diretiva e outros tópicos importantes que precisavam ser expostos. E agora, com meu acesso às ferramentas dos Executores, o céu era o limite.

Ter um marido e sogros que me apoiavam tornou tudo ainda melhor. Ouvir meu sogro mal-humorado se gabar de sua ‘pequena filhinha humana’ me deu todos os tipos de sentimentos calorosos. Eu ainda não o tinha visto sorrir, nem ao menos uma vez, mas aprendi a reconhecer seu humor ‘feliz’ através da carranca. Em contraste direto,

sua esposa Valla era um pequeno raio de sol. Sempre que ele começava a recriminar alguma coisa, Valla apenas fechava os lábios dele com os dedos e dizia o que queria.

Na primeira vez que eu presenciei isso, quase tive um derrame. Considerando que ela era pequena e de aparência bastante delicada em comparação com seu enorme tamanho de Guerreiro Obosiano maduro, era como assistir um rato desafiando um mamute... que simplesmente cedia. Ele olhava e fazia beicinho, mas depois derretia como neve sob o sol quando ela se aconchegava nele.

O casal realmente cresceu em mim. E eu aproveitei todas as oportunidades para visitá-los sempre que viajava de volta a Vargos, fosse como parte do meu trabalho investigativo ou para me encontrar com o Conclave para uma atualização. Caramba, até a Anciã Ozra cresceu em mim.

Por trás de seus maneirismos rígidos e às vezes arrogantes, escondia uma mulher profundamente justa. Ela realmente incorporava a busca cega pela justiça. Ela considerava um fracasso pessoal todas as falhas que eu apontava no sistema deles, embora nada disso fosse culpa direta dela. Mas a rapidez e a determinação com que ela buscava soluções para cada uma delas - sem procurar desculpas ou culpar os outros - realmente impunham respeito. Ela certamente mereceu o meu.

Mas isso exigia muitas viagens, o que se tornou um bilhão de vezes mais fácil graças ao meu status de Repórter dos Executores. Ao ingressar oficialmente na força, Tedrick me deu uma caixa de pedras das sombras, que abria portais para destinos diretos tão distantes quanto o outro extremo da galáxia. Aparentemente, o marido da melhor amiga de Maeve era um Senhor das Sombras, um homem dracônico com o poder de dobrar o espaço à sua vontade e viajar através das dimensões.

Considerando a riqueza ridícula que eu recebi como pagamento, eu comprei toneladas de pedras das sombras super caras para uso pessoal, permitindo viagens instantâneas daqui até Vargos. Embora os shoppings e centros de entretenimento de Molvi fossem suficientes para saciar minha necessidade de socialização, as pedras das sombras também proporcionavam refúgios românticos mais exóticos para Kronos e para mim.

Eu me apaixonei perdidamente pelo meu incubo.

Mesmo sendo mais introvertido, ele sempre reservava tempo para mim e garantia que eu tivesse tudo de que precisava para prosperar. Embora ele nunca tenha dito isso com palavras, eu acreditava que ele também havia se apaixonado por mim. Ele mostrava isso de todas as maneiras. Era completamente bobo da minha parte, mas eu precisava ouvir aquelas três palavrinhas mágicas. Mais importante ainda, eu

queria que ele oficializasse a nossa união se vinculando a mim. Eu realmente não sabia tudo o que isso significava, exceto que ele me morderia com suas presas. Me incomodou profundamente que ele não tocou no assunto novamente por meses.

É verdade que, quando o Conclave lhe fez a pergunta, Kronos disse que esperaria até que nosso período de julgamento terminasse e que minha condenação tivesse sido anulada para que eu pudesse fazer essa escolha livremente, não apenas para salvar minha vida. Embora ainda faltassem cinco semanas para a primeira questão, a última – e o fator mais importante, na minha humilde opinião – já havia sido resolvida. Ele estava atrasando porque não estava pronto para um compromisso para a vida toda? Ele duvidava dos meus sentimentos por ele?

Talvez eu devesse dar o primeiro passo em vez de esperar que ele fizesse isso.

O som da música lá fora me tirou dos meus pensamentos. Meu estômago agitou enquanto um sorriso bobo se instalava em meu rosto. Eu me afastei da mesa do computador e corri para o meu closet ridiculamente enorme. Eu tirei minhas roupas e vesti uma blusa esbranquiçada e uma saia de banho combinando.

Kronos e eu regularmente apreciávamos nadar à meia-noite – mesmo que eles acontecessem quando o sol estava apenas começando a se pôr no horizonte – na piscina insana que circundava metade da casa. Isso geralmente se tornava alguma ação perversa na água e muitas vezes terminava em nosso quarto. Tecnicamente, era o quarto dele, mas eu ainda não tinha dormido nenhuma vez no meu. E o som da música que emanava do terraço principal era a minha deixa para me juntar a ele ali.

Eu corri pelo corredor até a entrada principal. Minha boca instantaneamente encheu de água ao ver meu marido delicioso. Parado ao lado da mesa a alguns metros da piscina, Kronos servia vinho em duas taças. Ele estava completamente nu, exceto pela saia curta de toga enrolada na cintura. Seu longo cabelo branco prateado balançava na suave brisa da noite, e seus olhos azuis gelados brilhavam levemente por trás dos cílios grossos.

Porra, meu homem era gostoso!

Suas escamas e chifres brilhavam sob a luz mortiça do sol e as chamas dançantes dos braseiros estrategicamente colocados ao redor da piscina. Meu olhar baixou para o piercing no umbigo que ele forjou com aquele algarium que recebeu do Conclave. Embora eu tenha solicitado que ele colocasse um depois que ele me convenceu a fazer três piercings extras, eu não demorei muito para perceber que não tinha sido uma grande concessão da parte dele. Aparentemente, no mesmo dia em que nos conhecemos, assim que eu saí da sala de higiene com meu vestido de noiva e o piercing no umbigo exposto, ele

ficou ansioso para colocar um lá também.

Por mais bobo que parecesse, colocar os piercings que ele pediu e ele colocar o que eu pedi foi como trocar alianças de noivado.

Kronos levantou a cabeça assim que as gigantescas portas de vidro se abriram diante de mim. A maneira como ele olhou para mim fodeu minha cabeça. Não havia como ele não estar apaixonado por mim. A julgar pela admiração em seus olhos enquanto me olhava, você pensaria que uma das deusas de Obos tinha acabado de aparecer diante dele.

Eu caminhei em direção a ele, me arrependendo de ter colocado meu top tubinho. Kronos adorava meus piercings. Cada vez que eu me exibia na frente dele, ele fazia aquele olhar lascivo que deixava minhas partes femininas animadas, e então ele mostrava aquela língua insana e lambia a ponta do lábio superior daquele jeito que me deixava molhado instantaneamente.

Quando cheguei mais perto, ele estendeu a mão para mim. Eu a peguei e deixei que ele me puxasse para seu abraço. Deus, era tão bom ficar em seus braços! Seu corpo estava quente, sua pele macia sobre os músculos duros abaixo. E seu cheiro selvagem sempre era suficiente para me deixar quente e molhada. Embora ele nunca tivesse dito isso, eu estava começando a pensar que ele possuía algum tipo de feromônio natural que funcionava como afrodisíaco. Afinal, ele era um ‘demônio sexual’.

Kronos imediatamente começou a balançar ao som da música lenta. Eu deslizei meus braços em volta de seu pescoço e segui seu exemplo. A música Obosiana tinha um toque tribal misturado com sabores latinos que eu realmente gostava. Mas eu gostava especialmente da forma como os quadris do meu marido giravam ao ritmo, esfregando sua pélvis contra a minha da maneira mais pecaminosa. Kronos era um dançarino fabuloso. Depois de sua incrível performance dançando Singkil comigo, eu comecei a suspeitar disso. Na verdade, ele parecia ter habilidades naturais em tudo que envolvia habilidades físicas.

— Você está de tirar o fôlego, minha companheira — ele sussurrou enquanto se inclinava para capturar meus lábios em um beijo.

Ele foi lento, terno e possessivo, fazendo meus dedos se curvarem. Suas mãos levemente calejadas percorreram minha pele exposta enquanto continuávamos a balançar ao som da música. Em pouco tempo, elas deslizaram por baixo da minha blusa e a levantaram. Eu não resisti e levantei os braços para deixá-lo me livrar dela.

Ele não acariciou meus seios, nem ficou brincalhão, contente em me abraçar novamente. Eu ri do ronronar de aprovação que saiu de sua garganta em resposta ao meu peito nu contra o dele. Ele recuperou minha boca, seu beijo assumindo um tom mais apaixonado

e suas mãos ficando um pouco mais ousadas.

Minhas partes femininas definitivamente estavam prestando atenção e reclamando de suas provocações. Kronos acariciou minha cintura, sua mão deslizando até a lateral dos meus seios e seus polegares provocando suas curvas sem nunca chegar perto o suficiente dos meus mamilos ou mesmo dar uma carícia adequada em cada seio. Justo quando eu estava prestes a agarrar suas mãos e cobrir meus seios com as palmas, o miserável se afastou de mim.

Eu fiquei boquiaberta para ele, indignada, pronta para internizá-lo por me provocar. Mas quaisquer que fossem as palavras que eu pretendia dizer, morreram na minha garganta. Kronos estava olhando para meus piercings nos mamilos com *aquele* olhar. Bem na hora, sua língua perversa apareceu e ele esfregou a ponta no lábio superior duas vezes, seu olhar ainda preso em meu seio esquerdo. Eu poderia jurar que senti sua língua em meu mamilo. Minhas paredes internas se contraíram enquanto minha essência encharcava instantaneamente a minha saia de banho.

A cauda de Kronos esfregou a lateral do meu tornozelo direito, depois subiu pela minha perna em uma carícia suave. Simultaneamente, ele levantou a mão em direção ao meu seio esquerdo. Mas ele manteve a mão de lado, semifechada, como alguém faria para levantar o queixo de outra pessoa com o dedo indicador. Exceto que ele não levantou nada. Em vez disso, meio segundo antes dele alcançar meu mamilo, os fios elétricos de seu *lumiak* brilharam em torno de seu dedo.

A energia mal roçou o piercing no meu mamilo, e ainda assim era como se uma bomba nuclear tivesse explodido dentro de mim. Um raio passou por mim e terminou sua jornada diretamente no meu clitóris. Eu gritei, meus joelhos cedendo enquanto mais da minha essência jorrava. Eu teria desmaiado se Kronos não tivesse me segurado.

Eu me agarrei a ele enquanto tentava me recompor e ignorar o latejar selvagem entre minhas coxas. Quando aplicado em um nível muito baixo em locais erógenos específicos, o *lumiak* pode literalmente proporcionar um orgasmo quase instantâneo. Por esse motivo, Kronos tentou me convencer a fazer um piercing vertical ou horizontal no capuz do clitóris, mas eu recusei com firmeza. Embora eu tivesse lido coisas intrigantes sobre como qualquer uma dessas opções poderia aumentar o prazer sexual, eu não estava pronta para mexer com essa parte da minha anatomia, especialmente antes de ter alguns filhos.

— Desculpe. Eu não pude evitar — Kronos disse timidamente, embora sua sinceridade permanecesse questionável — Você é muito tentadora. Venha, um gole de vinho vai ajudar.

Ele me levou com as pernas bambas até a mesa a uma curta

distância de nós e pegou uma taça de vinho. Ele me entregou antes de pegar a segunda para si. Eu apertei as pernas, esfregando-as discretamente para silenciar a dor que meu maldito marido havia provocado deliberadamente.

— Você sabe que vou te fazer pagar por isso mais tarde, certo? — eu perguntei, ainda olhando para ele.

Ele riu, seu belo rosto assumindo uma expressão provocativa — Como você gosta de dizer, meu amor, não me ameace com diversão. Eu vou interpretar isso como um convite para fazer isso de novo.

Meu amor?!

Eu não conseguia me lembrar dele ter dito isso antes. Ele geralmente me chamava de sua companheira. Ocasionalmente, minha querida, e às vezes docinho, mas nunca de meu amor. Nós também nunca bebíamos vinho, a menos que fosse durante uma refeição.

Eu franzi meu rosto para ele — Em vez de me torturar, que tal você me dizer qual é a ocasião especial? Por que usar o vinho chique?

Seu sorriso zombeteiro desapareceu e uma expressão estranha passou por suas belas feições. Foi muito breve para eu interpretar, mas eu quase poderia jurar que era tristeza ou decepção.

Que diabos está acontecendo?

— É nosso aniversário, é claro — Kronos disse, com naturalidade.

— Nosso aniversário? — eu repeti, perplexa.

— Hoje é dia quatorze. Nós nos casamos há exatamente cinco meses, bem aqui — Kronos disse, apontando para o local à beira da piscina onde a Sacerdotisa Biondi nos casou.

Meu estômago embrulhou e minhas bochechas queimaram. Como diabos *ele* se lembrou disso e eu não?

— Certo! É uma loucura como o tempo voa — eu exclamei, me sentindo mortificada.

— Sim — ele disse, com sua expressão ilegível.

— Feliz aniversário para nós, então! — eu disse com entusiasmo forçado enquanto levantava minha taça.

Kronos também ergueu a taça. Cada um de nós tomou um gole, seu olhar intenso fixo no meu o tempo todo, me fazendo querer me contorcer.

— Então, acho que falta apenas um mês para você se livrar de mim — eu disse com uma risada nervosa, em um esforço desajeitado para aliviar a estranha tensão que surgiu do nada.

Em vez do bufo que eu esperava, o rosto de Kronos se fechou. Ele deixou cair o braço ainda em volta da minha cintura, deu um passo para trás e colocou a taça ainda cheia sobre a mesa. Meu sangue gelou com a mudança repentina de comportamento.

— Esse é o seu plano, Malaya? Você pretende se divorciar de mim assim que nossas obrigações contratuais forem cumpridas? — ele

perguntou, com sua voz fria.

Eu recuei — Não! De jeito nenhum!

Para minha surpresa, seus olhos ficaram fora de foco enquanto ele olhava para minha alma para verificar a veracidade de minhas palavras. Isso doeu.

— O que acontece no final do nosso período de teste depende totalmente de você — eu disse, com minha voz levemente entrecortada.

Kronos pareceu genuinamente surpreso — Por que depende totalmente de mim? Qualquer um de nós pode solicitar a dissolução no final do contrato.

— Um casamento da Agência Prime pode ser dissolvido a qualquer momento, por qualquer uma das partes — eu corrigi — Os seis meses obrigatórios servem apenas para forçar o casal a fazer uma tentativa justa. Mas se realmente não funcionar, eles podem desistir. A única penalidade será o reembolso à AP e à OPU de quaisquer despesas incorridas para organizar o casamento e transferir um dos cônjuges para a sua nova casa.

— Sim, estou ciente disso — Kronos respondeu, parecendo um pouco confuso sobre o que eu estava tentando dizer.

— A única razão pela qual eu *precisava* continuar casada com você era para evitar ser jogada em algum Quadrante Negro. Isso deixou de ser assim há meses — eu disse como se fosse evidente — Com as compensações absurdas que me foram concedidas, reembolsar a AP e a OPU por me trazerem aqui para você são apenas trocados. Se eu quisesse te deixar, já teria feito isso há meses.

Seus olhos ficaram fora de foco novamente e eu rosnei de irritação. Eu tomei um gole profundo do meu vinho e coloquei a taça sobre a mesa com um pouco mais de força do que o necessário.

— Sabe, é bastante ofensivo que você continue verificando se estou mentindo — eu retruquei.

De todas as reações que ele poderia ter tido, sua pele escurecendo de vergonha e seu lindo rosto assumindo uma expressão culpada e vulnerável não era o que eu esperava.

— Me desculpe. Você tem razão. Eu não queria te ofender. É só que... eu preciso ter certeza — ele disse com uma voz hesitante.

— Certeza do quê? — eu perguntei, confusa, embora minha voz suavizasse um pouco.

— Que você me quer. Que você nos quer...

Isso me atingiu como uma pedra na cabeça. Ele piscou algumas vezes rapidamente, envergonhado, depois desviou os olhos, como se temesse o que poderia ver no meu rosto em resposta a essa admissão. Como diabos um homem tão forte, confiante e arrogante de repente se tornou tão inseguro? Como ele poderia não ver que ele me possuía?

— Claro, eu quero nós dois — eu disse, pasma — Por que mais eu ainda estaria aqui? Eu não preciso estar com você para trabalhar para o Conclave ou para os Executores. Eu estou aqui porque estou perdidamente apaixonada por sua bunda boba. Eu estou aqui porque Kayog está sempre certo. Você é minha alma gêmea. Eu nunca poderei amar ninguém do jeito que amo você.

Kronos ficou boquiaberto para mim, então seus olhos ficaram fora de foco novamente. Embora eu suspeitasse que ele tivesse feito isso instintivamente, eu ainda revirei os olhos.

— Sério?!

Ele se encolheu visivelmente, confirmando minhas suspeitas de que não tinha sido deliberado.

— Quer saber, se você precisa brincar de espião para se tranquilizar, então faça isso. Fique à vontade. Olhe o quanto quiser! — eu disse, jogando minhas mãos para cima em aborrecimento.

— Não, me perdoe. É que eu também estou apaixonado por você. E estou ansioso para me vincular a você há semanas, mas primeiro eu precisava ter certeza de que você sentia o mesmo por mim — ele disse, com a mesma expressão tímida e vulnerável, enquanto esfregava a nuca.

Eu queria sacudi-lo para colocar algum sentido nele, mas estava muito ocupada me derretendo de dentro para fora — Seu homem bobo. Eu não consigo ver almas, mas *eu* acredito em *você*.

Seu rosto escureceu um pouco mais de vergonha — Você tem razão. Mas aqui está a prova da profundidade dos meus sentimentos por você. Os Obosianos só podem se vincular uma vez na vida. Não há divórcio para nós. Nem mesmo a morte permitirá ao sobrevivente formar um novo vínculo com a alma de outra pessoa. Eu quero que você seja a única para mim. Crie um vínculo comigo, Malaya. Seja minha e deixe-me ser seu para sempre.

Qualquer aborrecimento que eu pudesse ter sentido desapareceu quando eu dei alguns passos em direção a ele e levantei a mão em seu peito. Suas palmas imediatamente pousaram em meus quadris enquanto ele cuidadosamente me puxava para ele.

— Eu não sei — eu disse com um beicinho brincalhão, enquanto provocava seu mamilo esquerdo com meu dedo indicador — Há vantagens inegáveis em passar o resto dos meus dias com um demônio sexual. Mas eu realmente quero ficar presa a todas as condições de um casamento oficial?

Suas mãos apertaram meus quadris e pressionaram minha pélvis contra a dele... e seu eixo rapidamente endureceu — Além do fato de que nenhum outro homem jamais a fará gritar como eu, mesmo sem tocá-la fisicamente, algumas das vantagens de se relacionar comigo será duplicar sua expectativa de vida humana e manter sua aparência

jovem por pelo menos meio século a mais.

Meus olhos se arregalaram de surpresa — Sério?!

— Mmhmm — ele disse, inclinando-se para esfregar o nariz no meu.

— Bem, quando você coloca dessa forma, parece que há mais vantagens do que desvantagens em ficar presa a você — eu disse provocativamente.

Ele bufou.

Eu dei um tapinha brincalhão em seu peito — Claro, eu quero me vincular com você, cabeça chifruda. Eu te amo... incluindo esse novo piercing no seu pau.

Ele começou a rir — Tão romântica, meu amor. Você com certeza tem jeito com as palavras.

Eu levantei meu queixo presunçosamente e dei-lhe um sorriso travesso enquanto acariciava seus ombros — Fico feliz que você percebeu. Não é à toa que eu sou uma jornalista premiada.

— Bem, Premiada Senhora Aramon, prepare-se para ser mordida e para que esse novo piercing faça um estrago em você.

— Primeiro, você precisa me pegar — eu disse, sacudindo seu piercing no mamilo e então me desvencilhando de seu abraço.

Eu corri a curta distância até a piscina e mergulhei, com o som de sua risada me alcançando logo antes da água me submergir. Ele poderia ter me pegado muito antes de eu me afastar um único passo dele. Mas Kronos tinha instintos predadores inegáveis. Ele adorava uma boa perseguição. E eu adorava ser caçada por ele.

Eu nadei uma curta distância debaixo d'água antes de subir para respirar, surpresa por não ter ouvido o barulho habitual dele mergulhando atrás de mim, como havíamos feito muitas vezes no passado. Assim que minha cabeça surgiu, o som de asas batendo explicou tudo. Antes que eu pudesse me virar, eu senti sua cauda roçar um caminho ao longo da minha espinha. Eu engasguei, esperando que ele me arrancasse da água, mas Kronos continuou voando acima de mim, o vento forte criado pelo movimento de suas asas borrifando água em meu rosto.

Com o coração batendo forte de excitação, eu o observei deslizar tão perto da água que a bainha de sua saia curta pendia apenas um centímetro acima dela. A roupa miserável ficava baixa o suficiente e criava a quantidade certa de sombras para me impedir de dar uma olhada adequada nas partes perversas do meu marido. A cerca de quinze metros de distância, Kronos se endireitou e se virou. Ele bateu as asas, pairando sobre a água, os pés pontiagudos rompendo a superfície e os braços bem abertos enquanto o *lumiak* estalava e brilhava em torno de suas palmas. Ele parecia o próprio Zeus, descendo do Olimpo, vindo violar uma tola mortal.

Eu fiquei hipnotizada.

Eu deveria estar apavorada com a energia elétrica girando em torno de suas mãos com minha bunda na água. Mas eu sabia que nenhum mal me aconteceria vindo dele. Mesmo que Kronos usasse seu *lumiak* na água – o que eu duvidava que ele fosse fazer – não seria com voltagem suficiente para me machucar.

Vê-lo bater as asas enquanto avançava - com os dedos dos pés ainda perturbando a superfície da água - finalmente me tirou do transe atordoado. Com um grito, eu me virei, mergulhei e nadei. Eu mal percorri mais de um ou dois metros antes de Kronos me pegar desta vez. Ele bateu minhas costas contra seu peito largo e seu braço esquerdo envolveu minha frente, logo abaixo do meu peito, me segurando no lugar. Sua outra mão agarrou meu cabelo na nuca, puxando minha cabeça para trás.

Meu grito se transformou em um berro alto quando seu *bakaan* explodiu através de mim. Kronos não tentou me acalmar ou me dar uma daquelas ondas fortes que geralmente me deixavam louca de luxúria. Ele me atingiu com a opção nuclear do orgasmo instantâneo. Enquanto eu me sacudia contra ele, senti uma pontada aguda na curva do pescoço – e percebi que ele havia me mordido. Segundos depois, uma sensação de queimação nada agradável se espalhou pelo meu ombro, pelo braço e pelo peito.

Se não fosse pelas ondas de felicidade que ainda corriam através de mim, eu poderia estar chorando de dor. Rapidamente ficou óbvio que esse era exatamente o plano de Kronos – me manter distraída de qualquer desconforto que qualquer coisa que suas presas tivessem injetado em mim pudesse causar.

Quando meu clímax começou a diminuir, eu senti minha saia de banho deslizar pelas minhas pernas e cair, e então os dedos de Kronos pousaram em meu clitóris. Ele massageou freneticamente, fazendo minhas paredes internas se contraírem com a necessidade de serem preenchidas após aquele primeiro orgasmo sem contato. Como se em resposta a esse desejo tácito, sua cauda acariciou minha perna, roçando a parte interna da minha coxa antes de sondar minha abertura. Ela também recebeu um piercing de barra do algarium concedido pelo Conclave. Com Kronos já me deixando loucamente molhada, sua cauda deslizou dentro de mim sem esforço, roçando meu ponto ideal com precisão sobrenatural a cada movimento, com as sensações aumentadas pelo piercing.

Eu estava segurando seus antebraços, minhas unhas cravando em sua pele enquanto Kronos continuava a voar sobre o terraço. A sensação fresca do vento contra minha pele úmida contrastava fortemente com o calor escaldante do peito de meu marido contra minhas costas. Seu *bakaan*, ainda penetrando em mim - embora em

uma intensidade muito menor - me manteve no limite, enquanto seus dedos e cauda fazendo amor comigo me aproximavam inevitavelmente do orgasmo. Este turbilhão de sensações de felicidade enterrou a dor do 'ácido' que corria em minhas veias por causa de sua mordida.

Durante tudo isso, Kronos me cobriu de beijos no rosto, pescoço e ombros, intercalados com palavras de incentivo e amor. Minhas pernas começaram a tremer. Sentindo meu clímax iminente, meu homem me deu um último empurrão com uma leve sacudida de seu *lumiak* diretamente no meu clitóris. Eu gritei e meus olhos rolaram para trás da minha cabeça enquanto ondas e mais ondas de felicidade corriam através de mim.

Com os olhos fechados enquanto me entregava ao prazer, eu nos senti caindo pelos céus, a gravidade nos puxando e depois nos empurrando, o vento cantando em meus ouvidos enquanto passava por nós, sua mordida arrepiando minha pele febril.

Eu senti vagamente a cauda de Kronos sendo puxada para fora de mim e então ele me virando em seu abraço para que ficássemos peito contra peito. Sua boca recuperou a minha em um beijo voraz, quase desesperado. Eu passei meus braços em volta de seu pescoço, meus dedos afundando na suavidade de seus longos cabelos. Por instinto, minhas pernas também envolveram sua cintura. Apesar da sensação persistente do meu segundo orgasmo, eu imediatamente me senti vazia quando o pau ereto do meu homem pressionou contra meu estômago.

Mas Kronos não tinha pressa.

Mesmo enquanto continuávamos a voar alto pelo céu, ele também continuou a me beijar e a acariciar, como se temesse ter perdido um único centímetro da minha pele. Ele me inclinou para trás, seus lábios abandonando os meus para traçar uma trilha ardente pelo meu pescoço e até meu peito para me entregar a uma de suas guloseimas favoritas: chupar meus seios. Cada lambida e cada beliscão ecoavam diretamente em meu clitóris, me fazendo doer querendo tê-lo inteiro dentro de mim.

O vento levou embora o som dos meus suspiros de alegria e gemidos necessários. Com vontade própria, minhas mãos enterradas em seu cabelo encontraram o caminho até seu conjunto inferior de chifres. Eu me agarrei a eles enquanto pressionava meu peito ainda mais contra a boca de Kronos.

Assim como em todas as vezes que eu agarrava seus chifres durante o sexo, Kronos enlouqueceu. Isso não foi planejado ou premeditado – desta vez. Ele ergueu a cabeça. Com presas à mostra, suas írises tão contraídas que a esclera escura parecia encher seus olhos, Kronos rosnou para mim. Sua expressão ameaçadora, quase

selvagem, enviou uma onda de luxúria diretamente para minha região inferior, enquanto a umidade praticamente jorrava entre minhas coxas.

Movendo na velocidade da luz como uma cobra, Kronos enterrou suas presas em meu pescoço novamente. Ao mesmo tempo, ele me empalou em seu pênis com um impulso poderoso. Eu gritei pelas queimaduras simultâneas. Mas enquanto sua primeira mordida parecia ácido correndo em minha veia, esta me inundou com felicidade líquida. Minha pele formigou e meu sangue ferveu, o prazer quase impossível de suportar me esmagando. Seu pau grosso, as pontas macias ao longo de suas bordas e seus três piercings enquanto ele metia em mim enviaram microorgasmos percorrendo cada uma das minhas terminações nervosas.

Meu estômago embrulhou com aquela sensação de elevador enquanto parecíamos cair do céu. Mas poderíamos cair no terraço de pedra e eu não me importaria. Tudo o que importava era o corpo duro do meu marido enrolado em mim, seus fluidos de ligação correndo através de mim, seu pau grosso me destruindo e seus lábios devorando os meus em um beijo cheio de todo o amor e devoção que ele sentia por mim.

Uma luz ofuscante explodiu diante dos meus olhos em um clímax como nenhum outro. Um prazer impossível me arrebatou quando Kronos uniu sua voz à minha e sua semente irrompeu dentro de mim em jatos ardentes. Mas algo estava diferente. Eu podia sentir o meu prazer e o dele. Seu amor por mim tornou-se uma entidade física que me preenchia por dentro e envolvia meu corpo como um cobertor quente em uma noite fria de inverno.

Eu abracei isso.

Naquele instante, não éramos um homem e uma mulher reunidos em um momento de amor e paixão. Éramos realmente as duas metades de uma alma finalmente reunidas.

Pela eternidade seguinte, Kronos nos voou pelo céu noturno de Molvi, nossos corpos ainda intimamente entrelaçados. De olhos fechados, meu rosto enterrado em seu pescoço, eu me delicieei com essa profunda comunhão com meu marido. Uma parte de mim desejava que esse momento nunca acabasse.

Mas ele tinha que acabar...

Quando Kronos começou sua descida, deslizando lentamente em espiral em direção ao terraço principal, eu apertei meu abraço ao redor dele e me aconcheguei mais profundamente. Seu peito vibrou contra o meu enquanto ele ria ternamente.

Quando eu finalmente o senti pousar, eu levantei a cabeça com muita relutância para olhar para ele. Eu pisquei, surpresa por uma luz ofuscante semelhante àquela que anunciou meu clímax final. A

princípio, agora que a escuridão havia tomado conta da noite, eu pensei que as pedras luminosas que iluminavam nosso terraço fossem a causa. Considerando quanto tempo eu fiquei com os olhos fechados, qualquer fonte de luz poderia me cegar temporariamente. Mas então eu percebi que essa luz maravilhosa não vinha de lado, mas a fonte estava bem na minha frente.

— Você está brilhando! — eu sussurrei com admiração — Você tem uma auréola. É... hipnotizante.

— É minha alma, minha companheira. Uma luz que só você já viu e verá. Minha luz é sua. *Eu* sou seu até meu último suspiro. Eu te amo, Malaya.

— E tudo o que sou e serei é seu, Kronos. Eu te amo.

FIM







FAERNYCH





NUNDAR





NEVTANAAR





KRONOS & MALAYA



OUTROS LIVROS DE REGINE ABEL

GUERREIROS XIAN

Doom
Legion
Raven
Bane
Chaos
Varnog
Reaper
Wrath
Xenon
Nevrik
Rogue

AGÊNCIA PRIME

Casei Com Um Homem-Lagarto
Casei Com Um Naga
Casei Com Um Homem-Pássaro
Casei Com Um Minotauro
Casei Com Wonjin
Casei Com Um Tritão
Casei Com Um Dragão
Casei Com Uma Fera
Casei Com Um Dríade
Casei Com Um Íncubo

O NEVOEIRO

Nevonauta
Pesadelo

CONTOS SOMBRIOS

A Maldição do Barba Azul

Sobre o Autor

A autora bestseller do *USA Today*, Regine Abel, é uma viciada em fantasia, paranormal e ficção científica. Qualquer coisa com um pouco de magia, um toque de inusitado e muito romance a fará pular de alegria. Ela adora criar guerreiros alienígenas gostosos e heroínas radicais que evoluem em novos mundos fantásticos enquanto embarcam em aventuras repletas de mistério e reviravoltas que você nunca imaginou.

Antes de se dedicar como escritora em tempo integral, Regine havia se entregado a outras paixões: a música e os videogames! Depois de uma década trabalhando como Engenheira de Som em dublagem de filmes e shows, Regine tornou-se Designer de Jogos Profissional e Diretora Criativa, uma carreira que a levou de sua casa no Canadá para os EUA e vários países da Europa e Ásia.

[Facebook](#)

[Website](#)

[Grupo de leitura Regine's Rebels](#)

[Newsletter](#)

[Goodreads](#)

[Bookbub](#)

[Amazon](#)

[Loja Etsy](#)